

Juceli Aparecida da Silva

"DESMISTIFICANDO SONHOS":
UMA ANÁLISE CONFIGURACIONAL DOS DISCURSOS DE
PACIFICAÇÃO ENTRE REFUGIADOS(AS) DO CAMPO DE
KAKUMA - QUÊNIA - (1992-2015)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Departamento de Sociologia e Ciência Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestra. Linha de Pesquisa: Cultura, Educação, Gênero, Gerações e Etnias.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elizabeth Farias da Silva.
Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Paloma Maria Santos.

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Juceli Aparecida da
"Desmistificando sonhos" : uma análise configuracional
dos discursos de pacificação entre refugiados(as) do Campo
de Kakuma - Quênia - (1992-2015) / Juceli Aparecida da
Silva ; orientadora, Elizabeth Farias da Silva ;
coorientadora, Paloma Maria Santos. - Florianópolis, SC,
2016.
239 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Sociologia Política.

Inclui referências

1. Sociologia Política. 2. Campos de refugiados. 3.
Kakuma. 4. Conflitos armados. 5. Pacificação. I. Silva,
Elizabeth Farias da. II. Santos, Paloma Maria. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Sociologia Política. IV. Título.



**África que me
inspira
me instiga e me
ilumina
na procura por mais
saberes**

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

Dedico este trabalho às milhões de pessoas no mundo atual que migram em busca de refúgio e, também, àquelas que as protegem. Assim como, a toda(o) sábia(o) pesquisadora(or) que se dedica à ética da ciência com a vida. Que se nega a reduzir o conhecimento a teoria, que não mutila o saber, que já desceu de seu pedestal imaginário e assim, compreendeu que a ciência nada mais é que uma humilde serviçal pela para a vida. Afinal, a sabedoria se encontra em discernir os acontecimentos da vida que decorrem da ignorância e desconhecimento daqueles(as) que, tendo acesso aos conhecimentos, negligentemente se omitem em agir.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a quem devo agradecer. Tantas, que seria impossível nomear a todas. Com o intuito de não cometer injustiças, opto por dedicar este trabalho a todas as pessoas que passaram por minha vida. Todas, de alguma forma, puderam me ensinar algo e desta maneira, contribuíram em minha jornada até aqui e nos caminhos que trilharei adiante. Faço, porém, algumas ressalvas muito especiais.

Primeiramente, gostaria de agradecer as pessoas refugiadas em *Kakuma* que me permitiram aproximar, questionar e compartilhar um pouco de suas experiências diárias e histórias de vida.

Ao meu marido André, por compartilhar comigo deste sonho tão incomum. Por me apoiar mesmo sem compreender claramente meus objetivos e o que me leva a trilhar este caminho.

Aos meus pais Dirce e Elias, a minha adorada sogra Elizete e as minhas tias e tios que sempre foram e continuam sendo uma inesgotável fonte de apoio, incentivo e inspiração.

Ao meu querido amigo Edu, a todas as mulheres do *Community Light Programme* - CLP e aos grupos de trabalho da Cruz Vermelha, que me abriram as portas para esse novo mundo em 2012.

A minha orientadora, Prof^a. Elizabeth pelo respeito em minha forma de agir e pensar, buscando construir nosso trabalho a partir da empatia e do lugar de onde esta recém pesquisadora parte. Assim como aos colegas do grupo de estudos em Cultura, Educação, Gênero, Gerações e Etnias: Prof^a. Adriane, Antônia, Bruno, Cabriella, Carlos, Elaine, Felipe, Loren, Maristela, Mônica e Natália que me receberam de braços abertos e por suas contribuições inestimáveis ao meu desenvolvimento e ao dessa pesquisa. Agradeço imensamente pela paciência, atenção, incentivo e às incontáveis horas em que abdicaram de seus trabalhos para se embrenharem comigo nesta pesquisa. Foi justamente por esse companheirismo que a pesquisa chegou a esta maravilhosa conexão de saberes.

À Prof^a. Paloma, por me incentivar, orientar e auxiliar tecnicamente e de forma sutil em meus pensamentos. Sua contribuição é de valor inestimável ao meu aprendizado e desenvolvimento acadêmico.

Aos meus irmãos Jaqueline e Jackson, e aos meus sobrinhos Marco Aurélio, Ana Carolina e Ana Claudia que me auxiliaram e sempre compartilharam comigo ideias, possibilidades e questionamentos. Também a nossa nova chegada Clarinha que com seu gostoso sorriso banguela desestressa qualquer tia babona.

Ao Professor Alexandre, por me incentivar e por permitir que eu tivesse liberdade em minhas escolhas e decisões, mesmo quando incomuns ao mundo acadêmico.

À psicóloga e professora Lucila que apesar de todas as críticas aos *behavioristas* e *cognitivistas*, fez-me enxergar que o mais importante em qualquer trabalho que se realize é a ética e que ela só pode ser alcançada quando se usa “40%” de teoria, mas, “60%” de bom senso e paixão. E que a ética começa pela compreensão das nossas próprias “crenças”.

Ao Professor Daniel, ao Frei Frigo, a Rívea, Aline e Maria, a Creche São Francisco e aos colegas do Grupo Transdisciplinar em Governança de Bens Comuns - GTHidro. Que estiveram comigo em boa parte deste processo e que me permitiram boas discussões e reflexões.

Aos demais Professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política - PPGSP em especial aos Professores Amurabi, Carlos, Ernesto, Jacques, Jean, Julia, Julian, Lígia, Márcia, Pedro, Raúl, Reni, Ricardo, Sandra e as colaboradoras Albertina e Fátima, com os quais tive oportunidade de estar nestes últimos anos. Suas críticas, colaborações e explicações foram diretamente responsáveis por meu crescimento e a concretização deste trabalho.

Aos meus colegas da Pós-Graduação, em especial Deberson, Débora, Denise, Elaine, Giana, Hariane, Flávia, Hélio, Joel, Leonardo, Magali, Manuela, Márcio, Nara, Sabyrna, Stefânia, Suellen, Tânia e Vaniucha. Fontes de longas conversas, trocas de ideias e de boas risadas nos momentos de maior tensão.

Ao Instituto de Pesquisa em Riscos e Sustentabilidade - IRIS por ter sido meu primeiro contato nesta Universidade e por quem serei eternamente grata pelo apoio e incentivo para iniciar esta jornada acadêmica.

Aos colegas do Grupo de Trabalho do Núcleo Transdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento - NMD e ao querido Prof. Paulo, uma passagem rápida, mas de grandes aprendizados.

Aos professores Gláucio Soares e Pedro Neiva, pelas trocas de emails e ideias. Grandes profissionais com grandes corações.

À Tatiana e aos colaboradores do Museu MarquE-UFSC: Vanilde, Lucas e Flora, que investiram seu tempo na construção de um dos meus sonhos, juntamente com a Postmix. Participaram e colaboraram atentamente, acreditando nas ideias.

Às minhas amigas Belí e Ivanise, pelas trocas, boas conversas e distrações nos momentos de maior estresse.

Às amigas Dianne, Dione e Greyce, psicólogas com quem pude trocar ideias sobre o mundo.

À Secretaria de Relações Internacionais, em especial a Zulmira, Agnaldo e Alexandre, por me receberem de braços abertos.

Aos meus parceiros no Quênia e no Brasil, ao qual tive a oportunidade de incomodar inúmeras vezes e espero, também, ter contribuído.

Ao governo brasileiro, pelo apoio institucional e financeiro que permitiu a concretização tanto da pesquisa, quanto dos demais projetos que contribuíram diretamente para a sua realização. Espero imensamente ter feito *jus* aos recursos a mim destinados.

Minha total gratidão!

EPÍGRAFE

Eu costumo sonhar porque eu quero paz em nosso país e em todo o mundo.

Espero ao crescer que eu seja um dos pacificadores no mundo. Para mim, eu quero tanto a paz.

Eu espero que Deus nos dê.

Eu não sei por que as pessoas ainda estão lutando agora em nosso país. Deus deu o país e ainda continuamos lutando, mas eu acho é que é somente porque não sabem o que estão fazendo. Sempre oro justamente porque o número de pessoas morrendo aumenta.

Muitas pessoas lutam porque estão fechadas para a paz e o amor, se você ama seu vizinho você não poderia lutar contra ele/ela. E algumas das pessoas lutam por causa da liderança, mas o que não sabem é que Deus dará chance a eles de mudarem [...] eu sempre me agrado em concordar com as pessoas que nos aconselham sobre a paz. Espero que Deus possa ajudá-los no dia de angústia, vamos nos levantar e [também] o meu irmão e irmã. Se você tem tudo, mas nenhuma paz, você não poderá viver confortavelmente.

E também quero que as pessoas que sabem alguma coisa mostrem para outras pessoas que conhecem, eu justamente peço a vocês povos europeus e da América, apenas vejam o seu irmão e irmã que estão lutando e os ajudem, dê-lhes comida, centros de saúde, educação e outras coisas.

A maioria dos nossos povos morrem por causa da guerra e da falta de comida, eu sonho que ao crescer eu possa ajudá-los a fazer a paz e aconselhá-los a amar uns aos outros. (GEORGE, estudante da Escola Primária de Palotaka, Campo de *Kakuma*, 2015).

RESUMO

O problema dos conflitos armados na África Subsaariana e as migrações forçadas subsequentes levam milhares de pessoas a viverem como refugiadas. Estes fenômenos sociais estão em crescimento desde a década de 1990. Esta situação impossibilita o seguimento autônomo de suas vidas, pois, passam a se ver totalmente dependentes de agências humanitárias, governos, doadores(as), mídias sociais, sociedade civil e pesquisadores(as). O presente estudo de carácter básico e exploratório teve como finalidade o intuito de melhorar a compreensão geral que se tem a respeito de um dos maiores e mais duradouros Campos de Refugiados do mundo. Este, fica situado em *Kakuma*, no Quênia e existe desde 1992. A pesquisa de campo que culminou nesse estudo contemplou duas etapas realizadas nos anos de 2012 e 2015. Partindo da revisão sistemática da literatura seguida pela análise de discurso de jovens (alunos e alunas/discentes/educandos e educandas) refugiadas\dos, constatou-se a existência tanto da violência no local quanto de discursos pacificadores que são expressos pelos mais distintos envolvidos. Utilizando-se da sociologia configuracional de Norbert Elias (1990; 1993; 1994; 2000; 2008), observou-se que a assimilação desses discursos pelos(as) estudantes refugiados(as) ocorre de várias formas, havendo uma assimetria entre o que é falado e as ações das diversas pessoas que constituem essas que podem ser consideradas redes de interdependências. Concluiu-se que os refugiados e refugiadas não podem ser vistos enquanto pessoas dicotomizadas desses processos e que, assim, este estudo pode contribuir tanto de modo teórico quanto prático para a “desmistificação” de sua compreensão.

Palavras-chave:

Campos de refugiados. *Kakuma*. Quênia. Conflitos armados. Pacificação.

ABSTRACT

The problem of armed conflicts in sub-Saharan Africa and the subsequent forced migrations take thousands of people to live as refugees. These social phenomena are growing since the 1990s. This situation makes impossible the self-monitoring of their lives, therefore, come to be seen totally dependent on humanitarian agencies, governments, donors, social media, civil society and researchers. The present study of character basic and exploratory was intended the order to improve the general understanding that people have about one of the greatest and most enduring Refugee Camps of the world. It is located in Kakuma, Kenya and there since 1992. The field research that culminated in this study comprises two steps performed in the years 2012 and 2015. From the systematic literature review followed by youth (pupils/students) refugees discourse analysis, found the existence of both workplace violence as peacemakers speeches that are expressed by the most distinguished involved. Using the configurational sociology of Norbert Elias (1990; 1993; 1994; 2000; 2008), it was observed that the assimilation of these discourses by refugee students occurs in many ways, there is an asymmetry between what is spoken and the actions of many people who are those that can be considered interdependencies networks. It was concluded that the refugees cannot be seen as people dichotomized these processes and thus this study can contribute both theoretical and practical way to the "demystification" of your understanding.

Keywords:

Refugee camps. Kakuma. Kenya. Armed conflict. Pacification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sete etapas da Revisão Sistemática da Literatura sobre CRK	62
Figura 2 - Organização dos quatro capítulos da dissertação	86
Figura 3 - Região do Rio Tana.....	123
Figura 4 - Os oito passos da análise de discurso	161
Figura 5 – Roteiro dos principais pontos da análise de discurso.....	162
Figura 6 – Nuvem de Tags de conceitos	164

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Anos de publicação das 24 pesquisas sobre o CRK.....	69
Gráfico 2 – Publicações por anos X temas	70
Gráfico 3 – Países de procedência	82

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Brincando de passar o chapéu com um grupo aproximado de 80 estudantes	46
Imagem 2 – 120 jovens refugiados, estudantes da Escola <i>Palotaka</i>	55
Imagem 3 – Texto escrito pela jovem estudante “VV”	57
Imagem 4 – 27 estudantes da etnia <i>Turkana</i>	59
Imagem 5 - Uma das principais ruas comerciais do c\Campo	71
Imagem 6 – Mulheres da etnia <i>Turkana</i>	79
Imagem 7– Vilarejo De Kilelengwani	126
Imagem 8– Disponibilidade de recursos para consumo	130
Imagem 9 – Áreas de Refúgio	132
Imagem 10 – Fachada da Escola Primária de <i>Palotaka</i>	148
Imagem 11 – Leitura de “A valente leozinha Ziah”	149
Imagem 12 – Atividade do Projeto Baú de Sonhos	150
Imagem 13 – 120 estudantes da Escola <i>Palotaka</i>	151
Imagem 14 – Atividade com fantoches.....	158
Imagem 15 – Desenho feito pelo estudante SU	163
Imagem 16 – Texto escrito pelo sul sudanês GT	167
Imagem 17 – Texto escrito pela congoleza ICA	175
Imagem 18 – Locais para coleta de água	180
Imagem 19 – Texto escrito pelo congolês DAO	185
Imagem 20 – Crianças refugiadas	206

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização dos Campos de Refugiados no Quênia	77
Mapa 2 - <i>Kakuma</i> com suas divisões	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Campo de busca selecionado em cada banco de dados.....	64
Quadro 2 - Títulos das 24 pesquisas selecionadas	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Locais onde o Projeto Baú de Sonhos foi realizado	45
Tabela 2 -Subgrupos de pessoas que participaram da pesquisa	54
Tabela 3 - Número de trabalhos encontrados em diferentes bases de dados.....	63
Tabela 4 - Processo de seleção dos trabalhos.....	65
Tabela 5 - Divisão das 70 expressões individuais.....	165
Tabela 6 – Subdivisão dos 35 textos.....	166

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.
ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CLP – *Community Light Programme*.
CPA - *Comprehensive Peace Agreement*.
CRK – Campo de Refugiados de *Kakuma*.
EBSCO - Elton B. Stephens *Company*.
EUA – Estados Unidos da América.
FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura.
IRIS – Instituto de Pesquisa em Riscos e Sustentabilidade.
KNCHR - *Kenya National Commission on Human Rights*.
NMD - Núcleo Transdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento.
ONU – Organização das Nações Unidas.
OUA – Convenção da Unidade Africana.
PPGSP – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.
SCIELO - *Scientific Electronic Library Online*.
SD – *Science Direct*.
SPLM – Exército de Libertação do Povo do Sudão do Sul.
UNHCR – *United Nations High Commissioner for Refugees*.
UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância.
WoS - *Web of Knowledge*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	25
1 AS ARTES DE PENSAR	31
1.1 PRIMEIROS PASSOS EM DIREÇÃO A <i>KAKUMA</i>	31
1.2 PRESSUPOSTOS DA PESQUISA.....	36
1.3 OBJETIVOS	36
1.3.1 Objetivo geral	36
1.3.2 Objetivos específicos	36
1.4 ESCOPO	36
1.5 PERCURSO METODOLÓGICO	38
1.5.1 Coleta de dados	42
1.5.2 Técnica de análise.....	50
1.5.3 Amostragem.....	54
1.5.4 Período.....	59
1.6 O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE O CAMPO DE REFUGIADOS DE <i>KAKUMA</i>	60
1.7 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA	61
1.7.1 Planejamento.....	62
1.7.2 Pergunta	64
1.7.3 Busca nas bases de dados.....	64
1.7.4 Seleção de Dados	65
1.7.5 Avaliação	67
1.7.6 Síntese.....	67
1.7.7 Interpretação	67
1.8 JUSTIFICATIVA	72
1.9 ESTRUTURA DO TRABALHO	85
2 PENSAR SOCIOLOGICAMENTE: “DESTRUINDO” MITOS	87
2.1 NORBERT ELIAS: COMPREENDENDO SEUS PENSAMENTOS	87
2.2 SOCIEDADE DE INDIVÍDUOS.....	90
2.3 A SOCIOLOGIA CONFIGURACIONAL	97
2.4 O PODER DAS INTERAÇÕES HUMANAS.....	100
2.5 OS PROCESSOS DE [DES]HUMANIZAÇÃO	107
3 “DESMISTIFICANDO” OS CONFLITOS INTRA/INTER ESTADOS-NAÇÕES	115
3.1 COLONIZAÇÃO AFRICANA.....	115
3.2 SUDÃO E SUDÃO DO SUL	117
3.3 SOMÁLIA	119
3.4 RIO TANA: OS CONFLITOS DE 2012 COMO AUXILIAR NA COMPREENSÃO DOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS NA ÁFRICA SUBSAARIANA.....	121

3.4.1 Seria uma manhã como outras	122
3.4.2 Mortes, deslocamentos internos e outras consequências dos conflitos	129
3.5 A CONFLITUOSIDADE DAS INTERAÇÕES HUMANAS	139
4 ANALISANDO OS DISCURSOS DE PACIFICAÇÃO DE JOVENS REFUGIADOS(DAS) NO CAMPO DE KAKUMA	147
4.1“EM NOSSOS PAÍSES NÓS TEMOS SOMENTE UM DESASTRE E ESTE DESASTRE É A GUERRA”	147
4.2 TRILHANDO OS PASSOS DA ANÁLISE DE DISCURSO	160
4.3 “[...] EM MEU FUTURO EU GOSTARIA DE SER UM PACIFICADOR [...]”	167
4.4 “[...] MEUS DESEJOS [...]”	175
4.5 “[...] TENTAREI FAZER ISSO PARA ESTAR EM PAZ E NÃO TRIBALISMO.”	185
4.6 “ <i>NEI TI CIKE KER?</i> ” (PESSOAS QUE DESPERTAM?)	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
CONCLUSÕES	201
TRABALHOS FUTUROS	204
REFERÊNCIAS.....	207
APÊNDICE A - RELAÇÃO DOS 24 ARTIGOS DA LITERATURA	225
APÊNDICE B – RELAÇÃO DE PARCEIROS DO ACNUR NO CRK	237

INTRODUÇÃO

Muitos anos antes da onda migratória do Oriente Médio para a Europa que as mídias sociais evidenciam desde 2015, que meu interesse por deslocamentos forçados já existia. Há um ditado popular africano que diz que “quando dois elefantes brigam quem sofre é a grama” [S.I.]. Ele exemplifica perfeitamente que, nesses casos em questão, são as crianças, jovens e mulheres os principais afetados quando homens em grupos armados decidem entrar em conflito, por exemplo, na África Subsaariana. A consequência destes conflitos é a migração¹ forçada de comunidades inteiras em busca de refúgio e proteção (SILVA, 2015a; WENDERS e SALGADO, 2014; ZIMERMAN, 2006; MONTCLOS e KAGWANJA, 2000).

Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - ACNUR (2015a), atualmente existem no mundo mais de 51 milhões de pessoas vivendo em situação de deslocamento forçado dentro e fora do território de seus países. Destes, 16,7 milhões estão refugiados fora de seus países. Somente o Campo de Refugiados de *Kakuma*² - CRK, situado no oeste do Quênia, abriga mais de 180 mil pessoas de 18 diferentes nacionalidades (UNHCR, 2015). As diversas pessoas recebidas neste local são em grande parte originárias do (atualmente) Sudão do Sul e Somália; perfazendo um total de 80,89% de todos os(as) refugiados(as) no local.

Na tentativa de gerar proteção o ACNUR (UNHCR, 2015), juntamente com outras organizações de ajuda humanitária, cria e investe em estratégias para reduzir o sofrimento das pessoas que se encontram vivendo em situação de deslocamento interno, assim como, às pessoas refugiadas fora do território de seus países (VERDIRAME, 1999; HILHORST e JANSEN, 2010; GILBERT e CUNLIFFE, 2011; Grabska, 2011).

Para a compreensão desses movimentos migratórios que são do meu interesse, o ACNUR apresenta duas terminologias importantes. São

¹ “Dizemos ‘migrantes’ quando nos referimos a pessoas que se deslocaram por razões que não se encaixam na definição legal de refugiado” (ACNUR, 2016a) A migração não ocorre necessariamente devido à fuga pela própria vida. No geral, este conceito é utilizado como forma de diagnosticar pessoas que se movem entre diferentes pontos em busca de melhores condições de vida (ACNUR, 2015c). Vale constatar que em algumas situações existem tantos migrantes quanto refugiados(as) em um mesmo grupo.

² Ao se referir ao local *Kakuma* onde os(as) refugiados(as) estão abrigados(as), a palavra “Campo” será iniciada em letra maiúscula.

consideradas “deslocados internos” as pessoas que precisaram sair de suas casas e ou cidades devido aos riscos e ameaças contra suas vidas, porém, estas pessoas permanecem vivendo dentro do seu “Estado-Nação”, mesmo que a sua fuga seja responsabilizada por ele³. Já, outras pessoas ultrapassam essas fronteiras geográficas tornando-se refugiadas. São considerados(as) refugiados(as) “as pessoas obrigadas a deixar seu país devido aos conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos.” (ACNUR, 2015a; 2015b). A condição de deslocado interno costuma ser uma condição anterior a de refugiado (ACNUR, 2016).

Mesmo existindo certa unanimidade, ocorrem interpretações divergentes quanto ao entendimento de quem são os grupos que se caracterizam como refugiados. Baseando-se no Estatuto “tradicional”, os Estados se utilizam de “cláusulas de inclusão” e de “exclusão”; além de guias, manuais e documentos específicos elaborados pelo ACNUR para orientar nestas definições em casos específicos, esta flexibilidade permite que a sua definição seja ampliada e com isso, ampliado o número de pessoas no mundo que são abrangidas por esta classificação⁴ (ACNUR, 2015b).

De forma geral, os movimentos migratórios em questão na África Subsaariana, são um processo de ruptura que se caracteriza por duas variáveis: a primeira é a espacialização do evento desastroso enquanto resultado de séculos de exploração colonial⁵. A segunda como um fenômeno social atual que apresenta diferentes níveis de vulnerabilidade

³ Vale salientar que o ACNUR não atua com deslocados internos, estes casos, são protegidos pelos Direitos Humanos e pelo Direito Internacional Humanitário. Apesar do ACNUR responder por milhões de pessoas deslocadas no mundo, legalmente elas estão sob a responsabilidade de seus países e de outras Agências Humanitárias (ACNUR, 2015c).

⁴ Segundo a Convenção de Genebra de 1951 e o seu Protocolo de 1967, o termo refúgio diz respeito à proteção de quem migra em busca de refúgio em virtude de sua vulnerabilidade diante de riscos que possam levá-lo à morte. Outras definições mais abrangentes foram necessárias para auxiliar na definição devido às várias particularidades que foram surgindo no decorrer dos anos. Isso inclui “considerar como refugiados as pessoas obrigadas a deixar seu país devido aos conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos” (ACNUR, 2015b).

⁵ Reconhece-se que o continente africano possui uma longa história pré-colonizatória e que é totalmente afetada pela “invasão colonial” (DJALÓ, 2014; FERRO, 2003; HERNANDEZ, 2005).

e que levam milhões de pessoas em todo o mundo a procurarem refúgio⁶ (AGAMBEN, 2004).

Freitas e Andrade (2014) consideram que o continente africano conseguiu avançar de modo significativo no que diz respeito à proteção e dos direitos humanos através da ampliação do termo de refugiado⁷. Com os avanços na proteção aos refugiados, os campos se tornaram efetivamente o espaço destinado a recebê-los. Historicamente, os campos de refugiados são locais onde se reúnem “temporariamente” pessoas que abandonaram suas moradias originais devido à perseguição e conseqüentemente a violação dos direitos humanos⁸. Em inúmeros casos, estas pessoas perderam não somente suas moradias, mas também parentes em virtude dos conflitos e das conseqüências. Todas estas experiências são acompanhadas por fortes sentimentos de insegurança e trauma (SILVA, 2015a; ACNUR, 2010; 2015b; UNHCR, 2015; HILHORST e JANSEN, 2010; RUSSEL e STAGE, 1996; HORN, 2010; 2010a; 2010b; MONTCLOS e KAGWANJA, 2000; GLADDEN, 2013).

Os campos onde se refugiam pessoas deslocadas e/ou refugiadas, podem estar localizados próximo ao local das moradias, nas fronteiras com outros países (GILBERT e CUNLIFFE, 2011; CRISP, 2000). Segundo registros do ACNUR (2013), estão ativos mais de 100 campos de refugiados em todo o mundo. Apesar de todos os esforços, as ações tomadas não são satisfatórias para reduzir os impactos negativos na vida de quem se torna dependente destes locais (UNHCR, 2015; RUSSEL e STAGE, 1996; KIURA, 2014; GRABSKA, 2011; WRIGHT e PLASTERER, 2010; GILBERT e CUNLIFFE, 2011; HILHORST e JANSEN, 2010; HORN, 2010; 2010a; CRISP, 2000).

A perspectiva a longo prazo não é animadora, haja vista que o número de refugiados(as) no mundo continua crescendo devido ao que o

⁶ Originário do latim *refugium*, o termo refúgio significa “o lugar seguro onde alguém se refugia ou o asilo para aquele que foge ou se sente perseguido, e que busca a proteção de toda e qualquer ameaça. Tendo como propósito garantir à proteção da pessoa humana, a condição de refúgio fez-se presente durante toda a história da humanidade” (VALÊNCIO et al, 2009).

⁷ Ocasionalmente pela Convenção da Organização da Unidade Africana (OUA), em 1969, a qual adequou sua normativa “à realidade do continente” (FREITAS e ANDRADE, 2014).

⁸ Originalmente os campos de refugiados servem como moradias temporárias, porém, é possível acompanhar gerações inteiras se desenvolvendo nestes espaços (UNHCR, 2015; HILHORST e JANSEN, 2010; CRISP, 2000; JANSEN, 2008).

ACNUR (2015a) considera como o aumento da violência⁹. Novas medidas são desenvolvidas constantemente pelo ACNUR e outros órgãos – governamentais e não governamentais - na tentativa de dar suporte a esta situação (ACNUR, 2010; 2013; 2015a; UNHCR, 2015).

O Campo de Refugiados de *Kakuma* teve seu início no ano de 1992 e desde então o ACNUR responde enquanto o seu principal mandatário (MYLAN e SHENK, 2003; UNHCR, 2015; RUSSELL e STAGE, 1996; GLADDEN, 2013; GILBERT e CUNLIFFE, 2011; HORN, 2010a; CRISP, 2000; OKA, 2014; 2014a; MONTCLOS e KAGWANJA, 2000; HILHORST e JANSEN, 2010). Estudos realizados sobre o Campo de Refugiados de *Kakuma* observam que diante de acertos, erros e inúmeras críticas, o ACNUR conseguiu transformar o local - onde na década de 1990 crianças chegavam a beira da morte - em uma “grande cidade”, muito pobre, mas ainda assim, significativamente melhor estruturada do que diversas outras cidades quenianas ou de países vizinhos (AUKOT, 2003; MYLAN e SHENK, 2003; UNHCR, 2013; 2015; OKA, 2014; 2014a; JAJI, 2012).

Apesar do ACNUR ser o principal mandatário do Campo, seria um erro não compreender que “a arena humanitária” é criada por vários “atores” (HILHORST e JANSEN, 2010). Os agentes humanitários, refugiados(as), cidadãos(ãs) locais, jornalistas, doadores(as), pesquisadores(as) entre outros são partes que constituem as configurações onde as relações sociais no Campo ocorrem. Nestas configurações, os discursos desses diferentes “atores” são “construídos” e “construtores” de significados; remodelando-se conforme a necessidade e assim, penetram os sonhos¹⁰ do tão esperado retorno ao lar.

Baseando-me nas sugestões para novos estudos sobre o Campo de Refugiados de *Kakuma* propostas por Russel e Stage (1996), Gladden (2013), Gilbert e Cunliffe (2011), Horn (2010; 2010a), Crisp (2000), Oka (2014; 2014a), Montclos e Kagwanja (2000), Jaji (2012), Hilhorst e Jansen (2010), Grabska (2011) e Wright e Plasterer (2010), que consideraram relevante se dedicar ao estudo do Campo de Refugiados por este ser um local que permeado tanto por relações sociais violentas

⁹ Neste ponto questiono se há o aumento da violência ou se há uma maior proliferação tanto de informações a respeito quanto de pessoas que migram ao ocidente para fugir dessas condições.

¹⁰ O entendimento da palavra “sonhos”, utilizada ao longo da pesquisa, diz respeito às expectativas para o futuro e não deve ser confundida com interpretações psicanalíticas.

quanto por discursos de pacificação. Realizou-se a verificação, por meio da análise de discurso, da assimilação que os(as) refugiados(as) tem dos discursos de pacificação empregados pelos diferentes indivíduos que se interconectam ao Campo.

O levantamento de dados aconteceu através da realização do Projeto Baú de Sonhos. Os resultados encontrados apontam para diferentes formas de assimilação desses discursos, pois, os fatos observados apresentam a existência de uma assimetria entre os discursos pacificadores e as ações das diversas pessoas que constituem as redes de interdependências do Campo de Refugiados de *Kakuma*.

Pode-se concluir que esta pesquisa contribui de modo teórico e prático, pois, suas elucubrações reconhecem as interconexões existentes entre todas as pessoas envolvidas nas configurações do Campo. A finalidade de articular a sociologia configuracional de Norbert Elias com as relações sociais que são constituídas no Campo nestes mais de vinte anos de histórias, transformam *Kakuma*, do Kiswahili “lugar nenhum”, em um rico campo de estudos para as ciências sociais.

1 AS ARTES DE PENSAR

Este primeiro capítulo foi feito para compreender as práticas do pensar cientificamente. Descreve, de maneira detalhada e didática, todas as etapas seguidas para se chegar a análise de dados¹¹. O capítulo foi subdividido em nove partes. A primeira parte foi dedicada a apresentar a motivação pessoal e visão de mundo dessa autora. Na segunda, apresentou-se os pressupostos da pesquisa seguidos pelos objetivos. A quarta parte evidencia o escopo. A quinta parte se dedica a descrever o percurso metodológico. A sexta e sétima foram dedicados aos saberes acadêmicos e as apropriações do saber pela escrita através do estado da arte e da revisão sistemática das literaturas acadêmicas sobre o Campo de Refugiados de *Kakuma*. Na oitava parte foram abordadas as justificativas e para concluir esse capítulo, resumiu-se sua estrutura.

1.1 PRIMEIROS PASSOS EM DIREÇÃO A KAKUMA¹²

Lembro-me de, quando ainda muito jovem, ter visto pela primeira vez a famosa imagem vencedora do *Pulitzer* 1994, feita pelo fotógrafo Kevin Carter¹³ (PULITZER, 2012). Trata-se da imagem de uma pequena criança sudanesa moribunda agachada e logo atrás dela um abutre que aguardava sua morte para obter a próxima refeição. Apesar da minha imaturidade e de ser uma criança com poucos recursos, pude imediatamente identificar que existiam no mundo injustiças e infortúnios que iam muito além do que aquela pouca experiência de vida havia me mostrado até então.

¹¹ Este processo detalhado pode ser cansativo para um(a) pesquisador(a) experiente, porém, o descrevo dessa forma àqueles(as) que, assim como eu, aprofundam seu caminhar no universo acadêmico\científico.

¹² O intuito deste tópico é descrever adequadamente tanto a **motivação pessoal**, quanto a **visão de mundo** que me levaram a realização dessa pesquisa.

¹³ O fotógrafo Kevin Carter posteriormente cometeu suicídio. Algumas pessoas afirmam que isso se deu pelas inúmeras críticas que recebeu por não ter ajudado esta criança e que o mesmo não teria suportado o sentimento de culpa. Outros afirmam que ele já sofria com transtornos psicológicos e que a foto não fora o motivo. De qualquer maneira, reflito que mesmo que ele não tenha ajudado aquela criança - seja por não ter reconhecido seu sofrimento ou pela impossibilidade diante dos conflitos e das inúmeras crianças que morriam diariamente de fome - a imagem registrada por ele permitiu que pessoas nas mais distintas áreas do mundo se deparassem com o problema e passassem a procurar alternativas que salvariam e salvam ainda hoje a vida de milhões de outras crianças.

Esta imagem foi central à minha construção de mundo. Questões relacionadas a ela (e muitas outras que se sucederam no decorrer daquela década) me fizeram questionar sobre as decisões políticas, econômicas e pessoais que tomamos diariamente enquanto sociedades contemporâneas¹⁴. Assim como diversos pensadores ao longo dos últimos séculos, reconheço que a coexistência humana não é algo “harmonioso” (ELIAS, 1994) e que o agir humano tende a ir de encontro ao benefício próprio (MAQUIAVEL, 1973; HOBBS, 1974; ARENDT, 1999; ZIMBARDO, 2012; EINSTEIN, 1981; MORRIS, 2003). Apesar disso, procuro apreender e compreender percepções de mundo que ainda acreditem na possibilidade do *relegare* do ser humano com ele mesmo (MORIN, 1990; 2006; MARTINAZZO, 2004; ZIMBARDO, 2012; SCHEER, 1995) e na possibilidade humana de transformar séculos de colonizações\invasões culturalmente colapsantes em possibilidades sociais de reconhecimento das diferenças através do respeito às diversidades (DJALÓ, 2014; FANON, 2008; GOODY, 2008; NOPES, 2003; DIAMOND, 2005; HARVEY, 2004).

Após se passarem vários anos, e muitas novas experiências, no qual resultou uma graduação em psicologia e 10 anos de experiências, optei por rever meu lugar no mundo. Decidindo ressignificar minha experiência e redefinindo um novo caminho no qual coubesse meu conhecimento teórico e empírico. Então, em agosto de 2012 parti rumo ao Quênia em uma primeira experiência. Naquele momento, já tinha conhecimento de que *Dadaab* era o maior Campo de Refugiados do mundo e que para tentar chegar a ele, precisaria primeiramente chegar ao Quênia.

Não pude chegar a *Dadaab* devido aos constantes ataques de radicais islâmicos contra os não muçulmanos que ali se aproximavam naquele momento. Atuei então, em um instigante projeto com mulheres vivendo com o vírus da imunodeficiência humana (HIV+) em uma área extremamente carente de recursos na Cidade de Mombasa, no litoral do Quênia. Foram mais de dois meses acompanhando as atividades daquele

¹⁴ A imagem em questão, que pode ser considerada como “sensacionalista” por quem não compreende a profundidade dos acontecimentos em questão, reporta-nos aos conflitos que afligiam países da África Subsaariana, como a ruína da Somália enquanto Estado, por exemplo, e os genocídios de cidadãos(ãs) somalis, sudaneses, ruandeses, etc. que culminaram na morte de milhões de pessoas devido a violência propriamente dita e a fome em consequência das constantes migrações (BOLL, 2009; DIAMOND, 2005; EL JACK, 2010; RUSSEL e STAGE, 1996; FREITAS e ANDRADE, 2014; CASTRO, 2010; LIMA, 2006).

grupo. Naquele mesmo período, ocorreram conflitos armados entre grupos em uma região próxima a fronteira com a Somália, país que vive uma crise política e é palco de disputas sangrentas há décadas (MONTCLOS e KAGWANJA, 2000). A região é chamada de Rio Tana e me dirigindo até lá, pude observar de perto a ocorrência de conflitos armados e que me levou a refletir sobre tantas outras ocorrências que levam milhões de pessoas no mundo atual a migrarem forçadamente, assim como, todas as tragédias que acompanham este processo de procura por refúgio (SILVA, 2015a).

Após essa breve experiência, retornei ao Brasil e decidi retomar os estudos, mudando minha área de atuação, para poder contemplar não somente o problema socioemocional; mas também uma problemática sociológica. O Campo está localizado na fronteira do Quênia com o Sudão do Sul. *Kakuma* foi considerado o segundo maior Campo de Refugiados do mundo até o ano de 2012, antes de se iniciarem as migrações de milhões de sírios (WRIGHT e PLASTERER, 2010).

Em concordância com a motivação pessoal que me leva a estudar sociologicamente estas questões, encontro respaldo em autores como o já citado Edgar Morin (2006, p.7) e o paradigma da complexidade que compreende a pertinência de procurar “[...] *religar* o que o pensamento disciplinar e compartimentado separou e parcelarizou [...]”. Vislumbrando, assim, a complementaridade da vida em todas as esferas existentes. Religando diferentes domínios do conhecimento em uma “dialógica complementar” de “ordem e desordem”, “certeza e incerteza”, “micro e macro” através da “lógica e a transgressão da lógica” (MORIN, 2006).

A pertinência do paradigma da complexidade no Universo das ciências sociais pode ser exemplificada mesmo a partir de autores que não o utilizam, como em Raymond Aron (1999) ao descrever a conflituosa dualidade existente nas ciências sociais que se apresenta majoritariamente histórica e revolucionária na (antiga) União Soviética e empirista e reformista nos Estados Unidos. O autor reconhece que

[...] em suma, os sociólogos soviéticos são conservadores com relação a sua própria sociedade, e revolucionários com relação às demais. Os norte-americanos são reformistas quando se trata de sua própria sociedade e, implicitamente pelo menos, com relação a todas as sociedades (ARON, 1999, p. 4).

Aron (1999) reconhece que apesar da dicotomização dos métodos e dos paradigmas sociólogos, eles apresentam certa “solidariedade” nas formas de desenvolver o pensamento sociológico. Além de Aron (1999), também Passeron (1995) ao retratar sobre as diferenças e semelhanças nas metodologias utilizadas por historiadores e sociólogos, observa que “a língua de descrição do mundo histórico, comum à história e à sociologia, implica na impossibilidade semântica de um ‘paradigma’ estável.” (PASSERON, 1995, p. 66), ou seja: ambas as disciplinas, apesar de divididas, possuem o mesmo fundamento empírico: “[...] o curso da história do mundo” (PASSERON, 1995, p. 66).

Afirmações como a de Aron e Passeron nos apresentam que apesar da cisão metodológica existente nos campos das ciências humanas e sociais (e naturais), existe a pertinência do uso de diferentes “línguas”. Ortiz (2012, p. 22), ao discutir sobre a diversidade dos locais físicos/geográficos e, também, teóricos dos quais os cientistas sociais falam conclui:

Penso ser possível dizer que o idioma das ciências sociais é compartilhado por uma mesma comunidade de falantes, mas seus sotaques são distintos. Ao se atualizar em lugares afastados, ele guarda sua vocação cosmopolita sem perder a diversidade que o constitui. A conversa entre os cientistas sociais pressupõe, assim, duas dimensões complementares: um universo comum e o esforço da tradução dos sotaques.

A ideia de apresentar esses autores, mesmo sabendo que não utilizem do paradigma da complexidade, não é feito de forma inocente ou romantizada. Menos ainda com a pretensão de se gerar uma ‘salada’ de teorias, mas sim, de nos propor pensar as realidades além dos rótulos pré-definidos. Observando os diferentes campos não como forças antagônicas de conhecimento, mas como o próprio Morin (2006) sugere, mantendo em mente que um saber não fragmentado reconhece que o conhecimento não está acabado, é um processo em constante construção e reformulação. Permitindo assim, que diferentes percepções, possam ser complementares, sem deixar de serem contrárias.

Da mesma forma que o paradigma da complexidade nos permite reconhecer o mundo além de suas dicotomias, o sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) que, apesar de não ser um adepto desse paradigma, também nos apresenta sua inquietação quanto ao

pensamento reducionista. Suas observações podem ser encontradas ao longo de toda sua obra. O autor (ELIAS, 2008) considera que é preciso substituir a concepção tradicional, dualista e reducionista, pelo entendimento de que as pessoas constituem “teias de interdependência” ou “configurações” de muitos e variados tipos, tais como famílias, escolas, cidades, camadas sociais ou Estados. O papel do(a) sociólogo(a) é o de “desmistificar” essas relações, pois, elas possuem uma estrutura em meio ao que parece caótico e também ao que parece “banal”.

Utilizando-me da sociologia configuracional proposta por Elias (2008), pude compreender que os conflitos intra-inter Estados-Nações enquanto resultados (não premeditados) dessas configurações. Assim, cotejei essa compreensão com as observações de UNHCR (2013), UNHCR (2015), Russel e Stage (1996), Gladden (2013), Gilbert e Cunliffe (2011), Horn (2010; 2010a), Crisp (2000), Oka (2014; 2014a), Montclos e Kagwanja (2000), Jaji (2012), Hilhorst e Jansen (2010), Grabska (2011) e Wright e Plasterer (2010) que constata a relevância de se dedicar ao estudo sociológico do Campo de Refugiados de *Kakuma* devido ao fato desse ser um local permeado por relações sociais violentas e que, paradoxalmente e concomitantemente, é contemplado por discursos de pacificação. Para esses autores, existe a necessidade de se dar maior atenção a estas relações sociais violentas através do desenvolvimento de novos estudos que se ocupem de compreender pontos desta realidade que ainda não foram pesquisados.

Diante do que foi apresentado até este ponto, observo que tanto a violência quanto à pacificação não são conceitos “estáticos” ou “desumanizados”, mas sim resultados dessas configurações formadas pelas diferentes pessoas que compõem o Campo de Refugiados de *Kakuma* (sejam refugiados(as), agentes humanitários, agentes do governo, doadores(as), comunidade local, pesquisadores(as), jornalistas entre outros) e que estão em constante mudança. Para Elias (2008), as mudanças não ocorrem sem que haja algum tipo de resistência por parte daqueles que possuem maior poder. À medida que essas interconexões crescem, tornam-se cada vez mais interdependentes e incontroláveis por parte dos grupos ou indivíduos.

Em meio a esse “turbilhão” que envolve desde as violências cometidas nos países de origem (e que fazem esses grupos migrarem), passando pelas violências perpetuadas no Campo e pelos discursos de pacificação, foi que decidi observar como é que os(as) refugiados(as) assimilam esses discursos de pacificação. Assim, com base em todas essas experiências apresentadas que cheguei a pergunta de pesquisa que norteia esta dissertação: **Como os refugiados e refugiadas do Campo**

de Kakuma assimilam os discursos de pacificação que são desenvolvidos ao longo das configurações das quais fazem parte?

1.2 PRESSUPOSTOS DA PESQUISA

Para a realização dessa pesquisa, parte-se da premissa de que a vida em sociedade no Campo de Refugiados de *Kakuma* é constituída (entre outros discursos) por discursos de pacificação que definem e são definidos das configurações que nele são geradas.

1.3 OBJETIVOS

A partir da definição do problema de pesquisa acima enunciado, foram delineados os objetivos geral e específicos de pesquisa.

1.3.1 Objetivo geral

Compreender os sentidos da assimilação do discurso de pacificação pelos refugiados e refugiadas do Campo de *Kakuma*.

1.3.2 Objetivos específicos

- a) Revisar sistematicamente as “intuições [acadêmicas] anteriores” sobre o Campo de Refugiados de *Kakuma*¹⁵;
- b) “Desmistificar” os conflitos intra-inter Estados-Nações que compreendem os grupos estudados e
- c) Melhorar a compreensão geral que se tem sobre os refugiados e refugiadas, vendo-os além de rótulos dicotômicos (como “apolíticos”, “raivosos” e “vítimas esperançosas”).

1.4 ESCOPO

Toda pesquisa possui limitações. No que diz respeito ao estado da arte, esta pesquisa se propôs a estudar o Campo de Refugiados de *Kakuma* (1992 – 2015) e não outros Campos de Refugiados devido à motivação inicial da pesquisadora em compreender este local enquanto um fenômeno social específico, temporal e espacial.

¹⁵ “Intuições de trabalhos anteriores” é a expressão utilizada pela socióloga Rosalind Gill (2002) para descrever o uso de estudos anteriores na validação da pesquisa que se está realizando.

Enquanto base sociológica me utilizo de Norbert Elias (2008) como principal referência nesta pesquisa, primeiramente, por ser considerado entre seus pares como um dos autores mais influentes do século XX (KOURY, 2013; CERRI e SILVA, 2013) e, por encontrar consonância em suas elucubrações. Esta consonância se dá pela percepção de que o autor conseguiu apreender as relações sociais além da visão dicotômica e deslocada observada em outros grandes autores do nosso tempo, como o próprio tece suas críticas (ELIAS, 2008)¹⁶.

No que se refere a abordagem de aspectos históricos e dos conflitos armados, estabeleceu-se uma limitação entre os países de maior porcentagem populacional no Campo: Sudão/Sudão do Sul e Somália; além da experiência de campo no Quênia em 2012, país anfitrião.

No que diz respeito ao capítulo quatro, a situação de interesse de aprofundamento nesse trecho é a condição específica de refugiado e não outras formas, pois, observa-se que apenas pessoas vivendo a situação de “refugiados(as)” vivam dentro das áreas do Campo, justificando-se assim a escolha de apenas esta situação como abordagem no quarto capítulo. Além disso, justifico meu recorte conceitual devido ao *chronos*, porém, reitero a relevância de outros conceitos que não puderam ser aprofundados como: “memória” (BOSI, 1987; POLLAK, 1989), “gênero” (SCOTT, 1990; BITENCOURT, 2016) e de “diáspora” (HALL, 2003).

Como fonte documental de pesquisa deste estudo, foram utilizados os dados fornecidos pelo ACNUR por ser unânime entre os autores pesquisados que na atualidade ele é o maior signatário responsável pelo Campo de Refugiados (MYLAN e SHENK, 2003; UNHCR, 2015; RUSSELL e STAGE, 1996; GLADDEN, 2013; GILBERT e CUNLIFFE, 2011; HORN, 2010a; CRISP, 2000; OKA,

¹⁶ Porém, reconheço também que seus pensamentos indicam o viés interpretativo causado pelo lugar de enunciação e, logo, a parcialidade do conhecimento científico. Embora o autor almeje a generalização-universalização, constata-se que a sociologia faz sempre uma leitura explicativa do mundo, e sempre um tanto precária e que, neste caso, o faz “eurocêntrico” (GOODY, 2008). Apesar de identificar a existência de um “hiato” na compreensão da “modernidade periférica” que se vê entre um “modelo ideal” advindo de países europeus que, ao explicar os fenômenos sociais, evidencia a distância existente entre o pensamento “local” e pensamento “universal” (ORTIZ, 2012). Afirmando assim, que esta teoria não é capaz de esgotar todas as possibilidades de observações desses fenômenos.

2014; 2014a; MONTCLOS e KAGWANJA, 2000; HILHORST e JANSEN, 2010).

1.5 PERCURSO METODOLÓGICO

Não quis ser objetivo. Aliás, não é bem isso: melhor seria dizer que não me foi possível ser objetivo (FANON, 2008, p. 86).

O psiquiatra e filósofo Frantz Omar Fanon (1925-1961) ao descrever as dificuldades encontradas para se manter objetivo ao realizar sua tese enquanto um pesquisador negro que se ocupa das injustiças “do negro”, descreve explicitamente as dificuldades existentes em se adentrar em uma problemática tão complexa quanto a de compreender o “homem de cor” enquanto resultado de longos processos colonizadores. Da mesma forma, esta pesquisa deparou-se com inúmeros “problemas”¹⁷ que foram definidores de seu percurso e que não permitiram que esta seguisse as expectativas de um padrão de objetividade rígido, mas ainda assim, manteve-se conectada com a rigurosidade científica (MORIN, 2006)¹⁸.

Fazer uma pesquisa de pós-graduação em um dos maiores e mais antigos Campos de refugiados do mundo foi uma ideia altamente instigante, na realidade, foi esse intenso interesse por novos aprendizados ligados a ética com a vida, que induziu essa pesquisadora a

¹⁷ Os psicólogos Abreu e Guilhardi (2004, p. 346) definem problemas como “uma discrepância entre a realidade de uma situação e os objetivos desejados. [...] um problema é um tipo particular de relação pessoa-ambiente que reflete um desequilíbrio ou uma discrepância percebida entre as demandas e a disponibilidade de uma resposta adaptativa.”

¹⁸ Complementando o pensamento de Descartes, Morin (2006, p. 339) afirma que o método “é a arte de guiar a ciência na razão”. Para ele, a teoria não é nada sem o método, sendo que os dois são elementos fundamentais para o desenvolvimento do pensamento complexo. Se o objeto de pesquisa em sociologia são as relações sociais que, passíveis de observação, investigação e classificação, apresentam-se como um fenômeno extremamente complexo, necessitando de ampla perspectiva paradigmática para a compreensão das realidades que o constitui. Este fenômeno, que perpassa pelas esferas econômicas, políticas e culturais da vida social é um processo vivo, fértil e dialógico (MORIN, 2006). Nesta pesquisa se procurou utilizar do rigor científico, mas sem torná-la rígida, reconhecendo-se que ela também é construída por escolhas, que serão sempre explicitadas no decorrer deste estudo.

retornar ao mundo acadêmico, porém, definitivamente a realização não foi uma tarefa fácil ou simples e menos ainda passível de uma pré organização metodológica detalhada. Diria que o principal método utilizado para sua realização foi a necessidade de constante adaptabilidade¹⁹ diante dos infindáveis problemas que rondaram o delineamento da pesquisa como no exemplo citado abaixo, onde, para receber a autorização de pesquisa, precisei circular por diversos escritórios em Nairóbi até que fosse direcionada aos Departamentos certos.

Nós temos nossas fichas e procedimentos padrão, o que eu acho que está acontecendo é que eles não estão sabendo o que fazer com você. Você deve ser a primeira brasileira a pedir para fazer uma pesquisa no Quênia (Trechos do Diário de Campo, Nairóbi, 02.03.2015, informação verbal).²⁰

Diante das situações “problema”, o rumo adotado quanto a finalidade da pesquisa foi a de unir elementos **básicos** e **exploratórios**, pois, seu objetivo se tornou o de melhorar a compreensão geral que se tem sobre as relações sociais que estão em constante construção no

¹⁹ A capacidade de adaptação dos indivíduos é uma das questões centrais à psicologia cognitivo-comportamental. Aaron T. Beck (1997), insatisfeito com os resultados e os conceitos psicanalíticos no tratamento do Transtorno depressivo, dedicou-se a um longo processo de estudos que o levou ao desenvolvimento da terapia cognitiva que “ajuda o paciente a pensar e agir de forma mais realística e adaptativa em relação aos seus problemas psicológicos e, deste modo, reduz os sintomas.” (BECK et al, 1997, p. 5). O seu aperfeiçoamento, nos permite, atualmente, utilizá-la na mais vasta gama de atuações, inclusive como suporte à “resolução de problemas” como os encontrados no desenrolar desta pesquisa (BECK et al, 1997; ABREU e GUILHARDI, 2004).

²⁰ Não é o objetivo dessa pesquisadora entrar no mérito quanto a veracidade dessa afirmação, mas sim de trazê-la para que seja pensada no seu significado enquanto mais um dos desafios que fizeram parte de sua constituição, pois, trata-se de reconhecer que, por não ser integrante dos países que costumam realizar pesquisas no Quênia, surgiram-se novas dificuldades. Vale ressaltar que aos(às) pesquisadores(as) desses países, existe uma estrutura disponível que os auxilia na realização de todas as etapas burocráticas, acompanhando-os pessoalmente, inclusive ao banco especificado pelo governo onde é pago um valor considerável, aceito somente em dólares.

Campo de Refugiados de *Kakuma* através das relações de poder e status e as tensões que as acompanham. Compreendendo, dessa forma, que os “[...] laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais” nos permitem procurar pelos fenômenos que não estão evidenciados, mas que podem possuir uma importância não premeditada (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 9).

A discrepância neste caso estava no interesse em primeiramente ter se almejado o planejamento completamente estruturado para a pesquisa, mas que, diante da “disponibilidade” existente, precisou sofrer adaptações. De maneira geral, os(as) pesquisadores(as) usualmente descrevem e relatam apenas os passos que deram certo ao longo do seu estudo e deixam de mencionar as dificuldades que encontraram (para confirmar isso, basta lermos algumas das pesquisas próximas e, em paralelo, conversar com seus respectivos pesquisadores). Porém, reconhecer as dificuldades enfrentadas durante o processo de planejamento é fundamental para que se compreenda os caminhos que a mesma seguiu, assim como, contribuir para a desmistificação da metodologia científica enquanto “lei do instrumento”²¹ (POUPART et al, 2008).

Para Poupart et al (2008), seguir por caminhos empíricos, proporciona novos olhares sobre as relações que se dão no mundo. Deslocando-se do ambiente teórico ou de “gabinete”, o(a) pesquisador(a) se embrenha nas relações sociais onde estão ocorrendo, permitindo a “comunicação” com elas e, novamente, permitindo-se também, pensar métodos que melhor contemplem suas necessidades de investigação e que se diferem das ciências da natureza.

Compreender os usos e limitações dos diferentes métodos existentes em ciências humanas, através de um “ecletismo metodológico” (ELIAS e SCOTSON, 2000), permite encorajar os(as) pesquisadores(as) a seguir por novos caminhos mais trabalhosos e desafiadores como foi o caso dessa pesquisa. Em suas obras, Norbert Elias (1990; 1993; 1994; 2000; 2008) nos auxilia a compreender o que é a sociologia, desmistificando-a através de uma postura ética e focada no fato de que a teoria e a empiria precisam estar unidas, reconhecendo o

²¹ Os autores citam como exemplo a metáfora da criança que somente conhecendo o martelo como instrumento, acredita que todas as coisas devem ser tratadas a martelada, assim como, o pesquisador social que se prende a um único instrumento (mesma forma de coleta de dados, ou método por exemplo) e o aplica rigidamente em diferentes pesquisas, não se adaptando as exigências dos contextos.

valor da pluralidade de técnicas, métodos e disciplinas investigativas, voltando-se do fenômeno para a teoria e não o oposto, mesmo assumindo que para se embrenhar na empiria, faz-se necessário primeiramente, ter alguma base teórica (ELIAS, 2008). Através de seu pensamento configuracional, no qual o sociólogo não pode estar fortemente envolvido com a sociedade no qual estuda, Elias está sempre nos lembrando de que nós somos parte (e todo) dessas teias. Afinal, “a sociologia trata dos problemas da sociedade e a sociedade é formada por nós e pelos outros. Aquele que estuda e pensa a sociedade é ele próprio um de seus membros.” (ELIAS, 2008, p. 13).

Elias e Scotson (2000) nos exemplificam essa adaptabilidade observacional ao relatarem sobre sua experiência exploratória em Winston Parva. Eles dizem que

A pesquisa começou, como muitas outras, porque moradores do lugar nos chamaram a atenção para o fato de que um desses bairros tinha um índice de delinquência sistematicamente mais elevado que o dos outros bairros. [...]. Ao começarmos a investigar os fatos e buscar explicações, nosso interesse deslocou-se dos diferenciais de delinquência para as diferenças de caráter desses bairros e para as relações entre eles. [...] O fascínio exercido em nós por seus problemas foi aumentando sistematicamente – sobretudo à medida que percebemos, pouco a pouco, que alguns deles tinham um caráter paradigmático: lançavam luz sobre problemas comumente encontrados, em escala muito maior, na sociedade como um todo [...] [essa adaptação] evitou o que poderia ter sido um desperdício do nosso esforço (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 15).

A experiência desses autores nos serve como exemplo para pensar as mudanças de visão, ideias e objetivos que ocorreram por mais de uma vez. Isto se deve ao fato de que a problemática não foi vista apenas por um ângulo ou um direcionamento e menos ainda “linearmente” (ELIAS, 2008). Procurou-se olhá-la de diferentes perspectivas, do ACNUR, dos(as) refugiados(as), dos doadores(as), dos(as) cidadãos(ãs) locais, dos(as) pesquisadores(as) que também

havam estado no c/Campo, sempre as vendo como relações do ponto de vista da “identidade eu-nós” e “eles” (ELIAS, 1994; 2008).

Vale ressaltar que os autores (ELIAS e SCOTSON, 2000) não demonstram, entretanto, se essa mudança de problema foi algo fácil, simples ou se envolveu algum tipo de sentimento de frustração por ter sido necessário mudar seus objetivos, pois, como abordei anteriormente, nossos pares não dão detalhes do quão complexo pode ser - mesmo em pesquisas tidas como mais seguras - seguir o planejamento metodológico.

1.5.1 Coleta de dados

Desde o começo estive ciente de que a realização da pesquisa de campo no Campo seria algo dispendioso (financeira e temporalmente) e paralelamente a ela, já havia decidido realizar atividades com os jovens que lá vivem. Para acompanhar o processo de pesquisa que tinha como finalidade coletar elementos básicos e exploratórios, foi pensado o Projeto “BAÚ DE SONHOS: Práticas Políticas e Culturais para a Paz”²². O intuito inicial não era de fazê-lo parte da pesquisa de mestrado, apesar de ter tomado esse rumo. Seu objetivo, enquanto um projeto paralelo de extensão, foi de “levar alegria e bem estar para mais de 60 mil crianças que vivem ali atualmente” (Trecho do Relatório de atividades Projeto Baú de Sonhos, 2015, p. 3-4).

A demanda do Projeto surgiu meses antes de sua implementação através de contatos realizados com o Sr. LP²³ que foi o principal contato no Campo antes da viagem, pois, segundo as informações, as crianças e os jovens²⁴ no local são carentes de ações que os traga alegria e os tirem

²² O Projeto precisou ser pensado e expressado de diversas maneiras, haja vista que a relação dessa pesquisadora com as diversas teias de interdependência que constitui, para cada uma delas, é exigida uma forma diferente de comunicação. Às crianças e jovens, uma forma divertida e com um vocabulário leve devido às limitações com o “inglês”, para os governos e agências humanitárias, uma postura mais meticulosa quanto às ações e para os colegas acadêmicos, uma postura ética que apresente a linha tênue entre “ser” que se aflige com o sofrimento e o “ser” pesquisadora.

²³ Com o intuito de preservar as identidades das pessoas que participaram da pesquisa, identificarei-os através de iniciais maiúsculas.

²⁴ O conceito de jovem empregado ao longo dessa pesquisa é o das Nações Unidas que “definem ‘juventude’ como pessoas entre as idades de 15 e 24 anos. No entanto, sabemos que a experiência de ser jovem pode variar enormemente em todo o mundo, e que “juventude” é, muitas vezes, uma categoria fluída e

da constante constatação de suas situações de refúgio. Para sua elaboração, utilizei-me dos dez anos de experiência profissional enquanto psicóloga (clínica, social e organizacional) para abordar, observar e conduzir as atividades do Projeto de forma natural e ética com as crianças e jovens (FRIEDBERG e McCLURE, 2004; STALLARD, 2004) (e mesmo com os adultos (BECK et al, 1997; RANGÉ, 2001; ABREU e GUILHARDI, 2004; SPECTOR, 2006).

Gostaria de salientar que o título do Projeto, que em um primeiro momento pode parecer infantil e superficial, foi pensado para a compreensão de seu público alvo: crianças e jovens, para então, através do subtítulo, contemplar os adultos e ou universo acadêmico. É fundamental explicar que o subtítulo não foi traduzido para o inglês e os participantes não foram influenciados por ele, mas ao contrário, ele - o subtítulo - foi desenvolvido ao longo das experiências no c/Campo²⁵.

Dos conceitos existentes no subtítulo, gostaria de destacar aqui, “políticas” e “paz”. O conceito de política foi utilizado como “ação” e de maneira alguma deve ser entendido como uma ideia partidária (AZAMBUJA, 2008). O conceito de “paz”, com o intuito literal de “não banalização da vida”, como sugere a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2014) e jamais como um dogma ideológico. Utilizando-me de Edgar Morin (2006), diria que a proposta não foi de negar as diferenças e os conflitos em detrimento da soberania de uma ordem, mas de repensar as formas como lidamos com eles através do reconhecimento da existência de outros. Na psicologia cognitivo-comportamental, significa se utilizar da nossa capacidade empática para compreender que assim como eu sofro, sinto alegria e tenho aspirações, que as outras pessoas também, porém, cada um sentirá a partir de suas próprias experiências (BECK et al, 1997).

mutável.” (UNESCO, 2016; BAO, 2014). É utilizado enquanto conceito demográfico que abarca um determinado período estudantil, enquanto “condição de ‘juventude’” e não deve ser compreendido enquanto conceitualização sociológica (BAO, 2014).

²⁵ A pesquisa de “c”ampo foi realizada em um local que é definido como um “C”ampo de refugiados. A palavra campo enquanto campo de pesquisa é descrita em caixa baixa, já, ao se tratar do local específico (Campo de Refugiados de *Kakuma*) onde a pesquisa de campo foi realizada, ela foi iniciada com caixa alta. Devido a esses fatores, quando a palavra pôde ser compreendida nas duas perspectivas – enquanto campo de pesquisa e Campo de Refugiados -, ela foi utilizada como “c/Campo”.

Max Weber (2007), referência indispensável no que diz respeito a neutralidade axiológica, consegue traduzir perfeitamente a forma como esse Projeto foi pensado ao tratar sobre até que ponto o(a) professor(a)/pesquisador(a) pode chegar em suas expressões. O autor considera que, estando apto(a) a isso, o(a) professor(a)/pesquisador(a) poderia auxiliar [estudantes] a pensar criticamente a respeito dos seus próprios comportamentos nas realidades ao qual fazem parte e criam simultaneamente, compelindo a “*dar-se conta do sentido último de seus próprios atos*, ou quando menos, ajudá-la em tal sentido. [...] a serviço do dever de levar brotar, nas almas alheias, a clareza e o sentido de responsabilidade” (WEBER, 2007, p. 46, grifos do autor). Assim, através da afirmação weberiana, concluo que, a partir de discussões éticas, o máximo que se pretendeu com o Projeto foi o de permitir que essas crianças e jovens se percebessem como partes constituintes das configurações que compõem. Assim, o Projeto Baú de Sonhos, mostrou que a ciência pode sair de seu invólucro dourado e se aproximar das pessoas, caminhando contrariamente ao “intelectualismo estéreo”. Ramos (2009, p. 169, apud SAGAN) citando o conceituado astrônomo do século XX Carl E. Sagan (1934-1996), diz:

Se a ciência for considerada um sacerdócio fechado, demasiado difícil e misterioso para compreensão de uma pessoa de cultura mediana, o perigo do desentendimento será maior. Se a ciência, porém, for um tópico de interesse e consideração geral, se seus encantos e conseqüências sociais forem discutidos com competência e regularidade nas escolas, na imprensa e à mesa do jantar, teremos aumentado as possibilidades de aprender como o mundo realmente é, para melhorarmos a ambos, a nós e a eles.

Assim, levando-se em consideração todos os pontos destacados sobre os aspectos gerais do Projeto desde o seu planejamento, informo que foram realizadas ao todo 23 atividades com durações variáveis entre 1 e 4 horas cada, com crianças e jovens que vivem na região de *Kakuma* que engloba tanto o Campo de Refugiados quanto a cidade onde vivem grupos étnicos da região. Foram abrangidos 12 locais diferentes que, em sua maioria, são espaços destinados à aprendizagem. A Tabela 1 - abaixo - mostra os 12 locais, o número de atividades realizadas em cada

local, o número aproximado de horas de atividades e o número aproximado de crianças e jovens que participaram.

Tabela 1– Locais onde o Projeto Baú de Sonhos foi realizado

Local	Nº de atividades	Nº de horas	Nº aproximado de participantes
Santa Clara	2	3	51
Cidade de <i>Kakuma</i>	4	5	20
Dom Bosco	6	11	660
Centro de recepção	2	4	105
Escola T1	1	1	30
Escola T2	1	1	30
Área de proteção	1	1	10
Escola de <i>Palotaka</i>	1	4	120
Escola K1	2	4	180
Escola K2	1	1	20
Escola K3	1	2	60
Escola K4	1	3	300
TOTAL	23	40	1586

Fonte: Pesquisadora. Quênia, 2015.

Alguns dos locais se repetiram, assim como a participação das crianças e jovens, porém, sempre com o cuidado de apresentar atividades diferentes. Totalizou-se mais de 40 horas de atividades com um público estimado de 1.586 pessoas.

As atividades abrangeram contação de histórias, atividades teatrais, circenses, literárias e educativas. Durante estas atividades, foram trabalhadas a cultura brasileira, suas músicas e brincadeiras infantis. Assim como, as culturas africanas que coexistem neste espaço tiveram seu espaço para interagir nas atividades. [...]. Realizar atividades culturais e educativas em um Campo de refugiados com pessoas de 18 diferentes nacionalidades é um grande desafio (Trechos do Relatório de atividades do Projeto Baú de Sonhos, 2015, p. 3).

Imagem 1 - Brincando de passar o chapéu com um grupo aproximado de 80 estudantes



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

O Projeto Baú de Sonhos, que nasceu como um projeto paralelo, veio a se tornar uma ferramenta útil para a coleta dos dados, pois, foi ao longo de sua realização que me dei conta²⁶ de como a violência e os discursos de pacificação estão conectados. Foi especialmente através de textos elaborados por essas crianças e jovens que consegui identificar como ocorrem essas configurações que parecem contraditórias. Estes textos se tornaram as formas mais palpáveis de discurso produzidas por eles(as) mesmos(as), com o mínimo de interferência possível. Além disso, a realização do Projeto permitiu que eu me movesse pelo c/Campo e conversasse com as pessoas (indiferente das faixas etárias) de forma espontânea, sem o estereótipo de pesquisadora no qual as pessoas são “convidadas” a participar de pesquisas e a responder questionários e entrevistas semi/estruturadas, assim como já haviam feitos tantos(as) outros(as) pesquisadores(as) que estiveram no Campo²⁷.

²⁶ Foi através da leitura dos textos que cheguei ao *insight* dessa pesquisa, conforme abordo profundamente no Capítulo 4.

²⁷ Outros autores realizaram este tipo de coleta de dados “formal” no Campo de Refugiados de *Kakuma* e os citam em suas metodologias. Utilizar-se das “intuições” desses trabalhos anteriores me permitiu não sentir a obrigação de

Para Poupart et al (2008), ao utilizar outro paradigma para intervenção, reduzi os riscos de que as respostas dadas fossem aquelas que os entrevistados imaginam que a pesquisadora queira ter.

Além do Projeto, pode-se considerar que os principais instrumentos utilizados para coleta de dados no c/Campo foi a observação assistemática das relações sociais no c/Campo, que consistiram na coleta e registro dos “fatos” sem ter sido necessário utilizar meios técnicos especiais ou perguntas diretas. Este instrumento é indicado para pesquisas exploratórias que não tenham tido planejamento e controle previamente definidos (LAKATOS e MARCONI, 2003).

Também foi utilizado como instrumento para coleta de dados o que Walter Mignolo (2003) considera como “sussurro anônimo”. Este é constituído por “conversas informais [e aqui também as formais] de vários tipos” onde todas as pessoas tiveram algo a contribuir a partir de suas próprias experiências e percepções. Para Mignolo (2003, p. 12) esses “são documentos que não podem ser transcritos, conhecimento que vem e vai, mas permanece na mente e altera um determinado argumento [...]”. Estas conversas que vão desde as conversas com a recepcionista do hotel em Nairóbi até o de funcionários de grandes organizações formam os dados “que guiaram meu pensamento”, mesmo que não seja possível citar tudo o que me foi dito e “que talvez elas [pessoas] nem se lembrem” (MIGNOLO, 2003, p. 12).

Para Certeau (1994) a oralidade é central no equilíbrio no espaço do discurso. As pessoas não reproduzem passivamente o que lhe foi dado. Os relatos orais também “atualizam” o discurso. Paraphraseando Frantz Fanon (2008, p. 33), atribuí:

[...] uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-outra do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro.

repetir os métodos já utilizados; mas sim, de me somar a esses discursos (HORN, 2009; 2010; 2010a; EIDELSON e HORN, 2008; GRABSKA, 2011; WRIGHT e PLASTERER, 2010; ABERRA et al, 2014; MACAI et al, 2002; AUKOT, 2003; EL JACK, 2010; RUSSEL e STAGE, 1996; VERDIRAME, 1996; JANSEN, 2008; HILHORST e JANSEN, 2010; GILBERT e CUNLIFFE, 2011; JAJI, 2012; KIURA, 2014; GLADDEN, 2013; OKA, 2014; 2014a).

Muitas dessas informações, experiências e percepções, foram registradas em três diários de campo para auxiliar no meu próprio processo de lembrança. Cabe ressaltar que dois dos diários de campo foram escritos na primeira viagem ao Quênia em 2012, antes mesmo dessa pesquisa em questão ter sido iniciada. Isso ocorreu porque, como explicitado logo ao começo desse estudo, foram as elucubrações decorrentes dessa primeira experiência que me trouxeram até este ponto e excluí-los dos processos de análise seria mutilar parte dos significados dessa proposta.

Quanto ao terceiro diário de campo, ele foi escrito durante a viagem, esta que ocorreu para chegar ao Campo de Refugiados de Kakuma em 2015. Além deles, foi utilizado também o livro “Diário karibu: histórias de sobrevivência” (SILVA, 2015a) escrito após a primeira viagem ao país em 2012. Também utilizei o relatório exclusivo para as atividades do Projeto Baú de Sonhos, desenvolvido ainda no c/Campo. Não foram utilizadas entrevistas formais e as conversas ocorreram espontaneamente conforme as possibilidades de interagir com essas pessoas²⁸. Algumas apareciam em minha casa para conversar, ou me convidavam para ir a suas casas para almoçar ou tomar um café, outros, precisei buscar por mais de uma vez e até esperar por vários minutos a ser recebida²⁹. As conversas foram as mais variadas, abordando desde assuntos ordinários do dia a dia à problemas impactantes referentes as configurações do Campo.

Ainda no que diz respeito a coleta de dados, as fontes técnicas utilizadas para esta pesquisa foram **bibliográficas** e **hemerográficas**,

²⁸ Vale informar que refugiados(as), grupos locais e agentes humanitários conhecem claramente as regras que deveriam ser seguidas por um(a) pesquisador(a). Ao serem abordados, a primeira coisa a ser questionada por eles(as) era sobre a autorização (aquela pela qual fui enviada a diversos escritórios e prédios públicos e que paradoxalmente me foi dito que se tratava de um procedimento padrão).

²⁹ O fato de ser uma pesquisadora (mulher), “branca” e de outro país é responsável por uma séria alteração na forma como as pessoas se relacionaram comigo (FANON, 2008). Havia situações em que as crianças se assustavam e choravam com a minha presença, outras, adultos procuravam se aproximar sem motivo aparente e outros pareciam desprezar “o que eu representava”. Por mais que me sentia parte do que ia acontecendo, nestes momentos, as pessoas me lembravam que eu não o era e que a minha presença ali, interferia nas configurações existentes de diversas formas, afinal, “temos que estar conscientes de nós próprios como seres humanos entre outros seres humanos” (ELIAS, 2008, p. 16).

pois, enquanto pesquisa bibliográfica, esta é realizada através do registro e organização de dados bibliográficos (RAMOS, 2009). Para tanto, fez-se uso de **documentação indireta** de materiais já publicados, principalmente artigos científicos sobre o CRK (que serão detalhadamente explicitados na “Revisão Sistemática da Literatura” no item 1.7 deste capítulo), além de autores significativos para a compreensão desse fenômeno sob a perspectiva sociológica. Também se fez uso de fonte **documental**, utilizando-se de materiais que não passaram pelo tratamento analítico, apropriando-se de documentos de outra ordem que não a literatura acadêmica (GIL 2010; RAMOS 2009). Neste caso, principalmente documentos fornecidos em mãos ou publicamente (*online*) pelo ACNUR durante a viagem de 2015, como também, publicações *online* de jornais de várias partes do mundo sobre os conflitos armados ocorridos na região do Rio Tana no Quênia durante a viagem de 2012. Utilizou-se desses registros, pois, não foram encontrados registros acadêmicos a respeito.

Para a abordagem do problema de pesquisa, fez-se uso tanto do método quantitativo quanto qualitativo. Focando-se na “análise estatística”, como também na “análise e sinopse das configurações” (ELIAS E SCOTSON, 2000), a partir da literatura pré-existente abstraída da revisão sistemática e pelas construções realizadas nas experiências em c/Campo. Segundo Priest (2011), a aplicação de ambas as visões, tanto quantitativa (positivista e numérica) quanto qualitativa (interpretativa) podem trazer melhores resultados à pesquisa.

Os aspectos que definem o método quantitativo desta pesquisa foram através da quantificação dos dados obtidos através da revisão sistemática da literatura que culminou na seleção objetiva de dados e assim, permitiu a análise de crescentes quantidades de artigos e informações, enfatizando indicadores numéricos do fenômeno estudado (GIL, 2010; SANTOS, 2014). Para Norbert Elias (2008, p. 144) “a estrutura teórica de uma sociologia de configurações e de desenvolvimento deixa naturalmente um espaço para os inquéritos estatísticos”.

A documentação indireta do qual esta pesquisa foi composta, consiste especialmente em documentos fornecidos diretamente pelo ACNUR e indiretamente (obtidos através de meio eletrônico), também pelos textos e desenhos realizados pelas crianças e jovens que participaram do Projeto Baú de Sonhos, o livro publicado pela pesquisadora a respeito da primeira experiência no país, os três diários de campo, informações publicadas *online* como jornais e outros materiais que foram apresentados pelos participantes durante as

conversas. Este tipo de análise se mostra mais adequada à exploração de problemas de difícil quantificação, contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e permite a inclusão das observações e percepções do(a) próprio(a) pesquisador(a) como sendo mais um ator no fenômeno. Neste sentido, Groulx (2010, p. 97) compreende que o uso da metodologia ou de técnicas qualitativas em ciências humanas, permite a consideração “da multiplicidade das perspectivas e dos agentes compondo cada uma das categorias, obriga a romper a unidade artificial da categorização estatística e a revelar uma diversidade de situações [...]”.

1.5.2 Técnica de análise

Baseando-se em Rosalind Gill (2002), os aspectos qualitativos dessa pesquisa consistem no uso da técnica de “análise de discurso” dos textos produzidos pelos refugiados no Campo durante a realização do Projeto Baú de Sonhos. A relevância do uso desse viés se deu pois, o mesmo, se mostrou capaz de responder ao meu intuito de apreender os “sentidos” e as “funções” dos “discursos” desses refugiados, incluindo também seus “fragmentos” e “silêncios”, através de “leituras cuidadosas” que caminharam entre o “texto” e o “contexto” e assim, também examinando as formas como são realizados (GILL, 2002, p. 266). Através das leituras, procurou-se chegar a entendimentos de como eles e elas, refugiados(as), assimilam os discursos de pacificação. Para Certeau (1994, p. 269) “o leitor é o produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo.”

Além disso, a escolha dessa técnica ocorreu, pois, ao longo de toda a pesquisa se trabalhou com a perspectiva sociológica de que as pessoas estão em constante relação umas com as outras, assim, a relação do pronome “eu” somente pode existir em relação aos outros (“eles”), como parte integrante de um grupo (ELIAS, 1994; 2008). Estas relações sempre dependem da perspectiva de quem “fala” e de como o grupo compreende a linguagem, ou seja: o “eu”, os “outros” e as “linguagens” entre eles(as) não são estáticos (ELIAS, 1994). Ao estudarmos as sociedades, precisamos olhar para além dos conceitos estáticos e observarmos as “funções sociais”, daqueles que as formam (ELIAS, 2008).

Como a técnica considera que os discursos são todas as formas faladas e textualizadas, a utilização de imagens ao longo da pesquisa, foi empregada com o intuito de enriquecimento da mesma. Foi em um contexto de pluralidade linguística envolvendo inúmeras formas

discursivas entre falas, textos acadêmicos e não acadêmicos e desenhos que os meus mais variados “sentidos” foram despertados. Seguindo a mesma lógica, quero oferecer a quem me lê o maior número possível de recursos que possam lhes despertar seus sentidos (críticos).

Para Gill (2002, p. 247), o discurso “é empregado para se referir a todas as formas de fala e textos, seja quando ocorre naturalmente nas conversações, como quando é apresentado como material de entrevistas, ou textos escritos de todo tipo.” Para a linguista Fernanda de Araújo (2014, informação verbal), a análise de discurso é uma “prática linguística” que:

[...] consiste em analisar a estrutura de um texto e, a partir daí, compreender as construções ideológicas presentes no mesmo. Portanto, o discurso em si mesmo é uma construção linguística atrelada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido. Ou seja: as ideologias presentes em um discurso são diretamente determinadas pelo contexto político-social em que vive o seu autor. Quer dizer, mais que uma análise textual, a análise do discurso é uma análise contextualizada da estrutura discursiva em questão.

Gill (2002) constata que não existe um manual para a sua realização e que existem ao menos 57 estilos de análises de discurso, apesar dessas variedades de estilo que são adequadas em consonância com as características de quem pesquisa e de quem é pesquisado. A autora destaca que a análise de discurso possui quatro temas principais: o primeiro diz respeito a preocupação com o discurso em si mesmo; o segundo, da linguagem enquanto “construtiva” e “construída”, sendo constituída por “recursos linguísticos anteriores”; o terceiro tema destaca o discurso enquanto forma de ação em si onde “todo discurso é circunstancial”, não ocorre em um “vácuo social”. Assim, “um dos objetivos da análise de discurso é identificar as funções, ou atividades, da fala e dos textos, e explorar como eles são realizados.” (GILL, 2002, p. 250). Por último: a certeza na organização retórica do discurso, reconhecendo a vida social como possuidora de conflitos dos mais variados tipos, sendo que a organização dele é feita para que seja persuasivo (GILL, 2002), ou seja: o “efeito” do discurso é de “claramente, transmitir uma mensagem e alcançar um objetivo

premeditado através da interpretação e interpelação do indivíduo alvo.” (ARAÚJO, 2014, informação verbal).

Rosalind (GILL, 2002) afirma que a melhor forma de aprender a fazer a análise de discurso é a prática onde o analista propõe perguntas diferentes ao que é comumente perguntado em ciências sociais. Perguntas que analisariam como as afirmações dos discursos individuais são legitimadas enquanto grupo, suas respostas críticas entre tantas outras. Para tanto é necessário “tornar o familiar estranho” (GILL, 2002) como fazem os antropólogos. Assim, a linguagem passa a ser vista com outra maneira, focando na “construção”, “organização” e nas “funções do discurso” e não se preocupando com o que pode haver além dele, mas também, não é se perguntar o que o texto quer dizer, o que seria a função da análise de conteúdo (VILLARTA-NEDER, 2015). Gill (2002) concebe que se trata de “uma mudança epistemológica radical”. Para Eni Orlandi (2009, p. 61):

[...] a construção desse dispositivo [de análise] resulta na alteração da posição do leitor para o lugar construído pelo analista. Lugar em que se mostra a alteridade do cientista, a leitura outra que ele pode produzir. Nesse lugar, ele não reflete mas situa, compreende, o movimento da interpretação inscrito no objeto simbólico que é o seu alvo. Ele pode não contemplar (teorizar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação. Por isso é que dizemos que o analista de discurso, à diferença do hermenêuta, não interpreta, ele trabalha (n)os limites da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições.

A análise de discurso é construída em um diálogo entre os diferentes envolvidos nesses espaços de identificação. O seu objetivo é o de analisar “a linguagem em ação, os efeitos produzidos por meio do seu uso e o sentido social construído. E esse sentido encontra-se sempre em aberto para a possibilidade de interpretação de seu receptor.” (ARAÚJO, 2014, informação verbal) A linguagem, não sendo estática, produz sentidos em quem as lê. Mesmo que as suas passagens sejam fragmentadas e contraditórias, a leitura cética (que não esteja presa aos rótulos de palavras pré-definidos) permite que nos questionemos do

“Por que eu estou lendo isso dessa maneira? ”, ‘Que características do texto produzem essa leitura? ’, ‘Como ele está organizado para se tornar persuasivo? ’” (GILL, 2002, p. 253). Mas, além disso, podemos nos questionar como, por exemplo, sobre quem é que nos fala, quais são as construções (configurações) desses espaços de identidade, que “sentidos” esse discurso desperta em mim e que sentidos ele desperta nos outros? (VILLARTA-NEDER, 2015).

Novamente remetendo aos etnógrafos, Gill (2002) nos lembra que para realizar a codificação, temos que estar mergulhados no material que é estudado, lendo e relendo-o. A partir dessas repetidas leituras e consequente familiarização dos discursos é que as questões de interesse serão determinadas. Assim, realça-se e se seleciona as partes que dialogam com o que é de interesse da/do analista. Este passo nem sempre é fácil ou simples, argumenta a autora. Cada analista desenvolverá a forma que lhe parecerá mais adequada.

A análise em si pode ser iniciada com a produção de um padrão nos dados, auxiliando na observação da variabilidade e consistência dos discursos; como também, na observação das funções características dos discursos, testando-as junto aos dados. Citando Widdicombe (1993 apud GILL, 2002, p. 254), pode-se considerar as formas como os discursos são expressos como “potenciais soluções de problemas. A tarefa do analista é identificar cada problema, e como o que é dito se constitui em uma solução.” Mas, a autora informa também que a técnica exige rigor, distingue-se das demais por não suprimir partes fragmentadas e contraditórias; também se atende “aos silêncios” que, para serem compreendidos, precisam de um certo domínio dos contextos sociais, políticos e culturais dos quais falam.

Quando um analista de discurso discute o contexto, ele está também produzindo uma versão, construindo o contexto como um objeto. Em outras palavras, a fala dos analistas de discurso não é menos construída, circunstanciada e orientada à ação que qualquer outra. O que os analistas de discurso fazem é produzir leituras de textos e contextos que estão garantidas por uma atenção cuidadosa aos detalhes, e que emprestam coerência ao discurso em estudo (GILL, 2002, p. 255-256).

A autora reitera que para as/os analistas de discurso, o que interessa é o conteúdo e a organização dos textos “em si mesmos”, pois,

o discurso é central na “construção” da vida social. Elas e eles estão menos preocupados com a representatividade do discurso e mais com o conteúdo, organização e “função” dele. Procura-se os “sentidos” que são “construídos” pela linguagem que está em “uso” (VILLARTA-NEDER, 2015).

Estas características descritas acima separam os analistas de discurso dos outros cientistas sociais que procuram utilizar os discursos para descobrir outra coisa. Além disso, o uso dessa técnica se propõe a superar a costumeira “competitividade acadêmica”, pois, os analistas de discurso estão bem cientes de que toda linguagem é “construída” e “construtiva.”, inclusive a sua própria linguagem enquanto análise, não se negando a “subjetividade” de quem pesquisa (GILL, 2002).

1.5.3 Amostragem

Diante do processo de pesquisa descrito, a amostragem pôde ser classificada em quatro diferentes subgrupos. Estes grupos foram selecionados a partir dos contatos que foram ocorrendo ao longo das experiências no Campo. Apesar de ter tido contato com várias outras pessoas, essas foram as selecionadas, pois, representam pessoas com quem tive mais de uma conversa, ou porque foram crianças e jovens que expressaram suas expectativas através do Projeto Baú de Sonhos. A tabela 2, abaixo, apresenta esses subgrupos:

Tabela 2 -Subgrupos de pessoas que participaram da pesquisa

Classificação	Nº de pessoas
Funcionários do Governo	03
Funcionários de Agências humanitárias	08
Refugiados	342
Residentes Locais	31
TOTAL	384

Fonte: pesquisadora. Quênia, 2015.

Os três funcionários do Governo foram do Departamento de refugiados, sendo um deles em Nairóbi, o Sr. ST e os outros dois atuantes no CRK, os Srs. JH e BD. Quanto aos funcionários de agências humanitárias, uma é funcionária do ACNUR no Campo, chamada aqui de CY, quatro são funcionários da Paróquia Santa Cruz, administrada pelos Padres Dom Bosco; sendo um deles o Sr. LP em Nairóbi e os outros três os Srs. FJ (já citados), DK e a Sra. MY. As outras três funcionárias são da Escola para garotas Santa Clara, administrada pelas Irmãs Franciscanas, as Sras. HL, ML e MRE. Dentre os(as) refugiados(as), oito são adultos(as). Sras. RN, MM, MYA e Srs. FL, EMM, BK, PL e FA e os outros trezentos e trinta e quatro fizeram parte dos grupos de crianças e adolescentes com idades aproximadas entre 3 e 17 anos que foram envolvidos através do Projeto Baú de Sonhos. Faz-se importante destacar que há uma ênfase na participação de um grupo de exatamente 120 jovens refugiados(as) estudantes da Escola Primária de *Palotaka* com idades aproximadas entre 13 e 17 anos. Estes(as) são oriundos(as)/descendentes de 05 países: Congo, Etiópia, Somália, Sudão e Sudão do Sul.

Imagem 2 – 120 jovens refugiados, estudantes da Escola *Palotaka*



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

A conversa com os 120 jovens refugiados ocorreu em uma única reunião onde todos estivemos em uma sala. Foram conversados os mais variados assuntos, inclusive sobre o Brasil, mas, especialmente sobre como percebiam seus países de origem e suas perspectivas para o futuro, ou seja: seus sonhos. Após essa conversa, que fora totalmente em grupo, todos realizaram individualmente a construção de um texto sobre seus pensamentos a respeito da conversa e de suas expectativas. Por se tratar de jovens alfabetizados (e em inglês), foi possível se expressarem através da articulação de palavras e textos e não apenas por desenhos (como ocorreu com os mais novos e/ou não alfabetizados).

É importante salientar que cada atividade teve suas particularidades e que as mesmas foram adaptadas para cada momento, grupo, localização, entre outros fatores. Outras informações a respeito dessa atividade em especial, que culminou na análise de discurso, estão contidas no Capítulo 4.

Imagem 3 – Texto escrito pela jovem estudante “VV”

My false Name is: VIVIAN - Verônica.

My Country is Called Congo or D. R. c
 In my Country there are every things e.g
 Education, food, Health Centers and e.t.c
 but the main Cause or the main reason
 why we are in Kenya now is war.
 without war now all of us we were in
 our Countries, without war all of us
 were smiling every day time but
 that is not it.

In my future I want to be some
 one who can help my Country and
 other Countries. In Africa including all
 Countries they are one disaster
 and that disaster is war,
 we need your help very much, we
 as refugees we need your support
 because in your Country there is
 no war, so we want you to take
 us there so we can live in peace
 help us so we can live in peace

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

O encontro durou aproximadamente três horas e as informações cedidas através dessa experiência refletiram em toda esta pesquisa e será diretamente abordada no Capítulo 4. Os jovens tiveram total liberdade em sair da sala e de não participarem da atividade escrita, sendo que

todos permaneceram até o final (mesmo após a assinatura da lista de presença deixada por um professor). O idioma utilizado foi o inglês³⁰.

O critério para escolha das pessoas da amostragem foram as “oportunidades” que tive de estar com elas, pois, agendar “conversas” não era algo simples e fluía muito levemente quando estas oportunidades eram aproveitadas. O tempo aqui, nestes pontos específicos da África onde estive, é vivido com outra visão. Horários, dias, planejamento, tudo isso parece ter outra relevância. Ao agendar uma única atividade de apenas uma hora, isso pode significar dias literalmente sentado(a) esperando. Algo definido popularmente como “*african time*”³¹ e com o qual me deparei tanto na primeira, quanto na segunda experiência no país. (Trechos do Diário de Campo, 2012). Neste sentido, remeto-me ao sociólogo Edward Palmer Thompson (1998) e suas elucubrações a respeito do tempo, onde, o autor, reconhece a existência da heterogeneidade na medição do tempo em diferentes povos e momentos históricos durante os processos de industrialização.

Quanto aos(as) cidadãos(ãs) locais, 4 são adultos(as) que nasceram na cidade que circunda o Campo e/ou são da etnia Turkana e passaram a viver ali e são elas as Sras. JN, AE, FE e o Sr. SN. Já as outras 27 são jovens mulheres estudantes entre 15 e 20 anos de idade, com as quais tive algumas oportunidades de conversar.

³⁰ Um dos textos foi escrito em francês, os demais em inglês. Com os jovens não tive dificuldades na comunicação, já com as crianças, em outras atividades, em alguns momentos parecia uma “torre de babel”. As turmas escolares chegam a receber crianças com 10 anos de diferença, sendo que há turmas que são compostas por 4 diferentes anos letivos e os professores visivelmente sentem dificuldades em se comunicar com os mais novos (que geralmente só entendem e falam a língua de seus respectivos países) e precisam da ajuda de outros alunos mais velhos para auxiliar na comunicação. Porém, reconhece-se que o uso “hegemônico” da língua inglesa possui uma série de contestações (ORTIZ, 2008; 2012).

³¹ A primeira vez que ouvi a expressão “*african time*” (tempo africano) foi em 2012, enquanto conversava com um sábio Sr. queniano. Venho de uma cidade onde culturalmente há disciplina quanto aos horários e o comprometimento com os compromissos e estar inserida em um local onde o tempo parece fluir de maneira tão distinta, foi extremamente incomodo em um primeiro momento e, posteriormente, um exercício para a tolerância e o aprendizado de novas formas de relações que não se prendem ao tempo e ao espaço como os conheço, onde pessoas que estão passando simplesmente param para conversar por horas, ou mesmo ajudam no trabalho que outro esteja realizando durante todo um dia.

Imagem 4 – 27 estudantes da etnia *Turkana*



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, *Kakuma*, 2015.

1.5.4 Período

Como apontado anteriormente, o Projeto Baú de Sonhos foi organizado lentamente e isso ocorreu entre os meses de maio e dezembro de 2014, em paralelo a ele os primeiros apontamentos dessa pesquisa iam sendo organizados. Já a definição quanto à finalidade, esta foi definida entre os meses de janeiro e fevereiro de 2015. A pesquisa de c/Campo que culminou no objetivo desse estudo se deu entre 01.03.2015 e 05.05.2015³², neste período também foi realizada a leitura de considerável parte do material bibliográfico e hemerográfico utilizado. Durante a pesquisa de c/Campo a pesquisadora se manteve vivendo no local da pesquisa, na cidade de *Kakuma*. Cabe informar também que, devido ao fato de se optar por trabalhar com os materiais coletados durante a primeira viagem ao Quênia, que resultou em uma série de dados que foram utilizados ao longo dessa pesquisa em questão, informa-se que a coleta dessas informações ocorreu entre os meses de agosto e outubro de 2012. Constata-se que em ambas as experiências,

³² Entre os dias 01 e 04.03 foi realizado na cidade de Nairóbi, chegando-se no dia 05 a cidade de *Kakuma* e ao Campo de Refugiados.

[...] as histórias, em sua grande maioria de sofrimento e luta, possuem ruídos e lacunas, mas [...] esta é uma parte da verdade. [...] estas palavras representam um pouco do que pude sentir em cada uma dessas histórias de sobrevivência (SILVA, 2015a, p. 10).

1.6 O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE O CAMPO DE REFUGIADOS DE *KAKUMA*

O universo que envolve os campos de refugiados é demasiado extenso e rico em possibilidades de exploração e correlação. Porém, para que esta pesquisa possa compreender de forma coerente ao que se propõe, tendo não somente um começo, mas podendo trazer respostas finais (e não um fim, como já fora explanado anteriormente), realizou-se a revisão sistemática da literatura acadêmica existente sobre o tema. A revisão sistemática da literatura permitiu mapear as produções científicas que exploram especificamente informações sobre o Campo de Refugiados de *Kakuma*. Segundo Santos (2014), este tipo de investigação proporciona um resumo das evidências relacionadas a aplicação de critérios científicos de busca já estabelecidos, assim como, de avaliação crítica e de síntese da informação selecionada.

Com o crescimento dos processos migratórios de pessoas em busca de refúgio nas últimas décadas tem gerado cada vez mais inquietação entre os(as) pesquisadores(as) que se propõem a compreender questões que digam respeito a esta problemática. Esta situação gera questões como: “Quais são os temas mais focalizados? Como estes têm sido abordados? Quais as abordagens metodológicas empregadas? Quais contribuições e pertinência destas publicações para a área?” (ROMANOWSKI e ENS, 2006). Unindo-se estes questionamentos a sociologia figuracional de Norbert Elias (2008), pode-se compreender que o mapeamento de estudos já realizados sobre o Campo de Refugiados de *Kakuma*, permite a observação de lacunas que estejam presentes e que, geralmente são encontradas em trabalhos que possuam apenas uma visão bidimensional ou dicotomizada dos fenômenos e que dificilmente seriam observadas sem esse tipo de interconexão.

Romanowski e Ens (2006, p. 39) informam que estudos efetivados “a partir de uma sistematização de dados, denominada “estado da arte”, recebem esta denominação quando abrangem toda uma

área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções.” Isto significa todo tipo de produção publicada sobre o tema, não apenas a leitura de resumos de teses e dissertações, por exemplo. Para as autoras, este tipo de pesquisa se torna interessante, pois, ele aborda a abrangência nos apontamentos que são feitos pelos autores, assim, como, nos pontos que são abordados e permite observar aqueles que são ignorados. Permitindo o levantamento do que já fora realizado sobre um certo assunto.

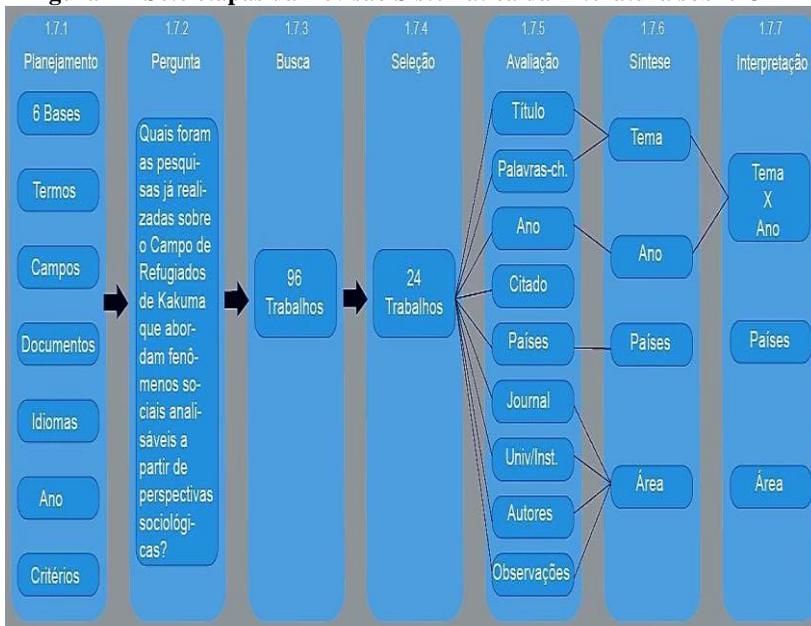
Estados da arte podem gerar uma importante contribuição na formação do campo teórico de uma área de conhecimento utilizando a identificação de recursos significativos tanto teóricos quanto práticos, possibilitando visualizar limitações, lacunas e também, contribuições que permitam a constituição de propostas na área focalizada. Não apenas isso, ainda possibilita examinar ênfases, referenciais teóricos utilizados, as relações dos(as) pesquisadores(as) com o estudo, inovações propostas. Ou seja: “esses trabalhos não se restringem a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas.” (ROMANOWSKI e ENS, 2006, p. 39).

1.7 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

A proposta da revisão sistemática é de responder a uma pergunta que fora especificamente formulada através da utilização de métodos sistemáticos e explícitos. Almeja identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes; coletando e analisando dados de estudos incluídos na revisão (SANTOS, 2014). Apesar desta escolha metodológica para seleção e análise dos trabalhos encontrados, compreende-se que o processo de revisão sistemática, com suas etapas, é um caminho que auxilia na produção de conhecimento científico e não uma regra fechada. Este exercício metodológico serve como um forte aliado para alguém que está iniciando seu trajeto no mundo das pesquisas acadêmicas e que ainda não possua prática para a mesma (SILVA, 2014; SANTOS, 2014; CLARKE, 2001).

Como referencial para a revisão sistemática desta dissertação, seguiu-se as sete etapas sugeridas por Silva (2014). O autor recomenda que a revisão sistemática parta de um **planejamento**, que leva a uma **pergunta** a partir do qual se realizará a **busca**, a **seleção** de dados, a **avaliação** crítica, a **síntese** e por fim a **interpretação** dos resultados. Abaixo é apresentada a figura 1 que representa resumidamente essas sete etapas seguidas. Cada uma delas será explicada logo após.

Figura 1 – Sete etapas da Revisão Sistemática da Literatura sobre CRK



Fonte: Pesquisadora. Quênia, 2015.

1.7.1 Planejamento

Atendendo a primeira etapa proposta, procedeu-se ao planejamento da revisão sistemática. Nesta etapa, escolheram-se as **bases de dados** utilizadas na pesquisa, assim como a definição dos termos, campos de busca, tipos de documentos, idiomas, ano de publicação, bem como os critérios de inclusão e exclusão de pesquisas encontradas.

No que diz respeito a escolha das bases de dados, foram selecionadas seis bases, sendo elas: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS (ANPOCS, 2015); *Elton B. Stephens Company* - EBSCO (EBSCO, 2015); *Scientific Eletic Library Online* - Scielo (SCIELO, 2015); *ScienceDirect* (ELSEVIER, 2015); Scopus (ELSEVIER, 2015a); *Web of Science* - WoS (THOMSON REUTERS, 2015). Estas bases de dados foram escolhidas devido à relevância que possuem quanto a sua abrangência no que diz respeito ao mapeamento de periódicos de interesse à temática proposta e por serem recomendadas pela CAPES.

No que diz respeito a escolha dos termos de busca, contou-se que para se encontrar um número satisfatório de títulos, seria necessário trabalhar com um número baixo de termos, haja vista que variações da palavra *kakuma* não existem e que somada a outras palavras, traziam pouco ou nenhum resultado.

Com o objetivo de levantar o maior número possível de trabalhos sobre o Campo que pudessem ser contemplados dentro de uma perspectiva sociológica, mesmo que esta palavra (sociologia) não estivesse em evidência nos trabalhos encontrados, o termo de busca selecionado para a continuidade da Revisão Sistemática foi apenas “*kakuma*”. Ressalta-se que a pesquisa se baseia na premissa de que a sociologia estuda o mundo social (BOURDIEU, 2002) e perpassa por várias disciplinas (ELIAS, 2008; MORIN, 1990; 2006; OKA, 2014; 2014a). A Tabela 3 apresenta todos os diferentes termos utilizados para a realização das buscas que correspondem tanto a etapa 1 (Planejamento), quanto parte da etapa 3: Busca.

Tabela 3 - Número de trabalhos encontrados em diferentes bases de dados

Banco de Dados \ Palavras-chave	<i>Kakuma + refugee women</i>	<i>kakuma</i>
ANPOCS	0	0
EBSCO	0	0
Scielo	0	1
ScienceDirect	2	7
Scopus	10	53
WOS	06	35
TOTAL	18	96

Fonte: Pesquisadora. Quênia, 2015.

Como o termo de busca definido para a pesquisa se tratava de uma única palavra (*kakuma*), este foi mantido aberto para todos os anos e possibilidades que se apresentassem a ela. Para esta pesquisa, não foram usados caracteres especiais que permitissem a variação do tema (como por exemplo or, and e *), haja vista que o termo de busca não possui variação.

Considerando as especificidades de cada uma das bases de dados escolhidas, o campo de busca selecionado para verificação da ocorrência dos termos foi estabelecido da seguinte maneira (Quadro 1):

Quadro 1 - Campo de busca selecionado em cada banco de dados

Banco de dados	Campo de busca selecionado
ANPOCS	Palavra-chave
EBSCO	All
Scielo	All indexes
ScienceDirect	TITLE-ABSTR-KEY
Scopus	TITLE-ABSTR-KEY
WOS	Topic ³³

Fonte: Adaptado de Santos (2014).

No que concerne aos campos: tipos de documentos, idioma e ano de publicação, as opções foram mantidas abertas em vista de recuperar todas as pesquisas possíveis publicadas sobre o tema escolhido (*kakuma*). Ao deixar o campo documentos em aberto, é possível recuperar todo tipo de documento publicado na base de dados. Já, os idiomas, é possível informar que todas as publicações encontradas foram escritas em inglês e que os anos de publicação ocorreram no período entre 1996 e 2014.

1.7.2 Pergunta

Em resposta a segunda etapa proposta por Silva (2014), formulou-se a **pergunta** de investigação que norteou o processo de Revisão Sistemática: **Quais foram as pesquisas já realizadas sobre o Campo de Refugiados de *Kakuma* que abordam fenômenos sociais analisáveis a partir de uma perspectiva sociológica?**

1.7.3 Busca nas bases de dados

Dando continuidade a terceira etapa, procedeu-se com a pesquisa nas bases de dados conforme o planejamento preestabelecido, tendo-se realizada entre os dias 05.01.2015 e 12.01.2015. Realizada a aplicação das estratégias de **busca** dos dados, foram encontradas 96 pesquisas (já apresentados na Tabela 2). Destas 96, 61 foram excluídas por serem repetidas entre as bases de dados. Após a leitura do título e do resumo, três³⁴ pesquisas foram excluídas por se entender que não respondiam a

³³ O campo *Topic* abrange a busca em Títulos, Resumos e Palavras-chave.

³⁴ As três pesquisas excluídas nessa etapa foram descartadas por se considerar que tratam de temáticas muito específicas como questões parasitológicas e veterinárias e que, mesmo que se procure compreender as complexidades que

pergunta de pesquisa. Em seguida, foram excluídas outras oito pesquisas por apresentarem apenas os resumos e com isso, não estarem completas. Torna-se importante informar que foram realizadas outras tentativas no intuito de encontrar as pesquisas que não estavam completas³⁵. Restando 24 trabalhos, conforme é apresentado na tabela 4.

Tabela 4 - Processo de seleção dos trabalhos

Banco de dados	Nº de trabalhos	Excluídos por repetição	Excluídos após leitura resumo	Excluído por não estarem completos	Sobram para análise
ANPOCS	0	0	0	0	0
EBSCO	0	0	0	0	0
Scielo	1	1	0	0	0
Science Direct	7	5	0	1	1
Scopus	53	32	0	5	16
WOS	35	23	3	2	7
TOTAL	96	61	3	8	24

Fonte: Adaptado de Santos (2014) e Silva (2014).

1.7.4 Seleção de Dados

Dando continuidade a quarta etapa, leu-se as 24 pesquisas, selecionando todas, pois, respondem a pergunta desta pesquisa. Segue, abaixo, a apresentação dos títulos selecionados, elencados por ano de publicação - no Quadro 2.

compõem as relações no Campo, elas estão além dos limites dessa pesquisadora. Segue os títulos e respectivos autores: 1. *Canine echinococcosis in Turkana (north-western Kenya): "A coproantigen survey in the previous hydatid-control area and an analysis of risk factors"* (Buishi, I.^a, Njoroge, E.^{bc}, Zeyhle, E.^b, Rogan, M.T.^a, Craig, P.S.^a, 2006); 2. *"Tuberculosis and oral Candida species surveillance in HIV infected individuals in Northern Kenya, and the implications on tuberculin skin test screening for DOPT-P"* (Ochieng, W.^a, Wanzala, P.^{bh}, Bii, C.^c, Oishi, J.^d, Ichimura, H.^e, Lihana, R.^f, Mpoke, S.^f, Mwaniki, D.^g, Okoth, F.A.^a, 2005); 3. *"Use of PAIR in human cystic echinococcosis"* (Filice, C., Brunetti, E., 1997).

³⁵ As buscas foram realizadas no Google, através do uso dos títulos e nome dos autores.

Quadro 2 - Títulos das 24 pesquisas selecionadas

Nº	Título
1	<i>Leisure as burden: Sudanese refugee women</i>
2	<i>Human rights and refugees: The case of Kenya</i>
3	<i>A state of insecurity: The political economy of violence in Kenya's refugee camps</i>
4	<i>Refugee camps or cities? The socio-economic dynamics of the Dadaab and Kakuma camps in Northern Kenya</i>
5	<i>A healthier Kakuma</i>
6	<i>"It is better to be a refugee than a Turkana in Kakuma": Revisiting the relationship between hosts and refugees in Kenya</i>
7	<i>Between vulnerability and assertiveness: Negotiating resettlement in Kakuma refugee camp, Kenya</i>
8	<i>Who wants to return home? A survey of Sudanese refugees in Kakuma, Kenya</i>
9	<i>A study of the emotional and psychological well-being of refugees in Kakuma refugee camp, Kenya</i>
10	<i>Beyond basic education: Exploring opportunities for higher learning in Kenyan refugee camps</i>
11	<i>"Education is my mother and father": The "invisible" women of Sudan</i>
12	<i>Exploring the Impact of Displacement and Encampment on Domestic Violence in Kakuma Refugee Camp</i>
13	<i>Feeling the pinch: Kenya, Al-shabaab, and east Africa's refugee crisis</i>
14	<i>Humanitarian Space as Arena: A Perspective on the Everyday Politics of Aid</i>
15	<i>Responses to intimate partner violence in Kakuma refugee camp: Refugee interactions with agency systems</i>
16	<i>Constructing 'modern gendered civilised' women and men: Gender-mainstreaming in refugee camps</i>
17	<i>Non-governmental organisations and the management of HIV and AIDS in refugee camps: A comparison of Marratane Camp in Mozambique and Kakuma Camp in Kenya</i>
18	<i>Unlikely cities in the desert: The informal economy as causal agent for permanent "urban" sustainability in Kakuma Refugee Camp, Kenya</i>
19	<i>Social Technology and Refugee Encampment in Kenya</i>
20	<i>Coping strategies of sudanese refugee women in Kakuma refugee camp, Kenya</i>
21	<i>Coping with the Refugee Wait: The Role of Consumption, Normalcy, and Dignity in Refugee Lives at Kakuma Refugee Camp, Kenya</i>
22	<i>Constrained Agency on Contraceptive Use among Somali refugee</i>

	<i>women in the Kakuma refugee camp in Kenya</i>
23	<i>Media perceptions: Mainstream and grassroots media coverage of refugees in Kenya and the effects of global refugee policy</i>
24	<i>The dangers of cooking in Kakuma: How access to cooking fuel compromises the safety, dignity, and well-being of women living in refugee camps, a quantitative analysis</i>

Fonte: Pesquisadora, 2015.

1.7.5 Avaliação

Nesta quinta etapa se deu a leitura de todas as 24 pesquisas. Nesta etapa também se avaliou: os **títulos**, **palavras-chave**, **ano** de publicação, número de vezes em que cada publicação fora **citada**³⁶ por seus pares, **países** responsáveis pela pesquisa, **Journal**, **Universidade/Instituição**, **autores**, como também, outras **observações** que pudessem ser individualmente relevantes. A Tabela contendo todas estas informações encontra-se como APÊNDICE A.

Nesta etapa da Revisão Sistemática se constatou que todos os 24 trabalhos selecionados abordaram fenômenos sociais que compreendem o interesse dessa pesquisadora. Diante dessa resposta, procurou-se aprofundar essa constatação através da sintetização dos dados encontrados.

1.7.6 Síntese

A partir da etapa de avaliação, optou-se pela sintetização em quatro aspectos: **tema** (como resultado da avaliação dos títulos e/ou palavras-chave), **ano**, **países** e **área** (como resultado da avaliação dos *Journals*, *Universidades/Instituições* e *Observações*).

1.7.7 Interpretação

Tendo respondido a pergunta de pesquisa elaborada para a Revisão Sistemática já na etapa de avaliação, a sintetização dos dados culminou em quatro aspectos que foram previamente interpretados nessa ordem: países, área, ano e tema.

³⁶ O número de vezes em que um artigo foi citado por seus pares não pareceu relevante neste primeiro momento da pesquisa e não foi agrupado ou selecionado para fazer parte da síntese e interpretação.

Quanto aos **países**, foi encontrado um total de dez países envolvidos em pesquisas sobre o CRK. Destes, o país que mais apresenta publicações é o EUA, tendo nove trabalhos publicados nas bases de dados. Publicações oriundas do Reino Unido (também Inglaterra e Escócia) somam nove trabalhos. Já o Quênia, país que hospeda esses Campos, é responsável por três publicações. Canadá e Holanda duas e África do Sul, Escócia, Malawi e Suíça por uma publicação.

Pode-se evidenciar que os(as) pesquisadores(as) estadunidenses possuem interesse no Campo de Refugiados de *Kakuma*, devido ao fato de que o país é responsável pelo significativo número de “reassentamentos” de refugiados desde os primeiros anos de criação do Campo (EL JACK, 2010). Já o Reino Unido, mais especificamente a Inglaterra, é a colonizadora do Quênia e Sul do Sudão e mesmo após a independência ainda é altamente conectada aos países e isso é explicitamente observado nos aspectos culturais da população (SILVA, 2015a).

O Quênia apresenta publicações decorrentes de trabalhos que observam dados mais “concretos” no sentido de saúde e níveis de resultados das ações efetuadas com os refugiados. Suas pesquisas demonstram estar diretamente relacionadas com o interesse prático em compreender e gerar soluções aos problemas sociais no Campo.

No que diz respeito às **áreas** de estudo observadas, as que apresentam destaque são: Saúde (5 pesquisas), Desenvolvimento Internacional (4), Psicologia (4), ONG (4), Antropologia (3), Educação (3), Desenvolvimento (2), Gênero (2) e as demais que aparecem uma vez: Bem estar, Ciências Sociais, Desastres, Desenvolvimento Social da África, Direito, Guerra, Medicina, Mídia, Política, Reassentamento e Refugiados.

Pode-se observar que há uma grande variedade nos tipos de área de interesse (lembrando que na seleção de artigos, apenas artigos muito específicos foram excluídos) e que se agruparmos as três áreas de “Desenvolvimento”, esta é a que mais aparece entre as interessadas em pesquisar sobre o Campo. Não há apenas o interesse em apenas uma área, nem elas se isolam, havendo pesquisadores(as) e diferentes tipos de Universidades/Instituições que realizaram suas pesquisas em parceria, complementando e enriquecendo os pontos de vista destes trabalhos. A complexidade e não redução disciplinar vai de encontro com o que os autores Morin (1990) e Elias (2008) reconhecem como fundamentais ao processo de pesquisa e compreensão dos objetos.

Mesmo que desde a busca inicial (que corresponde as 96 pesquisas) não tenham sido encontradas pesquisas da área de exatas.

A interpretação dos **anos** das publicações é apresentada no Gráfico 1 abaixo e correspondem de 1992 a 2014 (anos que contemplam a formação do Campo e o início da Revisão em janeiro de 2015).

Gráfico 1 – Anos de publicação das 24 pesquisas sobre o CRK



Fonte: Pesquisadora, 2015.

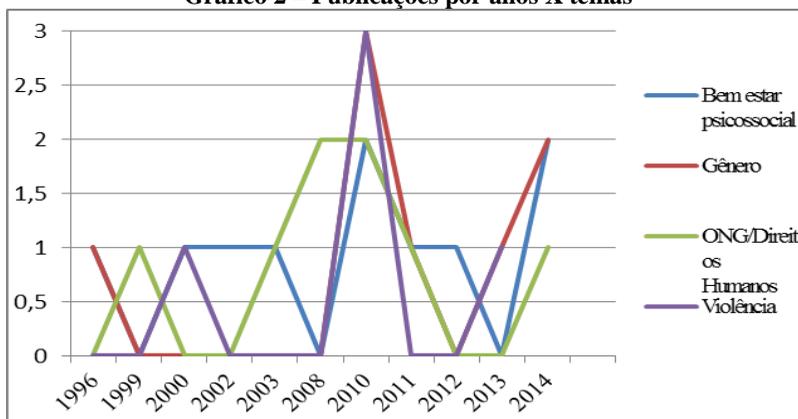
A partir do Gráfico 1, pode-se observar uma variação nos períodos de publicação, sendo que desde 1992 (início do Campo até o início de 2015 - data da realização da busca nas bases de dados), o primeiro artigo encontrado fora de 1996 e o maior número de publicações ocorreu em 2010, ano no qual foram realizadas 7 publicações. Além dessas informações, observou-se também que há uma mudança na tendência das informações trabalhadas pelos(as) pesquisadores(as) ao longo de todo esse período e que será abordada no cruzamento entre os anos de publicação e os temas.

Como informado anteriormente, os **Temas** foram definidos a partir da síntese dos títulos e/ou das palavras-chave contidas nas 24 pesquisas selecionadas. Diante das informações coletadas, a pesquisadora optou por eleger quatro temas-chave de classificação que permitiram cotejar essas pesquisas entre si e assim, coletando informações que se reforçam, como também, afirmações que se contradizem entre esses autores. São eles: **Bem-estar psicossocial** (que corresponde a pesquisas ocupadas em responder questões de saúde – pública -, economia, estilos de vida e consumo), **Gênero** (que corresponde a questões relacionadas especificamente na relação entre

homens e mulheres), **ONG/Direitos Humanos**³⁷ (que corresponde a atuação das agências humanitárias, direitos humanos e reassentamento dos refugiados) e **Violência** (que abrange todos os tipos de violência, seja conjugal, familiar ou outras formas). Nestes critérios, encontrou-se dez pesquisas que abordavam questões de bem-estar psicossocial, oito que correspondem ao tema ONG/Direitos Humanos, oito Gênero e cinco Violência³⁸.

Ao cruzarmos os anos de publicação com os temas, pôde-se destacar alguns pontos que auxiliaram no rumo dessa pesquisa, como é apresentado no Gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2 – Publicações por anos X temas



Fonte: Pesquisadora, 2015.

³⁷ De maneira geral, compreende-se que as agências humanitárias (ONGs) e questões relacionadas aos direitos humanos, perpassam por todas as pesquisas publicadas, haja vista ser impossível separá-los do conceito de refugiado. Mas o tema foi escolhido para representar as pesquisas que se ocupam diretamente dessas questões.

³⁸ As pesquisas definidas como sendo sobre Bem-estar psicossocial estão em: Russell e Stage, 1996; Montclos e Kagwanja, 2000; Macai et al, 2002; Aukot, 2003; Horn, 2010; Wright e Plasterer, 2010; Jaji, 2012; Oka, 2014; 2014a; Kaleda, 2014. Sobre ONG/Direitos Humanos: Verdirame, 1999; Aukot, 2003; Jansen, 2008; Eidelson e Horn, 2008; Wright e Plasterer, 2010; Hilhorst e Jansen, 2010; Gilbert e Cunliffe, 2011; Kiura, 2014. Gênero: Russell e Stage, 1996; El Jack, 2010; Horn, 2010; Gilbert e Cunliffe, 2011; Grabska, 2011; Gladden, 2013; Kiura, 2014; Aberra, Ndiaye e Roess, 2014 e Violência: Crisp, 2000; Burns, 2010; Horn, 2010; 2010a; Aberra, Ndiaye e Roess, 2014.

Temas relacionados ao bem-estar psicossocial perpassam por praticamente todos os anos em que houveram publicações, sendo este é o tema que mais aparece nos trabalhos e destacam pontos importantes sobre o “desenvolvimento” econômico do Campo.

Imagem 5 - Uma das principais ruas comerciais do c\Campo³⁹



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

Já os temas Gênero e Violência aparecem relacionados nos títulos e nos conteúdos, observando que os autores inevitavelmente ao tratarem de gênero, ocuparam-se das mulheres e dos tipos de violência a que a elas é infligido.

No que diz respeito ao Tema ONG/Direitos Humanos, observou-se que a partir das publicações de 2008, há um interesse maior nas consequências que os processos de reassentamento (que envolve repatriamento também) tiveram na dinâmica e no crescimento do Campo de refugiados⁴⁰. Da mesma forma, as demandas a respeito de

³⁹ É quase unânime a afirmação entre todos que compõem as configurações do Campo de Refugiados de Kakuma quanto ao fato de que os somalis e etíopes são ótimos comerciantes. Esta afirmação se apresenta pelo elevado número de pequenos comércios que se estendem nos pontos onde esses grupos habitam no Campo.

⁴⁰ Sugere-se que o CRK seja um dos Campos que mais reassente refugiados em países ditos de “primeiro mundo” e que com isso, o número crescente de refugiados que procuram o Campo está diretamente relacionado

educação, inclusive a superior (que ocorre através do reassentamento em países ditos de “primeiro mundo” e de violência de gênero (que priorizam o processo de reassentamento dessas mulheres) demonstram ter crescido).

A revisão sistemática da leitura proporcionou não somente o encontro desses 24 trabalhos sobre o Campo de Refugiados de *Kakuma* como também, permitiu que a análise desses dados articulasse entre os autores pontos chave para as discussões que se seguem quanto a “desmistificação” dos fenômenos sociais das relações sociais que estão em constante construção no c\Campo, reconhecendo suas relações de poder e status e as tensões que as acompanham.

1.8 JUSTIFICATIVA

Cresce diariamente o número de pessoas no mundo que são deslocadas forçadamente. Segundo o ACNUR (2015a), somente no ano de 2013 o número saltou de 43.7 milhões para 51.2 milhões de pessoas deslocadas após o agravamento dos conflitos na Síria. Além da violência direta que força estas pessoas a abandonarem suas residências, elas enfrentam novas formas de violência nos pontos onde solicitam apoio e refúgio (SILVA, 2015a; CRISP, 2000; KALEDA, 2014; HORN, 2010; 2010a; 2010b).

Quando estas pessoas deslocadas necessitam sair de seus países devido à incapacidade estatal de gerir segurança a seus(suas) cidadãos(ãs) e se refugiam em Campos para refugiados, se deparam com novos problemas. Além da perpetuação da violência, da superlotação, da escassez de alimentos e recursos, muitos se veem vivendo por décadas num ciclo total de dependência das Agências humanitárias. Gerando novas insatisfações e não resolução dos problemas iniciais (VERDIRAME, 1999; MONTCLOS e KAGWANJA, 2000; CRISP, 2000; RUSSEL e STAGE, 1996; JANSEN, 2008; OKA, 2014; 2014a; KALAVANAL, 2014; EIDELSON e HORN, 2008; HORN, 2010; GRABSKA, 2011; WRIGHT e PLASTERER, 2010).

Ao longo das últimas décadas é possível acompanhar histórias como a dos *Lost boys of Sudan*⁴¹ (MYLAN e SHENK, 2003). Histórias

(VERDIRAME, 1999; AUKOT, 2003; JANSEN, 2008; EIDELSON e HORN, 2008; WRIGHT e PLASTERER, 2010; HILHORST e JANSEN, 2010; GILBERT e CUNLIFFE, 2011; KIURA, 2014).

⁴¹ A partir de uma perspectiva estadunidense, o filme *Lost Boys of Sudan* descreve o início e a história do Campo de Refugiados de *Kakuma*.

que de maneira geral, são apresentadas através dos relatos, das expressões e das marcas físicas e emocionais encontradas nestas pessoas. Em inúmeros casos, são famílias inteiras que, de uma hora para outra, precisaram fugir para se salvar. Muitas se dividem entre os que ficam para lutar e os que literalmente correm para tentar sobreviver (UNHCR, 2015; KALAVANAL, 2014; SILVA, 2015a).

Andrade (2001) relembra que a África do período pré-colonial era formada por “cidades independentes e principados, reinos e impérios”. As suas relações eram baseadas na soberania, independência e cooperação. Não havia hegemonia quanto a questões culturais, políticas e haviam, assim como há atualmente, características que são distintas das observadas nos padrões ocidentais e que, segundo ele, poderiam ser resumidas, grosso modo, no conceito de ideal comunitário.

Para o autor (ANDRADE, 2001) o senso comunitário se equilibrava entre direitos e privilégios e os deveres aos quais os indivíduos estavam sujeitos. A família e os demais membros das sociedades das quais faziam parte eram de fundamental importância nesse contexto. O conceito de fronteira possuía uma conotação diferenciada aos padrões ocidentais e apresentava maleabilidade entre os Estados Africanos (ANDRADE, 2001; DJALÓ, 2014). Para Andrade (2001), muitas das características dessas sociedades podiam\podem ser encontradas em outras sociedades, não apenas africanas. Reforça que o que é relevante nessa constatação é que as concepções de sociedade que estes grupos possuem e que foram abruptamente ignorados pelas invasões coloniais, ainda hoje são relevantes nas formas de agir e de decidir desses grupos (ANDRADE, 2001; DJALÓ, 2014).

Através da colonização, a dominação e a influência de países estrangeiros marcaram incomensuravelmente o continente africano. No período colonial, o exercício do que atualmente compreendemos enquanto direitos humanos, foi diminuído ou mesmo extinto por completo. Isso significou negar direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais (ANDRADE, 2001; DJALÓ, 2014). Até o início da Segunda Guerra Mundial, os Estados colonizadores não estiveram preocupados com o desenvolvimento econômico de suas colônias, o que só mudara, pois, “as exigências do estado de beligerância” exigiram uma consideração mais racional de seus recursos (ANDRADE, 2001).

A partir desse momento, a situação econômica do continente teve uma mudança considerável devido à conquista da independência de seus Estados, principalmente entre as décadas de 1960-70. Desde a independência, iniciou-se o desenvolvimento da proteção dos direitos humanos, porém, esta criação se deu nos moldes semelhantes aos

existentes em outros continentes, ignorando-se as diversidades existentes no continente em questão (ANDRADE, 2001; DJALÓ, 2014).

Apesar de Andrade (2001) reconhecer esse descaso dos países colonizadores com suas colônias, não reconhecendo os mesmos direitos que aos(às) cidadãos(ãs) de seus países, além de outras “atrocidades”, ele considera, a partir da observação de outros autores que há pontos positivos em decorrência da colonização e seriam eles: a eliminação de diversos conflitos inter-étnicos (durante o período de colonização); a abolição da “escravidão” (sic) doméstica africana; e a detenção da expansão de alguns impérios africanos sobre outros. Por outro lado, Maia (2008), constata que os conflitos étnicos que afligem diversos países da África ocorrem em virtude da própria história de colonização europeia, discordando assim, dos apontamentos de Andrade (2001). De modo geral, eliminou-se os conflitos internos criando o conflito colonial, aboliram-se a “escravidão” os tornando “escravos” e contiveram a expansão dos impérios africanos com a expansão opressora dos Estados europeus (DJALÓ, 2014; FANON, 2008; ORTIZ, 2012; GOODY, 2008).

A Organização das Nações Unidas - ONU, nasceu em território estadunidense, com o objetivo de “trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundiais” (ONUBR, 2016). Não há explicitamente uma definição do que é “paz” em seus documentos públicos gerais (ONUBR, 2016; 2016a; 2016b). O que existe são explicações pontuais das ações pretendidas pelo órgão para se chegar a ela.

E para tais fins praticar a tolerância e viver em paz uns com os outros, como bons vizinhos, unir nossas forças para manter a paz e a segurança internacionais, garantir, pela aceitação de princípios e a instituição de métodos, que a força armada não será usada a não ser no interesse comum, e empregar um mecanismo internacional para promover o progresso econômico e social de todos os povos (ONUBR, 2016, *on-line*).

Observa-se que conceito de “paz” possui uma carga ideológica grande devido aos longos conflitos do século XX e a ideia de “missão civilizatória” que o precedeu (ELIAS, 1990; 2008). Foi, por volta de 1921, logo após a Primeira Guerra Mundial, que se criou os primeiros instrumentos para proteção dos refugiados (UNHCR, 2015). Tentando reduzir os impactos e gerar soluções, em 14 de dezembro de 1950 a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) criou o Alto Comissariado

das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR. Otimistamente, fora criado como um órgão provisório que seria dissolvido ao completar três anos, apesar disso, no ano de 2010 “celebrou” seu 60º aniversário ciente de que sua missão está longe de ter um fim (UNHCR, 2014).

A sede do ACNUR está situada em Genebra e enquanto uma “organização humanitária, apolítica⁴² e social, o ACNUR tem dois objetivos básicos: proteger homens, mulheres e crianças refugiadas e buscar soluções duradouras para que possam reconstruir suas vidas em um ambiente normal” (ACNUR, 2013). É através desta visão que seu otimismo inicial logo foi revisto. Menos de um ano após sua criação, em 28 de julho de 1951, a Convenção das Nações Unidas adotou o Estatuto dos Refugiados e o estatuto básico que guia o trabalho do ACNUR (ACNUR, 2015; UNHCR, 2014).

A confirmação da relevância do trabalho do ACNUR ocorreu no ano de 1956 através dos conflitos entre as forças soviéticas e a Revolução Húngara, gerando uma série de deslocamentos. Já na década de 1960, com as lutas de libertação africanas, iniciaram-se as primeiras de inúmeras crises de refugiados do continente africano que necessitaram da intervenção do órgão (UNHCR, 2014).

Os problemas com os refugiados africanos somente cresceram até o final do século XX. Mas não apenas neste continente. Também na Ásia, América Latina e Europa, inúmeras crises foram geradas e levaram ao deslocamento de centenas de milhares de pessoas. Desta forma, seu trabalho foi recebendo cada vez mais relevância e urgência (UNHCR, 2014).

O século XXI se iniciou para o ACNUR com a mediação de importantes crises de refugiados em países africanos como a República Democrática do Congo, a Somália e o Sudão do Sul (UNHCR, 2014; 2015). Na Ásia, antigos problemas como o dos refugiados afegãos continuam a ser um dos seus principais alvos de atuação a mais de 30 anos (UNHCR, 2014). Além destas atuações o ACNUR, através de sua experiência em atuar com pessoas deslocadas, é convidado a atuar em diferentes situações de deslocamento por conflito.

A expansão de seu papel em ajudar pessoas apátridas⁴³, permite que milhões de pessoas que estejam com suas vidas em risco recebam apoio. Estas pessoas se veem completamente ignoradas pelos sistemas

⁴² Apontamentos críticos quanto sua postura “apolítica” foi debatida ao longo dessa e de outras pesquisas sobre o Campo.

⁴³ São pessoas que se veem vivendo sem nenhum tipo de cidadania.

governamentais e onde lhes são negados os direitos humanos básicos (UNHCR, 2014).

O reconhecimento pela relevância do seu trabalho e atuação ocorreu em 1954, onde o ACNUR, que era um órgão recém-criado, foi premiado com o Prêmio Nobel da Paz devido ao seu trabalho pioneiro de ajuda aos refugiados da Europa. Em 1981, também foi premiado por seus serviços de assistência aos refugiados em todo o mundo, com ressalva por seu mérito em superar “obstáculos políticos” (UNHCR, 2014).

Estatisticamente, em 2014 existiam mais de 34 milhões de pessoas sob o seu mandato em todo o mundo. Destes, 14,7 milhões eram pessoas deslocadas internamente em seus países, 10,5 milhões eram refugiados fora de seus países de origem, 3,1 milhões de retornados aos países de origem, 3,5 milhões eram pessoas apátridas, mais de 837 mil eram requerentes de asilo e mais de 1,3 milhões eram outras pessoas em situação que requeriam cuidados (UNHCR, 2014).

O Quênia vive uma situação de apreensão quanto a migração de refugiados para o país há algumas décadas. Os fatores que tem gerado estas migrações são vários. O espaço de terra insuficiente para plantio nos países vizinhos é um dos principais fatores. Existe também um receio com o grupo étnico somali que desde 1960 entrou num processo de guerra para tentar incorporar parte da terra queniana no país; além do crescimento no número de refugiados portando armas de fogo e da violência. Em consequência destes fatores, o governo colonial e “pós-colonial” do Quênia limitou o número de refugiados no país, recusando uma série de pedidos de exílio em meados do ano 2000 (MONTCLOS e KAGWANJA, 2000; CRISP, 2000).

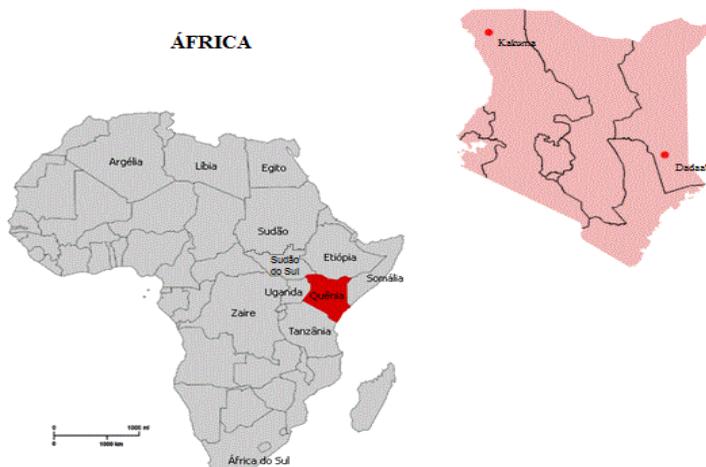
Durante os anos de 1970 e 1980 a questão de refúgio não era um problema para o Quênia. O número de pessoas refugiadas vivendo no país não chegava a 15.000. A maior parte deles eram ugandenses que acabavam sendo absorvidos no sistema social e financeiro (MONTCLOS e KAGWANJA, 2000; CRISP, 2000; BURNS, 2010). Porém, a situação mudou drasticamente nos anos de 1990 quando conflitos armados começaram a ocorrer com violência nos países que fazem fronteira com o Quênia como a Etiópia, Somália e Sudão⁴⁴. Forçaram mais de 400.000 pessoas a atravessarem a fronteira. Aukot (2003) retoma que o processo também incluiu migrantes de outros países como Tanzânia, Zanzibar e República Democrática do Congo.

⁴⁴ Na época se tratava de apenas um país. Não havia a divisão entre Sudão e Sudão do Sul, que só ocorreu em fevereiro de 2011.

O Quênia aceitou a chegada destes novos refugiados por ser um signatário da ONU e da Convenção da Organização da Unidade Africana (OUA) e aderido a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948 (AUKOT, 2003). Recebendo valores em doações de organizações de ajuda e de direitos humanos (CRISP, 2000). Crisp (2000) afirma que para demonstrar sua contrariedade com a chegada destes novos refugiados, em dezembro de 1992 o governo queniano propôs ao ACNUR o retorno destas pessoas aos seus países de origem numa operação assistencial para cruzar a fronteira, gerando um processo voluntário de repatriação⁴⁵. Até o ano de 1996 o número de refugiados no país havia se reduzido para aproximadamente 200.000.

Burns (2010), Montclos e Kagwanja (2000) descrevem que os campos de refugiados ao longo da costa queniana foram fechados. Neste período os refugiados foram transferidos para os Campos de *Dadaab* e *Kakuma*, localizados nas fronteiras do país com o Sudão do Sul e com a Somália (BURNS, 2010). Conforme é apresentado no Mapa 1.

Mapa 1- Localização dos Campos de Refugiados no Quênia



Fonte: Adaptado de Kitamura (2009).

⁴⁵ A repatriação voluntária de refugiados diz respeito a negociação da possibilidade de retorno aos países de origem. Já a integração local refere-se a possibilidade dos(as) refugiados(as) se integrarem completamente ao país que os recebe e o reassentamento é outra alternativa para os(as) refugiados(as) que não podem mais voltar ao seus países de origem e que são encaminhados a um terceiro país (ACNUR, 2015c). Todos estes pontos serão melhor abordados no próximo capítulo.

Tanto *Dadaab* quanto *Kakuma* estão entre os maiores Campos de refugiados do mundo e são dois dos assentamentos humanitários mais duradouros da África Subsaariana (OKA, 2014; GRABSKA, 2011). Segundo Burns (2010), *Dadaab* era o maior Campo de refugiados do mundo⁴⁶ e sua capacidade máxima de lotação já estava perigosamente superada. No CRK, as famílias ficam uma média de 10 anos refugiadas (OKA, 2014; 2014a).

A administração dos Campos e sua responsabilidade ficaram a cargo do ACNUR e organizações internacionais de ajuda humanitária. Esta política é reforçada devido às demandas periódicas de refugiados(as) por “repatriação voluntária”, “integração local” e “reassentamento” (CRISP, 2000; ACNUR, 2015c).

O Campo de Refugiados de *Kakuma* está localizado a 1 km da cidade de *Kakuma* (UNHCR, 2015). A cidade se localiza na periferia do Distrito de Turkana Oeste, a aproximadamente 127 km da fronteira com o Sudão do Sul (CRISP, 2000). Esta é uma região extremamente árida, com temperaturas variando entre 30 e 40 graus Celsius durante a maior parte do ano, o que torna a região imprópria para a agricultura (KIURA, 2014; AUKOT, 2003). Apesar disso, em breves períodos por ano, ocorre a estação das chuvas que, apesar de ser rápida, gera inundações e traz consigo outros tipos de problemas (ACNUR, 2015).

A cidade possui uma população aproximada de 60.000 pessoas que vivem em pequenos grupos ao longo de um trecho da Rodovia Kitale-Lokichoggio-Juba⁴⁷. A região é tradicionalmente uma área habitada pelo grupo étnico denominado Turkana. Segundo Aukot (2003, p. 74) este grupo que é constituído por pastores nômades, que representava 43% da população do Quênia e viviam “em situação de pobreza absoluta e suas necessidades básicas permaneceram não atendidas por décadas”.

⁴⁶ Até 2012, quando a intensa migração de sírios entre outros conflitos transformaram o cenário mundial no que diz respeito a migração e alojamento de refugiados(as) (UNHCR, 2013).

⁴⁷ A rodovia *Kitale-Lokichoggio-Juba* corta a região oeste do Quênia até *Juba*, a capital do Sudão do Sul.

Imagem 6 – Mulheres da etnia *Turkana*



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, Cidade de *Kakuma*, 2015.

A cidade surgiu como um centro de transporte na década de 1960 quando comerciantes somalis se estabeleceram no local para servir motoristas da Rodovia e as comunidades locais. A cidade possui ainda

agência bancária, café internet, restaurantes, escolas, pequenos comércios, igrejas e hotéis (OKA, 2014; 2014a). Desde a abertura do Campo, os moradores locais e comerciantes, realizam serviços para os refugiados e às agências humanitárias (OKA, 2014; 2014a).

Os escritórios das principais agências humanitárias como o ACNUR e a FAO ficam localizados na cidade e não no Campo, apesar de estarem ali para o atendimento dos refugiados (OKA, 2014; 2014a). Os funcionários recebem treinamentos específicos para poderem atuar no Campo, mas, a taxa de rotatividade entre estes profissionais é considerada alta. Girando em torno de um a dois anos.

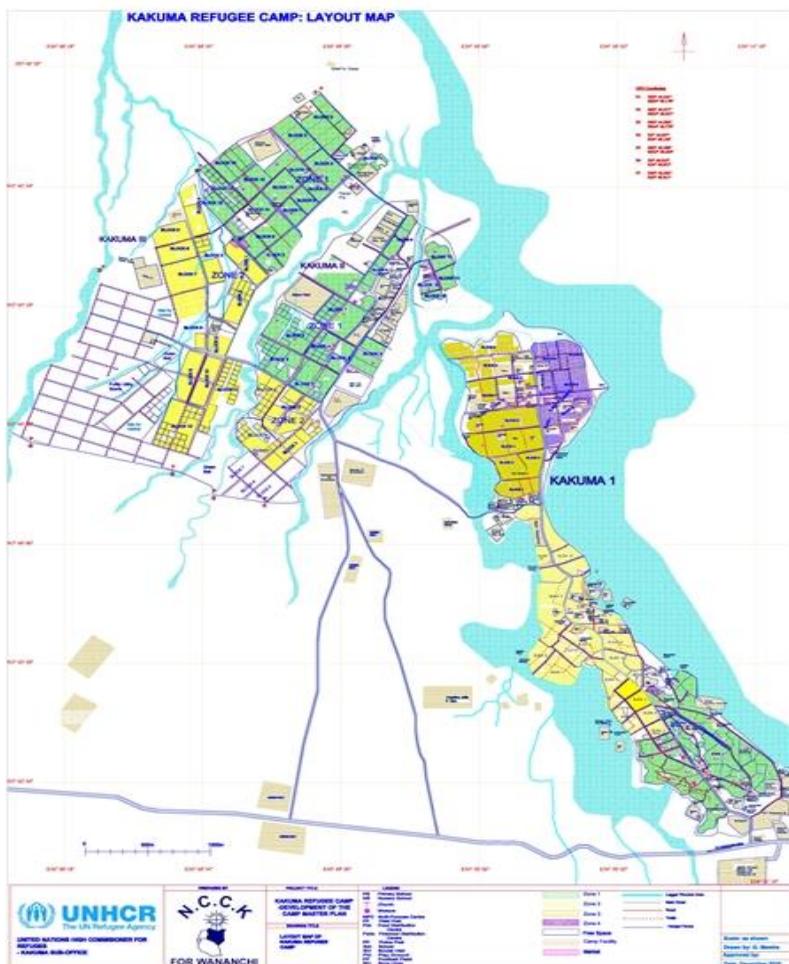
A maioria dos(as) trabalhadores(as) humanitários(as) são de origem queniana e uma pequena parcela de funcionários é oriunda de outros países e continentes e estes, geralmente ocupam cargos gerenciais. Os funcionários que não fazem parte da comunidade local recebem alojamentos que ficam localizados estrategicamente próximos da rodovia. Possuem acesso constante a água, energia elétrica e proteção que são fornecidos pelas agências. A área que abrange os abrigos dispõe também de bares, lojas, centro de lazer, piscina, salas de jogos e ginástica (OKA, 2014).

O Campo de Refugiados de *Kakuma* teve seu início no ano de 1992, com a chegada de crianças sudanesas ao local. Esta chegada ficou conhecida como “*Lost Boys*” (MYLAN e SHENK, 2003; AUKOT, 2003; EIDELSON e HORN, 2008). Estas crianças seguiram por uma jornada de cinco anos desde o começo de uma guerra civil entre o Sudão e a Etiópia. No mesmo ano, devido ao alto nível de insegurança governamental gerada a partir desta guerra e por demais conflitos civis, outros grandes grupos de etíopes e somalis começaram a migrar (UNHCR, 2015). No mesmo ano, o Campo chegou a 22.000 refugiados (MACAI et al, 2002).

O Campo possui aproximadamente 15km². Sua área é dividida em quatro partes: *Kakuma* 1, 2, 3 e 4. A quarta parte do campo foi criada recentemente após a chegada de novos grupos em dezembro de 2013. O ACNUR (UNHCR, 2015) considera o nível de segurança do campo como sendo de nível 3, considerado moderado⁴⁸. Logo abaixo, no Mapa 2, é possível observar o Campo de Refugiados de *Kakuma* com suas respectivas divisões; sendo que a área destinada a *Kakuma* 4 aparece na parte inferior esquerda, com suas divisões em branco.

⁴⁸ Este critério é avaliado entre 1 e 5, sendo o número 1 considerado para locais considerados altamente seguros e 5 para locais onde as agências constatarem existir um alto índice de violência.

Mapa 2 - Kakuma com suas divisões

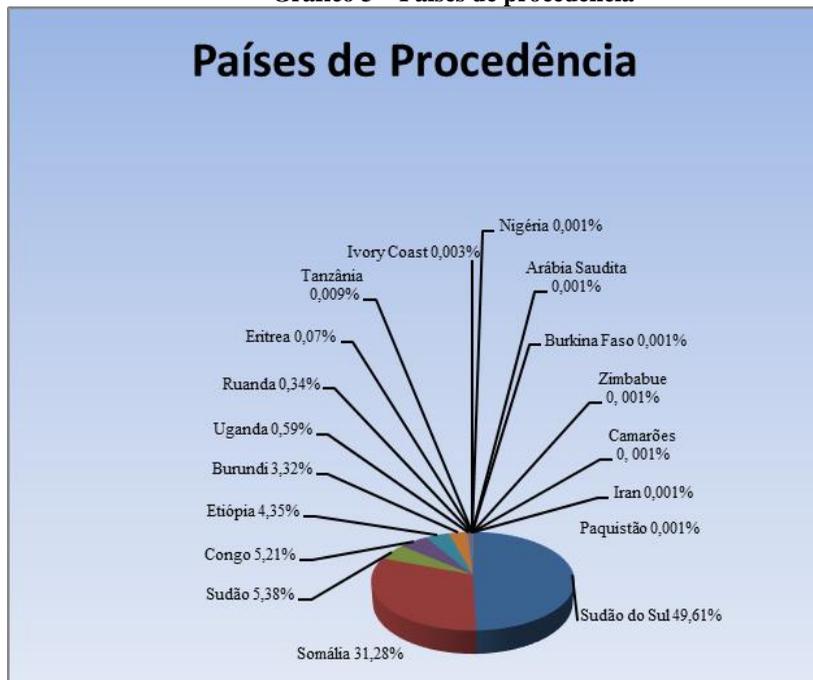


Fonte: UNHCR, 2015.

Ao final do mês de fevereiro de 2015 (UNHCR, 2015) haviam no Campo **180,674** refugiados registrados pelo ACNUR. Destes, **49,61%** são de origem sul sudanesa. **31,28%** são de origem somali. Ao todo, existiam refugiados de 18 diferentes nacionalidades. As demais nacionalidades encontradas são: Sudão (5,38%), Congo (5,21%), Etiópia (4,35%), Burundi (3,32%), Uganda (0,59%), Ruanda (0,34%), Eritreia (0,07%), Tanzânia (0,009%), Ivory Coast (0,003%) e Nigéria, Arábia

Saudita, Burkina Faso, Zimbabue, Camarões, Iran e Paquistão com 0,001% dos(as) refugiados(as) cada⁴⁹.

Gráfico 3 – Países de procedência



Fonte: Adaptado de UNHCR (2015).

Após 22 anos de constantes chegadas de refugiados(as), o Campo de *Kakuma* está com sua capacidade máxima estimada de 125.000 refugiados(as) ultrapassada. Somente desde dezembro de 2013 ao final de fevereiro de 2015, foram recebidas 44.953 pessoas da região fronteira do Quênia com o Sudão do Sul, conhecida como Nadapal⁵⁰ (UNHCR, 2015). Apesar destes dados, a chegada de novos(as) refugiados(as) tem se reduzido significativamente. Tendo-se uma média

⁴⁹ Segundo MACAI et al (2002), no ano de 2002 haviam aproximadamente 86.000 refugiados(as) vivendo no Campo; destes, 80,55% eram provenientes do Sudão e 15,10% da Somália.

⁵⁰ Antes dos(as) refugiados(as) sul sudaneses chegarem a *Kakuma*, eles(as) permanecem pelo período de uma semana recebendo apoio no Centro de transição de Nadapal.

de 100 novos(as) refugiados(as) por semana. Durante o mês de fevereiro, foram recebidos 248 novos(as) refugiados(as). A maior parte dos(as) refugiados(as) sul sudaneses são provenientes das regiões sudeste/nordeste: Jonglei, Unity e Upper Nile States (UNHCR, 2015).

Os(as) refugiados(as) recebem suporte totalmente gratuito do ACNUR e de outras agências de ajuda humanitária. Entre os suportes oferecidos se encontram: alimentação, abrigo, água, suporte sanitário, educação, cuidados de saúde, proteção e programas para vida. No que diz respeito a proteção, estão inclusos: registro, determinação do *status* de refugiado e outras soluções duradouras. Proteção legal e física para garantir os direitos humanos básicos (UNHCR, 2015).

O Campo de Refugiados de *Kakuma* é coberto por um Projeto de Segurança em Parceria entre o ACNUR e o Governo de Segurança do Quênia. A parceria permitiu significativa melhoria na qualidade da segurança dentro do Campo. “O ACNUR providencia suporte logístico e incentiva a polícia sob esta parceria” (UNHCR, 2015). Este trabalho tem incentivado iniciativas comunitárias de policiamento através da colaboração com autoridades de segurança, parceiros, comunidades locais e comunidades de refugiados. Práticas pacíficas de coexistência, iniciativas para a paz e treinamentos em segurança são realizados entre refugiados e comunidades locais. A construção de um novo posto policial está em andamento.

O ACNUR tem como prioridade a proteção de mulheres e crianças (UNHCR, 2015). Em parceria, possui um amplo trabalho quanto ao risco de violência sexual e baseada em gênero. O trabalho é desenvolvido com o intuito de prevenção às vítimas. O trabalho está focado no recrutamento, treinamento e desenvolvimento de novos funcionários para intervirem em *Kakuma* 4. Assistência e provisão em assistência alvo através de dinheiro, abrigo, geração de renda, programas de treinamentos para habilidades e materiais para assistência baseados na necessidade para a maioria dos grupos de maior vulnerabilidade. Realização de treinamento de homens e mulheres, líderes religiosos, comitês e estruturas de lideranças sobre o tema e para denunciarem casos suspeitos e para buscarem o engajamento da comunidade. Realização de programas de rádio, diálogos, outdoors e vídeos para orientação sobre o tema.

Até o final do mês de fevereiro de 2015, haviam 2.753 crianças desacompanhadas e outras 12.070 separadas vivendo no Campo⁵¹. Segundo o ACNUR (UNHCR, 2015, p. 3) a “maioria dos chegados são crianças e a maioria delas está desacompanhada ou separada”. Há estruturas de liderança estabelecidas nos blocos para sensibilizar a comunidade quanto a relevância da proteção infantil.

Os principais problemas de saúde encontrados são: pneumonia, malária e diarreia. Má nutrição, hoje, é apenas encontrada em crianças com idade entre 6 e 59 meses que estão chegando ao Campo, especialmente as sul sudanesas. O Comitê Internacional de Resgate, oferece suporte primário de saúde em nutrição, HIV/AIDS, educação e suporte aos casos de violência física, emocional e sexual. Os serviços são oferecidos a refugiados e comunidade local. O Campo conta com um Hospital e cinco clínicas para atender aos casos. “De um modo geral, mais de 90% dos indicadores básicos de saúde cumprem as normas /padrões do ACNUR.” (UNHCR, 2015, p. 3). Quanto aos cuidados às gestantes, os atendimentos são oferecidos 24 horas por dia para garantir segurança nos partos. Existem também, cursos para gestantes em toda a comunidade, além de uma ambulância disponível 24 horas por dia. Visitas domiciliares são frequentes para gestantes de alto risco, mantendo-se um serviço cirúrgico obstétrico emergencial para cesarianas no Hospital de Missão de *Kakuma*.

A dependência contínua e as limitadas oportunidades de trabalho, aumentam as chances de exploração e abusos contra os mais vulneráveis. Neste sentido existem várias necessidades como educar a população para que conheçam suas necessidades básicas e, com isso, aumente sua resiliência.

O ACNUR (UNHCR, 2015) juntamente com outras agências, desenvolve novas formas de apoio, mas fica evidente que existem grandes desafios a serem superados e lacunas a serem estudadas (VERDIRAME, 1999; HILHORST e JANSEN, 2010; EIDELSON e HORN, 2008; HORN, 2010; GRABSKA, 2011; WRIGHT e PLASTERER, 2010; OKA, 2014; 2014a; MONTCLOS e KAGWANJA, 2000). Investigar sociologicamente um Campo de refugiados como o de *Kakuma*, sendo um dos maiores e mais antigos do mundo, é uma rica oportunidade de observar as realidades que se apresentam diante de um

⁵¹ Crianças desacompanhadas são aquelas que mesmo tendo seus pais, encontram-se no Campo por si só. São consideradas crianças separadas, aquelas que, podendo ter ou não seus genitores, possuem outro cuidador no Campo.

contexto social extremamente complexo (UNHCR, 2013; OKA, 2014; 2014a; GRABSKA, 2011).

Segundo autores como UNHCR (2015); Russel e Stage (1996); Gladden (2013); Gilbert e Cunliffe (2011); Horn (2010b); Crisp (2000); Oka (2014; 2014a); Montclos e Kagwanja (2000); Jaji (2012) e Hilhorst e Jansen (2010), muitos estudos ainda precisam ser realizados no sentido de se investigar as paradoxais realidades que compõem o Campo de Refugiados de *Kakuma*.

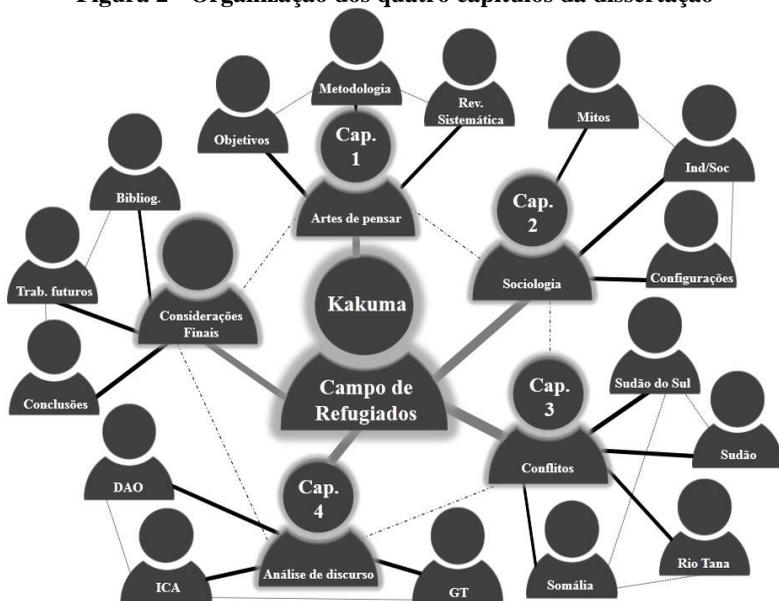
Um fenômeno instigante que de Campo de Refugiados se torna uma grande e pobre cidade (OKA, 2014; 2014a; KALAVANAL, 2014). No qual as relações de poder se mostram maleáveis ao longo de sua história; constituindo uma complexa rede entre todos os atores envolvidos no processo (FOUCAULT, 2007; AGAMBEN, 2004a). Onde é possível se reconhecer que os refugiados também são agentes. Aprendendo e adaptando-se aos direitos e aos discursos, interagindo de maneira a obter benefícios (JANSEN, 2008; KALEDA, 2014; GLADDEN, 2013; OKA, 2014; 2014a; JAJI, 2012).

Procurar interpretar a complexidade do fenômeno *Kakuma* é reconhecer que esse cenário envolve estratégias políticas, econômicas e culturais que podem ser observadas através do pensamento científico sociológico (KALEDA, 2014; JANSEN, 2008; VERDIRAME, 1999; RUSSELL e STAGE, 1996; GLADDEN, 2013; GRABSKA, 2011; WRIGHT e PLASTERER, 2010; GILBERT e CUNLIFFE, 2011; HORN, 2010a; 2010b; CRISP, 2000; JAJI, 2012; OKA, 2014; 2014a; MONTCLOS e KAGWANJA, 2000; HILHORST e JANSEN, 2010; KIURA, 2014).

1.9 ESTRUTURA DO TRABALHO

Tendo em vista responder aos objetivos delineados inicialmente, esta dissertação está organizada em quatro capítulos que foram desenvolvidos conforme é representado na figura 2. Ainda que apresentada de maneira bidimensional e simplificada, ela representa as diversas pessoas que formam as redes de interdependências que constituem o Campo de Refugiados de *Kakuma*. Suas ligações são representadas por quatro diferentes traços devido ao interesse dessa pesquisadora em representar os variados níveis em que todas essas relações sociais estudadas ocorrem.

Figura 2 - Organização dos quatro capítulos da dissertação



Fonte: Pesquisadora, 2015.

O Capítulo 1, representado no alto da figura 2 é seguido pelos objetivos (geral e específicos); apresenta também os procedimentos metodológicos adotados para realização da mesma, dando destaque à Revisão Sistemática da Literatura.

No Capítulo 2 (seguindo sentido horário), é apresentada uma explanação a respeito do pensamento sociológico, abordado fundamentalmente pelos conceitos eliasianos de configurações, indivíduo e sociedade, além dos mitos que percorrem essas relações entre pessoas e sociologia.

No Capítulo 3, foi feito o cotejamento a respeito dos conflitos armados que compreendem as regiões da África Subsaariana em questão e para isso, abordou-se a experiência da pesquisadora no Rio Tana em 2012, as informações sobre Sudão, Sudão do Sul e Somália.

O Capítulo 4, sendo o capítulo principal, abordou-se a análise de discurso de trechos dos textos de jovens refugiados(das) do Campo de *Kakuma* que expressam suas expectativas de serem pacificadores no futuro.

Para finalizar, são apresentadas as considerações finais, as conclusões, as sugestões para trabalhos futuros e referências utilizadas.

2 PENSAR SOCIOLOGICAMENTE: “DESTRUINDO” MITOS

O sociólogo alemão Norbert Elias (2008, p. 55-56)⁵² apresenta-nos o(a) sociólogo(a) enquanto “destruidor de mitos”, pois,

[...] por meio de uma observação dos fatos, esforçam-se por substituir mitos, ideias religiosas, especulações metafísicas e todo o tipo de imagens não fundamentadas dos processos naturais, por teorias testáveis, verificáveis e susceptíveis de correção por meio da observação factual.

Para o autor (ELIAS, 2008), os fatos observáveis possuem um papel importante do ponto de vista científico, haja vista que permite a compreensão de que determinadas “crenças”, não corresponderem a estes fatos. Este capítulo foi apresentado em cinco tópicos. No primeiro, fez-se uma apresentação sobre a “evolução” do pensamento do autor, no segundo tópico, abordei suas concepções de sociedade e indivíduo. No tópico três falei sobre a sociologia configuracional eliasiana. A seguir, no tópico quatro, abordei o poder das relações humanas e, por último, elucidei a respeito dos processos de desumanização. Estes dois últimos tópicos foram enriquecidos com os pensamentos de outros autores. A construção do capítulo dessa forma, foi feita propositalmente com o intuito de primeiro familiarizar quem lê com o autor base, e aos poucos o introduzindo-o(a) nas discussões que se seguiram nos próximos capítulos.

2.1 NORBERT ELIAS: COMPREENDENDO SEUS PENSAMENTOS⁵³

⁵² A obra “Introdução à sociologia” (ELIAS, 2008) foi escolhida como a principal referência sociológica para esta dissertação pois, observa-se que além de sua coerência em auxiliar nas explicações propostas por esta pesquisa – de compreender as relações sociais – ela é um “produto tardio”, resultado de décadas de pesquisa e “evolução” conceitual. A versão utilizada é escrita em português de Portugal e para uma leitura mais agradável das citações diretas, as palavras que diferem das regras de ortografia brasileiras foram alteradas.

⁵³ Justifico a inclusão desse tópico contextualizando seus pensamentos, pois, ao trazer os conceitos eliasianos para a discussão sobre o CRK estou o tornando parte das redes configuracionais do mesmo, ainda que ele seja uma ligação distante dessas redes de interconexões e que o seu discurso seja analisado por mim.

Filósofo por formação, Elias (1897-1990) se direcionou para a sociologia. Atribuiu esta mudança “a circunstâncias de caráter pessoal - o horror da guerra e a repulsa pela forma como a filosofia era praticada, longe das realidades sociais” (CERRI e SILVA, 2013, p. 173). Nascido em uma família judia abastada, Elias lutou na Primeira Guerra Mundial. Porém, com o crescimento dos nacional-socialistas, deixou a Alemanha na década de 1930 onde, posteriormente, sua mãe morreu no campo de Auschwitz. Sugere que o pai, que sempre se considerou um “verdadeiro prussiano”, não aceitando os acontecimentos da ascensão nazista, faleceu (ELIAS, 2001). O reconhecimento pelas contribuições de seus trabalhos não foi imediato (ELIAS, 2008; CERRI e SILVA, 2013). Apesar disso, Elias é considerado um dos intelectuais do século XX de maior influência (CERRI e SILVA, 2013)⁵⁴.

A preocupação de Norbert Elias (1990; 1993; 1994; 2000; 2008) com a necessidade de se reordenar a compreensão da sociedade, superando o pensamento dicotômico e ou atomizado, perpassa ao longo de todo seu trabalho. Em “Introdução à sociologia” (2008), o autor considera que é preciso substituir a concepção tradicional desse modelo pelo entendimento de que as pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos e variados tipos, tais como famílias, escolas, cidades, camadas sociais ou Estados.

O autor nos leva a pensar a sociedade e a relação com os indivíduos sem a existência de uma barreira que os separe, todos somos interdependentes segundo sua concepção. Para que possamos compreender a sociologia, “temos que estar conscientes de nós próprios como seres humanos entre outros seres humanos” (ELIAS, 2008, p. 16).

No conjunto da obra eliasiana, os dois volumes de “O processo civilizador” (ELIAS, 1990; 1993) são peças importantes para o entendimento de seu pensamento. No volume I “Uma história dos Costumes”, Elias (1990) nos apresenta - a partir do desenvolvimento dos modos de conduta - como os homens ocidentais se tornaram educados e gentis segundo seus costumes. No volume II “Formação do Estado e Civilização” (ELIAS, 1993), o autor analisa as diversas condições em que emergiram essas mudanças nas teias de interdependências dessas sociedades europeias.

Instigado pela não existência de um padrão comportamental “natural” ao homem, Elias se debruça sobre as lentas mudanças

⁵⁴ Também os apresentadores de suas obras, fazem-no semelhantes referências: Renato Janine Ribeiro (ELIAS, 1990; 1994), Reinhard Bendix (ELIAS, 2008), Frederico Neiburg (ELIAS e SCOTSON, 2000).

históricas que passam a ocorrer após a idade média no que diz respeito a violência, o comportamento sexual, as funções corporais, a etiqueta à mesa e formas de discurso que, com o crescimento do domínio de sentimentos como “vergonha” e “nojo” (KOURY, 2013). Elias se utilizou de dados históricos analisando manuais de etiqueta e códigos e tratados de conduta e comportamento, para compreender como os conceitos de “cortesia”, “civildade” e “civilização” foram se expandido pela Europa. Observou como o *habitus* social era modelado⁵⁵. (KOURY, 2013). Numa de suas passagens, ele destaca: “quando assoar o nariz, vire-se de modo que nada caia em cima da mesa.” (ELIAS, 1990, p. 147). Koury (2013), destaca que para Elias o cotidiano dos indivíduos se vinculava a padrões de experiência e vivência de sentimentos como vergonha e delicadeza em uma ordem moral que estrutura as emoções individuais conforme a diferenciação das funções sociais coercitivamente.

Elias (2000; 2008) também se dedica a tratar sobre padrões sociais coercitivos em outras obras. Para o autor, “o constrangimento característico que as estruturas sociais exercem sobre aqueles que as formam é particularmente significativo.” (ELIAS, 2008, p. 16) Em *Estabelecidos e outsiders* (2000), ele e John Scotson observam durante uma pesquisa realizada na década de 1950 que, através de “fococas elogiosas” ou “depreciativas”, o comportamento dos(as) cidadãos(ãs) da pequena comunidade de operários ingleses de Winston Parva também ia se moldando.

A análise sociológica de Norbert Elias (1990; 1993), ao descrever sobre os processos civilizadores que ocorreriam nas sociedades europeias, pode ser considerado como uma tremenda dedicação teórica em busca de compreender as sociedades como teias ou redes de interconexões aos quais todos os indivíduos são interdependentes. Estas teias ou redes, definidas por ele como “configurações”, que se encontram em constante mudança, movendo-se tanto de maneira “civilizada”, quanto “incivilizada” e ambos, tendo a possibilidade de estarem ocorrendo simultaneamente em uma mesma sociedade e cultura em um mesmo momento histórico.

Neste sentido, um exemplo dessa situação é apresentado pelo autor no Volume I (1990), ao descrever os diferentes movimentos que

⁵⁵ Apenas para fins de registro, cabe informar que o sociólogo francês Pierre Bourdieu foi outro estudioso que se dedicou a fazer elucubrações a respeito do conceito de *habitus*. Apesar de terem algumas semelhanças, o conceito para Bourdieu possui outras conotações (BOURDIEU, 1989).

ocorriam na Europa do século XVIII, onde os franceses haviam assumido a responsabilidade pela disseminação do seu construto civilizatório para todo o mundo, este era o seu ideal. A aristocracia alemã, já havia sucumbido a este ideal, porém, seus movimentos burgueses eram totalmente contrários a ele e, mesmo que a palavra “zivilisation” tivesse valor para eles, propuseram que a palavra “kultur” os definissem. Assim, “a palavra pela qual os alemães se interpretam, que mais do que qualquer outra lhes expressa o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser é Kultur.” (ELIAS, 1990, p. 24).

Ao longo dos dois volumes Elias (1990; 1993) discorre a respeito da mudança comportamental enquanto uma mudança civilizadora. Onde, o “autocontrole” passa a ser exigido e complexificado por redes de conexões sociais desenvolvidas por uma autopercepção psicológica, mas também, apreendidas por via de um elaborado e mais complexo *habitus*.

2.2 SOCIEDADE DE INDIVÍDUOS

Indo direto ao ponto, Elias e Scotson (2000), compreendem que a polaridade disciplinar estabelecida entre indivíduos e sociedade é fictícia. Para eles, os “pressupostos teóricos que implicam a existência de indivíduos sem a sociedade são tão fictícios quanto outros que implicam a existência de sociedades sem indivíduos” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 182). Para Elias (1994), nem a sociedade nem o indivíduo existem sem o outro. Um não pode existir sem o outro, nem um se pertence, ambos coexistem. Sem indivíduo não tem sociedade, sem sociedade não tem indivíduo.

Elias (2008) considera o conceito de individuo como um dos mais “confusos” da sociologia. Neste sentido, o autor critica o individualismo metodológico assumido por Weber (1999) que foi crucial, para a compreensão de seu conceito de Estado como uma “relação de dominação de homens sobre homens”, na qual os dominados submetem-se à autoridade invocada pelos dominantes (Weber, 1999, p. 526). A crítica de Elias (2008) é construída, neste sentido, no fato de que a “pessoa está em constante movimento; ela não só atravessa um processo, ela é um processo.” (ELIAS, 2008, p. 129). Para o autor, o indivíduo é dependente de outros, mesmo que seja seu desejo ser independente dos outros. Esses ideais de independência são confundidos com os “fatos”, afinal “esta pessoa estática é um mito.” (ELIAS, 2008, p. 131).

Quanto aos questionamentos sobre o conceito de sociedade, Elias se dedica a eles tanto na primeira quanto na segunda parte de “A sociedade dos indivíduos” (ELIAS, 1994, p. 14 e 64). O autor nos provoca a pensar sobre os usos da palavra “sociedade”, perguntando-nos a respeito do que se entende por sociedade quando esta é dita em um diálogo. Seguindo este pensamento ele nos faz refletir que se a sociedade é nada mais nada menos que uma porção de pessoas juntas, uma porção de pessoas juntas na Índia, na China, na América, na Grã-Bretanha são iguais? A sociedade europeia do século XII é igual a sociedade europeia do século XVI ou XX?. Ele nos conduz a concluir que não.

Compreendendo que “a vida dos seres humanos em comunidade certamente não é harmoniosa” (ELIAS, 1994, p. 20), conclui, neste sentido, que certamente não somos bons uns com os outros. A vida em sociedade possui “contradições”, “tensões” e “explosões”. Neste “turbilhão”, mesmo a maioria das pessoas não se conhecendo, existe uma “ordem invisível” que faz com que cada pessoa ocupe um determinado lugar (ELIAS, 1994). Há, portanto, uma ordem invisível que por meio dessas “teias humanas”, onde as pessoas estão ligadas entre si, são oferecidas ao indivíduo possibilidades limitadas de opções para se comportar. Para definir o que é sociedade, ele explica que:

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e a nada mais, que chamamos “sociedade” (ELIAS, 1994, p. 24).

Dessa forma, os indivíduos estão ligados uns aos outros por sua “natureza humana”, onde, as sociedades se estruturam em suas origens, da mesma forma como ocorre com as crianças que nascem nas sociedades. Cada criança desenvolverá a “estrutura da consciência” da sociedade e do século no qual viveu, assim, cada indivíduo adulto é resultado da sociedade em que vive (ELIAS, 1990; 1994; 2008). A natureza humana é paradoxalmente

central e inalterável nas sociedades é ao mesmo tempo mutável por natureza. [...] Os padrões de comportamento de uma criança não só podem mas devem evoluir muito por meio da aprendizagem, se é que a criança pretende sobreviver (ELIAS, 2008, p. 117-118).

O conceito de *habitus* abordado pelo autor significa a configuração social dos indivíduos. É uma espécie de saber social incorporado pelos indivíduos ou, uma “segunda natureza” do indivíduo em sociedade (ELIAS, 1994). A identidade “eu-nós” é parte constituinte do *habitus* social de uma pessoa e, como tal, se encontra aberto à individualização. Essa identidade representa a resposta à pergunta “Quem sou eu?” como ser social e individual.” (ELIAS, 1994, p. 152) A compreensão do “*habitus* social” nos permite “escapar” dos reducionismos do “isto/ou aquilo” que costumavam estar envolvidos nas discussões sociológicas de sua época.

A construção conceitual do conceito de *habitus* dentro dessa compreensão é realizado através da ideia de uma espécie de “balança nós-eu”, utilizada como instrumento para observação sociológica. Essa “balança nós-eu” nos indica sempre um equilíbrio tenso e frágil na relação entre indivíduo (eu) e sociedade (nós). Permite a compreensão da rede humana como um continuum em permanente mudança e conservação, de maneira simultânea e contraditória. Leva-nos a observar a sociedade como um combinado de interdependências entre os indivíduos em desenvolvimentos indeterminados e composto por jogos e alianças entre os seus membros. Elias compreende também, que esses movimentos interacionais em redes humanas de ação nunca satisfazem a um projeto individual ou coletivo determinado, os seus resultados não podem ser premeditados por eles.

O *habitus* para o autor pode mudar com o tempo, assim, as vivências de um indivíduo também ocorrem em momentos de modo lento e em outros de modo acelerado; assim, novos *habitus* vão sendo incluídos, seja somando-se, seja através de pequenas ou abruptas mudanças. Evidentemente, eles sempre vão sendo incorporados perante uma significativa dose de tensão e resistência (ELIAS, 1994; 2008). Para Koury (2013) o *habitus* é um conceito central na obra de Elias que é resultado das configurações e do equilíbrio de tensões entre as pessoas que vivem, ou seja, o resultado do equilíbrio das relações de poder que ocorrem nas relações humanas em sociedade.

Como se em uma “ordem invisível” da vida em comum, os indivíduos se encontram em movimento criando um “tecido de relações móveis” (ELIAS, 1994, p. 23). Neste movimento, afirmam o social (nós) e a individualidade (eu) de cada ser humano em sociedade. Assim, o processo de individualização é dependente da rede de relações sociais que conformam a estrutura da sociedade onde a pessoa está inserida. A individualidade (eu), dessa maneira, é singular a cada sociedade e a autoimagem individual será um reflexo das relações que se produz junto aos outros. Assim, compreende-se também que, a autoimagem expressa a singularidade da conformação histórica do indivíduo, como também, das suas relações (ELIAS, 1994). Para Elias, a sociedade possui divisões entre as funções, pois,

[...] quanto mais essa divisão avança numa sociedade e maior é o intercâmbio entre as pessoas, mais estreitamente elas são ligadas pelo fato de cada uma só pode sustentar sua vida e sua existência social em conjunto com muitas outras” [...] “a história é sempre a história de uma sociedade, mais sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos (ELIAS, 1994, p. 45-46).

A partir do século XVII, o conceito de indivíduo passou a ter a função de expressar que em determinadas situações, todo indivíduo é único, possuindo a sua “peculiaridade”. Criticamente Elias avalia que, por outro lado, o conceito de sociedade até a Segunda Guerra Mundial, era entendido pela tradição sociológica como sendo dicotomizado, onde, “o conceito de sociedade costumava referir-se, implicitamente, às sociedades organizadas como Estados, ou talvez como tribos” (ELIAS, 1994, p. 135). Isso significava que os sociólogos compreendiam que havia incomodas “fronteiras” entre uma sociedade e outra e que também coincidiam com fronteiras estatais. Ortiz (2012, p. 19), compreende que a “crise” do conceito de Estado-Nação ocorre por este ter se tornado “insuficiente para se compreender a abrangência da modernidade-mundo.”

Norbert Elias (1994) explica a construção das noções de indivíduo e sociedade a partir de um processo de desenvolvimento da humanidade, desde a era primitiva, medieval, até o período contemporâneo. Compreende que os conceitos se aprimoraram com o passar dos séculos, juntamente com as mudanças que foram observadas nas relações entre indivíduo e sociedade. Define que cada indivíduo

possui sua identidade – “eu”, e sua identidade – “nós”, em algumas sociedades e dependendo do tempo, uma prevalece mais que a outra.

Nos países considerados “em desenvolvimento”, Elias (1994) observa que as pessoas estão mais ligadas à família, ou a identidade – “nós”, por outro lado, nos países ditos desenvolvidos, possuem sua individualidade mais acentuada, ou seja, são mais conectados a sua identidade – “eu”. O autor não assume o conceito de país “em desenvolvimento” sem abordá-lo criticamente, ele questiona se os países ditos “desenvolvidos” também não estão em constante desenvolvimento. Para o autor, o homem contemporâneo, involuntariamente, sem perceber coloca uma barreira entre ele e o que considera como sendo o homem “primitivo” quando se utiliza de expressões como “homem das cavernas”, vendo-se como alguém melhor devido ao conhecimento por ele obtido.

Elias constata que somente poderemos fazer justiça ao “caráter multiperspectivacional” das interconexões sociais se tivermos uma estrutura relativamente precisa de tais relações, como é fornecida pelo modelo de pronome. Para o pesquisador, “a sociologia deve entender tanto à perspectiva da primeira como da terceira pessoas.” (ELIAS, 2008, p. 139) Essas configurações mudam, podendo hoje distinguir o “nós” do “eles” e em outro momento, tornar, aqueles que eram “eles” em “nós”.

A imagem do homem que precisamos para o estudo da sociologia não pode ser a da pessoa singular, do *Homo Sociologicus*. Tem que ser antes a de pessoas no plural; temos obviamente que começar com a imagem de uma multidão de pessoas, cada uma delas constituindo um processo aberto e interdependente. [...]. É provável que nunca compreendamos os problemas da sociologia se não conseguirmos ver como pessoas entre outras pessoas, envolvidas em jogos com os outros (ELIAS, 2008, p. 132).

Dessa maneira, somente compreenderemos os problemas da sociologia quando passarmos a nos ver enquanto pessoas em constantes relações com outras pessoas. A utilização dos pronomes pessoais [eu, tu, ele, ela, nós, vos] nos permite representar os mais variados tipos de sociedades. Elias (1994) nos explica que o pronome “eu” somente pode existir em relação aos outros, como parte integrante de um grupo. Estas relações, ou seja, o “eu”, sempre dependerá da perspectiva. Do lugar de

quem fala, de como o grupo compreende a linguagem. Eles não são estáticos. A linguagem é fundamental para o entendimento dos fenômenos sociais propostos nesta pesquisa (FANON, 2008).

O pensador francês Michel de Certeau (1925-1986) relata a respeito do poder que as instituições têm de permitir, mas também de proibir a fala (CERTEAU, 1994). Suas reflexões foram dedicadas ao “homem ordinário” ou “herói comum” que para ele são o “murmúrio das sociedades”.

A linguagem, “na linguagem ordinária”, apreendendo-a como conjunto de práticas, ele muda o lugar da análise, definido agora por uma universalidade que é identicamente uma obediência ao uso ordinário. Para Certeau, a linguagem ordinária é o lugar comum para movimentos estratégicos e táticos.

A estratégia é “[...] o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. [...]” (CERTEAU, 1994, p. 46). Está ligada a uma ação e à existência de um lugar próprio. Neste sentido, a tática para o autor é o contrário, é “[...] um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível” (CERTEAU, 1994, p. 46). Elas evidenciam as resistências das pessoas comuns onde conseguem mover as fronteiras de “dominação”.

Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha; a tática é movimento "dentro do campo de visão do inimigo" e no espaço por ele controlado. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as "ocasiões" e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. Este não-lugar lhe permite mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante (CERTEAU, 1994, p. 100).

Assim, a linguagem estrategicamente utilizada é aquela que impõe e produz dominação pela posse do “local” (físico ou da fala) daquele que detém maiores possibilidades no equilíbrio de poder, já as “táticas” são utilizadas por aqueles que estando em situação menos

favorável, usam-na como modo para poder se mover diante das pressões da dominação e do poder.

A socióloga Maristela Fabro (2015) observa que a língua é “símbolo de poder” e se expressar através de mais de uma língua, significa mover-se por entre elas, no qual se assume uma língua que não é a de seu grupo, mas por outro lado, ao falar aquela que o representa, permite a quem fala um certo tipo de “retorno nostálgico ao passado, aos sonhos e aos desejos dos ascendentes, deslumbrar o poder de se enunciar livremente na língua nacional de seus antepassados [...]” (FABRO, 2015, p. 405)⁵⁶.

Já, o sociólogo Renato Ortiz (1947-) preocupado com processos sociais de homogeneização, parte suas críticas a partir da imposição da língua inglesa na “modernidade-mundo” (ORTIZ, 2008). Para o autor, essa “posição hegemônica inquestionável” resulta em inúmeras consequências tanto no âmbito sócio-cultural, quanto nas formas de se fazer ciência, “[...] pois a língua é o instrumento através do qual se elabora o discurso escrito.” (ORTIZ, 2008, p. 9-10).

Para o autor (ORTIZ, 2008), o inglês é identificado com todas as outras características do capitalismo e está em sintonia com o crescimento civilizacional. Mostra-se como uma forma neutra da cultura, porém, é uma forma de “ideologia de segundo grau” que marca a comunicação ao longo do século XX. “O inglês como ‘linguagem autorizada’ oculta a relação de domínio simbólico dos falantes, a ponto de dispensar a compreensão efetiva do idioma [...]” (ARRUDA, 2009, p. 168):

A homologia postulada entre local-global, particular-universal, rebaixa as outras interpretações à posição subalterna de localismo. Convenientemente esquece-se de que o cosmopolitismo não é um atributo necessário da globalidade, e que o particularismo do pensamento enuncia-se tanto em dialeto, quanto em linguagem mundial pois, na condição da modernidade-mundo, é perfeitamente plausível, e corriqueiro, ser globalmente provinciano (ORTIZ, 2008, p. 194).

⁵⁶ A autora se dedicou as trajetórias do ensino da língua italiana aos descendentes no sul do Brasil, a observa vários pontos que circundam essa condição.

Um bom exemplo disso é a “posição hegemônica incontestável” da língua inglesa entre os discursos haja vista que nenhum de nós: sul sudaneses, somalis, congoleses e brasileiros, falamos essa língua. Para o sociólogo Peter Burke (2010, p. 156) foi a partir do “[...] século XVII que os movimentos europeus pela purificação linguística ganharam muita força.”

Assim, ao estudar as sociedades, precisamos olhar para além dos conceitos estáticos e observar as “funções sociais” olhando para aqueles(as) que as formam. Deste ponto, “as instituições nunca desempenham uma função exclusiva para o chamado < sistema >, tal como um estado ou uma tribo; desempenham também uma função para com os seus membros.” (ELIAS, 2008, p. 137). Cada uma dessas funções predominará conforme a maneira como ocorre o equilíbrio na distribuição de poder entre os indivíduos.

2.3 A SOCIOLOGIA CONFIGURACIONAL

A sociologia trata das pessoas; as interdependências que ocorrem entre elas são o seu problema central (ELIAS, 2008, p. 109).

Ao se investigar as sociedades, busca-se compreender como estas se diferem umas das outras e isso significa, também, estudar o que as tornam semelhantes, pois, estas duas preocupações são inseparáveis. Ironicamente, Elias constata que nós somos “o objeto de investigação menos conhecido; somos ignorados no mapa dos conhecimentos humanos [...]” (ELIAS, 2008, p. 33). Dessa forma, o objetivo do conhecimento está em se deparar com relações entre fatos reais onde, as teorias seriam modelos de relações observáveis (ELIAS, 2008).

Na tentativa de sair do pensamento “metafísico” (mágico e fantasioso) para o científico, acabamos caindo na “desumanização” das estruturas sociais. Como primeiro passo para superar esses obstáculos evolutivos da sociologia, precisamos direcionar nossa compreensão para às transformações mutuamente interligadas das relações humanas e não somente em uma esfera. Isso será possível através da “re-humanização mental” de todos os conceitos desumanos utilizados para caracterizar o “desenvolvimento”. Reconhecendo, assim, os seres humanos que compõem esses conceitos e relações (ELIAS, 2008).

O sociólogo precisa compreender que os resultados das interações humanas e dos comportamentos individuais não são controlados por estes. Isso significa percebermos a ausência de significados e de

finalidade, aceitando a mecânica cega dos acontecimentos. É através da investigação sistemática que se poderá “dominar” e “dar sentido” a estes acontecimentos que, ausentes de finalidade e significado, que são as “interconexões funcionais” (ELIAS, 2008).

As teias de interdependência que permeiam as relações sociais, são compreendidas gradualmente por outros domínios que correspondem a vida; como o domínio químico, físico e biológico. Essa afirmação nos auxilia na compreensão da “dinâmica das interconexões sociais” sem cair em explicações fantasiosas e mágicas e tão pouco nas que cabem as ciências exatas. Da mesma forma o autor relata a importância da empiria e da teoria, de cientistas dedicados ao “estudo geral da ciência” e outros ao “estudo específico”.

Assim, as características comuns estruturais de aquisição científica do conhecimento não podem ser descobertas sem que se tome em consideração a totalidade do universo científico, atendendo-se à multiplicidade das ciências. (ELIAS, 2008, p. 64).

O autor visualiza e propõe o trabalho da ciência como algo atravessado por interconexões, compreendendo não como campos fechados como já ocorreu com as divisões disciplinares e que segundo ele, continuará ocorrendo dentro da sociologia (ELIAS, 2008). O questionamento sociológico, seria no sentido de compreender quais seriam ou são essas características biológicas. Um ótimo exemplo apresentado se refere aos padrões comportamentais de uma criança que, segundo ele, não só podem, mas que devem evoluir através da aprendizagem de novos comportamentos para que a criança possa sobreviver, ou seja, ela precisa ser capaz de se ajustar a situações mutáveis.

A aprendizagem de novos padrões comportamentais nessa dependência com os outros, ocorrem pela observação de sinais e pela linguagem, pois, as formas de falar e pensar de uma sociedade somente poderá durar se forem “comunicáveis”. A fala é tida como um ajustamento social necessário para o ser humano. O que define e determina a linguagem do indivíduo é a sociedade no qual ele se desenvolve. Os motivos pelo qual são tão duradouros os modos de falar e de pensar se encontra na “natureza social”, pois, para que possam concretizar o seu objetivo, precisam ter comunicabilidade (ELIAS, 2008). Os padrões de comunicabilidade sofrem mudanças, são mutáveis, assim como toda a teia de interdependência humana nas sociedades que

se utilizam deles como forma para comunicar e coagir. Neste processo, procura-se muito lentamente alargá-los para que não percam sua função de comunicabilidade.

Para Elias, a teoria sociológica carece de expressões linguísticas, pois, utilizamos conceitos estáticos para nos expressamos a respeito de “coisas” que se encontram em movimento; numa “redução processual” (ELIAS, 2008, p. 122). Um exemplo evidente desta atitude está na investigação de manuais sociológicos que apresentam a ideia de “objetos isolados e parados”, quando tratam de pessoas que se moveram constantemente em diálogo com outras pessoas.

O próprio conceito de sociedade tem características de objeto isolado em estado de repouso, assim como o conceito de natureza. O mesmo acontece com o conceito de indivíduo. Em consequência, tendemos sempre a fazer distinções conceptuais sem sentido, tais como <o indivíduo e a sociedade>, o que leva a pensar que <o indivíduo> e a <sociedade> são duas coisas separadas como mesas e cadeiras ou tachos e panelas. Podemos sentir-nos enredados em longas discussões sobre a natureza das relações entre dois objetos aparentemente separados. E, no entanto, a um outro nível de consciência, podemos saber perfeitamente que as sociedades se compõem de indivíduos e que os indivíduos só podem possuir características especificamente humanas tais como capacidades de falar, pensar, e amar *nas* e *pelas* suas relações com as outras pessoas - <em sociedade> (ELIAS, 2008, p. 123).

Os exemplos são apresentados pelo autor com o intuito de nos convencer a olhar de maneira crítica às estruturas do discurso e do pensamento que foram herdados. Mostrando-se úteis na investigação das teias de interdependência humanas e sua mutabilidade nas relações entre o eu e o outro. Para Elias (2008), essa mutabilidade surgiu a partir de uma mudança “evolutiva”. Ela não significa caos, mas designa um tipo de ordem.

Criticamente o autor considera que os problemas de desenvolvimento sociais são de grande relevância para a sociedade e que teorias que julgam essas mudanças como expressões de “desordem”, “roubaram-nos a possibilidade de um contato mais íntimo entre a teoria e a prática. [...] Mesmo o conceito de mudança social é muitas vezes

usado como se se referisse a um estado fixo.” (ELIAS, 2008, p. 125 e 126) O estudo da sociologia precisa ver as “pessoas no plural” onde cada uma é “um processo aberto e interdependente”, caso contrário, é provável que nunca compreenderemos os “problemas da sociologia” se não visualizarmos as pessoas envolvidas com outras pessoas como se interligados em um jogo ou, em uma configuração.

O conceito de configuração coloca o problema das interdependências humanas no centro da teoria sociológica. O que faz com que as pessoas se liguem umas às outras? Este problema é demasiado lato e multifacetado para o podermos abordar totalmente no âmbito desta obra. As dependências recíprocas das pessoas não são obviamente sempre as mesmas em todas as sociedades nos seus vários estádios de desenvolvimento. Podemos, no entanto, tentar centrar-nos numa ou duas formas de dependência e mostrar resumidamente como é que as interdependências mudam, à medida que as sociedades se tornam cada vez mais diferenciadas e estratificadas (ELIAS, 2008, p. 147).

Assim, a sociologia configuracional eliasiana, examina a origem e a constituição de configurações sociais como resultados não premeditados da interação social. Enquanto conceito, a configuração permite “afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o <<indivíduo>> e a <<sociedade>> fossem antagonísticos e diferentes.” (ELIAS, 2008, p. 141). Nela, ou por meio dela, a sociedade e sua cultura são vistas como uma formação oriunda do conjunto dos seres humanos, que dela fazem parte, em uma pluralidade não planejada e, muito menos, pretendida por nenhum indivíduo em particular ou pelo conjunto dos indivíduos a ela ou nela situados.

2.4 O PODER DAS INTERAÇÕES HUMANAS

Devemos temer, não tanto o poder destruidor das bombas nucleares, como o poder dos seres humanos ou mais exatamente das interações humanas (ELIAS, 2008, p. 26).

Usando-se do exemplo da Guerra Fria (1945-1991), Norbert Elias (2008) constata que é através das interações entre seres humanos que

veremos ações como “ameaças”, “coerções” e “coações” e que, no caso dos avanços tecnológicos, ocorre por intermédio das armas. Por mais “desagradável” que seja, precisamos atribuir essas ações aos humanos, às suas “conexões”, em especial aos padrões de conflitos que são fundamentados neles. Para o autor, esta “estrutura das conexões” é a única responsável pelos usos de armamentos tecnológicos e pelas outras características da modernidade.

Enquanto Elias (2008) nos contribui com suas observações a respeito da desmistificação das relações sociais através do progresso científico⁵⁷ dos últimos séculos, Frantz Fanon (2008), por outro lado, remete-nos a lembrar dos diversos mitos que circundam o negro ao longo da história colonizadora. Para o autor, há um lado de “[...] negros alienados (mistificados) e por outro de brancos não menos alienados (mistificadores e mistificados).” (FANON, 2008, p. 43). Existem dois pontos que são fundamentais à abordagem do problema da mistificação do negro, pois, há “o processo dos mistificados e dos mistificadores [...]” (FANON, 2008, p. 44). Para o autor, o mito do negro não pode ser compreendido por apenas uma via, haja vista que por um lado, neste caso, há o mito que é do refugiado, que é perpetuado entre eles(as), que se torna uma “crença” coletiva, por outro, existe o mito sobre o que é o(a) refugiado(a), enquanto um ser apolítico que da mesma forma se dissemina através das agências humanitárias e sociedade em geral como veremos a seguir. Ambas, são representações místicas, ou seja, irreais do mundo e, Fanon diante de suas observações, novamente nos lembra que “por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco.” (FANON, 2008, p. 28).

Quero sinceramente levar meu irmão negro ou branco a sacudir energicamente o lamentável uniforme tecido durante séculos de incompreensão. A arquitetura do presente trabalho situa-se na temporalidade. Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro. E esse futuro não é cósmico, é

⁵⁷ O conceito de progresso em sociologia é polêmico devido ao fato de ter sido usado como um dogma da burguesia europeia nos séculos XVIII e XIX. Apesar disso, Elias (2008, p. 54-55) apresenta-o “como expressão do modo como os próprios cientistas avaliam os resultados da sua investigação”, quanto “a sua contribuição para o progresso do conhecimento científico.”

o do meu século, do meu país, da minha existência. De modo algum pretendo preparar o mundo que me sucederá. Pertencço irredutivelmente a minha época. E é para ela que devo viver. O futuro deve ser uma construção sustentável do homem existente. Esta edificação se liga ao presente, na medida em que coloco-o como algo a ser superado (FANON, 2008, p. 29).

O objetivo primordial de seus estudos não foi o de querer mostrar que o negro é igual ao branco, mas, foi o de libertá-lo “do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial.” (FANON, 2008, p. 44). Fanon (2008) descreve sua angústia enquanto negro, e assim, auxilia-nos a compreender a angústia que tantos refugiados do Campo de *Kakuma* expressaram sobre o seu sentimento de impotência junto as ONGs. Esses sentimentos podem ser sociologicamente traduzidos pelas configurações que são mantidas através do equilíbrio desigual de poder entre os refugiados e as agências humanitárias.

Elias (2008) reconhece que o conceito de poder gera desagrado a muitas pessoas, pois, ao longo da história houve um equilíbrio de poder “extremamente desigual”. As pessoas com grandes acessos a ele muitas vezes agiam de forma “brutal” e “sem escrúpulos”, a fim de alcançar apenas os próprios interesses. Para ele o poder constitui todas as relações humanas, independente do tamanho que possuam e das diferenças de poder existentes entre as pessoas que delas fazem parte. O seu equilíbrio sempre estará presente onde houver uma configuração ou seja: sempre presente nas relações interdependentes.

Para Elias (2008), o poder não é um “amuleto” que somente algumas pessoas têm. Ele é um elemento estrutural em “todas” as relações humanas. O equilíbrio do poder se constitui como um elemento integral em todas as relações humanas. As mudanças não ocorrerão sem que haja algum tipo de resistência por parte daqueles(as) que possuem maior poder. Como metáfora para suas elucidaciones, Elias (2008) utiliza-se da imagem dos jogos coletivos através do “modelo de jogos”.⁵⁸ Para o autor esta forma auxilia didaticamente seus leitores a compreender as maneiras como ocorrem as interações humanas ou interconexões na “balança nós-eu”, assim como, o equilíbrio nas relações de poder. Constata que as teias de interdependências mudam sempre que há

⁵⁸ Para o autor os modelos de jogos são úteis ao treino da “imaginação sociológica” (ELIAS, 2008).

mudanças na distribuição de poder entre os envolvidos. Novamente, o poder precisa ser visto como maleável e não como um “objeto estático”.

Em concomitância com algumas das concepções de Elias, Michel Foucault (2007) compreende que o poder não está em um lugar fixo ou em um indivíduo, ele perpassa por toda a sociedade, sendo o poder formado por uma teia de relações, assim como ocorre com o discurso, nascendo das relações sociais. O conceito de poder é baseado nas relações sociais. Investiga a sua construção enquanto um mecanismo que se desenvolve a partir dessas relações. Reafirma a concepção de poder, também, como sendo “positivo”, capaz de produzir saberes, pois, se fosse exercido somente de maneira negativa “[...] ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos no nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz.” (FOUCAULT, 2007, p. 148).

A coerção e o constrangimento que emerge dessas estruturas sociais são característicos e particularmente significativo (ELIAS, 2008). Esse constrangimento é sentido pelos indivíduos através da vergonha. Elias e Scotson (2000, p. 131) apresentam as observações que realizaram das conexões entre diferentes grupos:

Assim, as calúnias que acionam os sentimentos de vergonha ou culpa do próprio grupo socialmente inferior, diante dos símbolos de inferioridade e sinais do caráter imprestável que lhes é atribuído, bem como a paralisia da capacidade de revide que costuma acompanhá-los, fazem parte do aparato social com que os grupos socialmente dominantes e superiores mantêm sua dominação e superioridade em relação aos socialmente inferiores.

Diante desse processo, a vergonha passa a ser vivida como uma tensão para o indivíduo que, sentindo algo como uma desordem dentro da própria personalidade, conflitualmente, interage com os limites impostos pela rede de interdependências no qual se insere. Assim, pode-se dizer que seus gestos, expressões faciais, postura, vestuário, disciplina para o trabalho, comportamento à mesa, higiene corporal e outros são modelados por essas interações (KOURY, 2013). “A vergonha passou a acompanhar formas de comportamento que antes haviam estado livres desse sentimento.” (ELIAS, 1990, p. 166). Quando internalizada, pelo indivíduo, evidência a eficácia do autocontrole e da

autolimitação, consciente e inconsciente, ambíguo e ambivalente, para o indivíduo.

Elias (1993) argumenta que o processo civilizador ocidental se distingue de outros processos civilizacionais onde houve mudança no padrão de agressividade e, também, a monopolização da violência física e fiscal. Mantendo-se o poder em equilíbrio relativamente estável, onde a conformação e estabilização de um *habitus* pautado na gerência e no refinamento das emoções como estratégia de hierarquização e distinção social, onde houveram a internalização dos sentimentos e, em particular, da vergonha como motriz da ação individual no cultural e no societal.

Ao organizarmos nossas estruturas conceituais, ainda é “muito difícil” nos expressarmos observando que as forças exercidas sobre os indivíduos e as sociedades não são forças exteriores ou “entidades extra-humanas, com as suas leis próprias e, por conseguinte, totalmente independentes da ação ou inação humanas.” (ELIAS, 2008, p. 21). Ele próprio observa que as ciências sociais estão em constante movimento e em “evolução”.

Retomando a citação inicial desse tópico, ao vivenciar as ameaças da Guerra Fria, Elias (2008) nos elucida seu pensamento com o exemplo da “bomba” [atômica] e a hostilidade recíproca, pois, o autor reconhece que as máquinas, as armas e as bombas, não possuem vontade própria, elas são resultado da estrutura das conexões humanas.

Para Edward Palmer Thompson (1985) a perpetuação da crise bélica se faz necessária, legitimando seu lugar e suas prioridades. Alcança o silêncio do dissenso através da disciplina social. Desvia a atenção da irracionalidade do processo. Por fim, líderes se veem tão habituados a governar neste caminho que parecem não perceber outras formas de governo. Para o etnólogo francês Claude Levi-Strauss (1990) é a partir do momento em que o “homem” não conhece mais os limites do seu poder, que ele próprio acaba por se destruir.

Norbert Elias (2008), que vivera diretamente os conflitos da Segunda Guerra Mundial, também afirma que – no caso da Guerra Fria – enquanto se “desloca” os medos para a bomba, deixa-se de lidar com “o perigo real na hostilidade recíproca manifestada por grupos de pessoas nas suas relações umas com as outras. [...] as máquinas não têm vontade própria” (ELIAS, 2008, p. 25). Elias (2008), caminhando no sentido de Thompson (1985), descreve que ao se estudar esses movimentos, é preciso levar em consideração que, o que acontece entre os grupos é a ameaça e a coerção constantes que fortalecem as “interconexões sociais” existentes entre eles(as) e que os sustentam.

As armas nucleares são coisas ameaçadoras (THOMPSON, 1985) e juntamente com seus sistemas sustentadores parecem crescer de forma independente, com uma força própria. Em ambas as potências, EUA (Estados Unidos da América) e antiga URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), havia pressão pela pesquisa e desenvolvimento de novas armas. Havia um ritmo competitivo dos produtores capitalistas de armamentos. Mais do que o interesse pelo lucro, a ideologia e o impulso inercial burocrático geral ajudava ainda mais. Esse processo aparentemente independente envolvia escolhas e decisões políticas para que seu desenvolvimento se tornasse real.

O perigo se encontra na maneira como usamos nossos conhecimentos nas lutas comuns pelas oportunidades de distribuição de toda espécie de poder. A “deslocação” é um problema agudo que aflige as “interconexões sociais”. Lembra-nos que a nossa “fixação mental” nesta deslocação é o que obscurece as causas sociais do “medo” e do “mal-estar”.

[...] é sintoma de uma das características fundamentais da nossa época: esta reside na discrepância entre, por um lado, a nossa capacidade relativamente grande de ultrapassarmos - de um modo adequado e realista - problemas causados por acontecimentos naturais extra-humanos, e, por outro, a nossa limitada capacidade de resolver com a mesma segurança os problemas de coexistência humana (ELIAS, 2008, p. 26).

Parece que o líder de cada grupo passa a possuir um “carisma” pessoal próprios. Onde, diante dos conflitos que observamos, aumentam o medo reciprocamente, aumentando seu próprio poder, onde seu adversário faz o mesmo.

Como não há nenhum arbitro com poder para os fazer sair desse beco sem saída, a não ser que ambos os lados apercebam simultaneamente da dinâmica imanente da configuração que formam em conjunto, as forças compulsivas farão esforços contínuos para aumentar inevitavelmente o seu potencial de poder (ELIAS, 2008, p. 32).

O filósofo italiano Giorgio Agamben (2004a), ao se remeter às análises de Foucault (2007) para a compreensão da crescente constituição dos espaços em conflito e dos deslocamentos forçados pelos mesmos, identifica que, o que acontece no mundo contemporâneo é a predominância do recurso ao “estado de exceção”, onde o “campo” como o mais absoluto espaço “biopolítico” tem diante de si a pura “vida nua” humana sem qualquer tipo de mediação.

A perspectiva da vida nua enunciada por Agamben tem como paradigma os campos de concentração do Holocausto⁵⁹, onde o ser denominado “humano” se encontrava destituído de qualquer das qualidades que poderiam caracterizá-lo como tal. Suas conceituações se mostram relevantes a partir de dados que evidenciam que milhões de pessoas no mundo atual convivem diariamente com a violência generalizada⁶⁰, avolumando-se em espaços altamente fiscalizados nas fronteiras entre Estados (UNHCR, 2015; MONTCLOS e KAGWANJA, 2000; CRISP, 2000; SILVA, 2015a). Devido a esses fatores que se pode afirmar que “o campo [de concentração] é o próprio paradigma do espaço político no ponto em que a política torna-se biopolítica e o “homo sacer” se confunde virtualmente com o cidadão” (AGAMBEN, 2004a, p. 178)⁶¹.

Para o autor, atualmente, vivemos mais do que o questionamento do estado de exceção em si, mas dos próprios conceitos de “estado” e “direito” e as mudanças jurídico-políticas que direcionam o Ocidente a uma guerra civil mundial (AGAMBEN, [2003] 2004). O caos social gerado nestes espaços de estado de exceção exige cada vez mais atenção das instituições internacionais, pois, não se limita apenas aos Estados vivendo os conflitos, mas atualmente, passou a repercutir por todo o

⁵⁹ Apesar de Agamben se dedicar ao estudo histórico, ele, sendo um autor vivo (1945-) elabora suas elucubrações a partir da experiencição dos fenômenos posteriores a Segunda Guerra Mundial e atuais, abrindo espaço para também refletir que “o estado de exceção, hoje, atingiu exatamente seu máximo desdobramento planetário.” ([2003] 2004, p. 131).

⁶⁰ A compreensão dos conceitos de banalidade do mal em Hannah Arendt (1999) e de desumanização através do que o psicólogo social Philip Zimbardo (2012) considera como “o efeito Lúcifer”, são fundamentais para o entendimento do “lado obscuro” do comportamento humano, inclusive em militares.

⁶¹ O conceito romano de *homo sacer* ao qual Agamben (2004a) se remonta, serve para justificar que seu status perante a sociedade é de insacriticabilidade, mas que esta insacriticabilidade se resume meramente a um aspecto “sobrenatural” deste ser, que, apesar disso, é matável sem que disto decorra qualquer punibilidade.

planeta (UNHCR, 2014). Exige que se trate a temática dos refugiados como um assunto permanente. Fazendo com que se reconheça o campo não apenas enquanto espaço histórico, mas como o espaço político no qual nós estamos inseridos hoje (AGAMBEN, 2004; 2004a).

Hilhorst e Jansen (2010) constatam que a linguagem humanitária vem se desenvolvendo desde 1864 e na atualidade sofre diretas mudanças no contexto dos direitos diante da realidade. Isso inclui a educação das pessoas beneficiadas para que se tornem agentes em suas comunidades. Ao mesmo tempo em que estão sendo educados quanto aos seus direitos, se veem presos no Campo e isso os deixa frustrados. Para os autores, a educação sobre os direitos tem criado um sentimento de permanente insatisfação nos refugiados (HILHORST e JANSEN, 2010).

O “espaço humanitário” é um espaço físico ou simbólico onde seus agentes realizam trabalhos conforme os princípios exigidos. Trata-se de “uma arena onde uma multidão de atores, incluindo humanitários e os beneficiários afetados por desastres de auxílio, dão forma às realidades do cotidiano da ação humanitária” (HILHORST e JANSEN, 2010, p. 1). Estes espaços não são apenas espaços físicos, mas também metafóricos.

A linguagem utilizada também possui uma importante função neste contexto. Para Foucault (2007; HILHORST e JANSEN, 2010) esse discurso contido na linguagem é um envolvimento entre o conhecimento e o poder. Possui um efeito sobre como uma sociedade se conduzirá. Neste contexto, agentes que prestam serviço e os(as) beneficiados(as) se reconhecem. Os(as) beneficiados(as) constroem sua postura em busca de alcançar maiores benefícios dos agentes. Devido à postura moral adotada pelos agentes, os(as) beneficiados(as) acabam muitas vezes sendo rotulados apenas como vulneráveis (HILHORST e JANSEN, 2010; GRABSKA, 2011). O discurso participativo tem transformado os refugiados em agentes políticos. A “microfísica” do poder no contexto das arenas humanitárias fica evidente quando se observa as ações do cotidiano e a forma como os direitos, a neutralidade e as possibilidades são negociadas (HILHORST e JANSEN, 2010).

2.5 OS PROCESSOS DE [DES]HUMANIZAÇÃO

Há cerca de dez anos ficamos surpreendidos ao descobrir que os africanos do norte detestavam os homens de cor. Era-nos realmente impossível entrar em contacto com os nativos. Deixamos a

África com destino à França, sem ter compreendido a razão desta animosidade. Entretanto, alguns fatos nos levaram a refletir. O francês não gosta do judeu que não gosta do árabe, que não gosta do preto... Ao árabe se diz: “Se vocês estão pobres é porque o judeu vos enrolou, tomou tudo de vocês”. Ao judeu se diz: “Vocês não estão em pé de igualdade com os árabes porque na verdade vocês são brancos e têm Bergson e Einstein”. Ao preto se diz: “Vocês são os melhores soldados do Império Francês, os árabes se consideram superiores a vocês, mas eles estão enganados”. Aliás, não é verdade, não se diz nada ao preto, não se tem nada a lhe dizer (FANON, 2008, p. 98).

Fanon (2008) nos revela o que Elias e Scotson (2000; ELIAS, 1990; 2008) disseram ao falar sobre “crenças” grupais fantasiosas, a “hostilidade recíproca”, o “medo” e o “mal-estar” abordados nos últimos tópicos discutidos até aqui. Para a compreensão micro e macro sociológica dos fenômenos emocionais apresentados, o conceito de “desumanização” apresentado por Norbert Elias (2008), serve-nos como uma importante base para esse desenvolvimento.

O conceito utilizado pelo autor aparece sob duas vias e será retomado rapidamente. Uma é a via acadêmica, onde, através da tentativa de sair do pensamento “mistificado”, passamos a nos utilizar de conceitos que não expressam adequadamente as forças sociais que as pessoas exercem sobre outras pessoas. São conceitos que apresentam as “coisas” como se “estagnadas” e sem relação com os comportamentos que ocorrem nessas relações. O segundo ponto, é que esse “diagnóstico” que Elias nos apresenta quanto a evolução do pensamento sociológico é um reflexo do próprio processo de desenvolvimento social, onde, ele não está dicotomizado desse processo ou, também não é linear, no que diz respeito as ações humanas em sociedade. Constantemente deparamos com a desumanização de uns sobre os outros nas mais diversas coerções sociais, como nos foi exemplificado por Fanon (2008).

O sentimento de “medo” e “mal-estar” que, guiados pela hostilidade recíproca que leva a desumanização de um grupo sobre outro está refletido em escala mundial, ou seja: macro sociologicamente. O psicólogo social estadunidense Philip Zimbardo (1945-) nos lembra que a cientista política alemã Hannah Arendt (1999) ao publicar “Eichmann em Jerusalém: a banalidade do mal”, apresentou-nos na década de 1960

uma nova forma de pensar a desumanização e que se mantém atual em nossa nova era de “terrorismo global” (ZIMBARDO, 2012). Arendt (1999, p. 299) observa que:

O problema de Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem perversos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições legais e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, pois, implicava que [...] esse era um tipo novo de criminoso [...] que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado.

Zimbardo (2012) nos retira, novamente, da confortadora “crença” de que somente algumas pessoas são passíveis de cometer atrocidades. Como se fosse uma característica de personalidade que somente alguns possuem (DEJOURS, 2001). Ele nos faz perceber, através de décadas de pesquisas, que o “efeito Lúcifer⁶²” e a “desumanização” são características que são desenvolvidas no seio das relações sociais sem que com isso haja qualquer desvio de personalidade.

O genocídio desencadeou-se pelo mundo, e a tortura e o terrorismo continuam a ser características comuns do cenário global. Preferimos nos distanciar dessa verdade fundamental, vendo a loucura dos malfeitores e a violência despropositada dos tiranos como traços constitutivos de seu modo de ser pessoal. A análise de Arendt foi a primeira a negar essa orientação, ao observar a fluidez com a qual as forças sociais podem levar pessoas normais a realizarem atos terríveis. O mal é cometido por pessoas ordinárias e são a norma e não a exceção (ZIMBARDO, 2012, p. 405).

⁶² O “efeito Lúcifer” é uma analogia ao anjo que sucumbiu a tentação de fazer o que era impensável aos outros (ZIMBARDO, 2012).

O autor observa que a desumanização acontece toda vez que um ou alguns seres humanos consideram outros como estando “excluídos da ordem moral de ser uma pessoa humana” (ZIMBARDO, 2012, p. 430), como se estes fossem inferiores. Ela é central tanto no que diz respeito ao preconceito, racismo e discriminação quanto ao perpetrar o mal. Assim, turvando o pensamento, faz com que, quem desumaniza, acredite que seus inimigos tenham uma “identidade estragada” e “mereçam” ser torturados e aniquilados.

Você procura bloquear o fato de que são seres humanos, e os enxerga como inimigos”, disse o sargento Mejia, que se recusou a voltar para ativa no que considerou uma guerra abominável. “Você os chama de ‘hajis’⁶³, sabia? Você faz tudo para lidar melhor com o ato de matá-los e maltrata-los” (ZIMBARDO, 2012, p. 430-431).

Para uma ampla compreensão da dinâmica do comportamento humano, precisamos reconhecer tanto a extensão quanto os limites do poder de cada pessoa, das circunstâncias e do poder sistêmico. (ZIMBARDO, 2012, p. 15). Também o psiquiatra francês Jacques Christophe Dejours (1949-)⁶⁴, acompanhando os estudos de Arendt, acrescenta que “a banalidade do mal” é resultado da normalidade e não da psicopatologia, mesmo que a normalidade seja nociva (DEJOURS, 2001).

Segundo o autor, é uma forma de reunir massivamente “pessoas de bem” em pró de sua colaboração que complexamente engana o “senso moral” sem aboli-lo. Questiona-nos sobre quais são os processos emocionais que permitiriam isso? A resposta está em Arendt (1999, p. 6), pois, são os:

[...] clichês, frases feitas, códigos de expressões padronizadas e convencionais têm como função socialmente reconhecida proteger da realidade, isto é, das solicitações que os fatos e os acontecimentos impõem à atenção por sua própria existência.

⁶³ Expressão utilizada como forma de hostilização daquele que é considerado inimigo.

⁶⁴ O autor tem dedicado sua vida ao estudo da psicopatologia do trabalho.

Assim, complementando esses pensamentos com o pensamento de Agamben (2004a), destituir o outro de sua humanidade através das “crenças” sociais fantasiosas, seria também, reduzi-lo(a) à “vida nua”, onde, tendo sua sacralidade por ser vida, é matável por ser “menos” humana. Também Courtine-Denamy (2004), observa que tanto Hannah Arendt quanto Karl Jaspers - ambos pensadores alemães que sentiram diretamente os efeitos da Segunda Guerra Mundial - compreendiam o agir humano enquanto o dom “miraculoso” que se possui em comum com os outros. Para eles, “recuperar a faculdade de agir, de pensar sobre o que fazemos, significa responder pelo mundo, o qual deve apresentar uma ‘face decente’ não somente para nós mesmos mas para todos os recém-chegados [...]” (COURTINE-DENAMY, 2004, p. 98). Entendiam que jamais se deve renunciar à esperança e a ação quando esta parece ter um sentido. Para Edgar Morin (1990), isso significaria dizer que é possível ver futuridade em suas ações. Futuridade que, para o autor, pode ser observada no “religare” dos seres humanos consigo mesmos.

Os autores utilizados para essa etapa da pesquisa foram fortemente influenciados pelos horrores das Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Suas constatações os levaram a compreender que as habilidades para o mal estão em todos nós. Esse horror repercute nas teorias que são pensadas no século XXI e são a base para nos ajudar a compreender os fenômenos sociais dos conflitos armados, violência e migrações forçadas ao qual nos dedicamos nesta pesquisa.

Outro ponto que estes autores têm em comum é que nenhum deles(as) conseguiu se resignar a apenas apresentar diagnósticos sobre o problema da desumanização nas sociedades. Eles(as), através de seus estudos, cogitaram possibilidades de “ações” que poderiam transformar essas realidades, afinal, [foram e] são seres humanos nas teias de interdependências. Não apenas pensam as sociedades, são elas! Nem mesmo Elias (2008), que ao longo de sua obra critica essa tendência conseguiu se abster de especular que as “hostilidades recíprocas” entre os grupos somente diminuirão se o “pensamento e comportamento se tornarem afectivamente menos pesados, o que, por sua vez, depende da diminuição de perigo” (ELIAS, 2008, p. 182). Da mesma forma, o próprio Max Weber, em uma de suas aulas ao final de sua vida, conseguiu suprimir seus ideais políticos ao chamar de “Hundsfott” (filho de uma cadela) os nacionalistas que não retirassem as injúrias que haviam lançado contra os social-democratas (WEBER [MARIANNE], 2003, p. 788).

Também Zimbardo (2012), fala-nos do status de herói. Ele observa que esse status está relacionado com o ponto de vista do qual se

observa as configurações. Como exemplo o autor nos dá o assassinato de um homem-bomba palestino no ato em que iria matar judeus civis inocentes. Isso significa que na “identidade eu-nós” palestina, ele será visto como um herói e na “identidade eu-nós” judaica, como um monstro.

Para Zimbardo (2012) a ideia de heroísmo é diferente em cada cultura. O heroísmo pouco foi investigado pelas ciências comportamentais, sendo deixado mais às artes, literatura e cinema. Para o autor, existiram e existem diversos tipos de heróis, sejam civis ou militares. Para ele, precisamos desmistificar globalmente o conceito de herói e precisamos encontrar e incentivar o que ele considera como “heróis comuns”, pessoas que, sob determinadas circunstâncias, acentuassem que somos todos heróis em potencial. Seriam um espelho, uma “banalização do heroísmo” através da modelagem dos comportamentos humanos. Assim, enxergando as outras pessoas envolvidas nessas configurações com empatia e conseqüentemente interferindo nas teias de interdependências. Ao contrário da desumanização que separa, o heroísmo seria legitimador do “vínculo humano”.⁶⁵

O heroísmo nos remete ao que é certo na natureza humana. Importamo-nos com histórias heroicas porque nos servem como lembretes poderosos de que as pessoas são capazes de resistir ao mal, de não sucumbir às tentações, de se elevar acima da mediocridade, e de dar importância ao chamado para a ação e de servir quando os outros falham em agir (ZIMBARDO, 2012, p. 637).

Para Dejours (2001), tendo-se a mentira como base para o “exercício do mal”, sem ela, ele não poderia perdurar. Sugere o empreendimento do que chama de “elogio do medo”, como forma de reflexão sobre o medo e o sofrimento, neste caso, no ambiente de

⁶⁵ No Documentário: “Promessas de um novo mundo” (SHAPIRO e GOLDBERG, 2001) conta a história de sete crianças palestinas e israelenses com idades entre 9 e 13 anos que discorrem sobre o existentes através de seus olhares, observando-os não apenas pelo aspecto político, mas emocional destes jovens que, morando a poucas quadras de distância, vivem em mundos completamente diferentes; mas que, ao serem reunidos pela primeira vez em um mesmo local, observam que suas “crenças sociais fantasiosas” não se sustentam por muito tempo. Porém, a coerção social para que o *habitus* de hostilidade recíproca se mantenha, prevalece.

trabalho. Arendt (1999), compreende que para fazer o bem é preciso pensar, mas para fazer o mal é possível justamente pelo contrário (não é sinal de falta de inteligência, mas de não a usar).

Catherine Bush (1987), ao fazer a bibliografia de Gandhi, remete-nos ao que provavelmente foi um dos melhores exemplos contrários aos processos de desumanização, pois,

A política de Gandhi como *satyaghri*, ou seja, alguém que pratica a *Satyaghara*, não era somente evitar a violência, mas também ser amável e pensar bem dos opositores, oficiais e carcereiros. Essa, dizia ele, poderia ser a parte mais difícil da *Satyaghara*. Os *satyagharis* não estavam lutando contra os indivíduos, mas contra os males do sistema (BUSH, 1987, p. 36).

Bush (1987, p. 37) complementa que “Gandhi, tinha especial admiração pela filosofia de humildade e auto-suficiência” do escritor russo Leon Tolstói que pregava que a autonomia do indivíduo somente seria alcançada com o cultivo do servir, da renúncia, da verdade, da não violência, do autodomínio e da paciência (BUSH, 1987). Esse tipo de percepção exige a habilidade de enxergar que os sistemas que são feitos pelas pessoas e suas relações não são elas em si e que podem ser mudadas. Em várias regiões da África se utiliza a palavra *Ubuntu*, originária do tronco linguístico Bantu que já se tornou popular ao redor do mundo, possuindo – inclusive - várias referências a ela em português.

Ubuntu expressa (de maneira resumida e simplificada) que “eu sou porque você é, você é porque nós somos”, ela representa uma consciência de interdependência que as nossas existências possuem (UNESCO, 2014).

3 “DESMISTIFICANDO” OS CONFLITOS INTRA/INTER ESTADOS-NAÇÕES

Este capítulo é apresentado como um capítulo introdutório e explicativo para a compreensão dos fenômenos conflituosos que antecedem as migrações e o desenvolvimento de campos de refugiados, como o que será abordado no próximo capítulo. Seu intuito é tornar o(a) leitor(a) mais familiarizado(a) com esses fenômenos, mostrando-se de fundamental importância para a reflexão de como as teias de interdependências estão em constante movimento nestes grupos e que faz, com que as suas “hostilidades recíprocas” os tornem ainda mais interligados, fortificando e alimentando o “medo” e “mal-estar”. O capítulo apresenta uma explanação histórica e contextual sobre o Sudão, Sudão do Sul e Somália⁶⁶; seguidos por um relato explícito dos conflitos armados no Rio Tana (Quênia) no ano de 2012⁶⁷ e um fechamento destinado a contemplar a compreensão sociológica sobre os conflitos intra-inter Estados-Nações. Retoma, entre outros conceitos, as tensões que envolvem as relações de “poder” a partir da perspectiva de Norbert Elias (2008), abordada ao longo do capítulo 2.

3.1 COLONIZAÇÃO AFRICANA

Apesar de tudo, recuso com todas as minhas forças esta amputação. Sinto-me uma alma tão vasta quanto o mundo, verdadeiramente uma alma profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tendo uma potência de expansão infinita. Eu sou dádiva, mas me recomendam a humildade dos enfermos.... Ontem, abrindo os olhos ao mundo, vi o céu se contorcer de lado a lado. Quis me levantar, mas um silêncio sem vísceras atirou sobre mim suas asas paralisadas. Irresponsável, a

⁶⁶ Apesar de existirem pessoas de 18 nacionalidades vivendo no CRK, a escolha desses países se deu primeiramente pela impossibilidade de abordar a todos neste trabalho, como também, por se tratar dos países que juntos, correspondem a mais de 80% do número de pessoas que lá estão refugiadas (UNHCR, 2014).

⁶⁷ Através de uma revisão sistemática (2014) sobre os conflitos, constatou-se a não existência de dados a respeito dos conflitos no Rio Tana em bases de dados científicas e, em virtude disso, o mesmo foi tratado de forma mais fidedigna possível a partir de uma minuciosa pesquisa em fontes jornalísticas e da experiência empírica dessa pesquisadora no Quênia em 2012 (SILVA, 2015a).

cavalo entre o Nada e o Infinito, comecei a chorar (FANON, 2008, p. 126).

Para a compreensão da história contemporânea africana, faz-se necessário reconhecer as influências do século XVII, no qual ocorreu tanto a revolução industrial na Grã-Bretanha quanto à francesa (GOODY, 2008; NOPES, 2003; DJALÓ, 2014; BURKE, 2010; ELIAS, 1990; 1993). Estes acontecimentos, definitivamente geraram resultados nas formas de relações (pessoais, econômicas, políticas, etc) entre as pessoas e os grupos envolvidos. Essas mudanças, não foram aceitas sem resistências.

Djaló (2009) nos apresenta a África sob três distintos momentos: “África pré-colonial”, onde se ergueram grandes impérios; “África colonial” que sofreu a dominação e saques pelas grandes potências ocidentais e a “África pós-colonial” que reflete a total dependência do ocidente. O autor reconhece que a África anterior a colonização europeia, não é reconhecida ou mesmo mencionada na história universal. Para Fanon (2008, p. 119), o negro era considerado um “primitivo” nesse período, porém “o branco estava enganado, eu não era um primitivo, nem tampouco um meio-homem, eu pertencia a uma raça que há dois mil anos já trabalhava o ouro e a prata.”

Mesmo nos outros dois momentos onde as histórias africanas passam a ser reconhecidas, elas acontecem de modo reducionista, como se não tivesse suas próprias histórias anteriores. Constatado apenas enquanto “um continente vitimado” as sombras da “originalidade histórica” daqueles que foram seus colonizadores, ou ainda, enquanto um “projeto de invasão colonial” (DJALÓ, 2014).

As mudanças nas concepções de fronteiras devido às imposições colonialistas gerou uma séria interferência nas formas como as sociedades africanas se relacionavam anteriormente. Trazendo consequências políticas econômicas, culturais, como também, gerou problemas aos grupos que estavam localizados próximos a essas regiões de fronteiras e além disso, essas fronteiras passaram a impedir a migração de comunidades que era algo característico de muitas dessas sociedades pré-africanas (DJALÓ, 2014).

Djaló (2014) observa que as mudanças fronteiriças que permanecem ainda atualmente e que ignoram as lógicas africanas, mantêm-se como “marcas” das tragédias africanas ao abrirem espaços para que as migrações em decorrência de catástrofes naturais, conflitos armados e perseguições políticas e religiosas (DJALÓ, 2014).

A cultura africana enquanto singular e “estática” é um mito, ela não existe. O continente precisa ser compreendido enquanto várias formações e não enquanto um “imaginário universal”. Mostra-se preso ao passado de colonização, aos mitos carregados por brancos e negros, como resultados dessas interações (FANON, 2008). Ao se pensar o continente africano, precisa-se, primeiramente, reconhecê-lo enquanto constituído por inúmeras e distintas relações (familiares, étnicas, religiosas, econômicas, políticas) e que são anteriores a invasão colonial europeia (DJALÓ, 2014).

3.2 SUDÃO E SUDÃO DO SUL

O século XIX foi caracterizado por um processo onde grandes potências colonizaram e modificaram, entre outros Estados, os Estados africanos. Através de lutas pela independência, novos Estados foram surgindo. Porém, a transição política evidenciou a situação enfraquecida no qual haviam resultado estes Estados, tornando-os incapazes de garantir a segurança de seu povo e o controle territorial.

Os conflitos que envolvem os [atuais] dois Estados sudaneses tiveram suas origens no período pré-colonial, onde existiam tensões entre o Reino Unido e o Egito pelo controle administrativo do território colonial. Desta forma, o *habitus* constituído a partir dessas colonizações corroborou para que as divisões étnicas, culturais e religiosas fossem coincidentes com as desigualdades políticas e econômicas que se estabeleceram entre o Norte e o Sul. Freitas e Andrade (2014) afirmam que, através da invasão dos egípcio-otomanos, o Sudão foi dominado por uma “colcha de retalhos” de grupos pastoris em 1821, gerando resultados desastrosos para os povos que vivem ao sul do país. Isso ocorreu, pois, os sudaneses do sul foram explorados como escravos para ajudar na expansão egípcia (FREITAS e ANDRADE, 2014).

Foi nesta realidade que se constituiu a independência do Sudão do domínio britânico em 1956. Neste período passou a ser governado por uma minoria árabe muçulmana que estava localizada no norte do país. Os povos que se encontravam vivendo no sul se viam desproporcional tanto nas decisões políticas, quanto na definição da identidade nacional do país (FREITAS e ANDRADE, 2014; RUSSEL e STAGE, 1996).

Desde a década de 1950, as guerras civis no Sudão, geraram ininterruptas instabilidades que envolveram questões relacionadas às autonomias das regiões, identidades étnicas e sobre o fundamentalismo religioso. O norte tem seguido políticas de islamização e arabização do

Negro Africano, já o sul se caracteriza por uma política religiosa cristã. El Jack (2010, p. 21) acrescenta que em 1983 o governo do Sudão organizou estratégias que forçaram as comunidades *Dinka* e *Nuer* a se deslocarem de seus territórios no Sul. “Por exemplo, o alvo do governo do norte foi queimar aldeias, a fim de garantir os territórios ao redor dos campos de petróleo, intensificando o deslocamento de milhões de refugiados sudaneses sul [...]”. Este acontecimento gerou mudanças nas configurações desses grupos. O número estimado de mortos pelos conflitos armados supera os 2.5 milhões de sudaneses do sul⁶⁸.

Na década de 1990, as principais estradas do sul foram minadas, juntamente com pontes, ferrovias e rotas de transporte de água. As escolas tiveram que ser transformadas em acampamentos militares e as aldeias foram destruídas (RUSSEL e STAGE, 1996). Eidelson e Horn (2008, p. 16) ressaltam que “o Sudão do Sul atualmente carece de muitos serviços básicos, como escolas, hospitais e estradas, e grande parte da terra está contaminada com minas.”

Segundo El Jack (2010), entre os anos de 1995 e 2005 mais de 4.5 milhões de pessoas foram deslocadas pelos conflitos. Procurando solucionar este problema, fora realizado o Acordo Geral de Paz (*Comprehensive Peace Agreement – CPA*), em 9 de janeiro de 2005, em Nairóbi. Porém, a paz proposta no acordo não durou por muito tempo. Tanto as Forças armadas do Sudão como o Exército de Libertação do Povo do Sudão do Sul (SPLM), voltaram a entrar em conflitos, desrespeitando os termos. Em uma nova tentativa de acordo entre o governo central de Cartum e o SPLM, em 9 de janeiro de 2011, proclamou-se a independência do Sudão do Sul e sua capital, a cidade de Juba (FREITAS e ANDRADE, 2014).

Apesar das pretensões de Cartum em cooperar com o novo Estado, questões importantes como a demarcação do território, uso das redes hidrográficas, dívida externa e extração do petróleo não foram definidas, colaborando assim, para a crise humanitária que se observa atualmente em ambos os países; forçando a migração de milhares de pessoas, em especial das regiões de fronteiras e produtoras de petróleo como a província de *Abyei*, os Estados do *Kordafan* do Sul e Nilo Azul (FREITAS e ANDRADE, 2014).

⁶⁸ Aos(as) leitores(as) que se interessam por compreender mais explicitamente a “condição humana” e os processos de “desumanização” ou “banalização do mal” no que concerne aos ataques às vilas, sugiro o filme “Darfur: deserto de sangue” (BOLL, 2009). Ao assisti-lo pude reviver (de modo explícito) as experiências e os relatos do Rio Tana em 2012 (SILVA, 2015a).

Enquanto o Sul possui a maior parte da matéria prima, o norte é onde está a infraestrutura para a saída da reserva petrolífera. Outro ponto de destaque se encontra no fato de que, enquanto o norte é de maioria árabe, o sul possui aproximadamente 200 diferentes grupos étnicos que vivem de modo interdependente com suas tradições e línguas. A etnia *Dinka* é majoritária, principalmente na região de Jonglei, no noroeste de Juba. O local é considerado fértil para a criação do gado e possibilita a reserva de água. Da mesma forma, a região do Nilo Azul, onde existem depósitos de petróleo e terras férteis, e na região do *Kordofan* do Sul que contém o campo *Heglig*, rico em óleo (FREITAS e ANDRADE, 2014).

Para Freitas e Andrade (2014) é preciso reconhecer que a marginalização dos povos do sul não se dá apenas pela colonização europeia, ela ocorre, também, devido à imposição da superioridade racial árabe. Para os autores, uma cooperação entre Norte e Sul, alicerçada na integração econômica, seria a maneira mais “sustentável” para a resolução dos conflitos entre os Estados.

3.3 SOMÁLIA

Da mesma forma que a euforia da formação da República do Sudão não durou muito tempo, assim foi a independência da Somália em 1960 que não fora acompanhada pela consolidação de governos estáveis. Castro (2010) afirma que os problemas vivenciados hoje, são consequências desse processo. Ela afirma que, por mais contraditório que pareça, a Somália é “um dos países mais homogêneos do mundo”, compartilhando da mesma língua, religião, etnia e cultura, ao mesmo tempo em que observa diversos conflitos. A autora justifica isso devido ao elevado número de clãs e suas subdivisões que fazem com que as instabilidades no país se arrastem por mais de 50 anos. Ela ressalta que além das divisões, inúmeras alianças foram constituídas e dissolvidas ao longo desse período e que elas se baseavam em um forte sentimento de grupo além de outras interferências externas que auxiliaram na polarização ideológica desses grupos⁶⁹.

Castro (2010) afirma também que a situação vivida hoje pela Somália não pode ser entendida apenas por uma visão “monocausal” e que as tentativas de resolução dos impasses entre os clãs observando-se apenas esse ponto fracassaram, pois, esquecem “de analisar

⁶⁹ Aqui, ressalta-se a relevância da Guerra Fria para a formação desse sentimento, através da sua proximidade com o continente asiático, sendo uma importante rota mercantilista (CASTRO, 2010).

estritamente o poder relativo dos mesmos frente ao restante da população civil do país. Este pode ter sido o principal erro da participação de atores externos que se engajaram na causa somali.” Enquanto o Sudão fora palco da disputa entre grã bretanhos e egípcios, a Somália se via dividida por italianos (centro-sul), ingleses e franceses (norte). Para ela (CASTRO, 2010), as diferenças culturais entre estes países ajudaram a polarizar e definir os anseios dos clãs existentes nessas localidades, que mais tarde se concretizaria no esforço empreendido pelos mesmos na luta de seus objetivos.

A Somália teve um governo centralizado até 1991 quando a “revolução somaliana” findou a estabilidade da administração estatal. Isto se deu através das ações dos chamados “senhores da guerra” (que foram líderes de clãs que organizaram movimentos cujo objetivo era o de conquistar territórios e adquirir poder político no sistema nacional). A partir desse momento, passa-se a observar um Estado completamente fragmentado onde não havia mais leis e nem governo. Os conflitos entre o sul (procurando controlar a capital Mogadíscio) e o norte se tornaram ainda mais presentes com o colapso do governo (CASTRO, 2010).

Castro (2010) constata que desde a sua independência, a organização da Somália nunca esteve voltada para questões societais. Os grupos dominantes sempre estiveram voltados para o próprio benefício alimentando estruturas administrativas incipientes e corruptas. Foi nesta última fase que as organizações árabes ressurgiram a cultura islâmica no chifre da África. Que o fizeram através da oferta de bem-estar do povo, mostrado através da aparente não necessidade de um governo centralizado e desta forma, dificultando a reconstrução do mesmo.

Esta instabilidade tem sido o ponto chave para o aparecimento de extremistas islâmicos para o país que passa a ser considerado um “quase-Estado”. Termo este definido, pois, não possui legitimidade e/ou vontade política para impor sua autoridade, mesmo que seja considerado um Estado soberano juridicamente. O povo, vendo que as leis não eram mais garantidas, viu-se desamparado em meio a guerra civil, a violência generalizada, a corrupção e a inanição através da forma extrema, da desnutrição e das doenças que passaram a assolar 2,3 milhões de pessoas em 1991. Fatos que resultaram nas migrações em massa e nas inúmeras tentativas de ajuda humanitária através de missões de paz desde então (CASTRO, 2010).

Lima (2006) aponta que nos últimos 20 anos a história da África Subsaariana tem mostrado que “a instabilidade política se tornou promotora de desequilíbrios sociais e de tensões permanentes em sociedades tribalizadas ou divididas por questões religiosas.” E constata

que o islão africano não tinha a característica de ser violento até há alguns anos. O islão era “caracterizado por uma vertente mais pluralista e tolerante se comparado com outras zonas do mundo, o que poderá explicar a ausência de atenção internacional para o que aqui se foi desenvolvendo” (LIMA, 2006 p. 83).

O Islão Africano era mais tolerante e, neste sentido, não era comparável ao islão no Oriente Médio. Porém, as vésperas do ano 2000, essas características começaram a mudar. Elas foram influenciadas pelas conquistas e intervenções mais diretas da Arábia Saudita nos países africanos (LIMA, 2006). Esta influência afetou não apenas a dimensão moral, mas também o “fluxo financeiro” que supria as deficiências de países africanos que, possuidores de uma incapacidade estatal de gerir seus recursos, mantinham a população na extrema pobreza, com escasso acesso à educação e pouco crescimento. Além desses fatores, a frágil separação entre as esferas religiosas e estatais fez com que o protagonismo dos saudistas ajudasse no desenvolvimento e na educação do corão como forma de preenchimento para essas lacunas. “Educar crianças pelo islão radical é a melhor maneira de alastrar a sua influência a toda sociedade: assim secundarizando a violência, conseguem-se objetivos mais estruturados e duradouros” (LIMA, 2006, p. 85).

Ao que estudos indicam, os conflitos armados são financiados por quem tem poder, interesses políticos e econômicos no país, haja vista que se tratando de uma estrutura educacional frágil e débil, essa inclusão educativa pelo corão radical facilita sua entrada e aceitação entre os grupos que são excluídos pelos governos vigentes (LIMA, 2006).

3.4 RIO TANA: OS CONFLITOS DE 2012 COMO AUXILIAR NA COMPREENSÃO DOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS NA ÁFRICA SUBSAARIANA

Ela está dizendo que eram umas cinco horas da manhã e a vila estava acordando. O marido, juntamente com os outros homens já fazia suas orações na Mesquita. Ela estava em casa, a filha e o neto de seis meses estavam com ela. Ela brincava com ele quando de repente ouviram sons estranhos, antes que pudessem dizer qualquer coisa, dois homens invadiram a casa. A filha estava perto da porta e logo a atacaram. Por um instante ela ficou paralisada. Não podia acreditar no que estava acontecendo, a filha estava sendo

morta! Sem ter tempo para pensar, agarrou o neto e pulou pela janela antes que chegassem até eles, seriam os próximos. Não conseguia ver quase nada no lado de fora, havia fumaça por todo lado, ouvia os gritos de mulheres, crianças e animais, estavam todos desesperados. Ela correu o mais rápido que pôde, viu alguns corpos pelo chão e pisou em poças de sangue dos animais mutilados. Perguntava-se sobre o que estaria acontecendo. Agarrada ao neto se afastou cada vez mais da vila. Já conseguia ver outras mulheres e crianças correndo. Ela olhou para trás sem conseguir acreditar que tudo aquilo fosse verdade, que tudo estava queimando, que a filha estivesse morta, que também haviam sido atacados e que a vila já não existia mais. Nunca poderá perdôá-los! (Tradução da fala de uma anciã Ormã sobrevivente do ataque ao Vilarejo de Kilelengwani no dia 10.09.2012, informação verbal; SILVA, 2015a).

3.4.1 Seria uma manhã como outras

O Rio Tana, representado na figura 3, é o rio mais extenso do Quênia, ele, juntamente com seu Distrito, cortam uma região quase central até a costa onde se encontra com o oceano Índico. Trata-se de um rio sazonal, com períodos de grandes cheias e inundações e outros de severa seca. Ao longo dele vivem inúmeros grupos étnicos, inclusive os *Pokomo* e os *Ormã* que são os principais “atores” neste subcapítulo. Trata-se de uma área com 436.9 km² e no ano de 2012 o número estimado de famílias vivendo ao longo do seu trajeto era de 47.414. É, uma zona rural onde “o principal sistema de produção da região é a agricultura e o pastoreio com uma pequena parcela da população comprometida em pescar.” (KNCHR, 2012, p. 1). A região possui áreas destinadas aos grupos étnicos, áreas de vida selvagem, áreas produtivas e água do Rio Tana.

Elias (2008) auxilia-nos a pensar as problemáticas dos Estados-Nações e seus conflitos, juntamente com o problema das migrações abordados nesta pesquisa. Permitindo um diálogo não limitado dicotomicamente a conceitos como “país”, “nação” e “grupo étnico”, mas de olhar as configurações que permeiam todos estes espaços que são formados por pessoas em constante movimentação e transformação.

Figura 3 - Região do Rio Tana

Fonte: Al Jazeera, 2012.

Os grupos étnicos *Pokomo* e *Ormã* vivem nas proximidades do Rio Tana por toda sua extensão. Suas histórias são repletas pelos inúmeros conflitos por território e água que estes grupos já travaram entre si e entre outros grupos. Os Pokomo são um grupo agrícola enquanto os Ormã são pastores. Vivem de forma “rudimentar” e ambos dependem uns dos outros na aquisição de alimentos, como também, possuem relações familiares entre si, realizando uniões conjugais entre os grupos. Ao longo de toda história queniana, esses grupos se enfrentaram na tentativa de manter sua autonomia e domínio pelo território e comida. Segundo os relatos obtidos a partir destes conflitos, eles sempre foram caracterizados pela luta entre homens, considerado de “igual para igual”. Numa mudança constante do equilíbrio (desigual) de poder entre eles (ELIAS, 2008). Porém, a partir de agosto de 2012 esse padrão configuracional sofreu uma ruptura no momento que um ataque planejado pelos Pokomo transformou abruptamente as teias de interdependências entre estes dois grupos.

O Jornal inglês BBC do dia 17 de setembro (GATEHOUSE, 2012), traz a seguinte nota referente aos conflitos que estavam ocorrendo na região do Tana:

Por um lado, este é um conflito sobre o acesso à terra e à água. De um lado estão as pessoas Pokomo. Eles são em sua maioria agricultores, pequenos agricultores que ganham a vida com o cultivo pelas margens do Rio Tana. Por outro são os Ormã, seminômades tropeiros de gado que vagueiam pela terra em busca de pastagens para seus rebanhos. No passado, as disputas, muitas vezes eram resolvidas pacificamente. Mas agora não. Os assassinatos deixaram mais de 100 mortos em ambos os lados. Milhares de pessoas foram forçadas a fugir de suas aldeias, vivendo em abrigos improvisados ou na periferia das cidades maiores.

Várias notícias foram divulgadas pelo mundo a respeito dos conflitos. O Jornal brasileiro, O Estadão do dia 22 de agosto de 2012, trouxe uma breve nota sobre o acontecido daquela manhã, sob o título: “Pelo menos 48 pessoas são mortas em confrontos no Quênia”. (ESTADÃO, 2012). O Jornal Inglês *The Independent*, também do dia 22, publicou breves relatos de um policial e de um morador local que afirmavam que a maioria das mortes haviam sido de mulheres e crianças em suas casas, tendo sido vítimas das queimaduras, golpes ou flechadas:

Mgeni, morador, diz que os ataques começaram na madrugada, onde um grupo de cerca de 200 pessoas que pertencem ao grupo étnico Pokomo e que são agricultores, invadiram uma aldeia na área de Riketa e incendiaram todas as casas pertencentes aos Ormã, uma comunidade pastoril. Mgeni diz que a maioria dos que morreram são mulheres e crianças (INDEPENDENT, 2012).

Esta mesma informação é encontrada num dos jornais mais lidos do Quênia, o *Coastweek*, afirma que os “moradores dizem que a maioria das vítimas podem ter sido queimadas até a morte enquanto dormiam nas casas por volta das 06:00 horas de terça-feira.” (COASTWEEK, 2012). Outro importante Jornal do Quênia, o *Daily Nation*, ao relatar os acontecimentos do dia 10 de setembro na Vila de *Kilelengwani*, relembra os acontecidos do mês de agosto: “No mês passado, a mesma área testemunhou uma onda de violência em que pelo menos 52 pessoas, a maioria mulheres e crianças, foram cortados ou queimados até a morte

no pior massacre étnico no Quênia por vários anos.” (WESANGULA, 2012).

O Jornal Inglês BBC (2012), traz um breve relato a respeito do ataque do dia 22 com um relato muito semelhante aos demais, porém, ele arredonda o número de mortes para 50. Esta mudança no número de vítimas foi verificada com frequência também no discurso de sobreviventes e oficiais devido ao fato de que um fenômeno como este envolve diversas outras questões que serão abordadas logo adiante.

A respeito do ataque do dia 10.09, no Jornal londrino BBC (GATEHOUSE, 2012), traz ainda o relato de um *Ormã* :

Então, de repente, diz Ismail Bodole, um morador desta pequena povoação de várias dezenas de casas de barro e palha, o local foi cercado por um grupo de homens armados. "Eles eram muitos", diz ele. "Eles tinham lenços vermelhos amarrados em torno de suas testas. Eles estavam gritando, 'matar, matar, matar!' Esse foi o rugido. "Os atacantes estavam fortemente armados. Alguns estavam armados com armas, lanças mais desenvolvidas, facões, ou arcos e flechas. Eles atearam fogo nas casas dos moradores. Em seguida, cortaram até a morte: homens, mulheres e crianças, de forma indiscriminada.

O ataque do dia 10 de setembro teve 38 mortes humanas imediatas e tantos outros animais. Todos os corpos tiveram que ser reunidos e enterrados em uma única grande cova. Para os moradores, tanto em seus relatos, como nos relatos do jornal, o ataque fora planejado.

Dias após o ataque, o cheiro de carne podre ainda paira sobre Kilelengwani. A cabeça decepada de uma vaca encontra-se na poeira, cheia de moscas. Perto dali um montículo de terra levantada indica a localização de uma cova rasa, onde algumas das 38 vítimas deste massacre foram enterradas. Ismail Bodole acredita que isso não era manifestação espontânea de raiva tribal. Este foi, segundo ele, um ataque planejado, um ato organizado de brutalidade e terror. Dizem que cinco mulheres e duas crianças foram mortas na sala de orações da mesquita de Kilelengwani ‘Os

atacantes foram divididos em três grupos. Um grupo incendiou as casas. Outro seria para levar os feridos. Então havia um terceiro grupo cujo trabalho era apenas para matar' (GATEHOUSE, 2012).

Imagem 7– Vilarejo De Kilelengwani⁷⁰



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, Quênia, 2012.

Através de fotos e relatos do Coordenador local da Cruz Vermelha, aqui chamado por MN, que coordenava as operações de suporte aos deslocados e que esteve em *Kilelengwani* imediatamente após o ataque, foi possível ter informações gerais sobre o ocorrido. MN descreveu que naquele início de manhã, enquanto os homens Ormã estavam na mesquita, a tribo foi atacada. As portas da mesquita foram trancadas de forma que eles não pudessem sair para defender sua tribo. Enquanto isso, uma parte dos Pokomo atacaram o outro lado da mesquita onde oravam as mulheres. Assim que invadiram fecharam também a porta que dava acesso ao salão onde se encontravam os homens. Neste mesmo momento, enquanto os *Pokomo* ateavam fogo em

⁷⁰ A imagem 5 apresenta parte do Vilarejo de Kilelengwani onde 167 residências foram incendiadas.

toda a vila, mutilavam e esquarteravam as mulheres, crianças e animais que encontravam; algumas morreram queimadas nas casas em chamas. Ao final relatou que o mais difícil foi encontrar um bebê decapitado, que por mais que os conflitos ocorram, e que estejam acostumados a trabalhar na busca por acordos entre os grupos étnicos, a forma como este conflito se deu e a morte de inocentes será sempre algo injustificável (MN, 2012, informação verbal).

O fogo devastou a Vila, menos a Mesquita onde uma das sobreviventes ao ataque do dia 10 de setembro em *Kilelengwani* relatou que “tudo foi muito rápido e que assim que entraram, esfaquearam uma das mulheres ao lado da porta e que o golpe foi tão forte, que o facão lhe atravessou o peito e quebrou a parede. Assim que a mesma caiu sentada, desferiram um novo golpe que jorrou sangue pela parede.” (informação verbal) Enquanto lembrava e gesticulava repetidamente as lembranças daquele momento, ela disse ter tido muita sorte que antes que tivessem chego a ela, os homens do lado de dentro da mesquita conseguiram arrombar a porta que dividia os dois salões e um deles lhe puxou para aquele lado.

Retornando ao relato de MN (2012, informação verbal), ele acrescentou que após o ataque do dia 21.08, sabendo-se do risco que corria o vilarejo de *Kilelengwani*, foram enviados 9 policiais como medida de prevenção, porém, mesmo estando fortemente armados, foram pegos de surpresa não conseguindo proteger nem a Vila, nem eles mesmos contra os agressores que usavam facões; acabaram todos assassinados.

O Jornal Daily Nation, traz a seguinte informação a respeito do número de mortes no dia do ataque a *Kilelengwani*, informando que:

Uma funcionária da Cruz Vermelha disse que nove policiais estão entre os mortos. Foram "dezesseis homens, nove policiais, oito crianças e cinco mulheres mortos com 167 casas queimadas, disse a porta voz queniana da Cruz Vermelha Nelly Muluka à AFP. [...]. Ela disse que os policiais foram apanhados na luta quando eles tentaram responder à emergência. ‘Alguns dos mortos tinham ferimentos de bala, mas parece que a maioria deles foram agredidos até a morte’ (WESANGULA, 2012).

Após o ataque, houve uma evacuação completa do local, onde somente no dia 04 de outubro as autoridades locais autorizaram o

retorno de um pequeno grupo de civis para a limpeza da mesquita, no qual essa pesquisadora fez parte. A visão geral da vila era de um local totalmente incendiado. Na área da mesquita destinada às mulheres, havia marcas de sangue pelo chão e paredes escurecidas pelo tempo. No lado externo, próximo a grande cova, foi possível ainda encontrar o que restou de uma perna de vaca. As pessoas que ali chegavam tinham uma expressão pesada. Suas feições e seus relatos mostravam o quanto se remetiam ao dia do ataque, lembravam-se e descreviam detalhes, como se revivessem o momento, seu sofrimento era indiscutível. O padrão traumático⁷¹ dos adultos e crianças que viveram essas experiências aparecia nos seus relatos em todas as áreas de refúgio que foram visitadas.

Entreí em uma das casas com LZ, enquanto ela fotografava, um senhor entrou e começou a apontar e LZ traduzia para mim. Logo ao parar na porta ele apontou e disse que a esposa havia sido morta ali, deu mais uns dois passos e apontou para um pequeno cômodo e disse que lá haviam assassinado seus 3 filhos, LZ e eu ficamos com um nó na garganta, ela quase não conseguia me traduzir o que ouvia, sentíamos a dor daquele homem (Trechos do Diário de Campo, 2012).

Em uma visita a um sobrevivente do dia 10 de setembro no hospital em *Malindi*⁷², ele, ST, relatou sua situação. ST estava em casa com a família no momento do ataque, não invadiram sua casa, porém atearam fogo que se alastrou rapidamente pelo telhado de palha. Ele teve tempo de retirar a esposa e os filhos e em virtude disso, queimou partes do corpo como pernas, braços e cabeça; necessitando internação hospitalar. No momento da visita, ele estava prestes a ter alta, era o último paciente do ataque que ainda estava internado. Apesar de precisar reconstruir sua casa, dizia que “está feliz por estar vivo e por não ter

⁷¹ O padrão traumático aqui referido seria as descrições de sintomas do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), encontrado como consequência de situações de violência onde a vítima se sente impotente para reagir. Trata-se de um Transtorno grave que costuma alterar significativamente os padrões cognitivos e comportamentais de quem o desenvolve (ABREU e GUILHARDI, 2004).

⁷² Maior cidade nas proximidades.

perdido ninguém da família, apesar de sentir outras perdas.” (ST, 2012, informação verbal).

3.4.2 Mortes, deslocamentos internos e outras consequências dos conflitos

Com as abruptas alterações ocorridas nas teias de interdependências entre os grupos étnicos, as consequências vão além do número de mortes do momento e da queima de casas. Elas trazem consigo uma carregada onda de consequências seja, através das mortes (posteriores) e mutilações, problemas de saúde, traumas psicológicos, destruição material, fome, pelos deslocamentos desordenados e desorientados, prostituição infantil, estupro entre tantos outros problemas. Dessa forma, a perpetuação de sofrimento é contínua e crescente. Novas mortes são contabilizadas em decorrência dos ferimentos ou como nos casos relatados por alguns deslocados que ao buscarem refúgio nas matas, foram atacados por animais como leões, búfalos e cobras. Ao conversar com um grupo de jovens *Ormãs* que estavam refugiados na região de *Kipau*, num ponto da savana próximo ao rio Tana, eles relataram que:

Nos primeiros dias, logo após o ataque, não tínhamos qualquer tipo de estrutura e pessoas morreram em decorrência do ataque de búfalos e cobras. Não somente no local onde estamos, mas sabemos que em outros pontos pessoas também foram atacadas por leões. Para nos proteger nas primeiras noites, passamos a dormir sobre as árvores até que conseguimos nos organizar melhor, mantendo sempre um grupo em vigília (Relato de um jovem do grupo de jovens da Tribo Ormã, 2012, informação verbal).

Além dos ataques de animais, havia os relatos constantes, em todos os pontos de refúgio, a respeito da fome. Relatavam conseguir ter apenas uma única refeição diária conhecida como *porridge*⁷³. Juntamente as queixas sobre a fome, haviam relatos de problemas gástricos devido ao consumo de água imprópria, como apresentado na imagem 8 abaixo. Esta dificuldade na aquisição de alimentos e do

⁷³ O *porridge* é uma mistura de farinha com água quente, um tipo de mingau. Esta é a única refeição diária para uma significativa parcela da população queniana que vive abaixo da linha da pobreza.

consumo de água desencadeia outro problema que é o aparecimento de doenças.

Imagem 8– Disponibilidade de recursos para consumo⁷⁴



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, Quênia, 2012.

Neste sentido, estudiosos como Ghobarah, Ruth e Russet⁷⁵ (2003 apud ZIMERMAN, 2006 p. 13) afirmam que:

Países pobres e de baixa renda podem gerar uma quantidade maior de mortes nas guerras civis [...] Grande parte dessas mortes não ocorre diretamente em batalhas, nem por violência, mas sim pela falta de infraestrutura e facilidades médicas, em países pobres, o que acarreta

⁷⁴ A imagem 8 mostra a situação da água que um dos grupos estava consumindo. Este grupo estava refugiado na savana, em uma localidade foi da área dos conflitos e que era habitada por seus ancestrais.

⁷⁵ GOBAHAH, H.; HUTH, P.; RUSSET, B. *Civil wars kill and maim people, long after the fighting stops. American Political science Reviv*, 97(2), 2003.

epidemias, fome e outras condições relacionadas à guerra.

Elias (2008) afirma que

Assim, os países menos desenvolvidos e mais pobres são particularmente susceptíveis a eclosões de conflitos armados e as suas elites alinharão provavelmente com a polarização dominante das superpotências. Todo o tipo de grupos locais – guerrilheiros e tropas do governo, revolucionários e contra-revolucionários – entrarão em conflitos subalternos uns com os outros, como representantes dos grandes poderes opostos. Nas sociedades altamente desenvolvidas e relativamente prósperas, a ameaça dialética da força não impede, e pode mesmo promover positivamente, um desenvolvimento ulterior e uma riqueza social crescente; contudo, em todos os países pobres, a polarização de revolucionários e contra-revolucionários, geralmente apenas conduz a um empobrecimento (ELIAS, 2008, p. 187).

Problemas diretamente relacionados com conflitos violentos, como ver pessoas serem mortas e ter tido sua vida sob-risco e mutilações, são partes da questão. Além desses pontos, as pessoas deslocadas dos diferentes grupos, se veem agora agrupadas nos mesmos espaços. Vivendo forte tensão constante e com riscos internos de novas brigas e agressões. Essas pessoas deslocadas estão vivendo muito próximas e com o mínimo de infraestrutura. Vivem em pequenas barracas, umas ao lado das outras. Possuem pouco e o pouco que recebem ainda passa por certo controle interno. Queixam-se frequentemente de roubos, agressões, violência sexual e conseqüentemente, profissionais da área da saúde observam a proliferação da problemática da Aids. Outra questão que surgia constantemente entre os grupos de deslocados internos.

Imagem 9 – Áreas de Refúgio⁷⁶



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, Quênia, 2012.

O problema da fome aqui, se agravou pelo fato dos animais terem sido mutilados e deixados para morrer o que segundo a religião islâmica (do qual os Ormã seguem), estes animais são impróprios para o consumo e não podem nem mesmo ser tocados a partir do momento em que são feridos ou estão doentes, sendo deixados à morte.

3.3.3 A “balança eu-nós” apresentadas nas “crenças” sociais grupais

Relata-se que os conflitos dos grupos étnicos que vivem na região do *Tana Pokomo*, *Ormã* e *Wardei* datam do século XVII, século no qual a história colonizatória africana começa a ser contada e, também, momento em que estas sociedades começaram a se estabelecer ao longo do Rio Tana a partir de duas diferentes origens na Etiópia e na Somália. Os dois últimos são predominantemente muçulmanos enquanto os Pokomo são mistos: algumas regiões predominantemente cristãs e outras predominantemente muçulmanas. Uma das possíveis correlações entre os conflitos ocorridos e a religião, através do *Hamadan* (mês sagrado), pode ser visto no fato de que a religião islâmica tradicionalmente leva-os a crer que o local é um bem comum, enquanto os *Pokomo*, que chegaram anteriormente a região, creem que são os donos desta terra.

⁷⁶ A imagem 9 é de uma das áreas de refúgio, no qual as famílias recebem uma “lona humanitária” para se abrigar.

O recente conflito entre os Ormãs e Pokomos começou no início de abril de 2012 e se intensificou durante os meses de agosto e setembro 2012, coincidindo com o mês sagrado Muçulmano. O trecho ao longo do rio Tana é uma reserva de pasto, enquanto que para os Pokomos a área é uma seção fértil para cultivo, portanto, o conflito inerente. As duas comunidades percebem a terra como "dada por Deus", que deve ser partilhada por todos, enquanto os Pokomos acreditam que a terra é para ser deles (KNCHR, 2012, p. 03).

Suas identidades grupais são diferenciadas entre um grupo e outros através de características culturais, políticas e religiosas que, somadas às hostilidades recíprocas, "medo" e o "mal-estar" intensificam o interesse pelo domínio do território, pasto e água, retroalimentando os constantes conflitos violentos.

A "fantasia" quando não controlada pode ser escondida atrás da "razão". Os sonhos e planos para mudanças sociais são esperanças e objetivos sociais carregados de fantasia onde a sociedade lhes confere golpes consecutivos, pois, "a sua carga de afectividade e de fantasia, a sua falta egocêntrica ou etnocêntrica de realidade é omitida, pois presumimos que elas são uma camuflagem calculada para um conteúdo altamente racional." (ELIAS, 2008, p. 30). O que faz com que sejam tão duras e hostis é exatamente a "colisão de seus sonhos". São os seus sistemas de "crenças" que faz com que matem indiscriminadamente pela "simples razão" de que alguns preferem um determinado sistema de regras e outros de outro grupo.

Parece que o líder de cada grupo passa a possuir um carisma pessoal próprios. Onde, diante dos conflitos que observamos, aumentam o medo reciprocamente, aumentando seu próprio poder, onde seu adversário faz o mesmo. Ao contrário da Guerra Fria (ELIAS, 2008) onde não há um intermediador no nível das grandes potências, nestes conflitos, vemos a intermediação de sistemas como a Comissão Nacional do Quênia sobre Direitos Humanos (KNCHR, 2012) e a Sociedade Cruz Vermelha do Quênia (SILVA, 2015a), numa tentativa de controlar a dinâmica imanente da configuração que esses grupos formam em conjunto. Além dos sistemas de intermediação, vemos que outros acordos já haviam sido selados com o intuito de reduzir esses confrontos.

A administração colonial tentou resolver o conflito através de um acordo negociado onde durante o período de seca, os Pokomos permitiriam aos Ormã e Wardei acesso as pastagens e água por meio de corredores chamados Malkas. Mas quando os períodos de seca fossem maiores, a Ormã e Wardei voltariam às suas áreas comuns, no interior. No presente contexto, a abordagem não é mais respeitada pelos Ormã e Wardei, que são comunidades que percebem a terra como comunal, enquanto os Pokomo acreditam que são os proprietários originais da terra. Diversas iniciativas têm sido tomadas para mitigar o conflito na região (KNCHR, 2012, p. 3).

Na década de 1990, o Governo do Quênia juntamente com agências internacionais de desenvolvimento, tentou desenvolver diferentes projetos ao longo do Rio Tana. Porém, esses projetos fracassaram ao sofrerem danificações com a passagem do El Niño em 1998. Pelo Rio Tana se tratar de um rio sazonal, os conflitos abrangem não somente os períodos de seca, mas também seus períodos de inundações. Segundo a Comissão Nacional de Direitos Humanos do Quênia (KNCHR, 2012, p. 3): “O colapso desses esquemas forçou as três comunidades a competirem pelos recursos disponíveis.” Este contexto instável e inseguro produz conflitos por território, segurança e alimentos.

Em sua Tese de Doutorado: “Peguem a foice e vamos à luta: Questões agrárias como determinantes de início de guerra civil, análise global, 1969 – 1997”, o cientista político Artur Zimmerman (2006, p. 73) se propôs a estudar os fatores agrícolas que poderiam estar relacionados com a incidência de guerras civis em países e regiões “em desenvolvimento” fora do padrão ocidental, como é o caso da África Subsaariana. Um de seus apontamentos remonta ao fato de que, nestes locais, a terra se torna a única fonte de sustento de seus moradores é dela que são extraídos o alimento e outras formas de sustento, além disso, ela produz sensação de segurança ao delimitar um território e de *status* a quem a possui. Desta forma, ao ocorrerem crises (como as secas ou enchentes), os moradores destes locais se veem sem recursos ou sistemas de apoio governamental para subsistência, necessitando travar lutas pelo domínio local.

A concentração de terra tende a conduzir guerra civil somente em países pobres, onde o pequeno proprietário e o sem-terra estão condenados à pobreza. Em contraste, em países ricos o camponês consegue, em geral, viver com a renda que recebe (ZIMERMAN, 2006, p. 89).

Segundo o morador local, MG, ao Jornal Coastweek (2012): “os confrontos começaram quando os agricultores se irritaram com os pastores se movendo com o gado para pastar ao longo de suas fazendas, e eles decidiram queimar as casas.” Os confrontos mostram o medo e a insegurança de perder um território do qual se considera seu. A mesma notícia aponta outra possível causa para os confrontos que seria o fato de estar ocorrendo um influxo de somalis na região, juntamente com o fato dos atuais residentes possuírem armas ilegais.

O Jornal Daily Nation (WESANGULA, 2012), neste sentido, reflete questões mais políticas e faz uma correlação entre os ataques de agosto e setembro com ataques ocorridos em eleições anteriores e a aproximação das eleições de 2013.

Elas são muitas vezes atribuídas a tensões entre as comunidades provocadas por terra, pastagem ou recursos hídricos, e não política. Mas o mais recente padrão de violência fez surgir o espectro da violência étnica em grande escala que surgiu na sequência de disputadas eleições 2007. [...] O ataque de agosto levou ao questionamento do deputado local, Dhado Godhana, depois que o Ministro da segurança interna do Quênia o acusaram de ativar a violência na região, afirma que ele negou.

Como é possível observar a partir dos diversos discursos, os conflitos entre esses grupos étnicos são “comuns” nesta região. O que se pretende destacar neste momento é a abrupta mudança nas configurações entre os grupos. Que, de confrontos que ocorriam entre homens, passam a atacar sorrateiramente as vilas quando os homens não estão. Matam as mulheres, crianças e animais e queimam as casas. Durante as passagens pelos acampamentos, por mais de uma vez fomos abordados por pessoas deslocadas que afirmavam (explicavam) que os motivos pelo qual houve mudança na estratégia dos confrontos foi,

segundo eles(as), o envolvimento dos “homens brancos⁷⁷” no governo e o interesse pelo extermínio da comunidade.

Estas pessoas relatam que “homens brancos” tentaram comprar as terras do grupo pastoril (Ormã) para criação de plantações de cana de açúcar, mas, como o grupo não teve interesse na venda, os “homens brancos” se uniram aos *Pokomos*, dando-lhes além de uma nova estratégia, financiamento para armamentos. Para os *Ormã*, matar mulheres e crianças, foi uma tentativa estratégica de dizimar a tribo que não concorda com determinados acordos. “Eles agiram contra a vontade de Allah matando suas irmãs e seus sobrinhos.” (Informação verbal fornecido por uma Senhora *Ormã*, deslocada pelos conflitos de 2012 no Rio Tana).

Retornando a notícia do Jornal BBC referente ao dia 10.09, ele afirma a possibilidade de haver uma correlação entre as eleições e os ataques haja vista que segundo seu correspondente na área Gabriel Gatehouse: “Um ministro foi demitido do gabinete, acusado de incitar o conflito na região do Delta do Tana. Mais de 100 pessoas foram mortas lá no mês passado em confrontos entre duas comunidades rivais.” (GATEHOUSE, 2012). Mais adiante acrescenta:

[...] a terra é uma mercadoria valiosa na região do Delta, e não apenas para as comunidades relativamente pequenas que vivem nele. Como o Quênia se prepara para as eleições na próxima primavera, muitos estão convencidos de que os interesses políticos estão alimentando a violência. ‘Houve uma corrida no Delta nos últimos quatro ou cinco anos’, diz Francis Kagema, um conservacionista. Os investidores, tanto quenianos quanto estrangeiros, têm vindo a adquirir concessões de vastas extensões de terra na região para fins de cultivo em larga escala de culturas alimentares e de biocombustíveis. Ser o primeiro eleito para o cargo pode significar ganhar o controle de tais negócios lucrativos. ‘O poder político é tudo no Quênia’, diz Kagema. ‘Mesmo os investidores estrangeiros já descobriram como manobrar, obtendo as conexões políticas certas’ (GATEHOUSE, 2012).

⁷⁷ Tradução literal do inglês *white men*. Para uma compreensão mais acertada quanto as interferências coloniais nesses processos, seria necessária a realização de outras pesquisas específicas e que não caberiam aqui.

Outros pontos apresentam esse padrão de repetição entre os conflitos precedentes as eleições tanto em 2002, 2008 e 2012: “Antes do conflito atual, a região experimentou um conflito semelhante no ano de 2001. Notavelmente, o conflito precedeu um ano eleitoral (2002) e a equipe estabelece semelhante tendências nos dois conflitos” (KNCHR, 2012. p. 3).

Nas eleições de 2008, o Quênia havia sofrido uma das maiores crises políticas do país, isso inclui a violência dos conflitos armados. Na tentativa de superar a crise, foi criado um governo de coalizão (MAIA, 2008). Tanto em 2012, como em 2008 os conflitos possuíam características muito semelhantes e o receio de que o episódio de 2008 se repetisse com a chegada de uma nova eleição, foi eminente, haja vista que aqui existem diversos problemas políticos, econômicos e étnicos e o fato de terem sido gerados milhares de deslocados internos em ambos os conflitos.

Os conflitos tribais são um problema que atingem não apenas o Quênia, mas a África como um todo. Tal fato se deve à própria história da colonização africana, cujos povos tiveram suas diferenças étnicas e religiosas desconsideradas pelos europeus. Dessa forma, povos com cultura totalmente distinta eram forçados a viver em um mesmo território. Entretanto, os conflitos potenciais eram suprimidos pelos europeus. Com o fim da colonização, as diferenças entre as tribos se tornaram cada vez mais evidentes, e disso decorrem muitos dos atuais conflitos africanos (MAIA, 2008, p. 1-2).

Para Maia (2008) as divergências inicialmente eram de caráter político e acabaram se tornando étnicos o que agravou a situação e que as diferenças étnicas ficam mais evidentes em épocas de eleições com o aumento dos conflitos tribais. A emissora alemã Deutsche Welle informa que:

Desde agosto, quando ocorreram os primeiros ataques, o governo queniano enviou vários funcionários para Tana River, mas ‘de uma maneira ainda não explicada’, as forças de segurança ‘não atuaram’. De acordo com o *Neue Zürcher Zeitung*, uma possibilidade para o novo massacre é uma relação com as eleições quenianas

que ocorrerão em março de 2013. ‘Não são eleições apenas legislativas e presidenciais, mas também autárquicas’. É bem possível que aconteça em Tana River algo parecido com o que ocorreu em Samburu: políticos locais adotam medidas de ‘limpeza’ étnica para enfraquecer o número de apoiantes dos rivais eleitorais (KRIEGER, 2012).

Para uma compreensão mais completa deste conflito, seriam necessários os entendimentos das várias esferas envolvidas neste contexto. Zimerman (2006) aponta diversos fatores que podem ser levados em consideração ao se tentar explicar problemáticas como esta através do problema agrário. Os fatores poderiam ser divididos em: **Fatores econômicos:** renda per capita, dependência de recursos naturais e ajuda internacional. **Fatores histórico-temporal:** Geopolítica e sistema internacional, proximidade da independência nacional e conflito recente. **Fatores de identidade:** heterogeneidade étnica, heterogeneidade religiosa e heterogeneidade linguística. **Fatores políticos:** tipos de regime político, repressão governamental e instabilidade política. **Fator Geográfico:** áreas montanhosas e áreas florestais. **Fator regional:** localização.

Seriam 4 os possíveis motivos que geram os conflitos e as guerras civis e que eles não se anulam, mas sim se envolvem entre si. Injustiça, cobiça (estas duas de caráter individual) e as condições estruturais do Estado e condições estruturais da comunidade. (ZIMERMAN, 2006. p. 25).

Norbert Elias (2008), assumindo um pensamento diferenciado de Maia (2008) e Zimerman (2006), avisa-nos que, quando nos deparamos com problemas de “países em vias de desenvolvimento”, que é pensado e executado “por aqueles que detêm cargos governamentais e pelos seus ajudantes, peritos no desenvolvimento de países <mais avançados>.” (ELIAS, 2008, p. 160). Seus olhares veem um problema “econômico”. Estes visam desenvolver a agricultura, fábricas, sistemas energéticos e de água. Esses objetivos são impossíveis sem que se faça uma transformação total da sociedade. “Planos puramente económicos podem falhar, porque outros aspectos não económicos, mas

funcionalmente interdependentes de uma sociedade, actuam como um travão, empurrando-os na direção oposta” (ELIAS, 2008, p. 160).

Aqui, Elias nos apresenta um quinto fator a ser levado em consideração quando se pensa a sociedade: a “emoção”. Observa que na tentativa de sair do pensamento “metafísico” (mágico e fantasioso) para o científico, acabamos caindo na “desumanização” das estruturas sociais, como já abordado no capítulo anterior. Como primeiro passo para superar esses obstáculos evolutivos da sociologia, Elias sugere que se deve compreender que as “forças sociais são de fato forças exercidas pelas pessoas, sobre outras pessoas e sobre elas próprias.” (ELIAS, 2008, p. 17), compreendendo as tensões existentes no equilíbrio do poder.

Para o autor, a “deslocação” é um problema agudo que aflige tanto as “interconexões sociais” em nível da sociedade civil (como no caso do Rio Tana), como na visão sociológica, através da desumanização dos conceitos. Lembra-nos que a nossa “fixação mental” nesta deslocação é o que obscurece as causas sociais do “medo” e do “mal-estar” em ambos os casos.

3.5 A CONFLITUOSIDADE DAS INTERAÇÕES HUMANAS

Reconhecer que as relações entre as pessoas é algo em movimento, que é reconfigurada a todo o tempo e dependente de um terceiro (“ele(a)”), é reconhecer que as pessoas que vieram a ser os refugiados ao qual dedicamos o maior esforço nesta pesquisa, fazem parte dessas teias de interdependências e as retroalimentam constantemente através de comportamentos modelados pelo *habitus* social dos grupos ao qual fazem parte e que também são constantemente adaptados pelas exigências das mudanças configuracionais. Não é uma questão de procurar culpados, menos ainda a “causa” e o “efeito” (ELIAS, 2008); mas é compreender sociologicamente quais são as funções sociais desses grupos em meio as teias de interdependências dos quais constituem. Significa compreendê-los tanto na posição identitária “eu-nós”: Pokomo, Ormã, agente humanitário, sudanês, somali e radical islâmico, como também na perspectiva do “ele(a)”. Assim como, reconhecer que todas essas configurações são marcadas por fatores bio, químico, genéticos, ambientais, psi, econômicos, políticos (ELIAS, 2008).

Voltando a explicação que Elias nos apresenta sobre o equilíbrio interno de grandes potências (como a antiga URSS e os EUA durante a Guerra Fria), podemos retomar também suas elucubrações quanto ao

pensar os acontecimentos em países em questão como Quênia, Sudão do Sul e Somália, pois, segundo o autor, os fenômenos sociais não ocorrem em um “vazio sociológico” e assim, não faz sentido excluirmos os fenômenos macrosociológicos ao estudarmos os fenômenos microsociológicos, servindo-nos como guia. O autor nos lembra que, as sociedades que foram governadas oligarquicamente e que passaram a ser governadas por representantes revogáveis de partidos políticos de massa, tem refletido na transformação de toda a sociedade essa mudança no equilíbrio interno de poder (ELIAS, 2008).

A redução de diferenças de poder, mas que ainda assim se mantém desigual, pode ser observada através da “democratização funcional”, onde há a distribuição social do poder. Os cidadãos desses países se veem lutando por maiores possibilidades de poder em suas relações extragrupais. Elias (2008) constata que essa mudança no equilíbrio de poder faz crescer o número de grupos carismáticos que procuram oferecer melhores condições sociais e quanto maior a interdependência entre eles(as), maior será a “transformação do pensamento sobre a sociedade” (ELIAS, 2008, p. 71). Isso pode ser exemplificado, como visto anteriormente, nos três casos citados. No Sudão do Sul, no qual há conflitos constantes entre os defensores do governo de Cartum e a SPLM. Na Somália, onde mesmo se tratando de grupos de uma mesma etnia, se veem em constante confronto pelo poder, inclusive com o fortalecimento da islamização saudita através do grupo radical islâmico *al shabab*, que atua violentamente tanto na Somália, como no Quênia. E no Rio Tana, onde os grupos étnicos Pokomo e Ormã sofrem diretamente a intervenção do interesse dos “homens brancos” em suas relações, oferecendo-lhes novas formas estratégias de combates e armamentos para obtenção de interesse próprio. Para Elias (2008), as instituições constituem funções não apenas para o “sistema” ao qual servem, mas também, aos seus membros.

Para Elias (2008), estes movimentos tornam os grupos cada vez mais interdependentes a medida que eles crescem e com isso “as cadeias de interdependência alargam-se e tornam-se mais opacas e incontroláveis, por parte de qualquer grupo singular ou por parte de qualquer indivíduo” (ELIAS, 2008, p. 73) Sendo assim, ele conclui que não existe qualquer razão para que as <desordens> históricas como as guerras, revoluções, rebeliões e massacres e todo o tipo de lutas pelo poder, não possam ter explicação sociológica. Seria impossível explicá-las se não houvessem uma ordem e estrutura.

Nas sociedades humanas, as pessoas se veem fortemente interligadas emocionalmente através das “crenças” sociais grupais e dos símbolos que são assimilados a elas como armamentos, bandeiras e conceitos repletos de significados emotivos, independente do tamanho da sociedade. Assim, as pessoas se veem interligadas emocionalmente através desses símbolos (ELIAS, 2008; ARENDT, 1989). Quanto maior forem as configurações, novas formas de ligação emocional estarão presentes.

Assim como Elias (2008) constata que ocorre no Ocidente, alguns desses grupos demonstram ter um controle bastante rigoroso quanto à violência física nas relações entre os seus membros, porém, ao mesmo tempo e inversamente, demasiadas vezes, encorajaram o uso dela contra os não membros. Ambos os tipos de grupos (tanto os que repreendem a violência diferida a integrantes como os que não), unem pessoas em torno de objetivos comuns: a defesa de seus membros e ou o ataque dos não membros. Essa característica é similar aos diferentes tipos de “agrupamentos solidários” ao longo da sociedade⁷⁸. Mesmo que o seus tamanhos e estruturas variem, a função se mantém a mesma. A ligação entre eles(as) está presente em todos os níveis do desenvolvimento, toda vez que as pessoas se ligarem com o intuito de se defender ou atacar.

Através de suas elucubrações, Elias (2008) nos ajuda a compreender os processos de “desenvolvimento”⁷⁹ que ocorrem nos países africanos estudados nesta pesquisa. Segundo o autor, “aqueles que têm acesso e que ocupam posições de coordenação e de integração disporão obviamente de grandes possibilidades de poder” (ELIAS, 2008, p. 159). O desenvolvimento dos países ocorre de forma contínua, mas não linear ou dualista. Ele é um processo em constante “evolução” e agrega processos “civilizadores” e “incivilizadores”, também, não se reduzindo a fronteiras geográficas, havendo, por exemplo, a movimentação de grupos étnicos e radicais por mais de um Estado-Nação.

⁷⁸ Neste trecho, Elias (2008, p. 152) lembra-nos que, em sua visão, falta “à sociologia uma concepção clara das características comuns deste tipo de agrupamentos solidários nos vários níveis de desenvolvimento social.”

⁷⁹ Apesar de ter sido abordado no capítulo dois, para que não haja confusão, considera-se importante lembrar que Elias utiliza os conceitos de “desenvolvimento”, “evolução” e “progresso” com o sentido de explicar mudanças estruturais que aconteceram na sociedade a longo prazo e não como um ideal “esperançoso” de que a humanidade estaria evoluindo para chegar ao seu ápice, na verdade, o autor critica essa visão (ELIAS, 2008).

As ações estatais planejadas podem resultar em consequências “inesperadas” e “indesejadas”. Elias (2008) vê que o “processo global do desenvolvimento de uma sociedade” não pode ser planejado e nem controlado, porém, apesar disso, não há qualquer mistério que impeça a compreensão desse desenvolvimento. Isso decorre pela observação da “evolução”⁸⁰ que ocorre nesse processo, onde o equilíbrio da configuração das pessoas interdependentes no processo. Lida-se com “estados de equilíbrio” onde as tendências opostas entre os grupos que de maneira consciente pretendem manter e conservar a configuração presente e por outro lado, grupos que, da mesma forma, desejam a conquista do oposto. Porém, em ambos os casos, é possível que as suas ações nas teias interdependentes resultem no oposto do que é pretendido.

É perfeitamente possível que, devido às suas próprias ações, haja grupos conscientemente orientados para a conservação e manutenção da configuração presente, mas que de fato fortalecem a sua tendência para a mudança. É igualmente possível que grupos orientados conscientemente para uma mudança fortalecem a tendência da sua configuração para se manter tal qual está (ELIAS, 2008, p. 16, grifos do autor).

Assim, ao retomarmos a situação dos grupos étnicos que vivem ao longo do Rio Tana, podemos observar que os *Ormã*, ao pretenderem manter as configurações como estavam, não aceitando as propostas de venda da terra, foram agressivamente coagidos pelo grupo oposto, sob uma série de “crenças” sociais grupais, dessa forma, viram muitos de seus entes serem mortos, assim como seus animais e suas vilas destruídas; suas configurações sofreram uma abrupta mudança. Por outro lado, os *Pokomo* que contribuíram para a mudança na configuração entre os grupos, veem-se agora, lidando com uma pressão muito maior por parte das Agências humanitárias e do governo

⁸⁰ Elias (2008) relembra que o conceito de evolução não possuía a mesma conotação que atualmente. Não se conseguia conceitualizar aquilo que viam assim como nós o fazemos. Foram necessárias “muitas gerações de pensamento, e de um acréscimo contínuo e cumulativo do stock da experiência social e de conceitos, tendo entre si um contínuo feedback.” (ELIAS, 2008, p. 162-163). Os fundadores da sociologia no século XIX, possuíam uma visão distinta (de como viam os filósofos), mas dicotômica e fragmentada.

queniano; fortalecendo o equilíbrio de poder para os Ormã. Assim sendo, esta visão não é estática, nem dualista, essas forças e equilíbrios não são estáticos ou dualistas, elas estão em um “fluxo permanente” por meio dessas teias de interdependências. A nossa observação sempre nos levará a um caminho distinto dependendo do lugar (“eu”, “nós” ou “eles”) de onde estamos olhando. Aqui encontramos ordem (ELIAS, 2008).

Para Elias, os Estados modernos evidenciam uma tendência a se envolverem no que ele considera como “problemas militares hostis”. Estas configurações são desenvolvidas por “tipos específicos de interpenetração”. Nesta constatação, Elias (2008, p. 181) aborda que

[...] os problemas são criados unicamente por forças que certas pessoas exercem sobre outras, que grupos de homens exercem sobre outros grupos de homens; e, no entanto, as tendências evolutivas são opacas e incontroláveis para os próprios indivíduos que as originaram.

Recentemente as teias de interdependência econômica intra e inter-sociedades “apertam-se” e “alongam-se”, tornando-se mais do que nunca familiar. O desenvolvimento armamentista, aliado a outros científico-tecnológicos, *“tornaram a evolução interna de cada sociedade-estado mais significativa do que nunca, no que respeita à evolução de relações entre os estados – muitas vezes à escala mundial e vice-versa.”* (ELIAS, 2008, p. 184, grifos do autor). Dessa forma, torna-se cada vez mais irreal distinguir teoricamente a evolução interna e as relações entre (o sistema de equilíbrio de poder global) dos Estados ou como “política externa”.

Tanto as sociedades mais poderosas, como as menos, sofrem “constrangimento” e as coerções dessa interdependência, através do que Elias (2008, p. 186) considerou um “corpo a corpo” estrutural.

O equilíbrio de poder entre Estados interdependentes é tal que cada um está tão dependente dos outros, que vê em cada Estado que se lhe opõe uma ameaça à sua própria distribuição interna de poder, à sua independência e mesmo à sua existência física. O resultado desse <corpo a corpo> é que cada uma das partes tenta constantemente uma melhoria do seu potencial de poder e das suas possibilidades estratégicas no que diz respeito a qualquer eventual reencontro guerreiro. Cada um dos aumentos das possibilidades de poder verificado numa das partes, por muito pequeno que seja, será encarado pelo outro lado como um

enfraquecimento e um recuo da sua própria posição. Constituirá um recuo dentro da estrutura desta configuração. Assim, desencadear-se-ão contramovimentos à medida que o lado mais fraco tenta melhorar as suas possibilidades; e estes, por sua vez, provocarão o primeiro lado a empreender os seus próprios contramovimentos. O potencial de poder da humanidade é assim polarizado em dois campos – ou três, se incluirmos a China. Os membros de um dos grupos reúnem-se sob o estandarte dos sistemas de “crenças” comunistas de variadas matizes; os do outro grupo sob o do capitalismo. Um dos lados apoia o governo permanente de um partido; o outro lado, o governo de qualquer dos vários partidos que na altura adquira dominância. Esta polarização tem-se imposto e difundido em conflitos locais, por todo o mundo.

A “fronteira” desse “corpo a corpo” não pode ser reduzido geograficamente. A interdependência mundial crescente da “evolução” intra e inter-sociedades, arrasta consigo indireta ou diretamente muitas sociedades-estados menores que são divididas entre partidos que oferecem apoio a uma ou outra das principais sociedades polarizadas. Elias (2008) afirma que estas divisões ocorreram em outras “fases da evolução humana”, porém, conforme as relações mundiais se estreitam, as teias de interdependências se alastram e se tornam mais fortes. Assim,

[...] a guerra”, “a guerra civil” e “mesmo a sua ameaça” se tornam cada vez mais conectadas, pois, “os eixos fundamentais de tensão nas relações internacionais exercem uma espécie de atração magnética sobre muitas divisões partidárias locais, dentro das sociedades-estados individuais (ELIAS, 2008, p. 187).

Os modelos de evolução econômicos desses países precisam ser pensados, segundo o autor, em dois níveis, incluindo os processos de integração como os de diferenciação – internacional e interna; compreendendo-os como parte de um processo que é global. Observando que as “tensões”, “conflitos” ou mesmo “revoluções”, não ocorrem simplesmente por animosidade pessoal, como consequência ideológica ou pelo ataque de rebeldes, mas precisam ser vistos como conflitos e tensões estruturadas e que muitas vezes, eles e seus resultados se encontram no centro do processo de “evolução”.

Outro ponto que é fundamental destacar que ao longo da história do desenvolvimento (e dos conflitos) da humanidade, os que governaram foram perdendo suas funções e poder até serem depostos,

isso explicita também suas incapacidades de se “adaptarem” e “modelarem” ao que as novas configurações foram e/ou estão exigindo.

Isto explica porque é que uma investigação evolutiva efetuada retrospectivamente pode muitas vezes demonstrar com alto grau de certeza que *uma configuração teve de surgir de certa configuração anterior, ou mesmo de um tipo determinado de séries sequenciais de configurações, mas não afirma que as configurações anteriores tivessem necessariamente que se transformar nas que lhe são subsequentes*. Assim, quando se estuda a alteração configuracional, é útil termos presente a ideia chave de que toda a configuração relativamente complexa, relativamente diferenciada e altamente integrada deve ser precedida e deve surgir de configurações relativamente menos complexas, menos diferenciadas menos integradas. Sem qualquer referência ao fluxo de configurações que as produziu, será impossível compreender e explicar as interdependências de todas as posições de uma configuração, num dado momento, ou a disposição das pessoas cujas relações diretas, socialmente reguladas, dão significado a estas posições (ELIAS, 2008, p. 177, grifos do autor).

Para concluir, observamos diversas diferenças nas formas de planejamento de países ditos “ricos” e “pobres”, principalmente quanto ao planejamento de ações que almejem o crescimento geral em detrimento do crescimento acentuado de poucos (que ocorre no segundo caso). Apesar disso, Elias (2008) constata que também existe (ao menos nas sociedades-estados) uma probabilidade de diminuição das desigualdades na maneira como o poder é distribuído. Estas, novamente, não ocorrem de modo linear e geralmente estão relacionadas com hostilidade, além das mudanças sociais em direções opostas ao que era pretendido. Elias se questiona se essas afirmações não trariam o reconhecimento de que a humanidade nunca teve o interesse de viver em harmonia, que, auto centrando em seus próprios interesses, está tendo como resultados não premeditados de suas teias de interdependências o caminhar para a “humanização”.

4 ANALISANDO OS DISCURSOS DE PACIFICAÇÃO DE JOVENS REFUGIADOS(DAS) NO CAMPO DE KAKUMA

Para este capítulo, proponho primeiramente uma contextualização sobre como as atividades do Projeto Baú de Sonhos foram realizadas com os jovens na manhã do dia 28.03.2015 e de onde emergiram o maior número de textos escritos durante sua realização. Apresento também os objetivos daquele encontro e dos textos elaborados e como recebi os mesmos. Conectando a esses pontos, informo como cheguei ao *insight* dessa pesquisa. Em seguida descrevo de forma objetiva a descrição da técnica conforme sugestões de Rosalind Gill (2002), para finalmente me adentrar na análise de discurso enquanto técnica de análise dos resultados.

4.1 “EM NOSSOS PAÍSES NÓS TEMOS SOMENTE UM DESASTRE E ESTE DESASTRE É A GUERRA”

Diante da leitura de tantas pesquisas acadêmicas e das realidades que se apresentavam diante de mim nas duas experiências no Quênia, sentia uma grande inquietação pela falta de uma compreensão menos mistificada sobre os fenômenos que envolvem a migração forçada e a violência que geralmente a precede (conforme venho abordando ao longo desse estudo). Explicações reducionistas e/ou desumanizadas como: “o problema é econômico”, “político” ou “das agências humanitárias”, não me convenciam; era como se as pessoas que integram estes sistemas fossem simplesmente “sujeitadas” e “estáticas” aos diferentes acontecimentos que ocorrem no c/Campo.

Na manhã do dia 28.03.2015, dirigi-me a Escola Primária de *Palotaka* que fica localizada na área 3 do Campo de Refugiados de *Kakuma* que possuía aproximadamente 3.367 estudantes e 23 salas de aula. Os horários de aula são diurnos e a escola não tem geradores ou outras formas de acesso a energia elétrica. Chegando lá, deparei-me com uma sala onde havia em torno de cem jovens que me aguardavam. No decorrer daquela manhã, outros jovens foram chegando, somando-se cento e vinte pessoas⁸¹.

⁸¹ Nos tópicos 1.5.2, 1.5.3 e 1.5.4 do capítulo 1 existem outras informações a respeito do Projeto Baú de Sonhos.

Imagem 10 – Fachada da Escola Primária de *Palotaka*



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

O coordenador da escola precisou se retirar e na atividade desse dia, estive sozinha com eles(as). Nós (o coordenador e eu) havíamos combinado que eu trabalharia com um grupo de crianças dos primeiros anos, mas ele considerou que seria melhor conversar com os jovens, haja vista a menor barreira linguística⁸². Assim, iniciei minha conversa com eles(as) falando um pouco sobre o Brasil e algumas de suas características gerais. Na

[...] *Palotaka*, estive com um grupo de jovens entre 13 e 17 anos. Iniciei as atividades falando sobre o Brasil. Sobre nossa cultura, nossas diferenças culturais, nossa paixão pelo futebol, nossas características econômicas e sobre o carnaval.

⁸² A participação das professoras com ajuda na tradução das línguas/dialetos, sempre auxiliou nas atividades com os pequenos que não compreendem inglês, haja vista que, “a comunicação é um desafio, pois falam diferentes dialetos” (Trecho do Diário de Atividades do Projeto Baú de Sonhos, 2015, p. 16).

Estive sozinha com os adolescentes e foi uma atividade muito interessante. Esperava que eles não colaborassem tanto com as atividades, mas superaram minhas expectativas. Foram super colaborativos (Trecho do Relatório de atividades do Projeto Baú de Sonhos, 2015, p. 27-28).

Falei que sou tão somente uma estudante de pós-graduação, que havia chego ao Campo devido ao meu interesse em estudar o local e que não possuía vínculos com nenhuma agência humanitária. Que naquela manhã havia saído de casa para fazer as atividades do Projeto e “brincar” com os mais novos. Para descontraír, mostrei o material que carregava na mochila: o fantoche da Ziah que sempre usava com as crianças e eles(as) caíram na gargalhada. Apresentei, também, a história do livro “A Valente Leozinha Ziah” (SILVA, 2015) que foi elaborado com o intuito de auxiliar no diálogo com os “menores” e interessados na pequena obra, passaram-na por toda a sala⁸³. Também tinha comigo folhas de papel A4 e vários gizes de cera.

Imagem 11 – Leitura de “A valente leozinha Ziah”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

⁸³ Várias turmas em que estive, deparei-me com crianças e jovens de várias idades estudando em uma mesma sala e com um único professor.

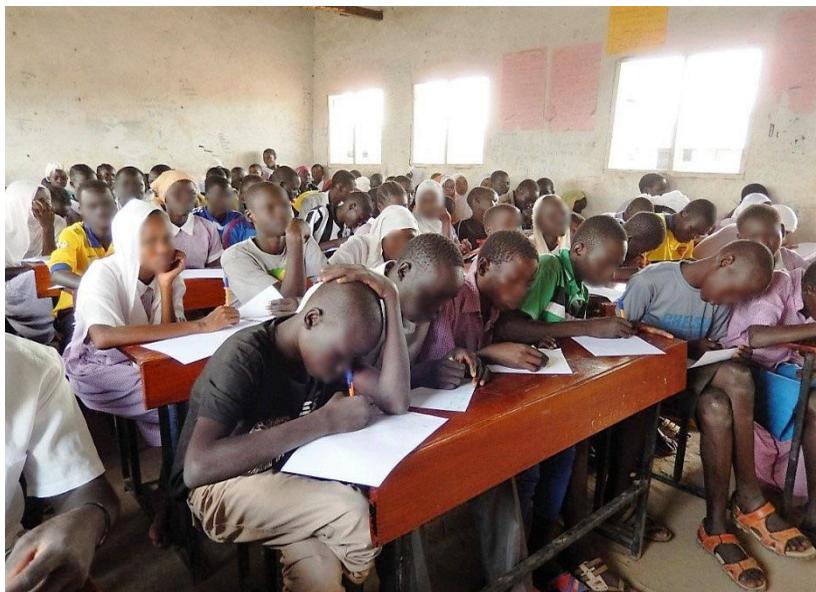
As atividades do Projeto foram pensadas para ocorrerem de forma espontânea permitindo “receber as crianças da comunidade, dentro desses espaços” (Trecho do Relatório de atividades do Projeto Baú de Sonhos, 2015, p. 18). Nos diferentes grupos com quem estive e que tinham alguma forma de conotação escolar, pude notar o pouco acesso a recursos materiais. Deparei-me com salas de aulas improvisadas dentro e fora de Igrejas, sem cadeiras suficientes, alunos com apenas folhas e um pequeno “toco” de lápis, com os quais escreviam apoiados em suas pernas.

Imagem 12 – Atividade do Projeto Baú de Sonhos



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

Nas diferentes atividades, observei grupos com uma média de sessenta alunos com idades que variavam aproximadamente entre dois e quinze anos, com um único professor e um minúsculo quadro negro. A Escola de *Palotaka* (apresentada na imagem a seguir), talvez por estar em uma área mais nova, é resultado de um planejamento arquitetônico mais “adequado” (pelo menos se comparado aos padrões das escolas brasileiras que conheço).

Imagem 13 – 120 estudantes da Escola *Palotaka*

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

Assim, naquela manhã, nossa conversa foi prosseguindo de maneira descontraída até o ponto onde alguns desses jovens se sentiram a vontade para se levantar e falar um pouco sobre seus países.

Nesta atividade, aproveitei para trabalhar sobre suas culturas e países de origem. No grupo tínhamos jovens do Congo (RDC), Sudão, Sudão do Sul, Etiópia e Somália. Não tínhamos jovens quenianos e a grande maioria havia nascido em seus países de origem (outros, os pais já estavam refugiados no Quênia quando nasceram) e fugiram para poder chegar a *Kakuma*.

Conversamos sobre as características de todos os países e como todos tem um ponto em comum: querem a paz para poder voltarem a sua terra de origem e tentar reencontrar parentes que tenham ficado. Muitos destes jovens, após perderem seus pais, irmãos e avós para a guerra, conseguiram fugir e chegar a *Kakuma*. As histórias são repletas de tristeza, porém de esperança em um futuro

melhor para todos (Trecho do Relatório de atividades do Projeto Baú de Sonhos, 2015, p. 29).

A sala estava lotada, os jovens pareciam ansiosos no começo, sem entender direito o que aconteceria, mas ao perceberem que não se tratava de nenhuma forma de avaliação, relaxaram. Senti que nossos níveis de entendimento da língua inglesa não eram distintos e conseguimos ter uma comunicação satisfatória entre nós. Eu posso afirmar que compreendia boa parte do que me era dito verbalmente por eles(as) e com frequência parava e perguntava se estavam conseguindo me compreender⁸⁴.

Por fim, convidei-os, assim como fazia com os mais jovens, a escrever ou desenhar a respeito de seus sonhos eles estiveram livres para escolher como fariam, não recebendo instruções específicas, além das conversas já relatadas. Os jovens receberam folhas de papel A4 e giz de cera (que eram os recursos que dispunha). Apesar de não saber ao certo o que esperar de um grupo de “adolescentes”⁸⁵, novamente me surpreendi com o interesse em poderem escrever o que quisessem.

Todos fizeram redações sobre seu país e sobre seus sonhos. Alguns, conseguiram trazer pontos críticos em seus textos e vários expressaram seus desejos de poder estudar e retornar a seus países de origem como construtores de políticas para paz (Trecho do Relatório de atividades do Projeto Baú de Sonhos, 2015, p. 30).

Como o clima da conversa inicial foi criado com a ligação que temos com os nossos países, os textos refletiram - em suas construções - que definitivamente não são seres “apolíticos” a espera da intervenção das agências humanitárias. Minha surpresa foi ainda maior quando, ao final, inúmeros jovens quiseram vir a frente da sala para lerem seus textos, tive a sensação de que eles se sentiam realmente conectados ao que haviam escrito e que sentiam prazer em expressá-los verbalmente.

⁸⁴ Meu receio com o entendimento deles(as) ao que eu falava se deu pelas minhas limitações onde possuo maiores habilidades em ouvir e ler do que para falar e escrever.

⁸⁵ Levando em consideração os “ideais de adolescência” com os quais convivemos no Brasil. Um bom exemplo dessa diferença pude constatar durante as atividades do Projeto no Brasil onde o comportamento dos jovens foi diferente.

[...] Percebi muitas histórias de sofrimento. Também compreendi que muitos pais enviam seus filhos para cá para que tenham melhor condição de estudo. Acreditam que o estudo mudará seus futuros. Também acho que muitos pais enviam seus filhos por não terem condições de alimentar, vestir... e outros por não terem interesse mesmo. Esperam que os filhos voltem com dinheiro para cuidar deles na velhice⁸⁶ (30.03.15, trechos do diário de campo).

Muitos fizeram questão de me entregar seus textos em mãos, olhando-me nos olhos, outros, timidamente colocaram seus textos no meio daqueles que já estavam comigo, outros pediam que algum colega o entregasse e ainda outros, pediram-me para ficarem com o texto. Informei que os textos lhes pertenciam e que poderiam fazer deles o que bem pretendessem, porém, aos que me entregassem, comprometi-me a lê-los, todos. Obviamente, senti-me imensamente honrada por compartilhar dessa experiência e do entusiasmo de se sentirem ouvidos e da energia que envolveu um momento que começou com todos nós ansiosos sem saber o que aconteceria.

Foi, conforme havia me comprometido que, naquela noite do dia 28, quando retornei para minha casa em *Kakuma*, deitei em minha cama e comecei a ler texto por texto dos(as) 120 jovens refugiados(as) com quem havia estado naquela manhã, que me deparei com a frase que (somada a todas as outras experiências) me levaria ao *insght* dessa pesquisa⁸⁷:

Meu país é chamado de Congo ou República Democrática do Congo. Em meu país existem várias coisas: educação, comida, centros de saúde entre outras coisas. Mas o motivo pelo qual nós estamos no Quênia é a guerra. Se não fosse pela guerra, nós estaríamos em nossos países. Se não

⁸⁶ Inúmeras foram as histórias verbais que relatavam pais que constituíam “famílias”, deixando os filhos sob os cuidados das mães e que, após anos sem contato, retornavam.

⁸⁷ Não foi somente neste texto que me deparei com este questionamento, ele se repete em vários outros textos e formas de discurso, mas por algum motivo, foi essa frase que me tocou e transformou a angústia em um espaço à compreensão dos fenômenos.

fosse pela guerra, nós estaríamos sorrindo. No meu futuro eu quero ser alguém que possa ajudar o meu país e outros países também. **Em nossos países nós temos somente um desastre e este desastre é a guerra [...]** (Trecho do texto escrito pela jovem congoleza VV na atividade do dia 28.03.2015 com os 120 jovens refugiados, grifos meus).

Imediatamente questionei-me: Quem faz essa guerra?... Se não as pessoas que estão envolvidas nas teias de interdependência que constituem essas sociedades?⁸⁸ A resposta a esses questionamentos fica evidenciada quando, ao observarmos as configurações existentes no c/Campo, vemos a repetição dos mesmos problemas que ocorrem em seus países de origem. Este discurso da jovem VV, utilizado para a abertura desse subcapítulo 4.1, foi o primeiro trecho de discurso analisado espontaneamente ainda no c/Campo.

A partir desse ponto, passei a me fazer vários questionamentos a respeito: Quem é essa jovem? Quais seriam as “funções sociais” desse discurso? Quais são os sentidos que consigo apreender de seu discurso? Quais são as configurações desses espaços de identificação? Que sentidos isso produz em mim? Que sentidos isso produz nos outros? E assim, quais são as respostas que posso construir para todos estes meus questionamentos?

Tenho diante de mim o texto de uma jovem mulher refugiada, com idade entre 13 e 17 anos e de nacionalidade congoleza, que estuda na Escola Primária de *Palotaka* e que escreve sobre as riquezas de seu país, sobre sua aspiração em ser alguém que se dedicará a ajudá-lo e também que o país possui apenas “um” “desastre” que é a “guerra”. Não possuo maiores informações a respeito dela e essa é uma das minhas limitações com as quais trabalhei nessa análise, porém, seu texto é extenso e com os quais pude organizar vários pensamentos que até então pareciam desconexos. As minhas primeiras elucubrações foram:

As pessoas/pesquisadores questionam/criticam que parte dos problemas é porque eles [refugiados(as)] estão longe de suas culturas. Eles não estão longe, eles as trouxeram e continuam trazendo. Falam como se [suas culturas] fossem

⁸⁸ Nestas “pessoas” incluo também todas aquelas que fizeram/fazem parte da “invasão colonial”, os “homens brancos”.

perfeitas, mas não são! Se fossem, não estariam aqui. Questionam que aqui tem drogas, milícias, impunidade e pornografia. Lá não?!!! Quem traz isso pra cá? Quem traz a violência pra cá? [...]. Coíbem mulheres violentadas e espancadas a se calarem ou as pagam como manda a cultura. E criticam que aqui há impunidade. Esta cultura vem de onde?!!! (Trecho do diário de campo, 30.03.15, grifos meus).

Nunca estive no Sudão, Sudão do Sul ou mesmo na Somália, porém, os primeiros sentidos que foram despertados em mim é de que há a manutenção de um *habitus* social que ultrapassa as fronteiras do Campo. Esses sentidos foram despertados através do reconhecimento de que as configurações que existem em seus países natais e que são perpetuadoras da “guerra”, são extremamente semelhantes aquelas que as outras pessoas que discursam sobre o c/Campo falam (agentes humanitários, pesquisadores(as), comunidade local, refugiados(as), mídia), mesmo que esses discursos pareçam desconectados em vários momentos.

Observo que uma série de configurações foram alteradas, mas tantas outras permanecem muito semelhantes a como estavam antes da partida. Obviamente estou evidenciando os grupos que de forma geral se esforçam para manter suas características, nem todos (caso nosso trabalho fosse olhar casos isolados) se mantêm. Remetendo-me a Elias (2008), posso afirmar que esse *habitus* social é mantido pela força coercitiva que as configurações têm sobre o indivíduo isolado.

Para melhor exemplificar os sentidos despertados em mim sobre como essas configurações se mantêm, remeto-me novamente ao trecho do diário de campo acima, na parte onde me remeti aos abusos físicos e sexuais contra mulheres, cotejando-o com os sentidos produzidos em outras pessoas que pensam o c/Campo. Autores como Horn (2010a) e Crisp (2000), relatam em suas pesquisas que na cultura somali, quando uma mulher vivencia uma experiência de abuso físico ou sexual, o agressor possui duas possibilidades para se redimir: uma delas é através do pagamento em dinheiro, feito em acordo com o pai ou com o homem responsável pela mulher (hája vista que se trata de configurações patriarcais) e a segunda é se casar com ela. Em alguns casos, a violência sexual ocorre como forma de tentar forçar a moça a se casar com o agressor (HORN, 2010a). Abusos sexuais e violência são diários na vida de mulheres refugiadas. A mutilação genital entre garotas somalis

continua a ser realizada em praticamente todas as garotas, mesmo sendo considerada um crime perante às Nações Unidas (CRISP, 2000).

Para El Jack (2010), a mulher africana é marginalizada devido aos valores patriarcais e institucionais que as discriminam, tornando-as invisíveis. Ao se dedicar ao estudo da história sul sudanesa, constatou que o gênero masculino possui diferentes direitos, sendo privilegiados. Desde a infância recebem educação que marca a distinção entre os gêneros. A obediência devida ao pai e irmãos homens é transferida automaticamente ao marido e homens da família dele ao se casar. Tradicionalmente os casamentos são pagos e a família genitora que antes era a responsável pelo controle de sua capacidade reprodutiva e das habilidades produtivas é transferida. Em suas entrevistas, ela ouviu frequentemente: “o homem deve dar as regras da casa, e sua esposa deve inquestionavelmente agir de acordo com a vontade dele.” (EL JACK, 2010, p. 20). Este desequilíbrio nas relações ajuda a explicar essa desigualdade nas comunidades sul sudanesas.

Horn (2010a) constata que a estigmatização é um dos problemas que leva as mulheres que possuem o interesse em denunciar as agressões a acabar não procurando os serviços de apoio a violência de gênero que existem no Campo. Elas compreendem que podem ser diretamente culpabilizadas pela violência ou, ainda, a família toda acabar sendo estigmatizada perante as pessoas pertencentes ao mesmo grupo étnico. Possuindo medo de perder o apoio que recebem de vizinhos e líderes comunitários (HORN, 2010a). Muitas vezes quando elas chegam a reportar é porque percebem que a própria vida ou a vida de seus familiares está em risco (HORN, 2010a). No que diz respeito a incidentes envolvendo violência doméstica, a família, vizinhos e lideranças comunitárias, podem decidir interferir baseados em suas “crenças” culturais e assim, não os reportando ao ACNUR (HORN, 2010a).

Aqui, se observa uma diferença entre os microcosmos das relações culturais, onde eles têm possibilidades de ação, e os macrocosmos de relações políticas internacionais e econômicas, onde os(as) refugiados(as) não possuem nenhuma representatividade. Enxergá-los como se estivessem dicotomizados de seu *habitus* social, impossibilita-nos de encarar realisticamente as configurações que se esforçam em manter o equilíbrio desigual de poder entre os membros desses grupos. Não sem grande resistência aceitarão mudanças nesses elos que os ligam no que diz respeito a considerar “violência contra a mulher” e como lidar com isso.

A existência de resistência na mudança do equilíbrio de poder fica evidenciada em Horn (2010a) quando, ao pesquisar os homens somalis refugiados no Campo de *Kakuma*, constatou que eles se sentem incomodados com o sistema adotado pelas agências humanitárias que “empoderam” as mulheres através de treinamento, educação e oportunidade de pequenos negócios. Os homens afirmam que elas não tinham esse tipo de possibilidade anteriormente, através das configurações patriarcais que se mantêm ao longo dos séculos. Percebem os programas não como programas de gênero, mas sim, programas para as mulheres. Para os homens, esses programas geram problemas entre os familiares. Tornam-se uma “corrupção em casa” (HORN, 2010a, p. 166), dando uma “desvantagem” em casa. Assim, a forma como as agências agem, focando na mulher e dando grande importância para questões que “não seriam tão importantes”, não é positivo. Esses homens consideram que essas intervenções humanitárias separam as mulheres e os filhos da família e que, para os somalis, ficarem juntos é muito importante (HORN, 2010a)⁸⁹.

Apesar da enorme resistência dos homens somalis nas mudanças configuracionais de seus grupos no que diz respeito às mulheres, observo que os sentidos que são despertados nos agentes humanitários são de ampliação dos direitos que as mulheres refugiadas passam a adquirir junto ao estatuto que os rege e assim, forçam os homens a encarar uma nova forma de se relacionar com elas. Nestas novas configurações, o equilíbrio de poder quanto ao direito de agressão ao corpo feminino sofre uma diminuição da desigualdade. Observo que a coerção social e o

⁸⁹ Diante das imposições coloniais e do relativismo científico das ciências sociais, sinto-me constantemente com a “faca no pescoço” ao abordar essas relações, ao tentar observar esses fatos tentando utilizar minhas compreensões com o mínimo de julgamento. Lembrei-me de uma noite em que “acordei com os gritos de um cão (lembrei da primeira viagem). Lembrei também de ter visto, enquanto passava pela rodovia, um jovem pastor ameaçar bater em um cão que subia à rodovia, ao lado das cabras. Na hora aquilo me pareceu agressivo. Mas essa madrugada ao ouvir o cão e um ruído como o de um carro, lembrei daquele momento. Refleti, como as vezes, a demonstração de afeto, também pode ser agressiva. Ameaçar agredir aquele cão pode ter sido uma forma de ensiná-lo de que poderia ter uma dor muito pior, ou mesmo morrer. Assim como quando damos os tão questionados tapinhas em uma criança. Ou mesmo quando os homens batem em suas esposas (não estou justificando, nem tão pouco julgando. Estou tentando compreender). Assim que cheguei aqui, vi uma placa “O homem que ama sua esposa, educa’ [...]” (Trechos do diário de campo, 2015).

constrangimento que antes eram exclusivamente voltados às mulheres vitimadas, “hoje”, passa a ter um novo “elemento emotivo” interagindo e que, lentamente, passa a ser deles.

Todas essas mudanças no *habitus* social, força tanto homens como mulheres a se adaptarem, remodelando seus comportamentos às novas exigências configuracionais. Isso significa “agir” de um novo modo, seja resistindo para que as configurações se mantenham como estão, seja, lutando-se para mudá-las.

Remetendo-nos novamente aos sentidos despertados pela afirmação da palavra “guerra”, observo que muito semelhantemente ao que se vê em relação às configurações entre homens e mulheres, se observa nos confrontos étnicos intra-inter Estados-Nações entre os grupos que, estando em “guerra” antes de virem ao Campo, aqui retomam os conflitos, através das “crenças” sociais e das “hostilidades recíprocas” que alimentam entre si e esses sentidos também podem ser observados nos mais jovens. A imagem 14, abaixo, procura visualizar essa experiência.

Imagem 14 – Atividade com fantoches



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

Na imagem 14, abordo uma das atividades que realizei com as crianças em outra unidade escolar. Nela, um número significativo de crianças e jovens se interessaram em participar da atividade que propus de realizarem

[...] um teatro de fantoches, todas queriam fazer sua própria apresentação para turma. Os temas sempre circulavam entre a violência e a paz e isso naturalmente surgiu entre eles, haja vista que faz parte de suas realidades. (Trecho do diário de atividades do Projeto Baú de Sonhos, 2015, p. 83).

Foram experiências como essa que reforçam meus sentidos em compreender que a “guerra” e a “desumanização” precisam ser compreendidas enquanto um acontecimento em meio às configurações.

Para Crisp (2000) a violência entre nacionalidades também ocorre com frequência no Campo. Que, no ano de 1998, foram registrados dois grandes conflitos, o primeiro entre sudaneses Neuer e Etíopes e o outro envolvendo somalis e sudaneses. Vários relatos verbais remontam a conflitos posteriores e mortes subsequentes dentro do Campo. Porém, como conflitos são condenados pelas agências humanitárias, eles desenvolveram outras formas de se confrontarem “mais discretamente”. O Campo não é um local militarizado e sofre forte influência do SPLM, que seleciona os líderes comunitários na administração do Campo. *Kakuma* fornece recrutas que são obrigatoriamente chamados para lutarem com as forças rebeldes no país e como promessa, as esposas e filhos são protegidos no Campo enquanto os homens estão lutando (CRISP, 2000).

Em vários relatos desde agentes humanitários, refugiados(as) e locais, ouvi que poucos meses antes do início da pesquisa de c/Campo, exatamente em novembro de 2014, dois grupos étnicos sul sudaneses entraram em conflito, pois, no seu país, onde partes de seus grupos permanecem residindo, estavam em conflitos armados. Segundo os relatos isso ocorre quase imediatamente após o início dos conflitos no local, haja vista que é quase diária a chegada de novos(as) refugiados(as) (UNHCR, 2015; CRISP, 2000) e também pela agilidade na comunicação através do uso de celulares e internet (KALEDA, 2014). Para Crisp (2010) esta é uma questão que ainda gera dúvidas e do qual existem poucas informações sobre as suas implicações na vida desses homens (CRISP, 2000).

Devido a estes fatores, não é de se estranhar que os incidentes no Campo possuam conexão com os incidentes existentes nos países de origem. Como grupos rivais acabam buscando asilo no local, as tensões se tornam ainda maiores quando no país de origem eles vivem um confronto. Chegam muitas vezes em confrontos físicos gerando feridos e mortos no Campo (CRISP, 2000).

O sentido que a palavra “guerra” me desperta não é de algo “estático” e “desumanizado”, mas sim do resultado não premeditado das configurações alimentadas pelas “hostilidades recíprocas” entre os diferentes grupos envolvidos nessas redes de interdependências, inclusive pelas interferências pós-coloniais⁹⁰.

Assim, ao escrever que o único desastre de seus países seja a guerra, VV o apresenta como algo “estático”, “mistificado” e “desumanizado” e, ao contrapô-lo as suas riquezas, despertou-me imediatamente que VV, assim como outros indivíduos envolvidos nessas configurações⁹¹, não reconhece correlações entre a “guerra” e as pessoas que a perpetuam, inclusive através dos conflitos no c/Campo que, de várias formas, mostram-se ser continuidade. Além disso, o discurso também me desperta que, nesse contraponto que a jovem faz, a “guerra” representa a impossibilidade da existência de um “Estado-Nação”. E que ele, o “desastre” da “guerra” gera um intenso sofrimento nos elos mais frágeis desse equilíbrio desigual de poder, pois, como diz o provérbio africano: “quando dois elefantes brigam, quem sofre é a grama”.

4.2 TRILHANDO OS PASSOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Enquanto análise de discurso, a visão de que os processos discursivos possam ser universais é criticada (GILL, 2002). O intuito aqui nesse ponto da pesquisa foi o de se concentrar aos contextos específicos no qual o discurso de jovens refugiados(as) é empregado e não mais abordar questões “micro” e “macro” desenvolvidas nos capítulos anteriores. Assim, através da construção cuidadosa desse

⁹⁰ Essas interferências são enfocadas enquanto resultados diretos dos séculos de colonização europeia ao qual esses países foram submetidos e, também, dos resultados que se perpetuam nas relações pós-coloniais; inclusive, as interferências já observadas com o findar da Segunda Guerra Mundial e as ações da ONU (e porque não dos(as) pesquisadores(as)?) no Continente e que são aspectos já abordados nesse estudo.

⁹¹ Inclusive pesquisadores(as).

processo, apresento ao longo dos próximos tópicos a coerência observada dos discursos de jovens refugiados(as) no Campo de *Kakuma*.

Para me guiar, usarei das indicações de Rosalind Gill (2002) que sugere que a análise de discurso possa ser pensada resumidamente em oito passos: 1) formulação das questões iniciais da pesquisa; 2) a escolha dos textos a serem analisados; 3) transcrição dos discursos quando necessário; 4) leitura cética e interrogativa; 5) codificação e revisão das questões iniciais; 6) análise de dados, pensando hipóteses; 7) teste da fidedignidade e 8) descrição minuciosa (GILL, 2002). A figura 4, abaixo, representa esses passos enquanto caminho não estático que é trilhado ao longo da análise.

Figura 4 - Os oito passos da análise de discurso

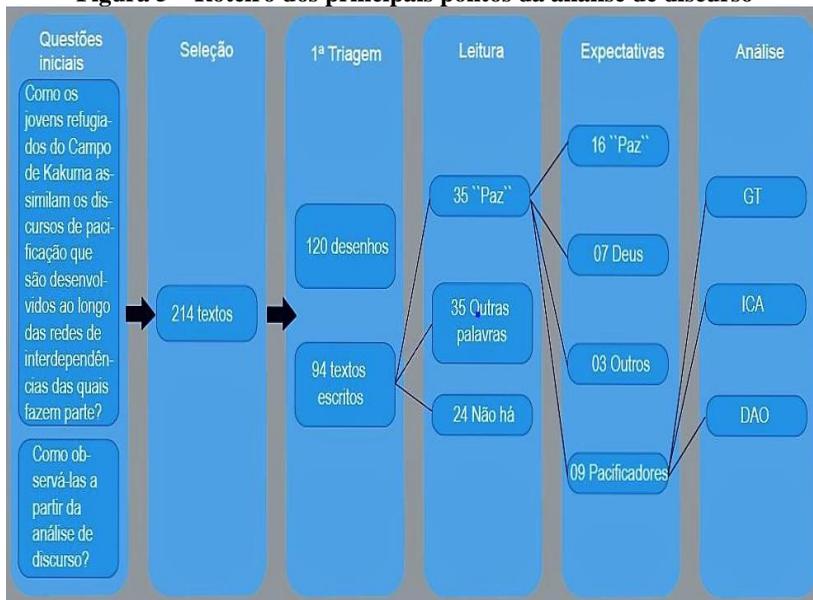


Fonte: Pesquisadora, 2015.

Deixo evidenciado que, apesar de apresentar passos enumerados, a “prática” da análise não foi engessada e rígida, pelo contrário, a escolha dessa técnica se deu justamente por me permitir usar da minha subjetividade e por poder retomar e reformular os passos conforme a pesquisa foi avançando. Porém, com o intuito de seguir um caminho lógico e de não me estender mais que o necessário, proponho abaixo, na figura 5, um “roteiro prático” dos principais pontos que foram

destacados na análise que realizei. Apresento-o como uma forma de tornar a minha escolha técnica mais didática ao(à) leitor(a).

Figura 5 – Roteiro dos principais pontos da análise de discurso



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

Levando-se em consideração que os textos escritos pelos jovens foram livres e que nem todos possuem nome, idade, gênero e etnia – que seriam fundamentais para um cotejamento entre essas variáveis, optou-se por observá-los pelo que faz suas “identidades eu” e “nós” semelhantes e distintas ao mesmo tempo: seus sonhos. Seguindo o **primeiro passo** sugerido por Gill (2002), apresento as seguintes perguntas formuladas (e reformuladas) ao longo dessa análise: **Como os(as) jovens refugiados(as) do Campo de Kakuma assimilam os discursos de pacificação que são desenvolvidos ao longo das redes de interdependências das quais fazem parte? Como observá-las a partir da análise de discurso?**

Para a seleção do material que seria analisado (**segundo passo**), reuni os 214 materiais desenvolvidos por crianças e jovens refugiados(as) no Campo de *Kakuma* durante as atividades do Projeto Baú de Sonhos. Destes, constatou-se que 120 são desenhos e outros 94

são textos escritos ⁹². Diante desta constatação inicial, foi realizada a primeira triagem onde se optou por manter no processo de análise os 94 textos escritos. Ressalta-se que essa escolha se deu pela necessidade de definir o escopo a ser pesquisado e que se reconhece as ricas possibilidades de análises que os discursos em forma de desenhos permitem.

Imagem 15 – Desenho feito pelo estudante SU



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

⁹² É válido informar que o Projeto Baú de Sonhos teve continuidade no Brasil, acontecendo em escolas públicas de Florianópolis e uma exposição interativa onde os participantes puderam ter acesso aos materiais desenvolvidos em *Kakuma* e também puderam deixar suas contribuições. Infelizmente, durante essa experiência, alguns dos materiais foram furtados. Das atividades no Brasil, há 160 registros entre desenhos e textos. Caso haja interesse em investigar os materiais desenvolvidos, os mesmos podem ser disponibilizados.

A partir da representação da Nuvem de Tags da figura 6, constatou-se que, dos 94 discursos, foram destacadas 70 expressões que corresponderiam as aspirações individuais desses jovens para o futuro. Pôde-se registrar que destas 70 expressões, 35 correspondem diretamente ao conceito de paz, mostrando a existência de uma frequência desse dado nos textos analisados. Outros 35 textos apresentam outras expressões (que não diretamente a “paz”) e que outros 24 textos não apresentam conceitos diretos ou indiretos que representem as expectativas desses jovens quanto ao futuro. A tabela 5, abaixo, apresenta essas divisões:

Tabela 5 - Divisão das 70 expressões individuais

Textos que:	Nº de textos	Expressões selecionadas
Expressam diretamente em seus discursos suas aspirações quanto a paz e a pacificação	35	Paz. Paz. Paz. Paz. Paz. Paz. Pacificadores. Faça paz e ir para o Brasil. Paz e harmonia. Paz. Paz e educação. Paz. Paz. Paz. Paz. Paz. Paz e ser médico. Paz. Paz. Paz e benção. Paz. Paz, liberdade, democracia e sociedade. Paz. Paz. Paz. Paz. Ser pacificador. Paz. Ser pacificador. Paz. Paz e ser mestre em educação. Ser pacificador. Paz e educação. Fazer paz. Ser pacificador.
Expressam suas aspirações com outras palavras	35	Que a guerra pare. Ser professor. Ajudar. Ser brilhante. Líderes com almas unidas como irmãos. Ter sucesso na escola. Guerra pare e ver os pais. [Procurar] o pai. Ser professor. Ser professor. Independência. Sudão tenha uma boa saúde. Acreditar no meu país. Ver meu país. Ajude-nos. Meu país me iluminar. Ver minha família de novo. Ir para Alemanha. Ir para outros continentes. Independência. Ser médico. Ver o país. Ver os pais. Ter futuro brilhante. Terminar a educação. Ser freira. Ser pilota e/ou ajudar jovens. Ser presidente. Ser educado e voltar. Pedir ajuda. Ser soldado. Ajudar as pessoas com deficiência e crianças de rua. Ser juiz. Ser professor. Ser presidente.
Não expressam diretamente (ou indiretamente) suas aspirações	24	Não há.

Fonte: Pesquisadora, 2015.

Neste ponto, foi realizada uma nova triagem onde, os 35 trechos que expressam diretamente em seus discursos e expectativas quanto a “paz” e a pacificação foram os selecionados e novamente subdivididos em quatro: 1) trechos que destacam as expectativas de paz como ponto geral (16), 2) trechos que destacam as expectativas de que Deus leve paz (07), 3) trechos em que se destaca a expectativa de que outros levem a paz (03) e 4) trechos em que se destaca os seus interesses de serem agentes para paz (09), conforme é apresentado na tabela 6 a seguir:

Tabela 6 – Subdivisão dos 35 textos

	Expectativas encontradas no trecho	Nº de textos
1	Trechos que destacam as expectativas de paz como ponto geral	16
2	Trechos que destacam as expectativas de que Deus leve paz	07
3	Trechos em que se destaca a expectativa de que outros levem a paz	03
4	Trechos em que se destaca os seus interesses de serem agentes para paz	09
	Total	35

Fonte: Pesquisadora, 2015.

Diante das inúmeras possibilidades de análise, esta pesquisadora optou por fazer uma última divisão. Selecionando os 09 trechos em que se destaca os seus interesses de serem agentes de pacificação, observei que não seria possível fazer uma divisão, haja vista que há uma repetição nos temas de interesse (“Deus”, “outros”, “educação” e “voltar ao país”), decidi por analisar e descrever minuciosamente três desses trechos. Esta escolha se deu por considerar que estes discursos escolhidos são capazes de expressar significativamente as construções históricas e culturais que os permeiam.

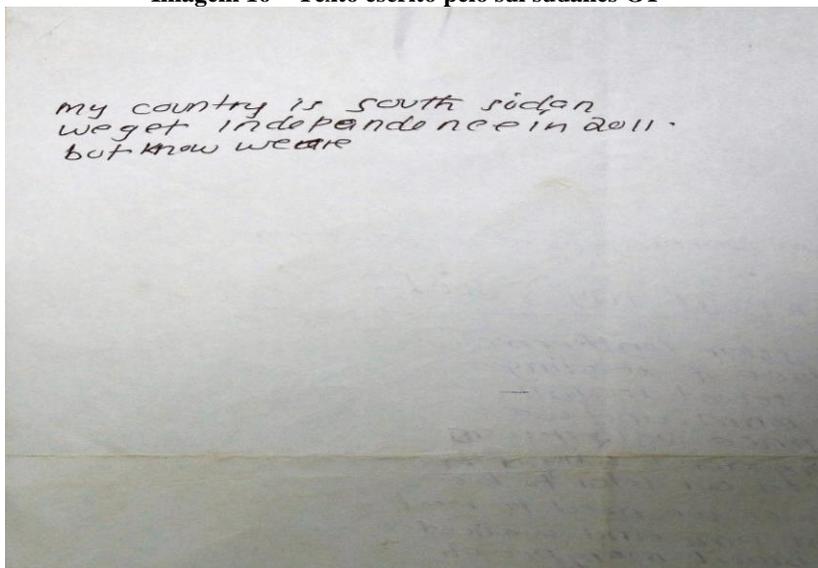
Para os analistas de discurso, a fidedignidade e validade (**passo sete**) são de grande importância, pois, estas são formas de compreender se a análise está seguindo um caminho condizente com o discurso que é descrito. Levei em consideração os objetivos e as circunstâncias dos discursos. Gill (2002) nos descreve quatro possibilidades, são elas: 1) analisando-se os casos desviantes; 2) dialogando-se com quem fez ou para quem se destinam os discursos; 3) constatando-se a coerência através do cotejamento com trabalhos anteriores e 4) utilizando-se da avaliação de leitores através de transcrições completas dos materiais ou de longos trechos. Diante dessas quatro possibilidades e reconhecendo

que o discurso fora destinado a mim, considerando-se também, todo o desenvolvimento dessa pesquisa, a dedicação minuciosa em analisar o estado da arte do Campo de refugiados de *Kakuma*, optei pela “coerência”, pois, esta possibilidade se utiliza das intuições de trabalhos anteriores como forma de avaliação.

A partir da escolha da coerência, reafirma-se que para os analistas de discurso “todo discurso é circunstancial”, não ocorrendo em um “vácuo social” (GILL, 2002) e que, apesar dos discursos analisados serem individuais, “o interesse do analista de discurso não é nas atitudes individuais, mas na construção cultural [...]” (GILL, 2002, p. 254). Este interesse vai ao encontro da perspectiva sociológica configuracional adotada ao longo desse estudo. A coerência será “desenvolvida” em concomitância com a descrição minuciosa (último passo) a seguir.

4.3 “[...] EM MEU FUTURO EU GOSTARIA DE SER UM PACIFICADOR [...]”

Imagem 16 – Texto escrito pelo sul sudanês GT⁹³



⁹³ Informo que as únicas alterações realizadas nas imagens dos textos de GT (a), ICA (b) e DAO (c) - que foram apresentadas na análise - dizem respeito a exclusão do nome deles no texto. Isto foi feito com o intuito de preservar suas identidades.

MY NAME IS

SIDON

this is the beginning of my life story

- I am 15 years old. I live in Kakuma.
- I was born in South Sudan.
- My country is the smallest country in Africa.
- It is full of corruption and many people are dying ever now and then. My father die in the war since I was a little kid.
- In my future I would like to be a peace maker because UN now are searching for peace and many people need peace. Today I am learning here in Palotaka.

FACT ABOUT MY SCHOOL

- My school lack solar lantern.
- There is no place of reading or revision. My school is full.
- We lack class room. and we have a solar since 2012 it was not been lighting don't why, is its repairing. We need our solar to be repaired because we need to read during the night time. and we need study like Brazil many people are study.

Thank you*
Mrs ZOU
~~At the~~

As informações que possuo do jovem refugiado GT (a) é que ele tinha 15 anos de idade, estava cursando o 8º A (ano de conclusão do ensino primário) e que é de nacionalidade sul sudanesa. Utilizando-me do texto em si (Imagem 16) e da tradução que define esse subcapítulo (4.3) - conforme exemplifica Gill (2002) - dividirei os trechos em linhas numeradas (1a, 2a, 3a e 4a) para que possa “explorar” e “realçar” com maior detalhamento a compreensão das expressões em uso:

1a – “*Em meu futuro eu gostaria de ser um pacificador*”

2a – “*por que a ONU está agora procurando por paz*”

3a – “*muitas pessoas precisam de paz hoje*”

4a – “*eu estou aprendendo aqui em palotaka.*”

1a – “*Em meu futuro eu gostaria de ser um pacificador*”

Na parte 1, o jovem sul sudanês GT inicia o texto expressando explicitamente seu interesse em ser um pacificador. Os sentidos que me são despertados ao ler essa aspiração é que a apropriação desses conceitos relacionados a “paz” ocorrem devido à intervenção de diferentes grupos. GT, os constrói e os usa como forma de “identidade eu – nós”, ligando-os aos discursos de outros jovens, professores, familiares, líderes comunitários, agentes humanitários, pesquisadores(as), cidadãos(ãs) quenianos(as), etc. que discursam sobre “paz”. Dentre os parceiros do ACNUR no Campo que discursam sobre “paz”, pode-se destacar a contribuição direta do Fundo das Nações Unidas para a Infância e Educação, Federação Luterana Mundial, Serviços Jesuítas para Refugiados, Filmes de Ajuda Internacional, Fundação Amigos Waldorf, *Windle* confiança Quênia, *IsraAID*, Conselho Dinamarquês para os Refugiados e a Ação Internacional de Ajuda à África (UNHCR, 2015).

Hilhort e Jansen (2010) destacam que os(as) refugiados(as) são parte do sistema que os governa e assim, assumem suas linguagens e interagem conforme as possibilidades que lhes surgem. Para Crisp (2000), as agências humanitárias possuem interesse que os(as) refugiados(as) assumam o discurso de paz, pois, comunidades pacíficas costumam ter alto poder de coesão social e um efetivo exercício da autoridade do Estado. O discurso participativo tem transformado os(as) refugiados(as) em agentes políticos. A “microfísica do poder” no contexto das arenas humanitárias fica evidente quando se observa as ações do cotidiano e a forma como os direitos, a neutralidade e as possibilidades são negociadas (HILHORST e JANSEN, 2010).

Essa “arena humanitária” é criada por vários “atores”, sejam internos como agentes humanitários e refugiados(as), seja externos como mídia e doadores(as). São construídos por esses “atores” e remodelados conforme a necessidade. (HILHORST e JANSEN, 2010). Assim, constituem sua identidade nós, expressa não apenas na frequência de uso da palavra “paz” e suas variações, mas também dos discursos que são construídos junto ao conceito. Conforme sugere Gill (2002), mais do que compreender a motivação (que é guerra e os conflitos armados) de ser um pacificador, cabe aqui, compreender quais os esforços desses(as) refugiados(as) em fazer quem os lê aceitar seu discurso, assim como, compreender as “funções sociais” desse discurso que em G, observo algumas funções na continuidade (parte 2), ao reportar-se a ONU.

2a – “por que a ONU está agora procurando por paz e”

Cabe ressaltar que o papel da ONU em sua afirmação é central, haja vista o destaque que o mesmo emprega em sua afirmação ao utilizar letras maiúsculas acompanhadas de um traço forte (características que não aparecem em outros textos). As funções apreendidas em seu discurso se apresentam no esforço em juntá-lo ao discurso que a ONU, através da atuação constante do ACNUR no Campo de Refugiados de *Kakuma* e nos países de origem – propõe atuando em prol de alcançar a “paz”. Russell e Stage (1996) evidenciam que a ajuda humanitária, diante dos problemas com violência dentro do Campo desde a sua fundação, já em 1994, desenvolvia e oferecia programas de educação e orientação para os(as) refugiados(as).

Crisp (2000) constata que várias atividades são implantadas no sentido de educar crianças e jovens para paz e para o convívio comunitário longe da violência e dos crimes. Existem programas de treinamento e várias atividades esportivas e culturais para as crianças e jovens em vários pontos do Campo. O ACNUR busca o princípio do “auto gerenciamento comunitário” onde a comunidade é incentivada a participar diretamente das ações na vida do Campo. Permitindo aos(as) refugiados(as) compreenderem as regras de lei e ordem (CRISP, 2000).

Além dos esforços das agências humanitárias nas construções desses discursos sociais de pacificação, Russel e Stage (1996) se dedicam a exemplificar que culturalmente as mulheres sul sudanesas também são construtoras ativas desses discursos, pois, elas são responsáveis por trazer a paz em suas comunidades em momentos de

conflitos, passando essas informações às gerações mais jovens. Elas reafirmam seu papel no Campo enquanto pacificadoras afirmando que os conflitos e a guerra estão relacionados com uma espécie de loucura e orgulho masculino. Mesmo se sentindo frustradas diante da perda de seu papel apaziguador, elas articulam esforços em busca de táticas para por fim aos conflitos e recuperar a união de seu país. Em seus discursos elas questionam: “[...] agora quem é a pessoa que mais sofre? Quem é que está nos campos? Quem está agora perdendo seus entes queridos e as crianças?” (RUSSELL e STAGE, 1996, p. 9).

Para Gladden (2013), as mulheres são as responsáveis por passar aos mais jovens os sistemas de suporte, sistemas de “crenças”, o alto valor da educação e a “crença” no futuro. Também, a família e os amigos são fortes sistemas de reprodução de comportamento e de apoio utilizados pelos(as) refugiados(as) após terem vivido situações traumáticas.

Nota-se que é difícil distinguir as “funções sociais” de um discurso pacificador que seja para o Campo e outro que seja para fora do Campo, mesmo que em alguns momentos ele tenha sua construção definida para um local específico. Estas “linguagens em uso” se conectam e se remodelam em meio aos interesses dos diferentes indivíduos envolvidos. Mesmo que GT esteja se relacionando ao seu interesse em ser um pacificador, devido às suas elucubrações pelo que a ONU constrói no Campo, ele também reconhece que seu discurso possui função em outros espaços, pois:

3a – “*muitas pessoas precisam de paz hoje*”

Nesta terceira parte, observo que GT reconhece que “muitas pessoas”, ou seja, que grupos e sociedades vivem conflitos e guerras neste exato momento (“hoje”) e “precisam de paz”. GT me desperta em reconhecer que não somente o Sudão do Sul precisa de “paz”, mas que outros também sofrem com os conflitos, além disso, faz com que eu me reconecte com a atualidade de seu discurso.

Através da coexistência de diferentes grupos e etnias no espaço físico do Campo, é possível constatar as dificuldades que outros grupos estão vivendo. Essa constatação permite que os jovens observem suas situações e as comparem e as distingam de outros. Constatar que outros precisam de “paz” é reconhecer a similaridade da situação com outros grupos. Esse discurso que permite essa visão de que outros estejam vivendo esta problemática dos conflitos armados e guerras intra-extra

Campo, também ocorre pelo discurso das agências humanitárias ao reportarem a situação de outros campos, de refugiados(as) que possuem parentes vivendo em outros locais, como é o caso dos somalis que estão em grande número em *Kakuma* e que constituem maioria no Campo de Refugiados de *Dadaab* (situado no território queniano). Essas informações também chegam ao Campo pelo avanço da internet que permite que os(as) refugiados(as) recebam informações de parentes distantes, de seus países de origens, de outros países africanos e de outros continentes em “tempo real” (KALEDA, 2014).

Kaleda (2014) destaca que o *karene.org*⁹⁴ é um site que atua na publicação de um misto de novas histórias, poesias, sobre educação, economia e informações internacionais que expressam os(as) refugiados(as). Kaleda (2014) constata que a mídia é um importante novo ator no contexto dos Campos de refugiados. Dá um diferente tipo de voz a eles, tirando-os da comum situação de “raivosos e vítimas esperanças” (KALEDA, 2014, p. 110). Este tipo de mídia se mostra enquanto “tática” adotada por eles para poderem mover barreiras físicas e políticas de “dominação”. Não reportam somente problemas, como o fazem as grandes mídias internacionais; mas também, empenham-se em soluções através de outras possibilidades de abordagem (KALEDA, 2014). Tornando-se assim, as mídias sociais mais um agente em pró do discurso de pacificação.

4a – “eu estou aprendendo aqui em palotaka.”

Ao concluir esse pequeno trecho de sua explanação, GT o acrescenta posteriormente, utilizando-se de outra caneta. É algo que fora lembrado somente em outro momento, mas que, se foi incluído, subentendo que se fazia importante. Neste momento da sua escrita, observo que ele destaca dois pontos importantes na vida dos(as)

⁹⁴ O *karene.org* é um site em *Kakuma* que está no ar desde 2008. Ele traz informações sobre o Campo em inglês. Publica questões sobre política, finanças e tecnologias; como também, às vezes, notícias jornalísticas (KALEDA, 2014). É imprensa livre autoproclamada e atua sem recursos definidos. Começou e continua como um jornal constituído por jovens, poucos repórteres, onde alguns foram formalmente jornalistas em seus países de origem (KALEDA, 2014). Possui 6 jornalistas ativos e suas publicações possuem uma média de 200 visualizações por dia. Quando há notícias novas, as visualizações chegam aó total de 3000 no dia (KALEDA, 2014).

refugiados(as). Primeiramente ao identificar que está sendo educado ao usar a expressão “aprendendo” e segundo por afirmar o local físico de onde fala: a escola primária de “*palotaka*”.

Os sentidos que me são despertados aqui, remontam ao que já foi discutido logo acima (tópico 1) sobre a intervenção direta das agências humanitárias e das características culturais, e assim, as funções que observo desse último trecho analisado de seu discurso é de expor sua compreensão da importância de seguir as regras ao qual lhes são altamente impostas coletivamente.

É interessante pensar a mudança das concepções que os sudaneses tiveram sobre a educação ao longo do processo de colonização e pós-colonização. Inicialmente, somente crianças consideradas pelos pais como “preguiçosas” eram mandadas para serem educadas em escolas (como forma de constrangimento) e hoje, onde a educação institucionalizada se tornou um dos principais objetivos de refugiados(as) sudaneses no Campo de *Kakuma* (EL JACK, 2010).

As “funções sociais” dos discursos de escolarização se tornaram tão significativos entre os sudaneses que seus líderes, percebendo a deficiência escolar em seus países de origem, orientavam refugiados(as) a permanecerem em *Kakuma* para estudarem (HILHORST e JANSEN, 2010). Para El Jack (2010) a educação já é vista como um dos pilares da ajuda humanitária. Jansen (2008), em consonância com essa afirmação, destaca que algumas famílias fazem um arranjo onde parte da família permanece no Campo para terminar os estudos e tentar o reassentamento enquanto outra parte volta para casa. Estes que voltam, fazem-no sem o conhecimento do ACNUR para que não percam seu *status* de refugiados(as).

Gladden (2013) destaca que as mulheres mais jovens, solteiras, sem filhos ou com apenas um, creem que a esperança em um futuro melhor está na educação. Que através da educação poderiam encontrar um emprego e com o dinheiro poderiam mudar a própria situação e de seus familiares. Já, as mulheres com mais idade, casadas e com mais filhos depositam uma “crença” maior quanto a melhoria de sua condição de vida na igreja (GLADDEN, 2013). A relação com a religião é observada pela força que as vertentes cristã e islâmica possuem sobre os grupos que se veem refugiados em *Kakuma*.

Para a autora as grandes expectativas depositadas na fé e na educação, tem como efeito um alto nível de estresse nos jovens refugiados(as) que passam a acreditar que somente serão alguém através da educação. Essas “crenças” os fazem sentir responsáveis não somente

por seus futuros, mas os de suas famílias e dos seus países de origem (GLADDEN, 2013).

Outro sentido que me é desperto pela afirmação da educação e que construo a partir das experiências (hemerográficas e empíricas) dessas configurações, é de que estar “aprendendo” em uma escola que se mostra melhor estruturada se comparada à outras, também, coteja outro importante aspecto do próprio discurso humanitário, pois, dedicar-se ao estudo pode significar a oportunidade de repatriamento em países como EUA, Austrália, Canadá e Nova Zelândia para continuar o ensino universitário. Esta é uma alternativa escassa, mas é uma grande oportunidade diante das poucas expectativas que esses jovens possuem para o futuro (CRISP, 2000).

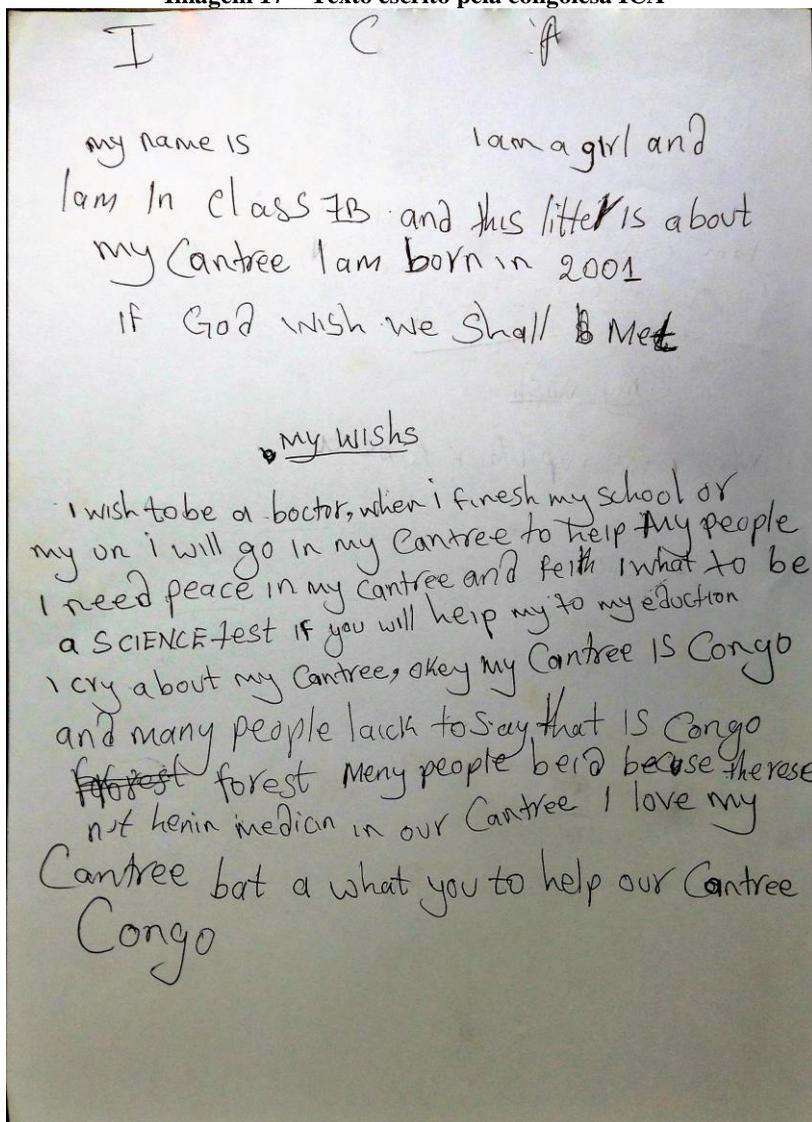
O ACNUR e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) organizaram um sistema educacional já no começo do Campo. Mesmo que tenha havido pequenas melhorias gradativas ao longo dos anos e da consideração para os envolvidos de que a educação no Campo seja melhor do que nos países de origem, a educação em *Kakuma* é considerada de baixa qualidade e são poucos(as) os(as) estudantes refugiados(as) que conseguem passar nos exames nacionais que são aplicados aos estudantes em processo de estudo no Quênia (UNHCR, 2015; EL JACK, 2010).

Para El Jack (2010), os diversos desafios operacionais enfrentados no Campo correspondem a falta de materiais didáticos e professores qualificados, falta de financiamentos, ambiente e currículos inadequados, falta de apoio de pais e comunidade, e a impossibilidade de ingresso no ensino superior no local (EL JACK, 2010).

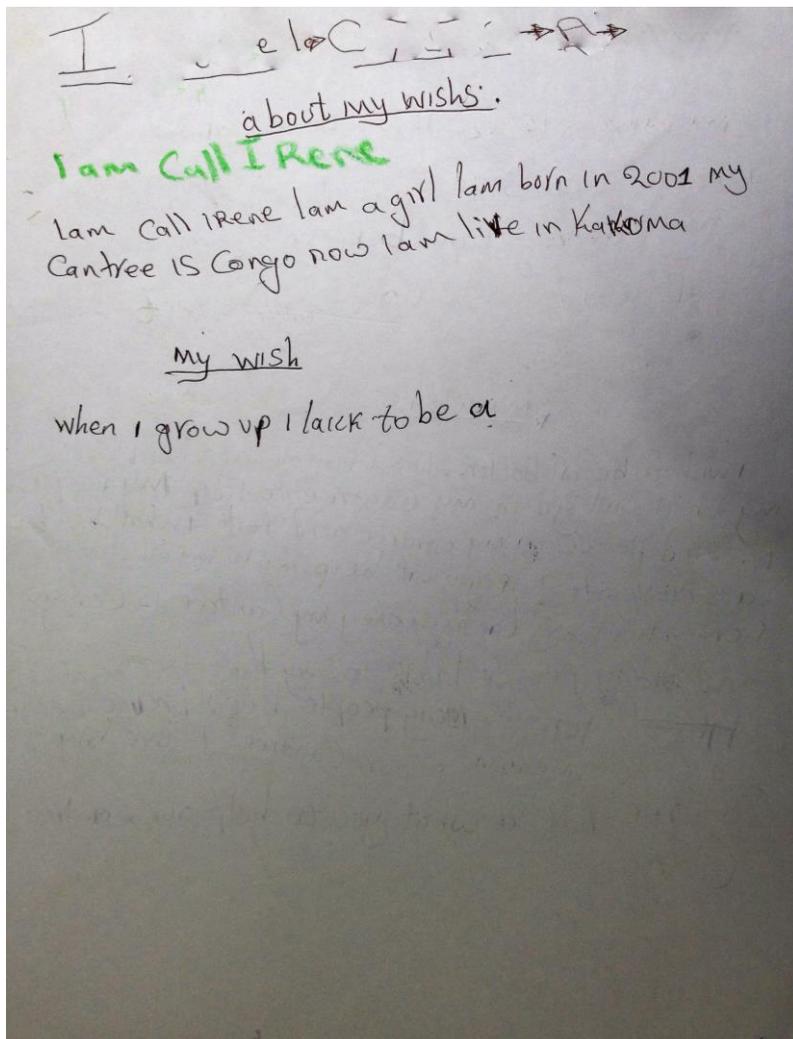
A proximidade dos conceitos de paz e educação no discurso do jovem GT mostra a educação como a principal “tática” de ação na tentativa de mudar o equilíbrio desigual de poder nas configurações que mantêm a violência e o sofrimento. Permitindo-os aspirar um futuro menos violento, diante das limitadas opções que possuem.

4.4 “[...] MEUS DESEJOS [...]”⁹⁵

Imagem 17 – Texto escrito pela congolesa ICA



⁹⁵ Este segundo trecho destacado possui erros de grafia que foram propositalmente sublinhados na tradução e que, sendo reconhecidos como parte do discurso, foram trabalhados ao longo do detalhamento.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

As informações sobre quem é a jovem ICA (b) que conseguiu apreender de seu texto é de que ela é uma “garota”, nascida no Congo no ano de 2001 e que estava cursando o sétimo ano B do ensino primário. Ela não informa se estuda na Escola Primária de *Palotaka*, mas, por apresentar o ano e a turma “B”, acredito que seja aluna dessa escola. Organizei a divisão, do trecho de seu texto que será analisado, da seguinte maneira:

1b - “...Meus desejos”

2b - “Desejo ser médica,”

3b - “quando eu terminar meus estudos ou o meu *”

4b - “irei para o meu país para ajudar meu povo preciso de paz no meu país e fê que ser cientista”

5b - “se você me ajudar para minha educação...”

1b - “[...] Meus desejos”

Apesar do primeiro trecho de seu discurso não fazer parte do trecho destacado para constituir a “descrição minuciosa” de seu discurso, cabe ressaltar (conforme é possível observar em sua escrita) que ela optou por recomêçá-lo, acrescentando novos elementos de escrita. ICA se dedicou a reescrever a primeira parte, retirando o título que apresentava “os seus desejos” e acrescentando ao texto a possibilidade do “desejo de Deus” e então, a “garota” prosseguiu, dedicando a esta segunda parte de seu texto para expressar suas aspirações, dando-lhe um título que salienta que abaixo, apresenta as suas aspirações.

2b - “Desejo ser médica,”

Gostaria de iniciar a análise de discurso desse trecho remetendo-me ao erro na grafia da palavra médica. Retomando à análise anterior quanto as dificuldades educacionais apontadas por El Jack (2010), o Campo possui também o desafio linguístico, pois, mesmo que os refugiados e refugiadas falem diversas línguas, não há um domínio do inglês que é a língua central das agências humanitárias (EL JACK, 2010).

Cabe ressaltar que a discussão quanto a língua é fundamental para compreensão desse contexto social. Elas, as línguas, não deixaram de ser faladas, porém, os processos colonizadores africanos colocaram línguas como o inglês e o francês em uma posição de “hegemonia incontestável”. Isso tem afetado as relações sociais, políticas, econômicas, culturais, etc entre esses grupos desde o século XVII. Ao mesmo tempo, poder se mover entre as duas línguas (de seus antepassados e das agências humanitárias, governos ocidentais, doadores(as), mídias externas, pesquisadores(as), etc) também são formas de “poder”.

Diante das inúmeras dificuldades que estes(as) jovens refugiados(as) e seus familiares vivenciam, e do erro na grafia da palavra “médica”, parece-me inviável não os correlacionar. Observo que o interesse em ser médica e a escassez de assistência à educação quanto à saúde ao qual elas e eles são submetidos, possuem um vínculo inseparável. Desde os países em guerra ao qual precisam fugir até o Campo (local onde os sistemas de saúde não conseguem acompanhar o crescimento e as necessidades da população) essas pessoas vivenciam as diversas formas de precariedade que tenho abordado (UNHCR, 2015; EL JACK, 2010).

Outras características que despertam em mim essa consonância entre educação e saúde através do erro de grafia são as várias experiências no c/Campo. Primeiramente porque essa leitura me reportou à história de uma jovem (na atividade em uma das outras escolas) que relacionou seu interesse em ser médica por observar as dificuldades de que a comunidade, da qual faz parte, passa. Além disso, também, lembrei da experiência de visita ao principal centro de saúde do Campo e constatar que as mães recém parturientes eram mantidas do lado de fora com seus bebês sobre os braços devido à falta de espaço interno. Indo mais além, de saber, pouco tempo após meu retorno ao Brasil, que a recém-nascida HD que havia visitado e que já em casa parecia saudável, veio a óbito – aparentemente sem esclarecimentos – poucas semanas depois⁹⁶. Estes meus “sentidos” são reforçados ao constatar que o ACNUR, reconhecendo essa realidade, procura implantar novos centros de atendimento pelo Campo (UNHCR, 2015) e que além dele, outros(as) pesquisadores(as) relatam as precariedades dos serviços de saúde no Campo que exigem que os(as) refugiados(as) sejam encaminhados para tratamentos em Nairóbi (CRISP, 2000).

Não quero entrar na discussão quanto a “institucionalização” e “biopolitização” do parto, porém, não posso deixar de reconhecer que

Aqui é uma região muito seca e o número de pessoas só cresce e sua saúde também. Antes, muitas e muitas morriam de malária, hoje muito

⁹⁶ Além da visita no Hospital, após alguns dias, pude revê-la em casa. Receber a informação de seu falecimento através da troca de e-mails com pai, mesmo após distanciar-me fisicamente do local, evidencia-nos como o discurso é constantemente construído através da “linguagem em uso” onde, “acrescentamos”, “retiramos” e “mudamos” nossos “sentidos” sobre determinados fenômenos, assim, não permitindo suas compreensões enquanto objetos “estáticos”.

menos. Muitas morriam de fome. Hoje quase ninguém. A população só cresce – vem mais refugiados e as mulheres tem muitos filhos. Este local parece uma bomba relógio. Fica claro que a água não vai dar conta e que o dinheiro da ajuda humanitária também não sebe-se até quando [...]”⁹⁷ (Trecho do diário de campo, 2015).

3b – “quando eu terminar meus estudos ou o meu *”

Novamente o interesse pelo estudo é destacado, assim como o foi pelo jovem GT no texto anterior. Infelizmente, a jovem faz referência a um ponto do qual não consegui compreender o significado, mesmo procurando um comparativo com outros textos, não consegui compreender o significado da palavra e a representei com um asterisco. Apesar disso, observo que mais do que falar dos estudos e do *, o trecho nos persuade a pensar no “quando” ela os concluir.

As “funções sociais” observadas nesse trecho, remetem-me ao que fora discutido anteriormente sobre os discursos humanitários e culturais que reforçam a prática do estudo enquanto “tática” de ação para um futuro com melhores expectativas. Mesmo que essas construções tenham suas similaridades entre os grupos de jovens que estudam em *Kakuma*, as possibilidades de compreensão de estudo para uma “garota” são diferentes da que os jovens - do gênero masculino - possuem.

El Jack (2010) destaca que é necessário observar que há dominação masculina e o que ela considera uma “invisibilidade” das mulheres. Isso ocorre em detrimento de três fatores. Primeiramente, como retratado anteriormente, pelo número elevado de crianças e jovens que chegam desacompanhados ao Campo (UNHCR, 2015; EL JACK, 2010). No caso das garotas, elas são adotadas por famílias que as utilizam para cuidarem dos filhos menores e de afazeres domésticos (EL JACK, 2010) Essa “desigualdade de gênero” é expressada

⁹⁷ [...] São gerações crescendo de forma totalmente dependente. Talvez menos os garotos de hoje, que visualizam todas as oportunidades para conseguir sobreviver. Não estou criticando a ajuda humanitária acho que ela tem feito muito bem o seu trabalho. O que me vem a mente é a necessidade de uma política* para pensar no futuro, de reduzir o número de pessoas e a dependência delas [... retornando aos seus] locais de origem. Mas como retornar se as guerras não param. Cada vez mais vivem conflitos. Cada vez exigem mais “seus direitos”. O problema é muito grande.

historicamente pela diferença das responsabilidades assumidas por elas e que, no Campo, as diferenças ocorrem através da realização de tarefas dentro da casa, obtenção das rações no centro de distribuição, dificuldades sanitárias e pela coleta da água que, devido à sazonalidade na distribuição, gera filas ao longo das bicas e faz com que as jovens que queiram estudar tenham que acordar por volta das 4 horas da manhã. Todos esses fatores dificultam a vida escolar das meninas e perpetuam a desigualdade de gênero (EL JACK, 2010).

Imagem 18 – Locais para coleta de água



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

O segundo ponto diz respeito ao próprio ambiente escolar do Campo, onde as “garotas” experimentaram um acesso desigual à educação no período pré-colonial, colonial e pós-colonial (EL JACK, 2010). É, ao vivenciarem a reinstalação para estudarem em outros países que se observa o terceiro ponto que apresenta a dominação masculina. Nas oportunidades de reassentamentos, elas, as jovens refugiadas, possuem menos acesso à oportunidade e na concessão de bolsas de estudo do que os homens (EL JACK, 2010). Mesmo que não haja uma discrepância significativa entre os gêneros que justificasse essas escolhas (UNHCR, 2015).

Para El Jack (2010), um exemplo dessa desigualdade pôde ser observado no ano de 2000 quando o governo estadunidense permitiu a viagem de 4000 refugiados sudaneses ao país e destes, apenas 89 eram do gênero feminino. Entre os anos de 2001 e 2014, outros 4000 refugiados foram reassentados para estudar nos EUA e apenas 200 eram mulheres. Assim, as mulheres ficam invisíveis e sub-representadas nos programas de reassentamentos. Para conseguirem ter os mesmos acessos que os homens, elas “desenvolvem” atitudes “táticas” e assertivas.

4b - “*irei para o meu país para ajudar meu povo preciso de paz no meu país e fé que ser cientista*”

As funções observadas nesse trecho são as de me persuadir a compreender seus desejos de garantir um futuro melhor para si, para os familiares e outros. Compreendo que aqui existem sentimentos diaspóricos de (não) pertencimento a dois lugares, pois, ICA “vive” em *Kakuma* a espera da chegada, que é sempre adiada, ao “meu país”⁹⁸.

Seu discurso afirma o desejo de ajudar o povo assumindo o discurso de pacificação. ICA mostra que a paz é fundamental para que volte ao seu país e possa aspirar um futuro melhor e exercer uma profissão definida. A mesma nos diz, ao começo, do seu intuito em ser médica, mas abaixo, nos fala do intuito em ser cientista. Sinto-me persuadida a lê-la com flexibilidade, essa relação também está conectada ao que foi falado anteriormente sobre ser tática e assertiva para conseguir ingressar no ensino superior que lhe dará condições tanto para seguir carreira médica quanto de cientista, mesmo que tenha a impressão de que ela não tenha maior entendimento dos significados práticos dessas escolhas.

Dentre os diversos discursos que constroem suas representações sobre o futuro, podemos incluir o das “poucas” mulheres refugiadas que conseguiram ingressar no ensino superior em outros países. Segundo El Jack (2010) elas dizem que a educação gerou “transformação” em suas vidas e, também, na vida das pessoas próximas a elas. A autora constata que essa transformação foi conquistada através de difíceis

[...] negociações, confrontações, e reconfigurações de poder nas relações dentro de casa, com outros

⁹⁸ O conceito de “diáspora” é trabalhado pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall (2003) e auxilia na compreensão nos sentimentos, porém, sua compreensão nos levaria a outros rumos.

familiares, com a comunidade, no campo de refugiados, e arenas nacionais e transnacionais. [...] o acesso a educação abalou algumas das percepções sociais e culturais que formavam previamente suas vidas (EL JACK, 2010, p. 26).

O interesse em serem reassentadas para estudar em outros países, faz com que essas mulheres reavaliem e desafiem as relações de gênero opressivas de poder ao qual estão submetidas a muitos séculos (EL JACK, 2010). Para a autora, as habilidades e conhecimentos que desenvolvem desde o interesse até o término do processo estudantil em outros países, permite que tenham conquistas econômicas e culturais ao conseguirem se impor diante de “valores patriarcais” intra-extra familiares. Um exemplo disso, são os maridos que, acompanhando suas esposas no reassentamento, se responsabilizam pelos cuidados dos filhos para que elas possam se dedicar aos estudos (EL JACK, 2010).

Assim, ICA, juntamente com outras “garotas”, apreendem não somente os discursos das agências humanitárias e das mulheres quanto à pacificação, mas também esses discursos que lhes prometem oportunidades de mudanças no equilíbrio de poder entre esses homens e agências humanitárias em relação a essas mulheres, pois, as conquistas econômicas também as deixam menos “sujeitadas” as agências. Porém, essas “promessas” de novas oportunidades somente podem ser alcançadas conseguindo a “ajuda” que ela solicita a seguir.

Indo além dessas constatações, Grabska (2011) considera que o deslocamento forçado e migrações possuem um potencial efeito para mudanças nas relações de igualdade de gênero. Porém, a autora constata que as ações a favor das mulheres geram resultados inesperados e contrários aos esperados, pois, marginaliza-as ainda mais nessas relações. Grabska (2011) compreende que existe a necessidade de se pensar além da visão “simplificada” “homogeneizada” de (refugiadas) mulheres enquanto “vítimas” ou “sobreviventes” e dos homens como “autores” e “violadores”.

Para a autora (GRABSKA, 2011) é preciso observar criticamente que as pessoas que realizam capacitações e oficinas o fazem com o intuito de construir a paz, mas paz no sentido de torná-los mais “civilizados” e “modernos” para voltarem preparados para casa. Essa “missão civilizatória” assumida, é utilizada para ensinar sobre os direitos das mulheres e para “sensibilizar” os homens e “meninos” a gerar “espaço” para o gênero feminino. Ainda assim, mesmo com amplos esforços, a participação feminina é reduzida devido à limitação

da fluência no inglês. Assim, a autora entende “que as mulheres e as meninas realmente operam em espaços de ‘poder relativo’, que são, por vezes, minadas pela integração do gênero que assume que as mulheres sejam vítimas” (GRABSKA, 2011, p. 91).

A este ponto da discussão dessa pesquisa, é impossível não constatar que as agências possuem muitos desafios a superar, inclusive na superação dos preconceitos das próprias pessoas que atuam no Campo, que fazem parte da construção desses discursos. Para Grabska (2011) isso significa o envolvimento de todos, como também, significa olhar de outra maneira que não seja o “modo ocidental”.

5b – “se você me ajudar para minha educação...”

Na minha percepção, é aqui nesta parte do discurso, que ICA deixa evidenciada as funções do seu texto. Como abordado anteriormente, compreendo que as promessas de um futuro melhor, com relações mais igualitárias (no caso das “garotas”) e de reassentamento em países de outros continentes que faz com que esses jovens almejem a intensa dedicação ao ensino superior e no caso de ICA, como abordado anteriormente, a medicina ou a “ciência”. Almejar o ensino superior está diretamente ligado ao reassentamento já que no Campo existe acesso apenas aos serviços de educação básica e algumas opções de educação técnica (UNHCR, 2015; HILHORST e JANSEN, 2010; WRIGHT e PLASTERER, 2010).

Apesar das limitações educacionais existentes no Campo, El Jack (2010) constatou que jovens [refugiados(as)] universitários(as) reassentados(as) nos EUA afirmaram que a base fornecida em *Kakuma* foi fundamental para alcançarem o ensino superior. Que o estudo terciário gera uma nova forma de oportunidade. Os(as) jovens reassentados(as) se veem estudando em distintas áreas nas Universidades no EUA e alguns deles se dedicam a temas como resolução de conflitos justamente por procurarem utilizar suas oportunidades de estudo a oportunidades para suas famílias (inclusive financeiramente) e comunidades; muitos engajando em ações de grupos que lutam pela melhoria das situações do Sudão e dos(as) refugiados(as). Isso altera diretamente sua autoestima, consciência política e, no caso das mulheres, redução da discriminação de gênero (EL JACK, 2010).

Hilhorst e Jansen (2010) observam que inúmeros(as) refugiados(as) de *Kakuma* foram reassentados(as) em outros países e

que esse movimento atraiu novos(as) refugiados(as) ao Campo. Para conseguir o reassentamento, os(as) refugiados(as) se utilizaram de várias “táticas” possíveis. Novas organizações comunitárias surgiram, cursos foram oferecidos em Nairóbi e cartas foram enviadas à ONU e embaixadas com o intuito de persuadir as agências humanitárias a conseguirem o reassentamento para os(as) refugiados(as) (HILHORST e JANSEN, 2010). Assim, entre os discursos das agências humanitárias do quais os(as) refugiados(as) se apropriam, se encontra também o uso da “linguagem de direitos”, no qual reivindicam sua “vulnerabilidade” a partir das identidades étnicas. (HILHORST e JANSEN, 2010).

Através do grande fluxo e dos “problemas” decorrentes das “táticas” adotadas pelos(as) refugiados(as), o ACNUR precisa mudar suas estratégias. Há uma competição entre esses “atores”, seja os(as) beneficiados(as), seja entre possíveis beneficiadores, como o governo queniano e os grupos que se disponibilizam em assumir os custos com o reassentamento. Apesar do ACNUR ser o administrador do Campo, ele sofre com a interferência de todos os outros indivíduos que integram essa “arena” (HILHORST e JANSEN, 2010).

Uma maneira de conseguir o reassentamento individual é por meio do mérito alcançado com a realização de cursos no Campo como o de inglês. Hilhorst e Jansen (2010) enfatizam que um ponto desfavorável nesses processos é que a qualificação de profissionais que melhor se adaptariam para receberem bolsas de estudos para estudar em outros países (ou em universidades no próprio Quênia) faz justamente com que os mais preparados para gerirem mudanças no Campo acabassem retirados do local. Neste sentido, Wright e Plasterer (2010) constataam que há indivíduos no Campo que acreditam que o reassentamento em outros países para estudar gera uma “fuga de cérebros” e que, ao invés de enviar poucas pessoas para estudarem em outros países, seria mais viável utilizar esses recursos para investir em capacitações de um número muito maior de pessoas no próprio Campo.

Para Wright e Plasterer (2010), a falta de investimento no ensino superior no Campo é parte integrante da perpetuação dos mesmos esquemas que esgotam os doadores financeiros e limita o desenvolvimento pessoal e das comunidades em questão no Campo. O maior acesso à educação superior traria benefícios aos(as) refugiados(as) que se veem deslocados(as) de seus países de origem por longos períodos. Os autores compreendem que esta é uma solução durável, pois, fornecem aos refugiados e refugiadas habilidades necessárias para melhorar as condições do próprio Campo, dos familiares, dos países de origem e das condições pessoais.

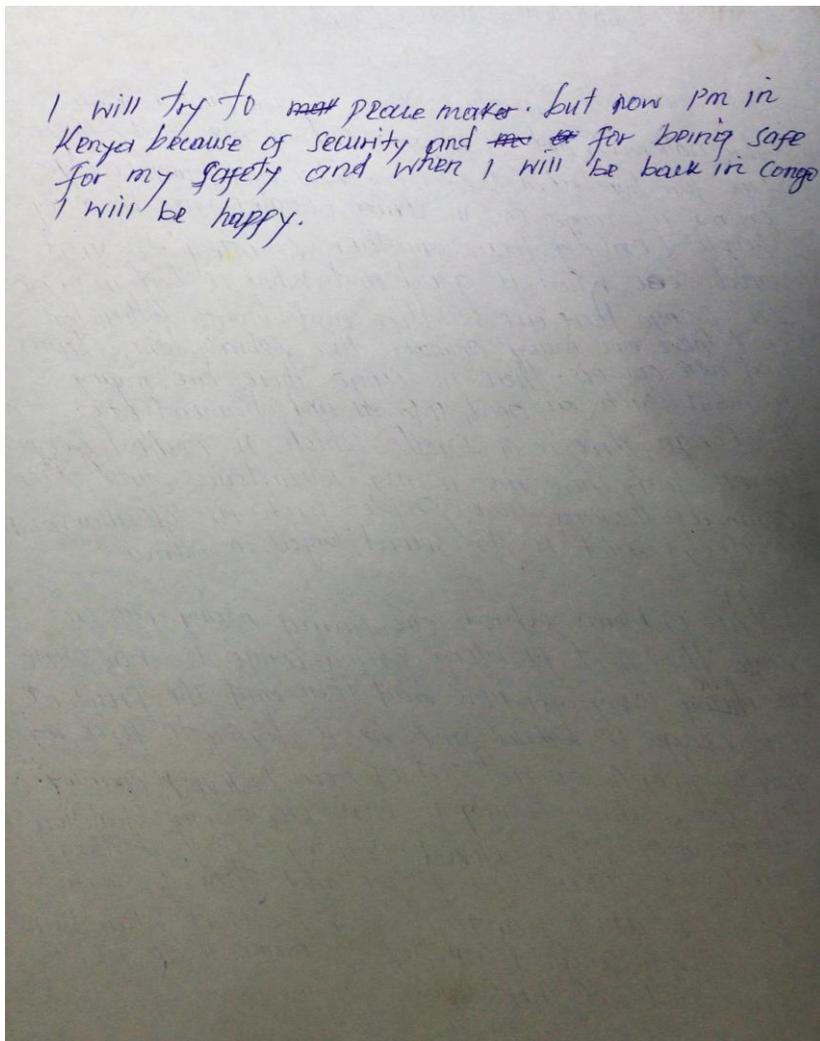
4.5 "[...] TENTAREI FAZER ISSO PARA ESTAR EM PAZ E NÃO TRIBALISMO."

Imagem 19 – Texto escrito pelo congolês DAO

NAME D . A . B . . .

My name is D A CA I'm Congolise
 by nationality and I'm 17 years old. in my country there
 are four hundred and fifty four tribes and many countries
 as me in congo in in Union Country were by many
 people coming from another country to visit
 and see what is good and what is bad in congo.
 In congo there are wildlife and tourists attraction
 and there are many animals like zebras, lions, cheetahs
 and also gazelles. there in congo there are many
 mineral such as gold, sapphire and diamonds etc.
 in congo there is a forests which is called congo
 forest and there are many mountains and other
 animals looking like people such as gorillas and
 monkeys. and is the second largest in Africa

The problems which are facing many parts in
 congo the first problem facing congo is war people
 are ~~struggling~~ ^{fighting} every day now and then and the president
 of congo is kabila and he is trying to force
 many people to get out of our beloved country.
 in congo three country is here people are fighting
 because of their beloved country. so that they
 can't be taken their people and their properties.
 But what I want to say is that when I will
 be back to congo I will try to make it to be in
 peace and not tribalism.



I will try to ~~make~~ peace maker. but now im in Kenya because of security and ~~the~~ ~~for~~ for being safe for my safety and when I will be back in Congo I will be happy.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

As informações que possuo sobre o jovem DAO (c) é de que ele é um jovem de 17 anos de idade, de etnia congoleza e não informa o local onde estuda. DAO dedica toda a primeira parte de seu texto a explanar sobre as belezas de seu país e, na segunda parte, assim como a jovem sul sudanesa VV, dedica-se a discursar que o problema vivido por seu país é a “guerra”, mas, além disso, ele apresenta uma contextualização

“política” que culmina na constatação de que “as pessoas estão lutando” (grigo meus). Abaixo, apresento as três divisões do trecho analisado:

1c – “... Mas o que eu quero dizer é que quando eu voltar para o Congo”

2c – “tentarei fazer isso para estar em paz”

3c – “e não tribalismo.”

1c – “... Mas o que eu quero dizer é que quando eu voltar para o Congo”

Compreende-se que o jovem congolês DAO, parece persuadir quem o lê a compreender sua afirmação das realizações que fará assim que voltar ao Congo. Sua afirmação não mostra espaços para dúvidas, mas como quem impõe esse retorno, enquanto um retorno certo. O Congo para esse jovem refugiado é o seu lar e o lugar para onde irá.

2c – “tentarei fazer isso para estar em paz”

Nesta parte, observo que DAO assume, assim como os outros colegas, o discurso adotado pelas outras pessoas que compõem as configurações ao qual faz parte no Campo. Porém, a esse ponto das análises desses discursos, questiono-me quanto a possibilidade da existência de uma obrigatoriedade desse discurso de “paz”, considerando (como fora abordado anteriormente) que os conflitos são repudiados pelos administradores desse espaço.

A existência de uma obrigatoriedade, modelaria os discursos dos jovens não apenas no sentido do que pode ser dito, mas também daquilo que a linguagem em uso não pode expressar, do que é “proibido” falar, mesmo quando reconhecido nas brincadeiras dos mais novos, como no exemplo da atividade realizada com os fantoches. Assim, as “funções sociais” do discurso de paz estariam diretamente relacionadas com a criação de uma ordem social no campo. Ligaria-se a intensão de desviar o foco das possibilidades mais radicais de ações “políticas”, como rebeliões contra os agentes humanitários, conflitos violentos entre eles, etc. (JAJI, 2012). Jaji (2012) reconhece que, apesar dos(as) refugiados(as) possuírem suas aspirações políticas, são-lhes suprimidas as possibilidades de ação política devido à condição dupla de desenraizamento nacional e pauperização. Não podem agir nem política e nem militarmente (JAJI, 2012; BURNS, 2010).

Por outro lado, meus “sentidos” questionam quanto a possibilidade de que o ambiente escolar (já discutido) seja um dos únicos espaços onde esses jovens possam se sentir em “paz” e onde o domínio do inglês os permite se inserirem em uma gama maior de interconexões linguísticas. Essa obrigatoriedade lingüística passa de imposição à tática. Assim, esses(as) refugiados(as) ampliam as “socializações primárias” ou suas redes de interdependências iniciadas em suas relações familiares, através da apropriação das diversas relações vinculadas aos processos educativos e línguísticos. DAO, coteja a palavra “paz” ao que talvez seja o seu oposto:

3c – “e não tribalismo.”

Primeiramente, informo que diante das minhas duas experiências no Quênia, compreendo o tribalismo enquanto favorecimento de uma “tribo” em detrimento de outra. Constatei em alguns momentos este conceito sendo utilizado por diferentes grupos étnicos que discutiam seus problemas relacionais. Ao longo da literatura analisada, não encontrei expressões que me auxiliam nos sentidos que aqui expresso.

Essa parte do discurso de DAO floresce a contraposição do conceito de tribalismo em relação ao de “paz”. Pois, através dos discursos de “paz”, da educação escolar e das experiências vividas, o jovem parece nos persuadir a compreender que, o que não é fazer “paz”, é fazer tribalismo. Os sentidos sociais de seu discurso se encontram em observar que a falta de “paz” se encontra no favorecimento de um grupo em detrimento de outro(s). Para esse reconhecimento, DAO precisou ter acesso a diversas informações geográficas, políticas, econômicas e das correlações existente entre elas. Mas além disso, constatou-nos que as belezas de seu país não podem ser mantidas com a violência.

Parece-me reconhecer que o favorecimento, ligado à “guerra”, é perpetuado pelo “agir” das “pessoas que estão lutando”. Estas pessoas que agem, não são apenas aquelas que se atacam fisicamente nos determinados locais geográficos, mas são também, aquelas que, mesmo estando em outros continentes, e que parecem não ter conexão alguma com o que ocorre localmente, estão sim conectadas. Nos fazem refletir a respeito da existência de um equilíbrio de poder “extremamente desigual”. O acesso a diversas informações nos auxiliam a entender que o tribalismo observado nestes exemplos é o resultado de séculos de configurações que vivenciam um estreitamento devido às relações sociais mais “globalizadas” com os “homens brancos”.

Estas constatações me levam a observar suas emoções e capacidades empáticas de entender o sofrimento emergido pelo equilíbrio desigual de poder. Ele não está apenas nos repassando o discurso pacificador, ele parece nos persuadir a compreender um ponto muito específico do que significa não o fazer, como quem exemplifica os problemas de coexistência não pacífica em seu país e que gera o sofrimento e extermínio das riquezas naturais.

Questiono-me quanto a essas capacidades empáticas também ao que diz respeito ao próprio trabalho humanitário e o seu crescimento abrupto logo após a Segunda Guerra Mundial. Isso pode nos mostrar uma certa compreensão do sofrimento que fora afligido a essas sociedades a partir do próprio sofrimento e horror sentidos pelos (em sua grande maioria) europeus⁹⁹.

Alguns autores observam que o discurso de pacificação acontece no Campo desde o início de sua criação. (RUSSEL e STAGE, 1996; AUKOT, 2003; BURNS, 2010). Crisp (2000) observou que existem “crenças” entre os agentes do governo queniano de que as pessoas que procuram por refúgio no Campo de *Kakuma* são pessoas que foram criadas sob o domínio da violência. Porém, o que se observa no discurso de DAO (e também de outros jovens citados) é que esse discurso aprendido no Campo é pensado, através das diversas fontes de interação e aprendizado, como uma solução aos problemas de seus países de origem. Compreendo que se esses jovens assimilam esses discursos mais do que os discursos de violência é porque eles creem que esse tipo de “táticas” (linguísticas ou físicas) lhes possibilitarão maiores possibilidades no futuro. A “crença” nessa afirmação de “paz” é forte ao ponto de se assumirem para si mesmos como agentes que disseminarão essa forma de relação “pacificada”.

A questão da qual me interrogo agora é sobre até quando e em quais pontos esse discurso se mantém, ou seja: quais são os limites existentes nas diferentes relações que esses jovens possuem e que os permite “agir” para “paz” ou para o “tribalismo”. Burns (2003) ressalta que, apesar das sociedades africanas serem multiétnicas, uma situação em *Kakuma* que dificulta as ações de pacificação entre os(as)

⁹⁹ O poeta antilhano Aimé Césaire contextualiza “que o burguês cristão do século XX, não perdoa a Hitler, não é o crime em si, não é a humilhação em si, é o crime contra o homem branco (...) por ter aplicado à Europa métodos colonialistas que até então somente os Árabes, os Coolies da Índia e os Negros da África recebiam” (Aimé Césaire, apud DJALÓ, 2014, p. 44).

refugiados(as) é a disputa pelos mesmos recursos escassos. Isto resulta em conflitos, violentos ou não, entre diferentes grupos de refugiados, agentes humanitários, representantes do governo e cidadãos locais.

Os processos de pacificação entre esses envolvidos dentro do próprio Campo envolvem inúmeras fases desde a ideiação “paz” até a segregação de grupos específicos devido à falta de integração e assimilação. Para Burns (2003) há uma distância entre o que seria o “ideal de proteção” almejado pelos discursos pacificadores e as suas “realizações”.

Enquanto Burns (2003) enfatizou a correlação da violência entre os grupos através da disputa pelos recursos, Horn (2010) por outro lado, evidencia os fatores emocionais existentes nessas relações de violência. Para a autora, as “crenças” alimentadas pelos grupos se relacionam diretamente com os conflitos. Ela observa que a “crença na vulnerabilidade” é um desses pontos, pois, reforça a condição de ataque. Em *Kakuma*, os sudaneses do Norte costumam se sentir vulneráveis tanto em relação ao governo quanto em relação aos do Sul, como os Dinka¹⁰⁰.

Outra “crença” apontada pela autora é da “injustiça”, refugiados(as) creem que são maltratados por outros, assim também a “crença” na “desconfiança” que aumenta a hostilidade entre eles. Essas emoções que, em determinados aspectos não são fundamentadas, passam a criar novos *habitus* sociais. A desconfiança também está ligada às quebras de acordos de paz que foram firmados antes e que faz com que os(as) refugiados(as) se sintam inseguros quanto ao futuro (HORN, 2010)¹⁰¹.

Horn (2010) constata que não são apenas as “crenças” “negativas” que alimentam a violência entre os grupos, para ela a

¹⁰⁰ O artigo de Horn (2010) foi publicado antes da divisão do Sudão e do Sudão do sul que somente ocorreu em 2011, por isso a autora se reporta a sudaneses do sul e não a sul sudaneses como faço.

¹⁰¹ Reconhece-se que parte dessas “crenças” são alimentadas por acontecimentos condizentes com as realidades, porém, vale ressaltar que o conceito de “crenças” é fundamental na psicologia cognitivo-comportamental e elas são compreendidas enquanto ideias centrais que as pessoas têm a respeito delas mesmas, das outras pessoas e do mundo/futuro. Quando a pessoa possui “crenças disfuncionais”, ou seja, que não correspondem as realidades do qual faz parte, isso gera um intenso sofrimento e incapacidade de adaptação/resiliência ao lidar com os acontecimentos (BECK, 1997; ABREU e GUILHARDI, 2004). Aos olhos de um(a) profissional experiente, esses contrapontos ficam evidenciados.

“crença” na “superioridade” é outro fator diretamente ligado. Usando os Dinka e Nuer (sul sudaneses) como exemplo ela informa ser uma prática discursiva comum as críticas às ações e costumes de outros grupos, como também, da religião muçulmana (característica do norte do país). As “crenças” de superioridade e orgulho dos grupos podem nos ajudar a compreender aspectos da continuidade dos conflitos violentos em *Kakuma*.

Para a autora (HORN, 2010), os conflitos destroem as possibilidades de paz e confiança em um grupo. Ela constata que as intervenções psicossociais no Campo precisam levar em consideração questões práticas como segurança e recursos materiais. A manutenção da violência e da insegurança aumentam a hostilidade e a desconfiança entre os grupos e famílias o que gera uma “banalização da violência” que se torna “rotina”. Essas repetições, reforçam problemas emocionais provenientes das experiências traumáticas prévias, além de aumentar a insegurança quanto ao futuro, inclusive quanto a pacificação em seu país.

Essas pessoas refugiadas acompanham quebras de acordos de paz nas últimas décadas, porém, os(as) agentes humanitários(as) passam que, no caso sudanês, o Acordo Geral de Paz assinado em 2005, permitirá seus retornos e assim, diante de tantas interdependências Horn (2010) conclui que uma porcentagem considerável de refugiados(as) sudaneses possui uma visão favorável quanto a situação futura de “paz” em seus países.

Não é minha função, enquanto pesquisadora, pensar e propor soluções às problemáticas apresentadas pelas outras pessoas que exercem essas “forças sociais” umas sobre as outras no Campo, porém, para pensar esses discursos como não estáticos e humanizados, eu preciso assimilar que a maior parte das pessoas que pensam os discursos de “paz” neste local, o pensam a partir desse objetivo¹⁰². Elas se movem nessas redes discursivas por meio das “emoções”. São as emoções despertadas que as permitem desumanizar ou humanizar as outras identidades desse “jogo” chamado Campo de Refugiados de *Kakuma*.

A “desumanização” se encontra na destituição das outras identidades (“eles”) de uma “ordem moral” que incentiva o uso do “tribalismo” e da violência verbal e física que já estão integrados nos *habitus* sociais e na “normalidade” das relações entre os diferentes grupos. Ou, na humanização acrescida de novas “crenças sociais” discursivas que passam a intervir emotivamente na “identidade eu-nós”

¹⁰² Salvo as(os) outras(os) pesquisadoras(es).

que, não sendo pessoas “apolitizadas” - apenas sujeitadas das intervenções humanitárias – “agem” em busca da satisfação encontrada na certeza de “quando” se fará “herói”.

4.6 “NEI TI CIKE KER?” (PESSOAS QUE DESPERTAM?)¹⁰³

Ao longo desse Capítulo, apresentei um seletivo quadro dentre todos os discursos desses(as) jovens refugiados(as) que, apesar de restrito, constitui a representação do todo através das características mais marcantes presentes no conjunto completo. A partir da análise minuciosa desses quatro textos (incluo como parte desse processo também o da jovem VV) e da análise de todos os outros noventa, foi possível responder a minha pergunta de pesquisa sobre a forma como os(as) refugiados(as) assimilam os discursos de pacificação que estão em “desenvolvimento” no Campo. Pois bem, constato ao fim deste longo trabalho que, de maneira geral, os(as) refugiados(as) assimilam esses discursos em diferentes formas de percepção. O que se observa, diante dos fatos aos quais tivemos acesso, é a existência de uma assimetria entre os discursos pacificadores e as ações das diversas pessoas que constituem as redes de interdependências do Campo de Refugiados de *Kakuma*.

Para chegar a essas constatações, foi preciso a compreensão dos lugares (“identidade eu-nós”) de onde se posicionam esses diferentes indivíduos aqui abarcados. Neste exercício, primeiramente, retomei a constatação de que o conceito de “paz” é ideologicamente carregado e que não existe apenas um conceito, ele não é universal. Órgãos como a(o) ONU\ACNUR que amplamente o empregam, fazem-no sem apresentar uma definição específica (ACNUR 2016; 2016a; 2016b).

O que se constata pela ONU é o emprego da “paz” enquanto a não existência de conflito violento, porém, os órgãos não entram na discussão do que seria a convivência pacífica. Isso me parece autorizar o uso da força como meio de atingi-la, pois, “a força armada não será usada a não ser no interesse comum” (ONU, 2016)¹⁰⁴.

¹⁰³ Expressão utilizada pelas pessoas refugiadas no Campo ao falarem sobre os aprendizados “civilizadores” que os agentes humanitários lhes permitiam (GRABSKA, 2011).

¹⁰⁴ Constato também a existência de uma ligação entre a ideia de justiça social e violência. A ONU se vale desses dois conceitos, intervenção forçada e “justiça social” (dentro de seus próprios termos) para manter os campos de refugiados.

Apesar de ter sido criada logo após a Segunda Guerra Mundial, com o intuito de gerar a “paz”, a ONU e o seu braço ACNUR até o ano de 2015 não conseguiram conquistar seus objetivos, mesmo nos próprios países europeus. Lembrando que o próprio ACNUR em muito passou os três anos ao qual era previsto.

Diante disso, uso a afirmação do título desse tópico em consonância com Grabska (2011) de forma crítica, pois, as idealizações adotadas pelas agências humanitárias, mostram-se como resquícios das “missões civilizatórias” idealizadas e praticadas a mais de quatro séculos na Europa (se espalhando pelo mundo) e que, em confronto com outras “crenças” desencadearam resultados diferentes dos esperados, levando o mundo a viver no início do século XX a Primeira e a Segunda Guerra Mundial¹⁰⁵. Ironicamente (e infelizmente) os resultados foram justamente o oposto do pretendido, levando-nos aos horrores da “desumanização” explícita.

Assim, essa assimetria da qual relatei anteriormente, reporta-se justamente a percepção de uma certa imposição, vinda “de cima” e desconectada com as realidades locais/culturais e que, da forma como ocorre, não contempla algo essencial para que ocorra a assimilação de um novo aprendizado: a emoção. Isso exigiria reconhecer as “identidades eu-nós” envolvidas nessas relações e suas características específicas.

Novamente, por mais que eu não esteja aqui discutindo soluções, essas pessoas envolvidas (ou pelo menos significativa parte delas) almejam viver, ao menos, de modo menos violento. Desse modo, mudanças nesses padrões comportamentais violentos através da assimilação dos discursos de paz, precisariam acessar suas emoções.

Especificamente no que diz respeito aos 18 países de onde os(as) refugiados(as) do Campo de *Kakuma* são oriundos, vários tratados de paz foram assinados antes e, em alguns grupos, as mulheres também assumiam esses papéis e mesmo assim, após mais de vinte anos de existência, aqui estamos¹⁰⁶. Compreendo que temos diferentes maneiras de assimilação. Nestas observações, respaldo-me tanto na psicologia

¹⁰⁵ Destaco as ideologias das agências enquanto instituições, pois, nem sempre os agentes estão de acordo, porém, possuem seus poderes de interferência - quanto a mudança dessas normas - limitados (HORN, 2009).

¹⁰⁶ Para maiores informações a respeito dos Tratados de Paz assinados nos países em questão, sugiro a leitura de: Freitas e Andrade (2014), El Jack (2010) e Horn (2010).

cognitiva quanto nas concepções eliasianas sobre as emoções, pois, é através das emoções que assimilamos novos *habitus*.

Por toda a pesquisa me deparei com constatações de “sistemas de crenças” que aumentam as “hostilidades recíprocas” entre os diferentes grupos. Aqui chegamos ao ponto crucial para entender o porquê cheguei a estas considerações, pois, é através das “crenças” que possuímos que construímos nossas relações com o mundo, que nos locomovemos em meio as teias humanas¹⁰⁷. Quando alimentamos “crenças disfuncionais” que não condizem com as configurações daquele dado momento – neste caso das relações violentas entre os grupos – nos guiamos pelo “tribalismo”, pela raiva, pelo orgulho, pelo ódio, pelo medo e rancor e que “desumanizam” nossos “inimigos”¹⁰⁸. Porém, ao compreendermos os sofrimentos existentes nessas formas de relações sociais e de nos usarmos de sentimentos empáticos, passamos a assimilar que o sofrimento e a dor que a minha “identidade eu-nós” sente, em muito se assemelha ao “deles”.

Os(as) refugiados(as) recebem um discurso que não corresponde pois, não se percebe que identidades étnicas estão envolvidas, parece que se ignora essa realidade ao transmitir-lhes. Assim, as “crenças” não são adequadas em nenhum desses lados, mas ao contrário, aumentam inclusive as hostilidades entre os(as) refugiados(as) e agentes.

A partir de constatações como essas, pode-se realmente assimilar esses discursos, mas aí, não os discutidos por Grabska (2011) de “missão civilizatória moderna”, mas aqueles que condizem as

¹⁰⁷ Neste ponto, refiro-me a todos os envolvidos, inclusive aos meus próprios sistemas de “crenças”. Faço-o com o intuito de evitar ao máximo o equilíbrio desigual de poder, pois, neste espaço os “sentidos” despertos são os meus, mesmo que fale a partir dos discursos de outros. Reconheço que tanto os conceitos sociológicos e psicológicos dos quais me apropriei, são formas de poder e dos quais uso como modo de “persuadir” meus leitores e leitoras. Estes saberes, assimilados academicamente de forma “positiva”, também refletem a promessa de um futuro melhor e, apesar disso, não significam que sei mais sobre eles(as) (refugiados e refugiadas) do que eles(as) próprios(as). Definitivamente meu objetivo é de apenas expressar, descrever e compreender, partir dos parâmetros e repertórios que possui; aceitando minhas limitações.

¹⁰⁸ Experiências traumáticas vividas antes da chegada ao campo, como foi exemplificado com o Rio Tana, também são construtores dessas “crenças” pois são fortemente marcados pelos transtornos emocionais como os depressivos e ansiosos (HORN, 2010).

expectativas e necessidades das pessoas interligadas e que, neste caso, estão no elo mais fragilizado: as refugiadas e refugiados.

Sei que muitas dessas “crenças” são fundadas na escassez de recursos, não estou ingenuamente negando isso, porém, a constatação de outras formas de emoção significaria alterar a “colisão de seus sonhos” e a manutenção desses ciclos de violência generalizada e de visível perpetuação da “banalização do mal”. Possibilitaria, quem sabe, o emprego da emoção enquanto “tática”, como movimento contrário, permitindo que as agências “assimilem” mais realisticamente o lugar de onde esses(as) refugiados(as) falam, ao invés de ter que se “defender” constantemente dos “problemas” causados por elas.

As agências, enquanto possuidoras de ideologias coloniais, são constituídas por pessoas e que, assim como as outras pessoas que formam essas configurações chamada Campo de Refugiados de *Kakuma*, podem e estão apreendendo novas formas de relações.

Essas interferências baseadas em padrões ocidentais, fazem-me perceber que isso gera parâmetros com os quais os(as) refugiados(as) podem gerar novos aprendizados (e vice-versa). Um exemplo citado várias vezes ao longo da pesquisa, é o caso das mulheres que passam a abarcar e exigir relações de gênero que as reconheçam enquanto pessoas possuidoras de características semelhantes aos homens.

Ao reproduzir os discursos, seja de pacificação, de educação e/ou de linguagem (inglesa), os(as) refugiados(as) parecem reproduzir um tipo de pertencimento, de se sentir parte de algo, de uma outra forma de “identidade-nós”. Nesse caso significa se sentir parte, também, dos discursos dos(as) agentes humanitários(as) e de uma espécie de poder “positivo” que é produzido com os novos saberes.

Aqui, talvez o maior silêncio observado, seja o fato de que não há espaço para um único entendimento “estático” de paz. Os discursos são diversos e se moldam conforme o local de que se fala, mesmo uma única pessoa pode ter diversos discursos¹⁰⁹. O que pude captar a partir desses(as) refugiados(as) é que, para elas\eles, é através desses discursos pacificadores que alimentam suas expectativas de futuridade, de voltar, sem medo de ter sua vida em risco, para junto aos seus pais e das belezas naturais de seus países.

¹⁰⁹ Eu mesma, na metodologia dessa pesquisa, dedico uma nota para afirmar isso, pois, dependendo para quem eu falo sobre o Projeto Baú de Sonhos, emprego uma forma discursiva diferenciada e não só isso, o próprio conceito de “paz” empregado no subtítulo do Projeto, se deu por causa das diferentes relações que “fomos” constituindo.

Para encerrar, gostaria de informar que não tenho pretensão de oferecer respostas fechadas ou prontas, mas de reduzir a “mistificação” desses fatos, observando-nos como parte dessas redes e de onde os resultados não podem ser premeditados. Afinal, mesmo que o Baú esteja repleto de sonhos,

[...] até agora, a história não tem sido mais do que um cemitério de sonhos humanos. Os sonhos realizam-se muitas vezes a curto prazo; contudo, no seu longo curso, parecem sempre acabar esvaziados de toda a substância, sendo portanto destruídos (ELIAS, 2008, p. 30).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para chegar a esse ponto da pesquisa, foram necessários vários meses de discussões e reflexões. Incansáveis vezes me deparei com a tentativa de explicar aos colegas e amigos sobre o que me inquietava neste trabalho sem conseguir alcançar meu objetivo. Pensei que seria impossível colocar em palavras e reorganizar esses pensamentos sem que parecesse mais um autor que “culpabiliza” o negro por suas desgraças. Mas espero sinceramente ter conseguido¹¹⁰. Reconheço que meus discursos interferem nas relações com o c\Campo e que eu também sou detentora de saberes e que o meu próprio discurso possui suas “funções” e despertam diferentes “sentidos” em quem me lê.

Movida pelas motivações pessoais e acadêmicas de suprir a carência de estudos que apontassem as redes de interdependências que compõem as relações sociais no Campo de Refugiados de *Kakuma*, foi que procurei contribuir para a “desmistificação” de como ocorrem essas relações que estão sempre sendo remodeladas. As inúmeras possibilidades de abordagem dessas teias de interdependências não podem ser reduzidas a apenas um resultado ou forma de compressão, mas para que esse trabalho tenha uma conclusão, ele terá que se ater a apenas alguns pontos dessa maravilhosa complexidade que é o agir humano.

Norbert Elias, apesar de não se dedicar ao estudo das migrações forçadas, vivenciou essa experiência ao ter que abandonar a Alemanha nazista, além disso, sofreu diretamente as perdas em virtude da violência e desumanização que crescia em seu país. Talvez não de forma consciente, mas o autor passou boa parte de sua vida dedicado a compreender os aspectos nacionalistas que antecederam esse fato. Isso fica evidenciado quando Elias se debruça sobre as diferenças nacionalistas entre alemães e franceses e como isso, de certa forma, culminou na primeira Guerra Mundial e nas transformações posteriores. Reconheço, como apontado anteriormente, que seu trabalho possui lacunas e críticas e que o mesmo nos apresenta apenas algumas das inúmeras possibilidades de compreendermos a história.

A ONU, nascida após esse estrondoso impacto (local) das grandes guerras, demonstra ainda carregar um certo “ranço” da

¹¹⁰ Quero mostrar a quem me lê que as conclusões a que cheguei permitem observar o refugiado enquanto ser político (de ação) desde o seu país de origem. Isso significa acima de tudo, reconhecê-lo com agente de sua história e como quem pode, ressignificar seu próprio futuro, libertando-nos (“negros” ou “brancos”) dos mitos construídos nos processos coloniais.

ideologia civilizatória. Obviamente isso não ocorre apenas por pura inocência, mas pelo zelo na manutenção do equilíbrio de poder favorável aos interesses das consideradas “grandes nações” e que acabam por ser mantenedoras não apenas da Agência, mas também do próprio Campo de Refugiados de *Kakuma*. Seu discurso de paz, não possui uma definição evidenciada, como também, não fora alcançado, enquanto objetivo nem na escala micro ou macro. Seu braço, o ACNUR, acompanha o crescimento diário dessas estatísticas.

Na escala macro, vemos a proliferação de movimentos extremistas e que estão levando milhões de pessoas em todo o mundo a migrar forçadamente, movimento esse intensificado abruptamente a partir do ano de 2013. Presenciamos a dissolução de acordos entre “grandes”, como a recém decisão da Inglaterra de sair da União Europeia, também formada no pós-guerra, com intuítos semelhantes aos da ONU, haja vista que fora “laureada” com o Nobel da Paz em 2012, por sua longa contribuição nas últimas décadas.

Observa-se que as pessoas no Planeta vivem os mais diferentes tipos de guerras. As interferências de países ocidentais nos conflitos armados que ocorrem nos países citados, como quando, por exemplo, grupos africanos são forçados a se deslocarem de modo violento (seja por petróleo, ou por interesses agrários) devido ao envolvimento de países ocidentais. Estes países forçam seus discursos sobre outros grupos que vivenciam e preconizam fortemente suas identidades étnicas acima de suas identidades enquanto Estado-Nação, perpetuando a ideia de “missão civilizatória”. Ao mesmo tempo, são impossibilitados de se moverem pelos mesmos motivos, estando reféns das estratégias adotadas por essas nações.

A linguagem tem um papel fundamental nesses discursos, pois, ela é reconhecida enquanto identidade nós (cultura) e que fora reduzida em virtude da imposição colonial hegemônica do inglês na “modernidade-mundo” enquanto reflexo, também, da expansão capitalista. Da mesma forma que essa imposição linguística interfere diretamente na forma que eu e outros pesquisadores e pesquisadoras observamos o mundo. Por outro lado, essa homogeneização é transformada em “tática” quando passa a ser utilizada e assumida como forma de se apropriar/empoderar dos discursos “humanitários”. Assim, sem necessariamente perder suas identidades étnicas, esses grupos se permitem mover entre “dois mundos”.

Ao observarmos os conflitos micro (cultura e identidade eu-nós) e macrossocial (institucional e Estados-Nações) constatamos a existência de pontos semelhantes que abarcam os interesses pessoais e as tensões

pelo equilíbrio de poder extremamente desigual. Nesses processos vemos a “desumanização” e a “banalização do mal” sendo realizados por pessoas comuns e nas mais distintas partes do mundo. Pessoas que se movem, que não são “estáticas” e que juntas formam essas configurações.

Muito temos visto sobre as ondas migratórias pelo mundo, seja na África, na Europa, ou mesmo no próprio Brasil. Essas ondas carregam migrantes em busca de condições melhores de vida e refugiados(as) que abandonam seus países em busca de proteção. Vejo que as agências humanitárias diante daquilo que se propõem a fazer no Campo de Refugiados de *Kakuma*, elas o fazem muito bem, a julgar que atualmente não vemos milhares de pessoas morrendo de fome diariamente e nem por doenças como malária e diarreia. Temos que reconhecer que as agências estão tecnicamente desenvolvidas para registrarem e lidarem (física e nutricionalmente) com cada novo refugiado que chega ao Campo e que ele não representa mais, nem de longe, aquela imagem pavorosa registrada por Carter na década de 1990. Porém, fica mais que evidenciado que as agências não são “apolíticas”, elas possuem posicionamentos e interesses políticos e econômicos. Talvez o que exista seja a necessidade de um posicionamento mais transparente quanto as suas ações.

Parece-me cômodo que os países (refugiados(as), os pesquisadores(as), a sociedade civil, etc) joguem suas responsabilidades sobre a ONU. Ela é somente uma instituição. A questão aqui, está em a humanizarmos reconhecendo que é formada por pessoas em países e que - ela - parece servir como bode expiatório para que as Nações fujam de suas responsabilidades. Seja os presidentes dos países que se veem vivendo esses grandes conflitos, seja os países que, através de suas interferências desde a época colonial, recebem benefícios com essa situação. Parece-me que assim, destituímos das responsabilidades políticas aqueles que precisam responder pelos acontecimentos.

Pude observar que não é fácil dedicar anos de sua vida isolado(a) em um Campo de Refugiados como *Kakuma* na tentativa de auxiliar na resolução desses problemas. Constatei que os(as) agentes humanitários(as) se veem obrigados(as) a assumir funções que não são suas, mas são políticas. Veem-se tendo de agir entre nações, povos, etnias, culturas e os interesses pessoais de cada um desses grupos¹¹¹.

¹¹¹ Os(as) agentes humanitários(as) se veem tendo de lidar com a pressão das regras das Organizações humanitárias e com as pressões das demandas existentes pelos refugiados, como por exemplo, os somalis que, vindo de uma

Vejo a situação do refúgio no mundo atual, enquanto resultado de séculos de exploração alimentada pelas distintas formas de desumanizações atuais. A história de migração desde a década de 1990 vem nos ensinando que essas formas de “refúgios” acabam tornando seus protetores em “vilões” devido aos diversos fatores já percorridos. Faz com quem se dedique a ela, tenha poucas alternativas de ação.

Observo uma constante insatisfação por todos os lados e uma dificuldade grande em se entenderem. Sinto, como expressei antes, que o problema da migração de refugiados(as) e dos Campos são “uma bomba relógio” que respingará em todos nós. Chateia-me essa inanição acadêmica, essa arrogância relativista de nunca encarar que o problema também é nosso, de se esconder no gabinete com os nossos conhecimentos ao invés de discutirmos socialmente nossas elucubrações. Somos parte desse mundo e que assim como outros “mundos sociais anteriores” vivemos momentos de tensões significativas.

Não acho que vamos salvar o mundo ou que o mesmo esteja a beira da temida terceira guerra mundial atômica, mas vejo que os acontecimentos atuais deixam explicitados que as formas como entendemos ciência e a fazemos não dão conta de contemplar as complexidades das relações humanas e as implicações que as mesmas estão tendo no futuro da nossa espécie e das outras formas de vida das quais somos codependentes e que essa negação “das elites” já levou outras grandes sociedades ao longo de toda história humana ao colapso.

Não dá para reduzirmos nossa compreensão se quisermos entender o problema das migrações em busca de refúgio pelo mundo atual, precisamos ter uma visão histórica, macro e micro se quisermos compreender academicamente e politicamente (enquanto ação). Este é um problema que aflige todos nós, mesmo que há algumas décadas, bastasse desligarmos nossos televisores para que não víssemos, ainda

colonização italiana, solicitam que as agências forneçam macarrão em seus pacotes de alimentos, pois, esses são alimentos com os quais se alimentavam regularmente em seu país de origem. Eles(as) justificam suas solicitações por saberem que em outros campos de refugiados, os refugiados recebem pacotes com alimentos diferentes daqueles que recebem em *Kakuma* (OKA, 2014; JAJI, 2012; MONTCLOS e KAGWANJA, 2000). Estes(as) agentes também possuem suas crenças (assim como todos(as) os(as) envolvidos(as)). Esse confronto entre suas crenças, as das agências humanitárias e dos(as) refugiados(as), gera-lhes um intenso sofrimento que é constatado pelo número de casos de quadros depressivos desenvolvidos pelos mesmos e pela consequente alta taxa de rotatividade (OKA, 2014).

assim, de alguma forma, estávamos todos interligados a essa problemática.

Atino que a migração desenfreada serve apenas para vulgarizar ainda mais quem tem que se sujeitar a ela. Traz pessoas para países que geralmente não estão preparados e que também, não os querem receber, gerando assim sentimentos de injustiça, ódio e impunidade. Uma eterna sensação de dependência, insegurança e não resolução dos problemas geradores dessa situação.

Não existe o homem negro, nem a mulher negra, nem o homem e a mulher brancos, existimos enquanto pessoas, singulares e plurais amarradas em conexões que envolvem diversos fatores que vão além das nossas próprias vontades\poderes. Somos parte de um universo onde compartilhamos a experiência do viver com bilhões de outras formas de vida. Apesar de toda tecnologia, continuamos nos tratando como se disputássemos a última maçã e nisso, somos incapazes de conceber que estamos exatamente trilhando esse caminho.

Ao fazer questão de incluir os refugiados e refugiadas nessas redes conectoras, não quero levar quem me lê a acreditar que eles e elas sejam os culpados por suas desgraças, pelo contrário, quero fazer o exercício de pensar que, ao invés de olhar e atuar com a ideia de refugiados “apolitizados”, possamos compreender suas sabedorias atuais e também aquelas que preservam desde as épocas pré-coloniais e assim, ouvir o que dizem, tocando a emoção dos envolvidos, compreendendo e assimilando os discursos, para então, quem sabe, articulando saberes locais e globais consigamos nos relacionar para além de poucos rótulos estigmatizadores.

CONCLUSÕES

Diante de tudo que fora explanado ao longo dessa pesquisa, trago algumas conclusões. Esta dissertação partiu da premissa de que a vida em sociedade no Campo de Refugiados de *Kakuma* é constituída (entre outros discursos) por discursos de pacificação que definem e são definidos das configurações que nele são geradas. Tal suposição encontrou fundamento tanto teórico, quanto prático e que podem ser constatados nos capítulos 1, 3 e 4.

O capítulo 2 apresentou como principal contribuição a sociologia configuracional eliasiana que tem como objetivo “desmistificar” as relações sociais, humanizando-as e compreendendo que as sociedades são feitas por indivíduos e vice-versa, não podendo um existir sem o

outro. Que as relações humanas ocorrem em meio ao tenso equilíbrio do poder.

Já no Capítulo 3 foram discutidos os fatores históricos e preexistentes ao estado de refúgio em que se encontram essas pessoas refugiadas.

No Capítulo 4, destaquei a importância da assimilação dos discursos de pacificação pelos(as) refugiados(as).

Ao longo dos quatro capítulos foram abarcados vários autores que corroboram que tanto a violência quanto os discursos de pacificação coexistem no Campo. Essas afirmações encontraram suporte, também, quando verifiquei empiricamente os discursos de jovens refugiados(as), analisados posteriormente pela técnica de análise de discurso.

Entende-se que, embora não tenha sido possível definir um conceito de “paz”, o entendimento da existência de diferentes discursos que almejem a pacificação dos conflitos no micro e macrocosmos é de grande importância para a compreensão dessas configurações. As mídias sociais locais que são criadas e mantidas pelos(as) refugiados(as), mostram-se como ações que também alimentam o discurso pacificador, porém, sob o comando deles.

Quanto aos três objetivos específicos propostos, ficou evidenciado que:

- a) A revisão sistemática das “intuições [acadêmicas] anteriores” sobre o Campo de Refugiados de *Kakuma* permitiu compreender que de modo geral, todos os 24 trabalhos selecionados puderam contribuir para a compreensão sociológica dessa pesquisa. Além disso, a interpretação de aspectos como países, áreas, anos e temas, propiciaram constatações. Quanto aos países que mais realizaram pesquisas sobre o Campo, observou-se um maior interesse daqueles **países** tidos como “reassentadores” e “colonizadores” (EUA e Inglaterra). Quanto as **áreas** que se interessaram em estudar o Campo, constatou-se a existência de variedade e complementaridade entre elas. Os **anos** em que ocorreram publicações, estas sugerem uma mudança nos padrões de interesse dos(as) pesquisadores(as) ao passar dos anos. Cotejando-se os anos aos **temas**, percebeu-se que questões de bem-estar psicossocial perpassam por todas as pesquisas. Questões de gênero e violência aparecem conectados. Questões relacionadas a ONG\Direitos Humanos foram intensificados a partir de

2008 devido ao maior interesse em se compreender as relações entre o crescimento do Campo e os reassentamentos\repatriações. Esta interpretação também permitiu constatar que um significativo número de autores realizaram pesquisa de campo se utilizando de instrumentos formais para coleta de dados. Esta constatação permitiu que eu me apropriasse de suas “intuições” durante os processos de elaboração das minhas considerações. A revisão sistemática se mostrou uma excelente forma de reduzir o hiato encontrado no que diz respeito aos estudos “periféricos” no próprio local, mesmo que o número de autores de origem africana seja baixo.

- b) Já no que diz respeito a “desmistificação” dos conflitos intra-inter Estados-Nações que compreendem os grupos estudados, foi a partir das literaturas elencadas pela revisão sistemática da literatura, a sociologia configuracional e as experiências de c\Campo que se possibilitou cotejar tanto os conflitos violentos anteriores ao Campo, como os que ocorrem lá, reconhecendo que estes acontecimentos possuem uma estrutura e que podem ser compreendidos enquanto resultados não premeditados das interações humanas e das tensões pelo equilíbrio de poder.
- c) No tocante a melhoria da compreensão geral que se tem sobre os refugiados e refugiadas, foi possível compreender os(as) refugiados(as) além das visões dicotômicas e estáticas com os quais muitas vezes são definidos, seja pelas agências humanitárias, pesquisadores(as), mídias sociais, doadores(as) e ou sociedade civil. Reconhecendo-os como parte das configurações que constituem o Campo de Refugiados de *Kakuma*.

A partir da consecução dos três objetivos específicos, alcancei o objetivo geral desta dissertação com a constatação de que os refugiados e refugiadas do Campo de *Kakuma* assimilam os discursos de pacificação em diferentes formas de percepção, mostrando-se haver uma assimetria entre os discursos pacificadores e as ações das diversas pessoas que constituem essas configurações.

A metodologia utilizada para se chegar a estas conclusões empregou tanto a revisão sistemática da literatura quanto a análise de discurso. Quanto a segunda, considerei que o uso desse viés foi capaz de responder ao meu intuito de apreender os “discursos” desses(as) refugiados(as), ajudando-me a identificar as formas como assimilam os discursos de pacificação.

Por fim, destaco que esta pesquisa apresenta contribuições que circundam tanto o contexto teórico quanto prático, pois, suas elucubrações reconhecem ativamente todos os envolvidos nas configurações do Campo de Refugiados de *Kakuma*, unindo-se, para isso, diversas “intuições” que permitem reconhecer tantos os discursos de pacificação e a violência, enquanto ações humanizadas. Assim, concluo que a finalidade de articular a sociologia configuracional de Norbert Elias, com a “desmistificação” das relações sociais que são constituídas no c/Campo há mais de vinte anos, foram alcançadas, porém, definitivamente não esgotadas.

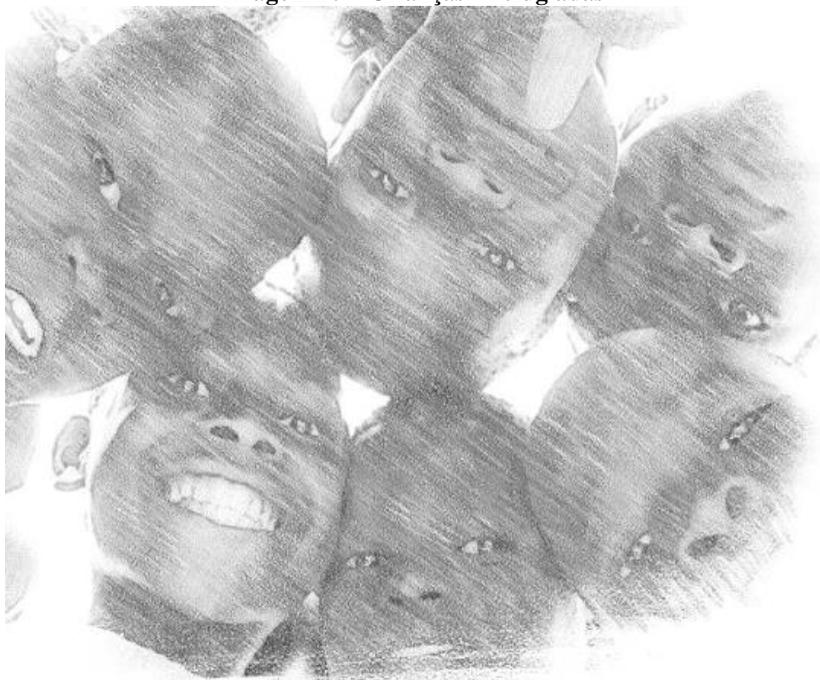
TRABALHOS FUTUROS

Finalizo minhas elucubrações apresentando, em tópicos, algumas sugestões para trabalhos futuros:

- A busca (em outras fontes) por autores africanos - cuja falta foi constatada na revisão sistemática da literatura - que descrevam suas análises sobre o Campo e as problemáticas dos conflitos intra-inter Estados-Nações naquela região.
- O aprofundamento de estudos que abordem as relações entre educação e gênero sob a perspectiva do poder disciplinar e produtor de saberes (“positivo”).
- A análise de discurso dos outros 200 trabalhos – escritos ou desenhados - que certamente apresentam riquezas a serem analisadas.
- Compreender as relações que permeiam o recrutamento de homens refugiados, por seus líderes, para lutarem em seus países de origem.
- Compreender como a interferência direta e atual de outros Estados-Nações, se são complacentes em agir por uma missão civilizatória que mata em nome dessa própria missão.

- Aprofundar na compreensão de conceitos importantes e que não foram possíveis de serem abordados na pesquisa, como é o caso de “memória”, “gênero” e “diáspora”.
- Investigar o papel que as mídias sociais possuem nesses espaços e quais são suas “funções sociais”, haja vista que há discursos que afirmam o crescimento da violência, mas outros que afirmam o crescimento da comunicabilidade, não apenas entre os(as) refugiados(as) (em um contexto micro), mas no\pelo mundo.
- Adentrar nas configurações que envolvem a heterogeneidade social e o prestígio social dos grupos étnicos que compoem o CRK. Considerando a distribuição de riqueza, “*habitus*” e *status* anteriores e posteriores ao Campo.
- Assim como Elias (1990) fez um retorno histórico até aproximadamente o século XVII com o intuito de entender as configurações que antecederam os intensos processos nacionalistas que culminaram nas Grandes Guerras Mundiais, sugiro um movimento semelhante com o intuito de se fazer um levantamento sócio-histórico das características pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais (micro e macro) dessa região da África Subsaariana.

Imagem 20 – Crianças refugiadas



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, CRK, 2015.

REFERÊNCIAS

ABERRA, E., NDIAYE, K., ROESS, A. *The dangers of cooking in Kakuma: How access to cooking fuel compromises the safety, dignity, and well-being of women living in refugee camps, a quantitative analysis. Annals of Global Health, 2014.* Disponível em: <[http://www.annalsofglobalhealth.org/article/S2214-9996\(14\)00204-5/abstract](http://www.annalsofglobalhealth.org/article/S2214-9996(14)00204-5/abstract)>. Acesso em: 17 jun. 2015.

ABREU, Cristiano N.; GUILHARDI, Hélio J. **Terapia Comportamental e Cognitivo-Comportamental: práticas clínicas.** São Paulo: Roca, 2004.

ACNUR. ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **Breve histórico do ACNUR.** 2013. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/breve-historico-do-acnur/>>. Acesso em: 06 set. 2013.

_____. **Dados do refúgio no Brasil.** 2013a. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 06 set. 2013.

_____. **Deslocados internos.** 2016. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/quem-ajudamos/deslocados-internos/>
Acesso em: 11.01.2016

_____. **Direito internacional dos refugiados.** 2010. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2011/Direito_Internacional_dos_Refugiados_-_Programa_de_ensino>. Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. **Documentos.** 2015. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos/> Acesso em: 13 jan. 2015.

_____. **Estatísticas.** 2015a. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/?L=type>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

_____. **Perguntas e respostas**. 2015b. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas/>>. Acesso: 07 jan. 2015.

_____. **Refugiado ou migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto**. 2015c.. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/> Acesso em 11.01.2016

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. 1ª. Reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2004a. 197 p.

AL JAZEERA. **Deadly tribal fighting erups in Kenya**. *Al Jazeera*, 22 dec. 2012. *Africa*. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/africa/2012/12/2012122186289644.html>>. Acesso em: 25. jun. 2014.

ANDRADE, Jose H. F. **A Proteção dos Direitos Humanos e dos Povos na África**. Artigo baseado em comunicação apresentada pelo autor, aos 15.5.2001, no “I Colóquio Anual de Direitos Humanos”, realizado na PUC/SP, de 14-25.05.2001, sob os auspícios do Consórcio Universitário pelos Direitos Humanos (PUC/SP, USP e Columbia University/New York). Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/africa/andrade_protecao_dh_africa.pdf Acesso em: 29.08.2015.

ANPOCS. **Sobre a ANPOCS**. 2015. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=645&Itemid=59>. Acesso em: 06.01.2105.

ARAÚJO, Fernanda B. F. **Apresentação** – análise do discurso. 2014 YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4jPgGHZUA4Q>>. Acesso em: 24.05.2016.

ARENDDT, Hannah. ***Eichmann em Jerusalém***: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARON, Raymond. Introdução. In: Idem. **As etapas do pensamento sociológico**. Tradução: Sérgio Bath. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 1-13.

ARRUDA, Maria A. N. As tramas do saber: ordenação dos sotaques e cânone científico. **Revista brasileira de ciências sociais**. V. 24. N. 70; 2009 Resenhas.

AUKOT, Ekuru. ***“It is better to be a refugee than a Turkana in Kakuma”***: *Revisiting the relationship between hosts and refugees in Kenya*. *Refugee*, 2003. Disponível em: <<http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/viewFile/23482/21678>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

AZAMBUJA, Darcy. **Introdução à ciência política**. São Paulo: Globo, 2008.

BAO, Carlos E. **Fronteiras da “italianidade”**: representações entre gerações na cidade de Toledo-Paraná (1990-2014); orientadora, Elizabeth Farias da Silva - Florianópolis, SC, 2014. 234 p.

BBC. **East Kenya clashes**: Nearly 50 killed during violence. London: BBC, 22 aug. 2012. África. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-19352354>>. Acesso em: 04 jul. 2014.

BECK, Aaron et al. **Terapia cognitiva da depressão**. Tradução: Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BITENCOURT, Silvana M. **Existe o outro lado do rio?** Um debate sobre educação, gênero e engenharia. Curitiba: Apris, 2016.

BOLL, Uwe. **Darfur: deserto de sangue**. Direção: Uwe Boll. Alemanha, 2009. Longa-metragem (98 minutos). son. color.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Universidade de São Paulo, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A causa da ciência: como a história social das ciências sociais pode servir ao processo das ciências. **Política e sociedade**: revista de sociologia política. Vol. 1. n. 1. Florianópolis: Cidade futura, 2002.

_____. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____.; CHAMBOREDON, Jean-Claude e PASSERON, Jean-Claude. **O ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Tradução de Guilherme J. F. Teixeira. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BURKE, Peter. Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: UNESP, 2010. 232 p.

BURNS, Avery. *Feeling the Pinch: Kenya, Al-Shabaab, and East Africa's Refugee Crisis. Refugee, 2010*. Disponível em: <<http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/viewFile/34356/31263>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BUSH, Catherine. **GANDHI**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Coleção: Os Grandes Líderes.

CASTRO, Marina Scotelaro. **A instabilidade na Somália e a ineficácia das intervenções internacionais**. Conjuntura Internacional. PUC Minas. 2 junho 2010. Disponível em : <http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20100607095731.pdf>. Acesso em: 22.10.2015.

CERRI, Luis Fernando. SILVA, José Alexandre, “Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional”. **Revista Linhas**, Florianópolis. [v. 14], n. 26, jan/jun. 2013. p. 171 -198.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CLARKE M, Oxman AD, editors. *Locating and selecting studies. Cochrane Reviewers' Handbook 4.1 [updated March 2001]* <http://www.sposito.com.br/artigo_F&P_Info_2006_05.asp>. Acesso: 03 out.2014.

COASTWEEK. *Vice President calls for end to ethnic hostilities*. Mombasa: Coastweek, 22 aug. 2012. Kenya Focus. Disponível em: <http://www.coastweek.com/3533_tanariver.htm>. Acesso em: 06 jul. 2014.

COURTINE-DENAMY, Sylvie. **O cuidado com o Mundo**. Tradução de Maria J. G. Teixeira. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

CRISP, Jeff. *A state of insecurity: the political economy of violence in Kenia's refugee camp*. African Affairs. 99, p. 601-632. 2000. Disponível em: <https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=23&SID=1EnDyvmaFXHwNPvSpRA&page=1&doc=1>. Acesso em: 06 jan. 2015.

DEJOURS, Jacques C. **A banalização da injustiça social**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

DIAMOND, Jared. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. Tradução de Alexandre Raposo. Rio de Janeiro: Record, 2005.

DJALÓ, Mamadú. **Relações sul-sul: a cooperação Brasil – Guiné-Bissau na educação superior no período de 1990 – 2011**; orientadora, Elizabeth Farias da Silva - Florianópolis, SC, 2014.

EBSCO. **Bases de Dados de Pesquisa EBSCOhost®**. Disponível em: <<https://www.ebsco.com/>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

EIDELSON, Roy. HORN, Rebecca. *Who Wants to Return Home? A Survey of Sudanese Refugees in Kakuma, Kenya*. Refugee, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/255656880_Who_Wants_to_Return_Home_A_Survey_of_Sudanese_Refugees_in_Kakuma_Kenya>. Acesso em: 17 jun. 2015.

EINSTEIN, A. **Como vejo o mundo**. Tradução de H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

EL JACK, Amani. *“Education Is My Mother and Father”*: The “Invisible” Women of Sudan. *Refugee*, 2010. Disponível em: <<http://refugee.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/viewFile/34719/31549>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

ELIAS, Norbert (1994), **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Introdução à sociologia**. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. **Norbert Elias por ele mesmo**. Tradução de André Telles. RJ: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Tradução de Ruy Jungmann. [v. 1.] Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Tradução de Ruy Jungmann. [v. 2.] Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELSEVIER. *ScienceDirect*. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

_____. **Scopus**. Disponível em: <<http://www.scopus.com>>. Acesso em: 05 jan. 2015a.

ESTADÃO. **Pelo menos 48 pessoas são mortas em confrontos no Quênia**. Estadão, São Paulo, 22 ago. 2012. Caderno internacional. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,pelo-menos-48-pessoas-sao-mortas-em-confrontos-no-quenia,920078>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

FABRO, Maristela F. **Trajatórias de uma língua (mal)dita**: supressão, legalidade e emergência do ensino da língua italiana nas escolas públicas de Santa Catarina (1996-2012); orientadora, Elizabeth Farias da Silva - Florianópolis, SC, 2015. 532 p.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Porto: Paisagem, 1975.

FERRO, Marc. *Le livre noir du colonialisme : XVI^e-XXI^e siècle : de l'extermination à la repentance*. Paris, Robert Laffont, 2003, 843 p.

FOUCAULT, Michel; MACHADO, Roberto. **Microfísica do poder**. 24. ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 2007. 295 p.

FREITAS, Jeane Silva. ANDRADE, George Bronzeado. **A Eficácia da Responsabilidade de Proteger aos Refugiados no Sudão do Sul**: um estudo de caso. Anais do V Seminário Nacional Sociologia & Política 14, 15 e 16 de maio de 2014, Curitiba – PR. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/seminariosociologiapolitica/files/2014/08/24571_1397606513.pdf. Acesso em: 22.10.2015.

FRIEDBERG, Robert D.; McCLURE, Jessica M. **A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes**. Tradução: Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

GATEHOUSE, G. *Tana Delta massacres raise election violence fear*. London: BBC, 17 sep. 2012. África. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-19621246>>. Acesso em: 04 jul. 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GILBERT, Hannah; CUNLIFFE, Alex. *Non-governmental organisations and the management of HIV and AIDS in refugees camps: a comparison of Marratane camp in Mozambique and Kakuma Camp in Kenya*. *Journal of Contemporary African Studies*. 2011. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02589001.2011.533061>> Acesso em: 06 jan. 2015.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: Bauer, M; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 244-270.

GLADDEN, Jessica. *Coping strategies of sudanese refugee women in Kakuma refugee camp, Kenya*. *Refugee Survey Quarterly*. V. 32. No. 4, p. 66-89. 2013. Disponível em:

<<http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2-s2.0-84890057890&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&st1=Coping+strategies+of+sudanese+refugeewomen+in+Kakuma+refugee+camp%2cKenya%C2%A0&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a450&sot=b&sdt=b&sl=79&s=TITLE%28Coping+strategies+of+sudanese+refugeewomen+in+Kakuma+refugee+camp%2cKenya%C2%A0%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=1&searchTerm=TITLE%28Coping+strategies+of+sudanese+refugeewomen+in+Kakuma+refugee+camp%2cKenya%C2%A0%29>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

GOODY, Jack. O roubo da “civilização”: Elias e a Europa absolutista. In: _____. **O roubo da história**: como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto, 2008. p. 173-203.

GRABSKA, Katarzyna. *Constructing ‘modern gendered civilised’ women and men: gender-mainstreaming in refugee camps*. *Gender and Development*, 2011. Disponível em: <<http://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/constructing-modern-gendered-civilised-women-and-men-gender-mainstreaming-in-re-131754>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: _____. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina A. Nasser. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 95-124.

HALL, Stuart. **Stuart Hall por Stuart Hall**. In: _____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 404-433.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HERNANDEZ, Leila M. G. Leite. **A África na sala da aula**: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HILHORST, Dorothea; JANSEN, Bram J. *Humanitarian Space as Arena: A Perspective on the Everyday Politics of Aid*. 2010. Disponível em: <
https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=11&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1>. Acesso em: 06 jan. 2015.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Tradução de Rachel de Queiroz. 1 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HORN, Rebecca. *A study of the emotional and psychological well-being of refugees in Kakuma refugee camp, Kenya*. *International Journal of migration, health and social care*, 2009. Disponível em: <
<http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.5042/ijmhsc.2010.0229?journalCode=ijmhsc>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

_____. *Exploring the Impact of Displacement and Encampment on Domestic Violence in Kakuma Refugee Camp*. *Journal of Refugee Affairs*. 2010. Disponível em: <
https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=15&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1>. Acesso em: 06 jan. 2015.

_____. *Responses to intimate partner violence in Kakuma refugee camp: refugee interactions with agency systems*. *Social Science and Medicine*. 70, p. 160-160. 2010a. Disponível em:
 <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277953609006273>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

INDEPENDENT. *48 DEAD in Kenyan clashes over land*. London: Independent, 22 aug. 2012. *World*. Disponível em:
 <<http://www.independent.co.uk/news/world/africa/48-dead-in-kenyan-clashes-over-land-8073265.html?origin=internalSearch>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

JAJI, Rose. *Social Technology and Refugee Encampment in Kenya*. *Journal of Refugee Studies*. 2012. Disponível em:
 <<http://jrs.oxfordjournals.org/content/25/2/221.full>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

JANSEN Bram, J. *Between vulnerability and assertiveness:*

Negotiating resettlement in Kakuma refugee camp, Kenya. African Affairs, 2008. Disponível em:

<https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=20&SID=1EnDyvmaFXHwNPpSpRA&pa_ge=1&doc=1>. Acesso em: 06 jan. 2015.

KALAVANAL, Jiji. *LAND OF TEARS AND HOPE*, A. Direção de Jiji Kalavanal. Salesianos Dom Bosco. Inglês. (18min), 2014. son., color.

KALEDA, Collen. *Media perceptions: mainstream and grassroots media coverage of refugees in Kenya and the affects of global refugee policy. Refugee Survey Quarterly*. Vol. 33, No. 1, p. 94-111. 2014.

Disponível em: <<http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2-s2.0-84895783403&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&st1=Media+perceptions%3a+Mainstream+and+grassroots+media+coverage+of+refugees+in+Kenya+and+the+effects+of+global+refugee+policy%C2%A0&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a280&sot=b&sdt=b&sl=129&s=TITLE%28Media+perceptions%3a+Mainstream+and+grassroots+media+coverage+of+refugees+in+Kenya+and+the+effects+of+global+refugee+policy%C2%A0%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=1&searchTerm=TITLE%28Media+perceptions%3A+Mainstream+and+grassroots+media+coverage+of+refugees+in+Kenya+and+the+effects+of+global+refugee+policy%C2%A0%29>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

KITAMURA, Luís F. *O concerto pós-crise no Quênia*. 2009. Página Internacional. Disponível em: <

<http://www.paginainternacional.com.br/o-concerto-pos-cri-se-no-quenia/>>. Acesso em: 13 maio 2015.

KIURA, Annet, W. *Constrained agency on contraceptive use among somali refugee women in the Kakuma refugee camp in Kenya. Gender, Technology and Development*. 18(1) 147-161. SAGE, 2014. Disponível em:

<<http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2-s2.0-84893601027&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&st1=Constrained+Agency+on+Contraceptive+Use+among+Somali+refugee+women+in+the+Kakuma+refugee+camp+in+Kenya&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a280&sot=b&sdt=b&sl=109&s=TITLE%28Constrained+Agency+on+Contraceptive+Use+among+Somali+refugee+women+in+the+Kaku>>

[ma+refugee+camp+in+Kenya%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=0&searchTerm=TITLE%28Constrained+Agency+on+Contraceptive+Use+among+Somali+refugee+women+in+the+Kakuma+refugee+camp+in+Kenya%29>](http://www.knchr.org/Portals/0/Reports/29_Days_Of_Terror_Delta.pdf). Acesso em: 06 jan. 2015.

KNCHR. *29 days of horror in the delta: knchr account into the atrocities at tana delta*. **KNCHR**.

<http://www.knchr.org/Portals/0/Reports/29_Days_Of_Terror_Delta.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2014.

KOURY, Guilherme P. Emoções e sociedade: um passeio na obra de Norbert Elias. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 79-98, jul./dez. 2013. Editora, UFPR.

KRIEGER, R. Nos jornais alemães, pirataria na África vai de leste a oeste. DW, Berlin, 28 dec. 2012. África. Disponível em: <<http://www.dw.de/nos-jornais-alem%C3%A3es-pirataria-na-%C3%A1frica-vai-de-leste-a-oeste/a-16483913>>. Acesso em: 04 jul. 2014.

LAKATOS, Eva M.; Marconi, Marina A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. **De perto e de longe**. Tradução de Léa Mello e Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Cap. Raça e Política. p. 187–210.

LIMA, B. P. **Equilíbrios de poder na África Subariana: do terrorismo islâmico ao falhanço de uma região**. RCAAP. 2006. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/1101/1/NeD114_BernardoPiresLima.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2014.

MACAI, Charles; et al. *A healthier Kakuma. Sustainable environmental Sanitation and water services: Proceedings of the 28th WEDC Conference. 2002*. Disponível em: <<http://wedc.lboro.ac.uk/resources/conference/28/Macai.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

MAIA, A. M. **O novo governo de coalizão no Quênia**. PUC Minas. 2008. Disponível em:<

http://www2.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20080507090602.pdf >. Acesso em: 01 jul. 2014.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Lívia Xavier. 1º ed. São Paulo: Athenas, 1973.

MYLAN, Megan; SHENK, Jon. **LOST BOYS OF SUDAN**. Direção de Megan Mylan e Jon Shenk. Estados Unidos, 2003. Documentário. Longa-metragem (87 minutos). son., color.

MARTINAZZO, Celso J. **A utopia de Edgar Morin: da complexidade à concidadania planetária**. 2ª Ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MONTCLOS Marc-Antoine, P.; KAGWANJA Peter, M. **Refugee camps or cities? The socio-economic dynamics of the Dadaab and Kakuma camps in northern Kenya**. *Journal of Refugee Affairs*, 2000. Disponível em: <<http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2-s2.0-0034212003&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&st1=Refugee+camps+or+cities%3f+The+socio-economic+dynamics+of+the+Dadaab+and+Kakuma+camps+in+Northern+Kenya&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a850&sot=b&sdt=b&sl=108&s=TITLE%28Refugee+camps+or+cities%3f+The+socio-economic+dynamics+of+the+Dadaab+and+Kakuma+camps+in+Northern+Kenya%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=28&searchTerm=TITLE%28Refugee+camps+or+cities%3f+The+socio-economic+dynamics+of+the+Dadaab+and+Kakuma+camps+in+Northern+Kenya%29>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1990.

MORRIS E. *The fog of war: transcript. errolmorris*. 2003a. Disponível em: <http://www.errolmorris.com/film/fow_transcript.html>. Acesso em: 06 out. 2014.

NOPEs, Adriane. **Eurocentrismo e o projeto de modernização do Brasil**: uma análise sociológica a partir da fala dos Engenheiros Professores da UFSC (1960-1980); orientadora, Elizabeth Farias da Silva - Florianópolis, SC, 2013. 266 p.

OKA, Rahul C. *Coping with the Refugee Wait: The Role of Consumption, Normalcy, and Dignity in Refugee Lives at Kakuma Refugee Camp, Kenya*. *The American Anthropological Association*, vol. 116, Issue 1, pages 23-37. 2014. Disponível em: <https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=8&SID=1EnDyvmaFXHwNPYSpRA&page=1&doc=1>. Acesso em: 06 jan. 2015.

_____. *Unlikely Cities In The Desert: The Informal Economy As Causal Agent For Permanent "Urban" Sustainability In Kakuma Refugee Camp, Kenya*. *Urban Antropoly*, 2014a. Disponível em: <<http://the-institute-ny.com/Supporting%20Materials/SAMPLE%20ARTICLES/OKA.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

ONUBR. **Conheça a ONU**. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conheca/>> Acesso em: 12 abr.

_____. 2016a. **Documentos e publicações das Nações Unidas**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/docs/>>. Acesso em: 12 abr.

_____. **Propósitos e princípios da ONU**. 2016b. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conheca/principios/>>. Acesso em: 12 abr.

ORLANDI, Eni P. O lugar da interpretação. In: _____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009. p. 58-62.

ORTIZ, Renato. **A diversidade dos sotaques**: o inglês e as ciências sociais. São Paulo, Brasiliense, 2008. 231 p.

_____. As ciências sociais e a diversidade dos sotaques. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 27, n. 78. 2012

PASSERON, Jean-Claude. História e sociologia: Identidade social e identidade lógica de uma disciplina. In: Idem. **O raciocínio sociológico: o espaço não poperiano do raciocínio natural**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 64-98.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução de Dora R. Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <
http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf
 >. Acesso em: 14 fev. 2016.

POUPART, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

PRIEST, Susanna H. **Pesquisa de Mídia: Introdução**. Tradução: Carla Costa Reis. 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2011. 287p.

PULITZER. 2012. **1994 Winners and Finalists**. Disponível em: <
<http://www.pulitzer.org/awards/1994>>. Acesso em: 07 nov. 2012.

RAMOS, Albenides. **Metodologia da pesquisa científica: como uma monografia pode abrir o horizonte do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2009.

RANGÉ, Bernard. **Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora **AS PESQUISAS DENOMINADAS DO TIPO "ESTADO DA ARTE" EM EDUCAÇÃO** Revista Diálogo Educacional, vol. 6, núm. 19, septiembre-diciembre, 2006, p. 37-50.

RUSSELL, Ruth V.; STAGE, Frances K. **Leisure as burden: Sudanese refugee women**. *Journal of Leisure Research*. 28.2 (Spring 1996): p108. Acesso em: 06.01.2015. Disponível em:
 <https://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=25&SID=1EnDyvmaFXHwNPySpRA&page=1&doc=1>. Acesso em: 06 jan. 2015.

SANTOS, Paloma M. **Framework de apoio à democracia eletrônica em portais de governo com base nas práticas de gestão do conhecimento.** 2014. 430 p. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2014.

SCHEER, H. **O Manifesto Solar:** energia renovável e a renovação da sociedade. Tradução: Aloíso Leoni-Schmid. Rio de Janeiro: CEPEL, 1995.

SCIELO. *Scielo*. Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista de Educação e Realidade**, v.16, n.2, p.5-22, 1990.

SHAPIRO, Justine e GOLDBERG Carlos. **Promessas de um novo mundo.** Direção de Justine Shapiro e Carlos Goldberg. Estados Unidos, 2001. Documentário. Longa-metragem (105 minutos). Son. Color.

SILVA, Jackson A. *Flexibilidad y teletrabajo: un estudio bibliométrico sobre la producción científica.* Perspectivas em Ciência da Informação, v.19, n.2, p. 159-173, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v19n2/12.pdf>. Acesso em: 27 set. 2014.

SILVA, Juceli A. **A valente leozinha Ziah.** Florianópolis: Postmix, 2015.

_____. Histórias de quem sobrevive aos conflitos armados. In: _____. **Diário Karibu:** histórias de sobrevivência. Florianópolis: Postmix, 2015a. cap. 2. p. 52-70.

SPECTOR, Paul E. **Psicologia nas organizações.** Tradução: Solange Aparecida Visconte. São Paulo: Saraiva, 2006.

STALLARD, Paul. **Bons pensamentos – bons sentimentos:** manual de terapia cognitivo-comportamental para crianças e adolescentes. Tradução: Carlos Alberto S. N. Soares. Porto Alegre: Artmed, 2004.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Denise Bottmann. Companhia das Letras: São Paulo, 1998.

_____. Notas sobre o exterminismo, o estágio final da civilização. In: THOMPSON, E. P. et al. **Exterminismo e guerra fria**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 15–57.

THOMSON REUTERS. *Web of Science*. Disponível em: <https://apps.webofknowledge.com/UA_GeneralSearch_input.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&SID=4EhVQydCjGyrBYChxD8&preferencesSaved=>. Acesso em 05 jan. 2015.

UNESCO, 2016. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/social-and-human-sciences/youth/>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

UNHCR. **Camp profile**. *Kakuma: Sub-office Kakuma Operation*, 2015. _____ . *UNHCR: a Global Humanitarian Organization of humble origins*. Nairobi, 2014. 6 slides: color.

_____. *UNHCR: a global humanitarian organization of humble origins. UNHCR Kenya Operation External Relations\Public Information Unit*. Nairobi: 02 september 2014.

_____. *UNHCR: the UN refugee agency*. 2013. Disponível em: <www.unhcr.org/>. Acesso em: 13 set. 2013.

VALENCIO, Norma; SIENA, Mariana; MARCHEZINI, Victor; GONÇALVES, Juliano Costa (orgs.). *Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil*. São Carlos: RiMa Editora, 2009. 280 p.

VERDIRAME, Guglielmo. *Human rights and refugees: the case of Kenya*. *Journal of refugee studies*. Vol. 12. No. 1. 1999. Acesso em: 06.01.2015. Disponível em: <<http://www.scopus.com/record/display.url?eid=2-s2.0-0032789632&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&st1=Human+rights+and+refugees%3a+The+case+of+Kenya&sid=3422B5D14CC08C7AD18E885C0CE59209.mw4ft95QGjz1tIFG9A1uw%3a990&st=b&sdt=b&sl=51&s=TITLE%28Human+rights+a>>

[nd+refugees%3a+The+case+of+Kenya%29&relpos=0&relpos=0&citeCnt=30&searchTerm=TITLE%28Human+rights+and+refugees%3A+The+case+of+Kenya%29>](#). Acesso em: 06 jan. 2015.

VILLARTA-NEDER, Marco A. **Introdução à análise do discurso**. 2015. YouTube. Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=bDmxa6li8Rk>>. Acesso em: 27 maio 2016.

WEBER, Marianne. **Weber**: uma biografia. Niterói: Casa Jorge, 2003.

WEBER, MAX. **Ciência e política**: duas vocações. Tradução de Leonides Hegenberge e Octany S. da Mota. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Barbosa. São Paulo: UNB, 1999.

WENDERS, Win; SALGADO, Juliano R. **SAL da terra, O**. Direção: Wim Wenders, Juliano Ribeiro Salgado. Roteiro: Win Wenders, Juliano Ribeiro Salgado e David Rosier. Produção: David Rosier. Fotografia: Hugo Barbier e Juliano Ribeiro Salgado. Edição: Maxine Goedicke e Rob Myers. Gênero: Biografia, Documentário. França, 2014. Tempo: 110 minutos. son., color.

WESANGULA, Daniel. **Kibaki orders curfew in Tana River**. *Daily Nation, Nairobi, 10 sep. 2012. News*. Disponível em: <
<http://www.nation.co.ke/news/Kibaki-orders-curfew-in-Tana-River/1056-1501806-i414ap/index.html>>. Acesso em: 06 jul. 2014.

WRIGHT, Laura, PLASTERER, Robyn. **Beyond Basic Education: Exploring Opportunities for Higher Learning in Kenyan Refugee Camps**. *Refugee*, 2010. Disponível em: <
<http://refuge.journals.yorku.ca/index.php/refuge/article/view/34721>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

ZIMBARDO, Philip. **O efeito Lúcifer**. Tradução: Tiago Novaes. Rio de Janeiro: Record, 2012.

ZIMERMAN, Artur. **Peguem a foice e vamos à luta:** questões agrárias como determinantes do início de guerra civil, análise global, 1969-1997. 2006. 214 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2006. Disponível em: <
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-25052007-142201/pt-br.php>>. Acesso em: 07 out. 2014.

APÊNDICE A - RELAÇÃO DOS 24 ARTIGOS DA LITERATURA

2	1	Nº
<p><i>Human rights and refugees: The case of Kenya</i></p> <p>Verdirame, G.</p> <p><i>Journal of Refugee Studies</i></p> <p>1999</p> <p><i>human rights; humanitarian aid; immigrant population; refugee</i></p> <p>ONG/Direitos Humanos</p> <p><i>English – England</i></p> <p><i>Oxford University Press</i></p> <p>29</p> <p>Pesquisa empírica. Financiada pela fundação ford. Vários órgãos. Interesse saúde e bem-estar. Não há maiores informações sobre o autor.</p>	<p><i>Leisure as burden: Sudanese refugee women</i></p> <p>Russell, RV; Stage, FK</p> <p><i>Journal of Leisure Research</i></p> <p>1996</p> <p><i>women; refugees; case study; leisure meaning; Sudan; personal experience method</i></p> <p>Bem-estar psicossocial, Gênero</p> <p><i>English - USA</i></p> <p><i>Indiana University</i></p> <p>12</p> <p>Pesquisa de campo na área de ciências sociais. Não há maiores informações sobre os autores.</p>	<p>Título</p> <p>Autores</p> <p>Journal</p> <p>Ano</p> <p>Palavras-chave</p> <p>Temas</p> <p>Língua/ país</p> <p>Universid/ Instituição</p> <p>Citado (x)</p> <p>Obs.</p>

4	3
<p><i>Refugee camps or cities? The socio-economic dynamics of the Dadaab and Kakama camps in Northern Kenya</i></p>	<p><i>A state of insecurity: The political economy of violence in Kenya's refugee camps</i></p>
<p>De Montclos, M.-A.P.^a, Kagwanja</p>	<p>Crisp, J</p>
<p><i>Journal of Refugee Studies</i></p>	<p><i>African Affairs</i></p>
<p>2000</p>	<p>2000</p>
<p><i>informal settlement; refugee; socioeconomic conditions; urban society</i></p>	
<p>Bem-estar psicossocial</p>	<p>Violência</p>
<p><i>English – Kenya</i></p>	<p><i>English – Malawi</i></p>
<p><i>Research Institute for Development, Nairobi</i></p>	<p><i>Off UN High Commissioner Refugees, Evaluat & Policy Anal Unit, Blantyre,</i></p>
<p>25</p>	<p>12</p>
<p>Não está claro se é empírica. Montclos é pesquisador do Instituto para o Desenvolvimento em Nairóbi; Kagwanja atua no Centro para refugiados da Universidade Moi em Eldoret (Quênia).</p>	<p>Não está claro se é de campo e local onde atua. O autor é o cabeça da avaliação e análise de políticas unidade do escritório do Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas.</p>

6	5
<p>"It is better to be a refugee than a Turkana in Kakuma": Revisiting the relationship between hosts and refugees in Kenya</p>	<p><i>A healthier Kakuma</i></p>
<p>Aukot, E.</p>	<p>Macai, C., Mzungu, B., Jagwer, G., Pop-Stefanija, B.</p>
<p><i>Refugee</i></p>	<p><i>Sustainable Environmental Sanitation and Water Services: Proceedings of the 28th WEDC Conference</i></p>
<p>2003</p>	<p>2002</p>
<p><i>refugge</i></p>	
<p>ONG Direitos humanos, Bem-estar psicossocial</p>	<p>Bem-estar psicossocial</p>
<p><i>English - United Kingdom</i></p>	<p><i>English – Kenya</i></p>
<p><i>University of Warwick</i></p>	<p><i>International Rescue Committee, Nairobi</i></p>
<p>2</p>	<p>0</p>
<p>Fez entrevistas. Era doutorando pela Univ. de Warwick, UK. Estudou em Nairóbi e Warwick. É advogado da Alta Corte do Quênia.</p>	<p>Pesquisa de campo entre 2001 e 2002. Os autores são membros do Comitê Internacional de Resgate em Nairóbi, Quênia.</p>

8	7
<p><i>Who wants to return home? A survey of Sudanese refugees in Kakuma, Kenya</i></p>	<p><i>Between vulnerability and assertiveness: Negotiating resettlement in Kakuma refugee camp, Kenya</i></p>
<p>Eidelson, R.J., Horn, R.</p>	<p>Jansen, Bram J</p>
<p><i>Refuge</i></p>	<p><i>African Affairs</i></p>
<p>2008</p>	<p>2008</p>
<p><i>migrants experience; perception; psychology; refugee; repatriation; return migration</i></p>	
<p>ONG/Direitos Humanos</p>	<p>ONG/Direitos Humanos</p>
<p><i>Inglês – USA; United Kingdom</i></p>	<p><i>English - Netherlands, England</i></p>
<p><i>Eidelson Consulting</i></p>	<p><i>Wageningen Univ, Disaster Studies, Wageningen.</i></p>
<p>3</p>	<p>3</p>
<p>Pesq. De campo com entrevista estruturada. Eidelson é Dr. Em psicologia, presidente da Eidelson Consulting, Pennsylvania. Horn é psicóloga, bolsista de investigação no Instituto de Saúde e Desenvolvimento Internacional. Univ. Rainha Margaret, Edimburgo.</p>	<p>Etnografia (14 meses). O autor era doutorando, Holanda. Com financiamento pelo WOTRO.</p>

10	9
<p><i>Beyond basic education: Exploring opportunities for higher learning in Kenyan refugee camps</i></p>	<p><i>A study of the emotional and psychological well-being of refugees in Kakuma refugee camp, Kenya</i></p>
<p>Wright, L.-A., Plasterer, R.</p>	<p>Horn, R</p>
<p><i>Refuge</i></p>	<p><i>International Journal of Migration, Health and Social Care</i></p>
<p>2010</p>	<p>2010</p>
<p><i>education policy; higher education; learning; nongovernmental organization; refugee; repatriation; resettlement policy; service provision; socioeconomic status</i></p>	<p><i>Displacement; Emotional well-being; Mental health; Psychosocial; Refugees</i></p>
<p>ONG/Direitos Humanos Bem-estar psicossocial</p>	<p>Bem-estar psicossocial</p>
<p><i>English - Canada, United Kingdom, Switzerland</i></p>	<p><i>English - United Kingdom</i></p>
<p><i>University of British Columbia, UNESCO</i></p>	<p><i>Research Fellow, Institute of International Health and Development, Queen Margaret University, Edinburgh</i></p>
<p>0</p>	<p>0</p>
<p>Pesquisa qualitativa. Whright trabalhou no Campo com educação e instabilidade por 5 anos. Pesquisa de campo, com entrevistas. Ela é PhD, assistente no Depto. de estudos da mulher da Univ. de Massachusetts.</p>	<p>Idem Horn, 2008 (Eidelson e Horn, 2008).</p>

12	11
<p><i>Exploring the Impact of Displacement and Encampment on Domestic Violence in Kakuma Refugee Camp</i></p>	<p><i>"Education is my mother and father": The "invisible" women of Sudan</i></p>
<p>Rebecca Horn</p>	<p>El Jack, A.</p>
<p><i>Journal of Refugee Studies</i></p>	<p><i>Refugee</i></p>
<p>2010</p>	<p>2010</p>
<p><i>domestic violence; refugees; refugee camps</i></p>	<p><i>employment; female education; gender identity; gender relations; refugee; stereotypic behavior; women status</i></p>
<p>Violência</p>	<p>Gênero</p>
<p><i>English - Scotland</i></p>	<p><i>English - USA</i></p>
<p><i>Queen Margaret University, Inst Int Health & Dev, Edinburgh EH21 6UU, Midlothian</i></p>	<p><i>Department of Women's Studies, University of Massachusetts Boston</i></p>
<p>0</p>	<p>1</p>
<p>Idem Horn, 2008 (Eidelson e Horn, 2008).</p>	<p>Pesquisa de campo com entrevistas. Ela é PhD, assistente No Depto. De estudos da mulher na Univ. Fez campo em 2011, porém, a publicação está registrada como 2010.</p>

14	13
<p><i>Humanitarian Space as Arena: A Perspective on the Everyday Politics of Aid</i></p>	<p><i>Feeling the pinch: Kenya, Al-shabaab, and east Africa's refugee crisis</i></p>
<p>Hilhorst, D. Jansen, B.</p>	<p>Burns, A</p>
<p><i>Development And Change</i></p>	<p><i>Refuge</i></p>
<p>2010</p>	<p>2010</p>
<p><i>Tsunami Sri-Lanka; Assistance; Disaster; Conduct; Code</i></p>	<p><i>border region; human rights; immigration policy; national security; perception; political conflict; refugee; social movement; terrorism; violence</i></p>
<p>ONG/Direitos Humanos</p>	<p>Violência</p>
<p><i>English - Netherlands, USA</i></p>	<p><i>English - Canada</i></p>
<p><i>Wageningen Univ, Wageningen,</i></p>	<p><i>York University, Canada</i></p>
<p>7</p>	<p>1</p>
<p>Pesquisa de campo. Jansen atua no Depto de Desastres e ambos os autores estão vinculados à Holanda.</p>	<p>Fez estágio junto ao ACNUR em Nairóbi. 2010 recém havia completado seu mestrado em estudos de guerra no Royal Military College of Canada.</p>

16	15
<p><i>Constructing 'modern gendered civilised' women and men: Gender-mainstreaming in refugee camps</i></p>	<p><i>Responses to intimate partner violence in Kakuma refugee camp: Refugee interactions with agency systems</i></p>
<p>Grabska, K</p>	<p>Rebecca Horn</p>
<p><i>Gender and Development</i></p>	<p><i>Institute of International Health and Development</i></p>
<p>2011</p> <p><i>Gender-mainstreaming; Kenya; Refugee camps; Southern Sudan</i></p>	<p>2010</p> <p><i>Kenya, Kakuma, refugees, NGOs, United Nations, intimate partner violence, women</i></p>
<p>Gênero</p>	<p>Violência, Gênero</p>
<p><i>English - Switzerland</i></p>	<p><i>English - United Kingdom</i></p>
<p><i>Graduate Institute of International and Development Studies, PO Box 136, 1211 Geneva 21, Switzerland</i></p>	<p><i>Queen Margaret University</i></p>
<p>3</p>	<p>0</p>
<p>Pesquisa de campo (doutorado) entre 2005-2010. A pesquisadora é também professor da graduação no Instituto Internacional de Estudos do Desenvolvimento. Suíça.</p>	<p>Idem Horn, 2008 (Eidelson e Horn, 2008).</p>

18	17
<p><i>Unlikely cities in the desert: The informal economy as causal agent for permanent "urban" sustainability in Kakuma Refugee Camp, Kenya</i></p>	<p><i>Non-governmental organisations and the management of HIV and AIDS in refugee camps: A comparison of Marratane Camp in Mozambique and Kakuma Camp in Kenya</i></p>
<p>Oka, R</p>	<p>Gilbert, H., Cunliffe, A.</p>
<p><i>Urban Anthropology</i></p>	<p><i>Journal of Contemporary African Studies</i></p>
<p>2011</p>	<p>2011</p>
<p><i>border region; economic structure; exchange rate; human settlement; informal sector; refugee; retailing; sustainability; sustainable development: urban area: urban economy</i></p>	<p><i>AIDS; HIV; Kenya; Mozambique; NGOs; refugee camps</i></p>
<p>Bem-estar psicossocial</p>	<p>ONG/Direitos Humanos</p>
<p><i>English - USA</i></p>	<p><i>English - United Kingdom</i></p>
<p><i>Department of Anthropology, University of Notre Dame</i></p>	<p><i>Graduate of the University of Plymouth, Peninsula Medical School, Plymouth</i></p>
<p>1</p>	<p>0</p>
<p>Etnografia. Depto. Antropologia. Univ. de Notre Dame.</p>	<p>Pesquisa empírica. Gilbert é graduada pela Univ. de Plymouth, escola de medicina. Cunliffe é vinculado ao Depto. de Políticas e Relações Internacionais. Reino Unido.</p>

20	19
<p><i>Coping strategies of sudanese refugee women in Kakuma refugee camp, Kenya</i></p>	<p><i>Social Technology and Refugee Encampment in Kenya</i></p>
<p>Gladden, J.</p>	<p>Jaji, Rose</p>
<p><i>Refugee Survey Quarterly</i></p>	<p><i>JOURNAL OF REFUGEE STUDIES</i></p>
<p>2013</p>	<p>2012</p>
<p><i>Coping strategies; Refugee; Refugee camp; Women</i></p>	<p><i>refugee camps; social technology; containment; agency; resistance</i></p>
<p>Gênero</p>	<p>Bem-estar psicossocial</p>
<p><i>English - USA</i></p>	<p><i>English - South Africa</i></p>
<p><i>Ferris State University</i></p>	<p><i>University Johannesburg</i></p>
<p>1</p>	<p>0</p>
<p>Não está claro se foi campo. A autora é Instrutora adjunta da Univ. do Estado de Ferris. USA</p>	<p>Etnografia. Autora é filiada ao Centro de Desenvolvimento social da África, Univ. de Johannesburg.</p>

22	21
<p><i>Constrained Agency on Contraceptive Use among Somali refugee women in the Kakuma refugee camp in Kenya</i></p>	<p><i>Coping with the Refugee Wait: The Role of Consumption, Normalcy, and Dignity in Refugee Lives at Kakuma Refugee Camp, Kenya</i></p>
<p>Kiura, A.W.</p>	<p>Oka, Rahul Chandrashekhar</p>
<p><i>Gender, Technology and Development</i></p>	<p><i>American Anthropologist</i></p>
<p>2014</p>	<p>2014</p>
<p><i>agency; contraceptives; family planning; Somali refugee women</i></p>	<p><i>refugee camp economies; commercial consumption; normalcy and dignity; relief and aid; Somali refugees Kakuma</i></p>
<p>ONG/Direitos Humanos, Género</p>	<p>Bem-estar psicossocial</p>
<p><i>English - Kenya</i></p>	<p><i>English - USA</i></p>
<p><i>Jesuit Refugee Services in Kenya</i></p>	<p><i>University Notre Dame</i></p>
<p>0</p>	<p>0</p>
<p>Pesquisa de campo. Coordenadora Educacional e de bolsas de estudos dos serviços Jesuítas para r efugiados no Quênia.</p>	<p>Etnografia.Depto. Antropologia. Univ. de Notre Dame.</p>

24	23
<p><i>The dangers of cooking in Kakuma: How access to cooking fuel compromises the safety, dignity, and well-being of women living in refugee camps, a quantitative analysis</i></p>	<p><i>Media perceptions: Mainstream and grassroots media coverage of refugees in Kenya and the effects of global refugee policy</i></p>
<p>E. Aberra; K. Ndiaye; A. Roess</p>	<p>Kaleda, C.</p>
<p><i>Anais of Global Health</i></p>	<p><i>Refugee Survey Quarterly</i></p>
<p>2014</p>	<p>2014</p>
<p>Violência, Gênero</p>	<p><i>Camps; Kenya; Media; Refugees</i></p>
<p><i>English - USA</i></p>	<p>Bem-estar psicossocial</p>
<p><i>The George Washinton University</i></p>	<p><i>English - United Kingdom, USA</i></p>
<p>0</p>	<p><i>University Studies, Portland State University, United States , Oxford University Press</i></p>
<p>Pesquisa de campo com 402 donas de casa em 2012.</p>	<p>1</p>
	<p>Pesquisa teórica (online). O autor é instrutor da Univ. de Portland.</p>

Fonte: Pesquisadora, 2015.

APÊNDICE B – RELAÇÃO DE PARCEIROS DO ACNUR NO CRK

Tipo de parceria	Parceiro	Atividades que realiza
Governamental	Departamento de Assuntos dos Refugiados	Responsável pela segurança física, legal e material.
Governamental	Escritório Distrital para Crianças	Proteção infantil, formalização de custódias e providencia de guarda.
Governamental	Alto tribunal, Tribunal de Magistrados e Tribunal <i>Khandi</i> das crianças	Facilitação dos serviços judiciários
Agências da ONU	Programa Mundial de Alimentos	Providencia alimentos.
Agências da ONU	Fundo das Nações Unidas para a Infância e Educação	Propicia assistência e proteção para crianças e educação primária.
Agências da ONU	Organização Internacional para as Migrações	Facilita o movimento de refugiados para reassentamento e implementações de geração de renda e programas de anti-tráfico para comunidades locais.
Implementação	Federação Luterana Mundial	Encarregados pela educação primária, proteção infantil, geração e suprimento de água, distribuição de itens não alimentícios, programas para os jovens, estruturas comunitárias de liderança e implementação de projetos para beneficiamento de comunidades locais.
Implementação	Comitê Internacional de Resgate	Responsável por saúde e nutrição.
Implementação	Conselho Nacional de Igrejas do Quênia	Responsável pela construção de abrigos, cuidados reprodutivos e HIV, controle e serviços de pessoas com necessidades especiais.
Implementação	Serviços Jesuítas para	Envolvido com a prevenção e

	Refugiados	suporte de vítimas de violência baseada em gênero. Promove nutrição para crianças com deficiências mentais e físicas. Proteção de garotas que estudam fora do Campo.
Implementação	Dom Bosco	Providencia treinamento de habilidades, no qual mantém uma produção de mesas e cadeiras para as escolas do Campo. Mantém as estruturas que geram energia solar.
Implementação	Filmes de Ajuda Internacional	Provê filmes e outras mídias que auxiliam na informação e disseminação das atividades.
Implementação	Conselho Norwegian dos Refugiados	Fornece auxílio sanitário e proteção ambiental. Distribuição de lenha, produção e distribuição de fogões econômicos e programas que beneficiam adolescentes.
Implementação	Consortio de Refugiados do Quênia	Responde pela proteção legal para solicitantes de asilo e representação de refugiados no Tribunal.
Implementação	Lokichoggio, Oropol & Organização pelo Desenvolvimento de <i>Kakuma</i> .	Implementam projetos setoriais para benefício da Comunidade local.
Operacionais	Sociedade Cruz Vermelha do Quênia	Compromete-se com o rastreio e unificação de crianças separadas e desacompanhadas.
Operacionais	Visão Internacional de Mundo	Presta assistência na distribuição de comida e água (drenando buracos).
Operacionais	Hospital de Missão de <i>Kakuma</i>	Provém ajuda clínica, cirúrgica e odontológica.
Operacionais	Fundação Amigos Waldorf	Implementação de atividades de aprendizagem e infantis amigáveis.
Operacionais	<i>Windle</i> confiança Quênia	Oferecem aulas de inglês para alunos do segundo ano e coordenam programas de

		parceria escolar.
Operacionais	Tempo e Tempo Internacional	Provem água através da perfuração de poços e instalação de bombas de água.
Operacionais	<i>IsraAID</i>	Suporte psicossocial e capacitações para professores e conselheiros.
Operacionais	Conselho Dinamarquês para os Refugiados	Oferece programas de proteção infantil e de orientação para jovens.
Operacionais	<i>Handicap</i> Internacional	Programas de reabilitação para pessoas vivendo com deficiências.
Operacionais	Bons Vizinhos Internacional	Suporte ao setor de construção de abrigos.
Operacionais	Ação Internacional de Ajuda à África	Manejo de programas para estilos de vida.

Fonte: Adaptado de UNHCR, 2015.